



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

FRANCISCA LUCIANA DE AQUINO

**CISMA E INFIDELIDADE:
Etnografia das disputas entre mulheres e dos conflitos violentos entre casais**

**RECIFE
2016**

FRANCISCA LUCIANA DE AQUINO

CISMA E INFIDELIDADE:
Etnografia das disputas entre mulheres e dos conflitos violentos entre casais

Tese de Doutorado em Antropologia,
apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Antropologia, do Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito para obtenção do
grau de doutora em Antropologia.

Prof. Dr. Luís Felipe Ríos do Nascimento.

RECIFE
2016

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

A657c Aquino, Francisca Luciana de.
Cisma e infidelidade : etnografia das disputas entre mulheres e dos conflitos violentos entre casais / Francisca Luciana de Aquino. – 2016.
216 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Luís Felipe Ríos do Nascimento.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2016.
Inclui Referências e anexos.

1. Antropologia. 2. Cônjuges. 3. Adultério. 4. Violência em mulheres. 5. Conflito conjugal. 6. Violência familiar. 7. Conjugalidade. 8. Infidelidade masculina. I. Nascimento, Luís Felipe Ríos do (Orientador). II. Título.

301 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-177)

FRANCISCA LUCIANA DE AQUINO

**CISMA E INFIDELIDADE: ETNOGRAFIA DAS DISPUTAS ENTRE MULHERES E DOS
CONFLITOS VIOLENTOS ENTRE CASAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Antropologia.

Aprovada em: 02/03/2016.

BANCA EXAMINADORA

Profº Drº Luis Felipe Rios do Nascimento (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

Profº Drº Russell Parry Scott (Examinador Titular Interno)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

Profª Drª Marion Teodósio de Quadros (Examinadora Titular Interna)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

Profª Drª Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas (Examinadora Titular Externa)
Universidade Católica de Pernambuco– UNICAP

Profª Drª Heloisa Buarque de Almeida (Examinadora Titular Externa)
Universidade de São Paulo - USP

Aos meus avós paternos (*in memoriam*), a
Maria Daluz e a Glebson com amor.

AGRADECIMENTOS

A feitura de uma tese é resultado de um trabalho intelectual, afetivo e psicológico. Essa longa e intensa caminhada que percorri tive a satisfação de contar com o apoio e a amizade de pessoas queridas. Aproveito esse espaço para expressar o meu carinho e os agradecimentos.

Agradeço a Capes pela concessão de bolsa que possibilitou a efetivação do curso de doutorado.

Aos professores de antropologia que colaboraram com a minha formação acadêmica: Peter, Roberta, Judith, Felipe Ríos, Vânia Fialho, Renato Athias, Scott, Marion, Heloísa, Glebson, Vanderlan e Ana Moraes, agradeço a troca de saberes.

À turma do curso de doutorado pela troca de conhecimentos, reflexões e momentos de descontração e conversas diversas ao longo do trajeto acadêmico.

Agradeço à Carla da secretaria do programa de pós-graduação pela presteza, apoio e gentileza.

Agradeço a Felipe Ríos, orientador deste trabalho, pela parceria construída desde o curso do mestrado. Seus ensinamentos e sugestões foram valiosos para a construção deste trabalho. Sua simplicidade, compreensão e cumplicidade foram importantes para a minha caminhada.

Agradeço aos membros da banca que aceitaram participar desse rito de passagem: Heloísa, Marion, Scott, Felipe e Cristina.

Agradeço a Marion e Scott pelas orientações e sugestões dadas em bancas de qualificação.

Agradeço a Heloísa pelas sugestões a este trabalho, pela contribuição à minha vida acadêmica e, sobretudo, pela parceria desde 2008. Da mesma forma, agradeço a Marion pelos momentos de conhecimentos construídos ao longo de disciplinas, estágio docência, sugestões ao desenvolvimento do trabalho do mestrado e também do doutorado. Obrigada também a Roseli pelas conversas informais sobre o tema e pelo apoio afetivo e emocional durante a etapa final da escrita.

Agradeço aos moradores do bairro pesquisado e, principalmente, as mulheres que compartilharam suas histórias conjugais e de vida e que possibilitaram a construção deste conhecimento. Agradeço a Lia e sua família do quintal que me recebiam de braços abertos em suas residências. Em especial, agradeço a Lia pela amizade que construímos, pelo carinho e pela atenção.

Agradeço às terapeutas Lígia e Jordânia que me ouviram e me fizeram pensar sobre a vida.

Agradeço a Edson e Anderson pela gentileza e disponibilidade de traduzirem, respectivamente, o resumo deste trabalho para as línguas inglesa e francesa.

Às companheiras de residência Kaline e Anne pela convivência, pelo apoio, pelas conversas e pelos estímulos. Agradeço a Anne pelo apoio e a Kaline pelo carinho e amizade.

Aos/as amigos/as do doutorado que dividiram suas experiências com relação à escrita de uma tese: Luís, Luciana, Ana Laura, Anderson e Sávio, agradeço o apoio, o carinho, o estímulo e a força.

Agradeço à Priscila pela amizade de longos anos, pelo apoio e pelas palavras de incentivo.

Agradeço a Glau e Lidi pela amizade e solidariedade em momentos de dificuldades.

Agradeço a Eva pela amizade e troca de otimismo.

Ao meu tio Gedieu e Selma pelo companheirismo, pelo afeto e pela dedicação.

Ao meu pai por me ajudar a caminhar com autonomia e à minha mãe por me incentivar e estar ao meu lado.

Às minhas irmãs Samara e Liliane e ao meu irmão Eduardo sou grata pelo amor, pela amizade e pela cumplicidade.

Às minhas sobrinhas Anne Louise e Lavínia pelas brincadeiras e pelo afeto.

Aos meus familiares em geral agradeço a convivência, a troca de experiências, os momentos de confraternização e conversas. Agradeço a Maria Joaquina, Eudes, Kalidiane e Glérison pelo convívio, momentos de alegria e de festividades.

Ao meu parceiro Glebson pelos anos de convivência, pelo amor, pelo incentivo e pela paciência.

“Ainda somos os mesmos e vivemos
como nossos pais” (Belchior).

RESUMO

Esta tese aborda os conflitos conjugais no contexto da infidelidade masculina no bairro popular de Nova Guanabara, Recife/PE. A análise está direcionada para os conflitos violentos entre casais e para as relações de rivalidade e de disputas entre mulheres (esposas e “outras”). Para o desenvolvimento deste estudo etnográfico, com enfoque nas experiências conjugais de esposas traídas, realizei entrevistas e conversas informais com nove mulheres e coletei outras informações referentes à infidelidade conjugal a partir da observação do cotidiano do bairro e das redes de vizinhança e de parentesco, bem como de conversas estabelecidas ao longo da convivência com alguns moradores da localidade. A experiência das mulheres com a infidelidade dos maridos é compreendida por meio da categoria cisma, levando em consideração a articulação entre conjugalidade, gênero e sexualidade. A cisma refere-se ao estado de permanente suspeição com relação ao comportamento do parceiro e de outras mulheres com o propósito de manter o par conjugal. Constatei que a cisma produz um pensamento reiterado sobre a infidelidade (masculina), mobiliza a eclosão de conflitos e atiza desconfianças, mecanismos de controles, disputas, antagonismos e violências. Dessa forma, a cisma das mulheres alimenta a infidelidade masculina e ao mesmo tempo reforça-a enquanto uma prática legítima na conjugalidade e no meio social.

Palavras-chave: Conjugalidade. Infidelidade masculina. Cisma. Conflitos. Violência. Gênero.

ABSTRACT

This doctoral thesis deals with marital conflicts in the context of male infidelity in the popular district of Nova Guanabara, Recife / PE. The analysis is directed to the violent conflicts between couples and to the rivalry relations and disputes among women (wives and "other"). To develop this ethnographic study, whose focus is on marital experiences of betrayed wives, I conducted interviews and informal conversations with nine women and I collected other information of marital infidelity from the observation of the everyday life in the district and from the neighborhood and kinship networks, as well as conversations conducted during the coexistence with some local residents. Women's experience with husbands' infidelity is understood by the category of *cisma*, taking into consideration the relationship among conjugality, gender and sexuality. The *cisma* refers to a state of permanent suspicion regarding the partner's and other women's behavior in order to keep the marital partner. I noticed that the *cisma* produces a reiterated thought about infidelity (male), mobilizes the outbreak of conflicts and incites distrust, control mechanisms, disputes, antagonisms and violence. Thus, women's *cisma* fuels the male infidelity and, at the same time, reinforce it as a legitimate practice in marital and social environment.

Key words: Conjugality. Male infidelity. *Cisma*. Conflicts. Violence. Gender.

RÉSUMÉ

Cette thèse traite de conflits conjugaux dans le contexte de l'infidélité masculine dans le quartier populaire de Nova Guanabara, Recife/PE. L'analyse est dirigée vers les conflits violents entre les couples et les relations de rivalité et les conflits chez les femmes (épouses et «autre»). Pour développer cette étude ethnographique, se concentrant sur les expériences conjugales des épouses trahies, je l'ai fait des entrevues et de conversations informelles avec neuf femmes et recueilli d'autres informations se réfère à l'infidélité conjugale de l'observation des réseaux de voisinage et de quartier et la parenté vie quotidienne et les conversations établie le long de la coexistence avec une certaine les résidents locaux. L'expérience des femmes à l'infidélité des maris est composée de la catégorie de cisma, en prenant en considération la relation entre matrimonial, le sexe et la sexualité. Le cisma se réfère à un état de suspicion permanente en ce qui concerne le comportement du partenaire et d'autres femmes afin de garder le partenaire conjugal. Je trouve que le cisma produit une pensée réitéré sur l'infidélité (mâle) mobilise l'éclatement de conflits et suscite la méfiance, des mécanismes de contrôle, les litiges, les antagonismes et la violence. Ainsi, le cisma de femmes alimente l'infidélité masculine et dans le même temps renforcer comme une pratique légitime dans un environnement civil et social.

Mots-clés: Le mariage. L'infidélité masculine. Le cisma. Les conflits. La violence. Le sexe.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Conhecendo Nova Guanabara.....	19
1.2 Conversas com as esposas traídas: notas sobre o trabalho de campo.....	23
1.2.1 <i>Da honra e do humor no contexto da infidelidade feminina aos conflitos marcados pela infidelidade masculina.....</i>	<i>23</i>
1.2.2 <i>Os conflitos em torno da infidelidade masculina: o percurso do campo.....</i>	<i>25</i>
1.3 A tese e seus capítulos.....	30
2 CONJUGALIDADE, CISMA E CONTROLE.....	32
2.1 O controle masculino.....	34
2.1.1 Cisma dos homens: o medo da infidelidade feminina.....	37
2.1.1.1 “Esculhambação” masculina.....	37
2.1.1.2 Infidelidades imaginárias: o controle violento sobre o corpo da mulher.....	39
2.1.1.3 <i>O controle sobre a casa.....</i>	<i>42</i>
2.2 Cisma das mulheres: a “certeza” da infidelidade masculina.....	45
2.2.1 A prática de “falar mal” dos homens.....	46
2.2.2 Piadas e comentários irreverentes sobre a infidelidade masculina.....	49
2.2.3 <i>“Homem forte” e “homem fraco”: hierarquia entre os maridos infiéis.....</i>	<i>53</i>
3 CISMA FEMININA: Uma narrativa sobre a esperteza e ciúmes no campo da infidelidade	56
3.1 “Mulher é um bicho danado”.....	57
3.1.1 Desconfianças.....	59
3.1.1.1 Relação sexual.....	59
3.1.1.2 <i>Provizimento do domínio doméstico.....</i>	<i>62</i>
3.2 Mecanismos de controle feminino.....	65
3.2.1 “Mexer” nos pertences do marido.....	65
3.2.2 “Chegou a polícia”! Mantendo o marido sob controle?.....	68
3.2.3 <i>“Atocaiar”</i>	<i>74</i>
3.3 “Não tô pra dividir ninguém ao meio”: o ciúme como posse.....	76

4 ESCÂNDALOS E O CICLO DOS CONFLITOS VIOLENTOS.....	86
4.1 O conflito é inerente à conjugalidade.....	87
4.2 Escândalos no contexto da infidelidade masculina.....	90
4.2.1 A honra feminina no contexto da infidelidade masculina.....	94
4.2.2 “Esculhambação” pública no escândalo.....	99
4.2.3 “ <i>Bora cabra safado!</i> ”: reestabelecendo a ordem da casa.....	102
4.3 O ciclo dos conflitos violentos e as crises no relacionamento.....	105
 5 AMIGAS E RIVAIS: Reflexões sobre disputas entre mulheres	120
5.1 Cisma e inveja entre mulheres: o medo e o “olho grande” das outras.....	121
5.1.1 Cisma entre mulheres.....	121
5.1.2 Inveja.....	128
5.2 Rivalidade feminina.....	131
5.2.1 Disputas.....	134
5.2.1.1 Relações entre mulheres.....	136
5.2.1.2 <i>O lugar dos homens nas disputas: circulação e masculinidade exuberante.....</i>	<i>139</i>
 6 RELAÇÕES VIOLENTAS ENTRE MULHERES.....	147
6.1 Cumplicidades em torno da violência entre mulheres.....	148
6.1.1 Mulheres controlam as outras.....	151
6.1.1.1 As “marcas” da violência da esposa contra a outra.....	155
6.2 Quando as brigas vão parar na delegacia.....	160
 7 DESFECHOS DAS RELAÇÕES CONJUGAIS E ENTRE MULHERES.....	171
7.1 Os ciclos conjugais.....	172
7.2 O “troco” feminino: a deslegitimação da infidelidade masculina.....	186
7.3 Filhos: aliança e formação de rede entre mulheres.....	197
 8 CONCLUSÃO.....	202
REFERÊNCIAS.....	208
ANEXO A - INTERLOCUTORAS: Dados gerais.....	215
ANEXO B - INTERLOCUTORAS: Experiências Conjugais.....	216

1 INTRODUÇÃO

Esta tese é uma etnografia dos conflitos conjugais desencadeados no contexto da infidelidade masculina, envolvendo, de um lado, a análise das relações entre casais e, de outro, das relações entre mulheres. A tese procurará analisar tais relações a partir das tensões, dos escândalos, das “esculhambações”¹, da violência física, de rivalidades, desconfianças e disputas. Para tanto, partirá da interpretação dos conflitos entre casais e entre mulheres pela categoria cisma por referir-se ao modo como a infidelidade masculina é concebida e vivida pelas mulheres traídas.

As questões que direcionam esta tese são: Como se configuram os conflitos entre casais no contexto da infidelidade masculina? Como ocorrem os conflitos entre mulheres, no caso a esposa e a amante, em situação de disputa pelo parceiro?

Para adentrar no universo dos conflitos conjugais, busquei compreender como as mulheres, na condição de esposas, lidam com a infidelidade masculina. Verifiquei que elas buscam, prioritariamente, romper com o estereótipo de “burra”, “abestalhada” ou “besta” que recai sobre a mulher traída em Nova Guanabara (nome fictício), bairro popular de Recife-PE. Elas se veem e também são classificadas na comunidade como “sofredoras”, mas sobressai nas narrativas a imagem de uma mulher “danada”, “cismada”, “braba” ou *valente*, como aparece no estudo de Fonseca (2004b), por romperem a concepção de passividade ligada ao feminino (DAVIS, 1990; FONSECA, 2004b).

Das esposas, escutei que não queriam “ficar para trás” ou “por baixo” em face das infidelidades dos cônjuges. Por isso, “faziam escândalos” ou “brigavam” com as outras. Esta realidade remete diretamente ao trabalho de Davis (1990) intitulado “as mulheres por cima”. Mesmo nas situações em que as esposas parecem sair perdendo, podendo ser rotuladas como “enganadas”, destaca-se a imagem das “mulheres por cima” (DAVIS, 1990). A principal contribuição de Davis (1990) reside em mostrar que os rituais, bem como as fontes literárias que veiculam a imagem da mulher desregrada não apontam simplesmente para manter a sujeição feminina, mas, transmitem, por outro lado, a imagem *da mulher por cima* ao ampliar as possibilidades de comportamentos femininos.

Observei o uso reiterado da categoria “cisma” nos contextos de desconfianças das mulheres com relação aos maridos. A infidelidade masculina é tida como uma experiência

¹ “Esculhambar” é uma palavra nativa que denota a prática de xingar ou difamar o outro publicamente ou não.

inevitável na vida de uma mulher, e os homens são concebidos, de forma generalizada, como sendo infiéis (GOLDENBERG, 1990; SALEM, 2004). Ao lado da concepção do “fantasma dos chifres”, proposta por Fonseca (2004b), referindo-se ao perigo iminente da infidelidade para ambos os sexos, acrescento a categoria *cisma* (masculina e feminina) ao campo de estudo sobre infidelidade conjugal e relações de gênero.

A cisma feminina revela a imagem da mulher “esperta”, “atenta”, “observadora” e controladora. Elas são “cismadas” porque acreditam que “todos os homens traem”. Não são apenas as dúvidas sobre a fidelidade das mulheres ou a (in)certeza da paternidade que perseguem os homens (FONSECA, 2004a, 2004b; HÉRITIER, 2007), as infindáveis dúvidas das mulheres sobre a fidelidade dos maridos dominam seus pensamentos. Dessa forma, a cisma faz com que as mulheres lidem constantemente com a infidelidade. Pois, a infidelidade masculina está na “cabeça” delas. Isso não significa que elas não vivam essa experiência. Minha intenção é ressaltar que as mulheres carregam a “certeza” da traição masculina e, dessa forma, desmontam o rótulo de “enganadas” que é imputado sobre elas.

Assim, a cisma das mulheres com relação aos homens revela um comportamento vigilante que visa descobrir vestígios de infidelidade. Considero pertinente descolar os homens das práticas de controle com o propósito de perceber como as mulheres “vigiam” os maridos para se precaverem de suas aventuras extraconjugais e quais os mecanismos de controle usados por elas. Busquei identificar como ocorre o controle das esposas sobre os maridos e sobre as respectivas amantes, tendo em mente que a infidelidade masculina atravessa essas diferentes relações. Dessa forma, este trabalho vai mostrar como é o comportamento cismado das esposas traídas. De maneira comparativa, abordarei a cisma masculina (no capítulo dois), mas o foco reside especialmente no controle feminino.

A cisma não acaba depois que a esposa flagra seu marido com outra, ela continua latente e tende a aparecer no cotidiano conjugal. Primeiramente, ela leva a mulher ao flagrante da infidelidade do cônjuge. Ouvi algumas mulheres falarem: “eu só queria pegar”. No momento do flagra, geralmente elas fazem um escândalo. Busquei registrar como se desenrolaram os escândalos diante da infidelidade pública do marido (no quarto capítulo), o que era dito entre os envolvidos, especificamente entre esposas e amantes e entre casais, e, assim, apreender os seus sentidos.

Na cena envolvendo o escândalo da esposa, a rua é apenas o palco dos conflitos conjugais, enquanto o drama é a casa. O intuito da esposa é trazer à tona a relação do homem com o domínio doméstico, lembrando-o de seus deveres conjugais. A esse respeito, o trabalho

de Scott (1990) é elucidativo ao enfatizar que a mulher precisa demonstrar que está ativamente controlando a casa. Cismar, saber e “pegar” o marido com outra e consequentemente dar-lhe uma lição de moral ao “esculhambá-lo” na frente da vizinhança, demonstra o exercício de controle contínuo da esposa com relação ao marido, ou melhor, aos assuntos da casa.

Nessa perspectiva, o intento era perceber também como a mulher buscava reestabelecer a ordem da casa. Observei que o propósito das mulheres era levar o marido de volta para casa e não romper o relacionamento. A “esculhambação” pública da esposa dirigida ao marido é *restaurativa* e visa controlar o que o homem faz na rua e reforçar os valores conjugais e familiares, conforme destaquei no quarto capítulo.

Minha atenção voltou-se também para os conflitos cotidianos depois do flagra da esposa. Assim, a análise aqui proposta está direcionada para as situações de tensões cotidianas, “discussões”, “esculhambações” e a irrupção da violência física no contexto da infidelidade masculina. Ao mesmo tempo, há uma reflexão sobre as crises conjugais e o ciclo dos conflitos violentos (no quarto capítulo). A fim de compreender o ciclo dos conflitos violentos, baseio-me em Soares (1999), Gregori (1993) e Grossi (1994) que apontam a dimensão relacional da violência. Para contextualizar e entender os níveis de conflitos violentos no contexto da infidelidade masculina parto da noção de “cena” de Barthes (1981) e das reflexões sobre as relações violentas entre casais elaboradas por Gregori (1993).

Para registrar os conflitos atentei para o modo como os casais lidam com a conjugalidade, entendida aqui como “arranjo cotidiano”² (HEILBORN, 2004) e como uma “vida compartilhada” (FOUCAULT, 1985). O intuito é delinear a “administração” da vida a dois, como sugere Heilborn (2004), quando a infidelidade masculina aparece.

Os relacionamentos envolvendo infidelidade conjugal são extremamente conflituosos. Busquei apreender como as mulheres se relacionam no campo amoroso e como se desenrolam os conflitos entre elas. Por que elas brigam? É apenas o parceiro que está em questão? Por que as mulheres desconfiam umas das outras? Como são essas disputas e essas brigas? Concomitantemente, escutava de algumas mulheres: “todo casal briga”. E passei a questionar: Por que os casais brigam ou por que as esposas brigam diante da infidelidade do marido? De que maneira a infidelidade masculina é legitimada? De que forma é deslegitimada? Diante do cenário que se desenhou durante o trabalho de campo, considerei importante desnaturalizar o

² Segundo Heilborn (2004, p. 11-12), “a conjugalidade não é aquela que emerge de um fato jurídico. É, isto sim, o que expressa uma relação social que condensa um ‘estilo de vida’, fundado em uma dependência mútua e em uma dada modalidade de arranjo cotidiano, mais do que propriamente doméstico, considerando-se que a coabitação não é regra necessária”.

universo da conjugalidade e dos conflitos decorrentes da infidelidade masculina. Nessa direção, busquei apreender as motivações e os sentidos das brigas estabelecidas entre casais, entre mulheres e até entre os três.

Prestei atenção aos vocábulos usados no auge dos conflitos, seja nos escândalos, seja em outras situações de divergências entre os pares conjugais ou entre mulheres. Se há uma linguagem amorosa ou íntima entre os parceiros como o uso de apelidos e outras “designações afetivas”, como adverte Heilborn (2004), predomina também uma linguagem específica usada nas situações de conflitos e violências no contexto da infidelidade. Observei que esse tipo de linguagem advém principalmente da prática da “esculhambação”. Em vista disso, voltei minha atenção para a troca de xingamentos, de insultos, de ameaças e de acusações.

No tocante às brigas entre mulheres, dialoguei com uma literatura que aborda o tema da infidelidade e sua interseção com gênero. O estudo pioneiro de Goldenberg (1990) sobre “a outra” fornece pistas importantes sobre como a relação entre esposas e amantes é permeada pela rivalidade. Ela reflete sobre a identidade da amante do homem casado, ao passo que neste trabalho enfoco as experiências de esposas traídas. Goldenberg (1990, p. 59) argumenta que há uma identidade específica da outra que é “[...] construída a partir de acusações internalizadas de desvio e por um contraste com a identidade da esposa”. As outras, retratadas por esta pesquisadora, classificam-se como as “verdadeiras companheiras”, enquanto as esposas são vistas como sendo as “outras”, um “vínculo obrigatório” e “neurótico” do parceiro.

Para compreender esses conflitos entre mulheres e entre casais, retomo a categoria analítica de gênero que fornece um meio de decodificar o significado e compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana (SCOTT, 1995). Dessa forma, gênero pode ser entendido como estrutura de relações sociais pelo fato de orientar a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social (ALMEIDA, 1995). A categoria gênero permite apreender como ocorrem as relações entre estas mulheres no contexto da infidelidade masculina, bem como a construção das diferenças, o poder (MOORE, 2000; SCOTT, 1995) e as desigualdades que atravessam o campo da infidelidade.

Dialogo com a literatura que aborda a ambivalência do feminino como as análises de Melhus (1990), Balandier (1976) e Hérítier (2007) na tentativa de compreender por que é a mulher (a outra) e não o homem que representa o perigo e a ameaça no contexto da infidelidade masculina. Igualmente, baseio-me na noção de poluição sexual proposta por Douglas (2010) para refletir sobre as relações estabelecidas entre mulheres. Para Douglas (2010, p. 14), “[...] os tipos de contacto tidos como perigosos também carregam uma carga simbólica. [...] As idéias

de poluição se relacionam com a vida social. Acredito que algumas poluições são usadas como analogias para expressar uma visão geral da ordem social”. Ela fornece exemplos de crenças de poluição de várias culturas em que ambos os sexos estão simultaneamente em perigo caso entrem em contato com os fluidos sexuais. Em outras sociedades, somente homens correm perigo mediante o contato com o sexo feminino. E há ainda crenças em que é perigoso para as mulheres o contato com os homens.

A partir de Douglas (2010), compreendo que as relações entre mulheres estão permeadas pelas crenças de poluição sexual. Busquei identificar tais crenças no tocante ao universo da infidelidade conjugal. Observei que “a outra” é vista como um perigo para a estabilidade do casamento e simboliza, ao mesmo tempo, uma ameaça ao casamento da esposa, o que explica as insistentes tentativas por parte da esposa de afastar a amante do marido.

Assim, ao me debruçar sobre as relações entre casais e entre mulheres, percebi que a cisma é um elemento chave para compreender o modo como as mulheres lidam com a infidelidade masculina. Portanto, delineio na tese que a cisma produz constantemente conflitos, violências, desconfianças, antagonismos e disputas. A cisma das mulheres com relação aos homens e às “outras” reiteram a infidelidade masculina como uma prática legítima na conjugalidade e no meio social.

Este trabalho também refletirá sobre o processo de deslegitimação da infidelidade masculina que ocorre através da infidelidade feminina (no sétimo capítulo), com base nas ponderações de Fonseca (2004b) e de Hérítier (2007). A primeira autora enfatiza que a infidelidade é uma arma feminina contra os homens, enquanto a segunda pontua que tal prática representa tanto um perigo para os homens quanto um perigo para as mulheres, pois estas últimas são constantemente ameaçadas pelos parceiros. Com base nesses referenciais, argumento que a deslegitimação através da infidelidade confere poder às mulheres (FONSECA, 2004b), mas sem desconsiderar o fato de que tal prática também provoca a desmoralização pública delas, tendo em vista que as mulheres estão questionando a posição de poder que os homens ocupam no campo da infidelidade.

A legitimidade da infidelidade masculina através da cisma, bem como a deslegitimação dela através da infidelidade feminina requer uma análise sobre os conflitos violentos. A partir das proposições sobre ritual e drama de Turner (2008) pude fazer uma sistematização dos conflitos conjugais. Utilizo de forma didática o esquema de Turner, a respeito das fases do drama social, para organizar uma interpretação sobre os conflitos desenvolvidos entre casais e entre mulheres no contexto da infidelidade masculina. Este antropólogo compreende que os

conflitos instalam dramas sociais que podem ser observados pelo pesquisador a partir de uma sucessão de eventos. Nas palavras de Turner (2008, p. 31), “dramas sociais e empreendimentos sociais – bem como outros tipos de unidades processuais – representam sequências de eventos sociais, que, vistas respectivamente por um observador, podem ser mostradas como tendo uma estrutura³”.

Turner (2008, p. 33) compreende os dramas sociais como “unidades de processo anarmônico ou desarmônico que surgem em situações de conflito”. Os dramas podem ser observados a partir de quatro fases de ação pública observáveis. A primeira fase de *ruptura das relações sociais formais* compreende a ruptura pública ou descumprimento de alguma norma crucial que regula as relações entre as partes; para Turner (2008, p. 33), o rompimento de uma norma “é um símbolo claro de dissidência”.

A segunda fase compreende a *crise crescente*. A crise se instala após a ruptura das normas que rege a relação entre as partes conflitantes. Segundo Turner (2008), há uma tendência de alargamento dessa ruptura, denominado de “escalada da crise” e que consiste em “momentos de perigo e suspense”, que não ficam ocultos, na medida em que é revelado um “verdadeiro estado de coisas”. As crises também possuem um “aspecto ameaçador”, por isso apresentam características de liminaridade. Nesse sentido, as partes conflitantes passam a lidar com um limiar entre as fases estáveis do processo social.

Para lidar com esta “fase crítica”, Turner (2008) destaca o surgimento da terceira fase, que é da *ação corretiva*. Com o intuito de limitar a extensão e intensidade da crise, “certos ‘mecanismos’ de ajuste e regeneração [...] formais ou informais, institucionais ou *ad hoc*, são rapidamente operacionalizados por membros de liderança ou estruturalmente representativos do sistema social perturbado” (TURNER, 2008, p. 34). É através dessa terceira fase que é possível verificar se os mecanismos “corretivos” propiciaram a mudança e “se a máquina corretiva é capaz de lidar com crises de modo a restaurar relativamente, o *status quo ante*, ou ao menos restaurar a paz entre os grupos contendores” (TURNER, 2008, p. 36). A regeneração também possui um estado liminar porque a estabilidade pode ressurgir ou desencadear outra crise aguda ou de longa escala. Dessas novas crises, outros mecanismos de ajustes podem aparecer na tentativa de conter essa fase crítica, propiciando o que Turner (2008) chama de “escalada” que caracteriza o “conjunto de dramas”.

³ Para Turner (2008, p. 32), “a estrutura de fases do drama social não é produto do instinto, e sim de modelos e metáforas que os atores carregam em suas cabeças”.

E, por fim, a quarta fase compreende à *restauração da paz* que “consiste seja na *reintegração* do grupo social perturbado ou no reconhecimento e na legitimação social do cisma irreparável entre as partes em conflito” (TURNER, 2008, p. 36). Esta fase compreende o “clímax, solução ou resultado temporário” (TURNER, 2008). Nesse contexto de cessação do drama, pode-se fazer um “balanço”, no sentido de examinar as mudanças ou a manutenção, bem como a legitimidade de certas normas no tocante às relações entre as partes conflitantes.

Nesta ótica, compreendo o conflito no âmbito da conjugalidade como um drama. A partir das ideias deste autor, foi possível pensar a lógica dos conflitos a partir das quatro fases do drama social: o rompimento do pacto conjugal por parte do marido ao trair abertamente a esposa corresponde à primeira fase; as brigas constantes entre os casais em virtude das aventuras extraconjugais ou do relacionamento duradouro do marido com a amante correspondem à fase das crises crescentes; as “esculhambações”, os “escândalos”, “os conflitos violentos entre a esposa e a amante”, as “reclamações” no cotidiano conjugal das esposas correspondem aos mecanismos corretivos; e os desfechos das relações conjugais compreendem a última fase, chamada de restauração da paz.

1.1 Conhecendo Nova Guanabara

Nova Guanabara⁴ situa-se na Região Metropolitana do Recife (RMR), um bairro pobre que chega a possuir cerca de 20.000 habitantes. Esta localidade está inserida num complexo onde, encontram-se outros bairros considerados de classe média e pobre. É importante conhecer a atual paisagem social e urbana do bairro. Em seu interior, é possível observar a proximidade entre as casas que, na maioria das vezes, mostram-se coladas umas às outras, principalmente nos espaços das vilas. O contexto local ainda é composto por ruas e becos muito estreitos que, ao lado dos famosos “puxadinhos” e quintais⁵, desenham o cenário onde as pessoas vivem.

É comum encontrar três, quatro, cinco famílias dividindo o mesmo teto. Os “puxadinhos” ou “puxados” podem ser entendidos, de acordo com as interpretações de Guedes

⁴ Na visão dos moradores, o bairro nasceu de uma invasão urbana em meados dos anos cinquenta. No início da ocupação, as pessoas moravam em palafitas edificadas na beira da praia. Eram barracos feitos com tábuas, muitos dos quais montados sobre palafitas, por sobre as águas da maré. Estas construções precárias não suportavam a maré alta que causava derrubada de palafitas e consequentemente famílias desabrigadas. Por causa dessas áreas de risco foram, ao longo dos vinte anos, implementados projetos de habitação popular com a finalidade de promover a urbanização do bairro e melhoria das moradias. Estes projetos deram margem à construção de três vilas, sendo que cada uma delas foi surgindo de acordo com as ocupações subsequentes na beira da praia. Atualmente, o bairro é constituído de três vilas, além das consideradas ruas principais da localidade. Na leitura de Elias e Scotson (2000), esta divisória geográfica (vilas *versus* ruas principais) se afigura num marcador de prestígio entre lugares.

⁵ Os termos quintais e “puxadinhos” não são nativos, mas seguem a definição conceitual sugerida por Guedes e Lima (2006).

e Lima (2006, p. 139), como “construções em geral precárias que aumentam, horizontal ou verticalmente, edificações originais”, e o quintal enquanto um espaço que “reúne um número variável de *casas independentes* em um mesmo lote, ocupadas por famílias que se consideram aparentadas”.

Em Nova Guanabara, os quintais e “puxadinhos” são os principais tipos de moradias em que as famílias estão distribuídas. As construções das casas são, em geral, projetadas com a finalidade de serem expandidas em outras; a lógica da rede familiar e de apoio⁶ permite que muitas casas planejadas (previamente ou não) acabem sendo divididas e, às vezes, subdivididas de acordo com a necessidade da parentela. Por outro lado, independente da casa possuir espaço físico suficiente para acomodar outros parentes, as pessoas recebem-nos em suas casas por curtos períodos e até mesmo permanentes de acordo com suas condições sociais e de vida.

O que mais me chamou atenção no bairro foi essa incessante busca pela divisão entre as casas, almejada pelos novos e antigos moradores dos quintais e “puxadinhos”. Desse modo, a nuclearização da família está intimamente ligada ao desejo de ter a própria casa. Uma das principais características dos “puxadinhos” é a busca pela relativa independência em relação à casa a que se liga (GUEDES; LIMA, 2006). Tanto que, segundo as referidas autoras, ainda se dividem as residências através de cercas, muros, andares e escadas para manter certa privacidade e a intimidade das famílias. Entretanto, essas divisões entre as casas não garantem por si só a privacidade entre um núcleo doméstico e outro, já que predomina uma densa teia de relações fundadas na intimidade, no controle e na fofoca (AQUINO, 2008). Geralmente, essas vivendas possuem apenas um local de entrada e de saída, o que confere maior possibilidade de conhecer com afinco a vida dos parentes como, por exemplo, a hora de chegada da cunhada ou o dia a dia do genro. Os quintais, assim como os “puxadinhos”, são espaços internos de controle familiar.

Para apreender o sentido da relação entre famílias nucleares conjugais e as redes de parentesco nesses espaços, baseio-me nas reflexões de Guedes (1998). Para Guedes (1998), esses locais realizam uma configuração multidimensional e original que valoriza, simultaneamente, os núcleos familiares e as redes de parentesco e de vizinhança. De maneira que, o quintal (acrescento também os “puxadinhos”) “adensa, reforça, legitima e concretiza o caráter de rede social do parentesco, unida pelas obrigações morais e pela ajuda mútua, seletivamente construída, simultaneamente consagra a delimitação de cada núcleo conjugal

⁶ A presença da rede de apoio na dinâmica dos quintais e dos “puxadinhos” não significa que os referidos membros dos grupos domésticos estabeleçam sempre relações afetuosas entre si, muitas vezes, os relacionamentos parentais são permeados por discórdias e intensos conflitos.

através da privacidade da casa” (GUEDES, 1998, p. 203). Para compreender por que nesses espaços operam simultaneamente a nuclearização da família e a inclusão de tais núcleos numa rede de entre-ajuda, é necessário esclarecer que “a unidade mínima da própria rede não são indivíduos mas famílias nucleares. Não se circula isoladamente no interior destas redes, mas dentro de um núcleo que se relaciona a outros” (GUEDES, 1998, p. 205).

Depois de mostrar como essas redes de parentesco se constituem, considero também oportuno descrever a dinâmica da rede de vizinhança. Tais redes não são os focos da pesquisa, porém, circular no interior delas possibilitou compreender a dinâmica das relações sociais que se desenvolvem no bairro.

Despertou-me atenção a irrisória distância entre uma fileira de casa e outra, apenas separada por um beco⁷ muito estreito. Esta é mais uma peculiaridade do bairro, capaz de revelar o modo como essas relações sociais se desenvolvem no cotidiano. Destarte, os becos existentes praticamente em todo o bairro apresentam pequenas variações podendo formar uma linha reta ou um “S” por conta do seu estado encurvado. Em geral, tendem a reproduzir a mesma finalidade, qual seja, servir de passagem ou caminho e inclusive separar uma fileira de casas das outras. Entretanto, acrescento que os becos não denotam apenas uma forma de organização espacial e urbana, significa, sobretudo, uma organização da vida social.

Convém sublinhar que essa estrutura do bairro formada de casas próximas e de becos estreitos confunde-se com o circuito de fofocas caracterizado pelo sistema de controle social. De acordo com Elias e Scotson (2000), é importante entender a estreita associação entre a estrutura da comunidade e o padrão e os conteúdos das fofocas. Para os autores, não se trata apenas de um fenômeno idiossincrático, visto que a fofoca depende das normas, das crenças coletivas e das relações comunitárias.

A compreensão de fofoca, desenvolvida neste trabalho, segue a definição sugerida por Fonseca (2004b) de que é uma prática social que envolve relatos de fatos reais ou imaginários sobre o comportamento alheio. Além disso, segue a compreensão de Elias e Scotson (2000) para quem há duas tipologias de fofocas: a “depreciativa” que se refere, sobretudo, as pessoas de fora (do local ou do grupo) que buscam construir uma imagem positiva a respeito do próprio grupo ao desonrar a imagem do grupo alheio; e a “elogiosa” que se restringe geralmente às pessoas do próprio grupo, tendendo à idealização. A partir de tais autores é possível depreender que os circuitos de fofocas ora possibilitam a formação de uma rede de solidariedade, ora

⁷ Becos estreitos e casas próximas não constituem uma realidade exclusiva do bairro pesquisado, já que outros bairros pobres seguem uma organização espacial e social semelhante.

configuram-se como mecanismos de difamação e de regulação social. Mas, no contexto da infidelidade predominam as fofocas de censura.

Uma caminhada rápida pelas ruas do bairro mostra, de antemão, que predomina uma rede de fofoca de tipo “malha estreita”. A distinção entre as redes de “malha estreita” e de “malha frouxa” elaborada por Bott (1976) possibilita refletir também acerca da relação entre a comunidade e o fenômeno da fofoca. Quando predomina a familiaridade e a intimidade entre os moradores da comunidade estamos diante de uma rede de fofoca de tipo “malha estreita”; já quando as relações são menos intensas na comunidade, os circuitos de fofocas são mais curtos e menos difundidos, seguindo a lógica de tipo “malha frouxa”.

Além do mais, a troca de favor, ou o que posso chamar de relações de trocas, constitui-se num aspecto fundamental para entender os contatos entre vizinhos e entre parentes. Negar uma ajuda ou não ser solidário é o mesmo que cortar laços sociais, anulando-se dos circuitos de amizade e de sociabilidade (AQUINO, 2008). De regra, as relações entre vizinhos e entre parentes precisam ser recíprocas, fundamentadas no dar, receber e retribuir (MAUSS, 2003). Mesmo que o vizinho seja “mal falado” no bairro, é inaceitável a prática de negar ajuda a quem está precisando.

Ao mesmo tempo, observei que algumas pessoas tentavam evitar o contato assíduo com a vizinhança ou com certas pessoas de sua rua. A finalidade era manter a vida reservada e construir um espaço no qual seja possível desfrutar diariamente de sua privacidade e ao mesmo tempo evitar conflitos com os vizinhos.

Se bem que, anular completamente a possibilidade de contato com os vizinhos é o mesmo que ser “mal falado”. Tal prática é concebida como “negativa” porque o estreitamento dos relacionamentos sociais exige que as pessoas entrem em contato, ao menos, com alguém que tenha afinidade. A lógica é “não viver na casa dos outros”, nem se eximir do convívio com a vizinhança ou com a parentela.

Embora as pessoas tentem se desviar da insígnia social de “fofoqueiro”, o cotidiano revela uma densa teia de relações que as pessoas estabelecem entre si, tendo na fofoca um dos elementos de sociabilidade importante. Vale destacar que as pessoas frequentam a casa alheia, embora enfatizem o contrário. Entretanto, elas se comunicavam e se encontravam com mais frequência nos espaços comuns dos quintais e puxadinhos, dos becos, das calçadas e das ruas do que na “casa dos outros”.

O intento de situar Nova Guanabara a partir das redes de parentesco e de vizinhança reside em sublinhar que os conflitos conjugais estão articulados a essa dinâmica comunitária.

Os casos de infidelidade conjugal, que são de interesse desta pesquisa, não passam despercebidos nesse bairro que é, por sua vez, caracterizado por uma densa teia de relações. Ao longo dos capítulos, será possível também perceber a articulação das redes de fofocas com a dinâmica comunitária. Pois, alguns exemplos conjugais apresentados revelam que as fofocas sobre a infidelidade dinamizam os conflitos entre casais e entre mulheres.

1.2 Conversas com as esposas traídas: notas sobre o trabalho de campo

1.2.1 Da honra e do humor no contexto da infidelidade feminina aos conflitos marcados pela infidelidade masculina

Em 2007, no período de março a junho, desenvolvi a pesquisa de mestrado em Nova Guanabara sobre a construção das honras masculina e feminina no contexto da infidelidade das mulheres. Busquei compreender os sentidos atribuídos ao homem traído, chamado de “corno”, bem como à mulher que trai o marido, classificada de “gaieira”⁸, a partir das redes de parentesco, de vizinhança e de fofoca. Ao circular nessas redes sociais, especialmente nos círculos de fofoca do bairro, observei como eram operacionalizados os estigmas de “corno” e de “gaieira”. Percebi que os homens traídos e as mulheres infiéis eram alvos prediletos de estigmas, de fofocas depreciativas e vivenciavam a desonra social.

Os assuntos relativos à infidelidade ganhavam notoriedade e repercussão nos circuitos de conversas no interior do bairro e eram caracterizadas pela linguagem do humor. As mulheres infiéis eram alvos de comentários depreciativos e de brincadeiras que visavam inferiorizar e estigmatizar o seu comportamento transgressor. Por outro lado, as brincadeiras sobre as mulheres classificadas de “gaieiras” também ocorriam para atingir a honra do marido traído (AQUINO, 2008), como verificou também Fonseca (2004b) numa vila porto-alegrense.

Voltei minha atenção para a figura do “corno” e busquei compreender por que o homem traído suscitava risos entre as pessoas. O caráter jocoso dessa figura masculina ocorria por conta da associação simbólica entre o homem traído e os animais com chifres; no caso, o boi simbolizava a figura do “corno” e revelava a fragilidade e a desonra do homem porque ele não conseguiu manter a mulher sob controle.

Em Nova Guanabara, as masculinidades dos homens “cornos” são alvos prediletos de brincadeiras nas ruas e em dois rituais que ocorrem no ambiente do “bar dos chifrudos”⁹ e na

⁸ “Gaieira” é o termo usado em Nova Guanabara e outros lugares de Recife-PE para classificar as mulheres de infiéis. Tal expressão refere-se ao estigma que as mulheres são submetidas por transgredirem o código moral de fidelidade.

⁹ Os nomes do bar e do bloco carnavalesco são fictícios.

festividade de rua de um bloco carnavalesco chamado “boi chifrudo”. Durante a pesquisa, visitei algumas vezes o bar e conversei com os organizadores do bloco para observar e compreender a relação entre humor e masculinidades.

Identifiquei que não há um bloco de carnaval, nem um bar em que a figura da mulher traída esteja em destaque. Se culturalmente é engraçado o homem ser traído pela mulher, não é risível a mulher ser traída pelo cônjuge. A infidelidade masculina não subverte a ordem, mas reforça-a. O controle masculino sobre a mulher não suscita risos já que visa a preservação da honra; é a falta dele que é tida como engraçada. O humor aparece, dessa forma, como um meio de atingir a reputação dos homens traídos (FONSECA, 2004b; PITT-RIVERS, 1968).

Dialoguei com uma literatura que abordava honra (CORRÊA, 1983, 1968; PERISTIANY, 1968; PITT-RIVERS, 1968), estigma (ELIAS; SCOTSON, 2000; GOFFMAN, 1980), humor (DRIESSEN, 2000) e outras análises antropológicas que articulavam essas duas categorias (FONSECA, 1991, 2004b) para refletir sobre a suscetibilidade masculina diante da traição da esposa e a presença do humor no cotidiano para falar sobre os homens traídos.

Desta experiência de pesquisa, surgiu o interesse em desenvolver um trabalho em que as mulheres traídas fossem ouvidas. Levando em conta que a infidelidade masculina é legitimada socialmente, parti da hipótese de que esse processo não se dava de forma harmoniosa. Nesse sentido, elegi os conflitos conjugais marcados pela infidelidade masculina como foco de investigação antropológica.

A pesquisa realizada durante o curso de mestrado propiciou o primeiro contato com os conflitos conjugais, porém, uma análise mais aprofundada não foi desenvolvida porque este tema não era o foco de investigação. Os conflitos apareciam nas conversas envolvendo fofocas ou velados pela linguagem do humor. No primeiro caso, os conflitos apareciam nas narrativas ditas na “terceira pessoa do singular” (AQUINO, 2008); escutei de vizinhos exemplos de “brigas” entre marido e mulher decorrentes da infidelidade da esposa: o marido bateu na mulher porque desconfiou ou descobriu sua infidelidade ou casos de maridos que não agrediram suas companheiras e preferiram se separar, dentre outros.

No segundo caso, esses conflitos decorrentes da infidelidade feminina apareciam velados pela linguagem do humor. Registrei um caso em 2007, contado por uma interlocutora, que residia ao lado de uma mulher “infel”. Foram relatados casos de agressões físicas do marido traído e a observação de que tais agressões não eram direcionadas ao amante. O relato sobre infidelidade feminina era acompanhada de risos. Naquele momento, identifiquei que os homens traídos eram categorizados em tipos de acordo com suas reações diante da infidelidade

das mulheres. Por exemplo, quando o homem é agressivo é classificado de “corno brabo” ou “touro bravo”. Em virtude do caráter cômico da figura do “corno”, a violência acaba sendo legitimada.

O contato com esses relatos de conflitos violentos no contexto da infidelidade da esposa e a linguagem do humor para falar sobre os “cornos” despertou meu interesse para desvendar o outro lado: a infidelidade conjugal masculina sob a ótica dos conflitos. Desse modo, ganha notoriedade o campo da conjugalidade que não foi aprofundado na pesquisa anterior.

1.2.2 Os conflitos em torno da infidelidade masculina: o percurso do campo

A questão central deste trabalho versa sobre os conflitos violentos entre casais e as disputas entre mulheres no contexto da infidelidade masculina. Em vista disso, realizei um trabalho de campo que tinha como foco a interseção entre conflitos conjugais e as relações de gênero, a ser observada nas narrativas das esposas traídas.

O trabalho de campo foi desenvolvido no período de um ano, precisamente do mês de outubro de 2012 a setembro de 2013. Os três primeiros meses foram marcados mais pela tentativa de inserção nas redes de sociabilidade do bairro. Entrei em contato com algumas pessoas que faziam parte da rede de conhecidos que eu circulei durante a pesquisa de mestrado e aos poucos estabeleci contato com mulheres que passaram pela experiência da infidelidade conjugal.

Diferentemente da pesquisa de mestrado, não morei no bairro, optei por estabelecer uma relação de proximidade com Lia¹⁰ e com a parentela de seu marido que residia em um quintal. A escolha desse “espaço de circulação” ocorreu em virtude do afeto que temos uma pela outra e devido à proximidade que construímos desde a pesquisa anterior. Nessa direção, a casa de Lia e o referido quintal foram os espaços que eu mais circulava durante o trabalho de campo. Lá, eu comia, tomava banho, descansava, dormia quando precisava e conversava. A escolha dessa casa propiciou a sensação de estar inserido no campo¹¹ e o alargamento da rede de relações no interior do bairro.

Depois do almoço, frequentemente sentávamos na calçada para sentir a brisa do mar, repousar, conversar e observar o movimento da rua. Esses momentos possibilitaram a oportunidade de ouvir e falar sobre diversos assuntos, saber informações sobre os casos de

¹⁰ Conforme dito as mulheres durante a pesquisa, os relatos gravados foram transcritos por mim e os nomes usados são fictícios. Vale ressaltar que somente Lola pediu a substituição de seu nome por outro fictício. Para acompanhar os relatos conjugais delineados ao longo deste trabalho, conferir a relação contendo as informações sobre as interlocutoras nos anexos A e B.

¹¹ Fui classificada por Lia como uma “filha” e a parentela residente do quintal via-me como membro da família.

infidelidade conjugal, bem como conhecer outras pessoas que transitavam pela rua ou que ficavam noutras calçadas. Nesse sentido, convivi com a parentela residente neste quintal e também com a rede de parentesco e de vizinhança. Assim, conheci quatro mulheres que faziam parte do círculo de amizade das pessoas que residiam neste quintal. Foram elas: Letícia, Luana, Luísa e Laura.

Conheci Letícia através da mãe dela, que geralmente passava no final da tarde pela rua da casa de Lia. Era uma senhora que caminhava devagar e com um sorriso cumprimentava os vizinhos do lado da casa de Lia, que costumeiramente ficavam na calçada. Certo dia, conversei com ela e fui a sua casa. Ela me apresentou sua filha e contou que ela tinha sido “deixada” pelo marido por causa de “outra”.

Da mesma maneira, conheci Luana que mora na mesma rua de Lia. Seu irmão comumente passava de bicicleta e Lia o cumprimentava quando estávamos sentadas na calçada. Através dele, conheci Luana, sua irmã, que também mora no mesmo quintal, em casas separadas.

Os contatos estabelecidos com Luísa e Laura ocorreram através de Elisabete, sobrinha do marido de Lia. Elisabete possui um salão de beleza, que está circunscrito às extensões do quintal¹². Conheci Luísa no salão, na ocasião em que ela foi “arrumar” o cabelo. Às vezes, ela gostava de beber com Elisabete. Eu saí com as duas, numa dessas ocasiões, e estreitei a relação com Luísa, que também mora na mesma rua de Lia.

Já Laura mora numa rua depois deste quintal que eu geralmente frequentava. Vi Laura, pela primeira vez, na calçada do salão. Naquele momento, ela falava de seu atual namorado, enquanto outras mulheres ouviam atentamente. Ela começou a falar sobre seu último relacionamento conjugal. Aos prantos, disse que o ex-marido não demorou muito para “botar” outra mulher em casa. Quando ela saiu, Lia comentou que ela tinha “cara de sofredora”. Em outro momento, agendei um encontro com ela.

Também circulei em outros espaços e rede de relações no interior do bairro. Retomei o contato com Leila e Lola, conhecidas durante a pesquisa de mestrado. Conheci Leila em 2007 na ocasião em que tentava compreender as redes de vizinhança do bairro e as brincadeiras cotidianas com e sobre os homens traídos. E Lola conheci através de seu marido, na época em que conversava com ele sobre a festividade do “boi chifrudo”. Não cheguei a reencontrá-lo, ele faleceu dois meses depois da minha ida à sua casa.

¹² O antigo quarto de Elisabete transformou-se num salão de beleza.

Reencontrei Bernardo, interlocutor da pesquisa de mestrado. Ele é um homem traído que lida com sua condição de “corno” a partir do humor. Por meio dele, conheci mais duas interlocutoras: Livia e Lorena. As duas são inquilinas dele e moram em um beco que dá acesso a uma fileira de “quartos de aluguel”¹³. Bernardo disse que Livia chorava dia e noite pelo marido depois que ele rompeu o relacionamento. Em seguida, apresentou-me Livia e contou que ela tinha “brigado” com uma mulher por causa do marido.

O contato com Lorena ocorreu, sobretudo, através de Livia, já que Bernardo e Lorena não se falavam e estabeleciam uma relação bastante conflituosa no “beco” onde moravam. Lorena acompanhou os conflitos entre Livia e seu marido, assim como as brigas entre ela e a outra.

Sobre as interlocutoras, pretendia inicialmente conversar apenas com mulheres que estavam lidando no atual momento de seus relacionamentos conjugais com a infidelidade do marido. A intenção era perceber como se sentiam, como lidavam com a infidelidade do marido e acompanhar a eclosão e o desenrolar dos conflitos entre os casais. Mas, dificuldades apareceram diante da indisponibilidade de mulheres casadas participarem da pesquisa. Acredito que a recusa estava relacionada ao sofrimento por terem que “dividir” o marido com outra, sobretudo quando se trata de relacionamentos extraconjugais fixos. Além do mais, a presença do marido também limitou o contato com as mulheres casadas, tendo em vista que no momento da pesquisa ganhavam destaques a intimidade conjugal, as brigas e as críticas dirigidas a ele.

Assim, conversei com mulheres que estavam vivenciando ou que passaram pela experiência da infidelidade masculina no âmbito conjugal. As interlocutoras têm a faixa etária de 36 a 62 anos. Esse recorte etário não foi estabelecido anteriormente, mas definido no percurso da pesquisa em virtude das dificuldades encontradas. Como pesquisadora dependia da aceitação das mulheres em participar da pesquisa para a consecução deste trabalho. Uma que se recusou a conversar comigo era casada e o marido mantém há anos outra família¹⁴. Outra mulher também desistiu de conversar sobre seu relacionamento e geralmente dava justificativas, exatamente no dia agendado, que tinha outro compromisso ou pedia para o

¹³ São quartos que se transformaram em três cômodos: a sala, que serve também de quarto, a cozinha e o banheiro. A sala e a cozinha são separadas por uma parede.

¹⁴ Natália recusou conversar sobre seu relacionamento argumentando que se quisesse se “confessar” iria a uma igreja. O marido dela tem outra família, por esse motivo esta mulher é classificada de “besta” pelos vizinhos. Ela ainda falou da possibilidade de conversar comigo quando alcançasse a sua “vitória”. O termo “vitória” refere-se, nesse contexto, à prática de “mudar” o marido, entendida pelas mulheres como sendo a principal forma de superação no âmbito conjugal; a outra seria encontrar um marido “bom” ou simplesmente se separar quando a mulher está “sofrendo” demais ao lado de um marido que “não vale a pena”.

marido dizer que estava dormindo. Essa mulher era casada e soube através de uma vizinha que ela era infiel, o que explica sua indisponibilidade em falar sobre sua vida para uma estranha.

Das nove entrevistadas, apenas três¹⁵ viviam maritalmente. Entrevistei mais mulheres que relataram vivências conjugais passadas. Eram mulheres que tinham se separado do marido, recasado e outras ficaram viúvas. As interlocutoras da pesquisa são: Letícia (45 anos, separada), Lola (62 anos, viúva), Leila (58 anos, separada) e Luana (59 anos, viúva) que tiveram apenas um casamento; Lívia (36 anos, separada), Laura (48 anos, separada) e Luísa (47 anos, casada) que se casaram duas vezes; Lorena (36 anos, casada) e Lia (58 anos, casada) estão respectivamente no quarto e no quinto casamento. Com relação às mulheres que tiveram mais de um casamento, foquei no último relacionamento conjugal; as experiências anteriores aparecem, ao longo deste trabalho, quando as interlocutoras enfatizavam algumas situações de infidelidade ou, quando ganhavam, na minha leitura, relevância para a compreensão dos conflitos no contexto da infidelidade masculina.

Os relatos das mulheres traídas foram obtidos através de conversas informais e de entrevistas gravadas. Outras informações relativas à infidelidade conjugal foram coletadas através de observação, de redes de fofocas e ao longo da convivência com alguns moradores do bairro. As entrevistas com as mulheres traídas foram necessárias devido ao tipo de pesquisa que estava desenvolvendo. Para compreender o desenrolar dos conflitos, busquei conversar com as mulheres no mínimo duas vezes. Com exceção de Lorena, conversei com as demais mulheres de três a cinco vezes. Esta estratégia empreendida durante o campo propiciou a formação de uma relação de proximidade e de intimidade com as mulheres e, ao mesmo tempo, propiciou familiaridade com as relações conjugais relatadas e o detalhamento de situações de conflitos entre casais e entre mulheres.

Ao conversar com as mulheres sobre seus relacionamentos, evitei perguntar diretamente como eram as brigas e o que motivavam as desavenças. Às vezes, que eu perguntei dessa forma, no terceiro ou quarto encontro, as respostas eram genéricas e o assunto não ganhava novos detalhes. Assim, quando as infidelidades do marido apareciam nos relatos, buscava saber como eram as reações das esposas com relação aos cônjuges e diante das amantes. Os episódios de conflitos acabavam aparecendo sem que eu pronunciasse, por exemplo, a expressão “briga de casal”. Isso também foi importante para identificar os termos usados para classificar as

¹⁵ Lia, Luísa e Lorena estavam casadas quando participaram da pesquisa. As conversas que tive com as três sobre suas experiências conjugais foram realizadas sem a presença do marido. Elas marcavam o dia mais propício para falar sobre o assunto, justamente quando os maridos não estavam em casa. Luísa preferia conversar fora de sua residência, longe do marido e da parentela dele que reside no quintal. Já Lorena não coabitava com o marido. Eles se encontram geralmente na casa dela.

diferentes situações de conflitos: “esculhambação”, “discussão”, “escândalo” e “brigas feias” (ver capítulo 4).

Assim, os encontros com as mulheres ocorreram da seguinte forma: no primeiro encontro, pedia que elas contassem como foram suas experiências conjugais. As que tiveram mais de um casamento, pedi que relatassem cada experiência. Nesse caso, observava qual/quais relacionamento(s) marcaram mais suas vidas no que se refere à experiência com a infidelidade do marido. Nesse primeiro contato, deixava-as falar livremente sobre seus relacionamentos conjugais; era um momento mais de entrosamento e de familiaridade com as experiências conjugais. No segundo encontro, direcionava a conversa para as relações conjugais que as mulheres estavam estabelecendo no momento e olhava também para outros casos de infidelidade que eram enfatizados pelas próprias mulheres ou que tinham importância empírica para o desenvolvimento deste trabalho. Neste encontro, introduzia outras perguntas relacionadas à infidelidade conjugal como ciúmes, controle, relacionamento extraconjugal, etc., e buscava retomar situações ou concepções nativas ditas no contato inicial. Os encontros subsequentes caminhavam com o mesmo propósito de aprofundar o conhecimento sobre essas relações conjugais vividas pelas mulheres traídas. Os últimos encontros (terceiro, quarto ou quinto) foram importantes para entender e, assim, explorar situações relatadas nos contatos anteriores e apreender outras situações conjugais de conflitos que surgiram nos relatos devido aos vários contatos estabelecidos com elas. Vale ressaltar que informações e detalhes foram ditos pelas interlocutoras nos últimos encontros de pesquisa, o que revela a importância da intimidade nas diferentes relações sociais e do clima de confiabilidade que deve existir entre o/a pesquisador/a e os/as interlocutores/as.

É válido salientar que iniciei o trabalho de campo com a intenção de conversar com as mulheres somente sobre suas experiências conjugais na tentativa de apreender os conflitos decorrentes da infidelidade dos maridos e, gradativamente, deparei-me também com narrativas que destacavam as brigas entre mulheres no contexto das relações amorosas. Nas conversas, as esposas, geralmente, faziam referências às outras de maneira ofensiva e relatavam brigas que ocorreram entre elas. Em face desta realidade, voltei meu olhar também para os conflitos entre mulheres e percebi, ao longo da pesquisa e no processo de análise dos dados, a importância desta ampliação do universo de investigação. A partir dos conflitos entre mulheres, é possível compreender, de fato, como as esposas lidam com a infidelidade dos maridos.

Por fim, a experiência de conversar com mulheres traídas sobre seus relacionamentos conjugais e os conflitos decorrentes da infidelidade do marido trouxeram à baila um tom de

“desabafo” nas narrativas. Das mulheres pesquisadas, quatro choraram enquanto falavam de suas experiências conjugais ou de cenas que marcaram suas vidas. Ao mesmo tempo, situações vividas pelas mulheres que foram marcadas pelo choro também foram contadas. Luísa, por exemplo, falava de seus “problemas conjugais”, das dificuldades de se relacionar com a filha e reclamava do casamento e do marido. Lívia resumiu como era esse encontro da antropóloga com as mulheres traídas: “eu desabafei com você”. Ela me disse no dia que a conheci, depois de ouvi-la por horas: “Então eu falei do meu ex-marido, eu falei do meu filho¹⁶, [...] eu tirei esse problema, por meia hora, uma hora, eu tirei esses problemas da mente. [...] Então você me ajudou muito”. Notei que o fato de parar para ouvir essas mulheres causava um conforto emocional, já que elas falavam de situações que lhe causavam ou causam angústias. Somado ao fato de que os encontros prolongados com elas tornavam propício o aparecimento dessas situações.

1.3 A tese e seus capítulos

Este trabalho etnográfico sobre os conflitos no contexto da infidelidade masculina está organizado em sete capítulos, incluindo esta introdução. Os capítulos dois e três apresentam uma análise comparativa sobre as diferenças entre cismas masculina e feminina no campo da conjugalidade, a partir da perspectiva de gênero. No segundo capítulo, discuto como ocorre o controle masculino em situações de cisma com relação às mulheres. No terceiro, a discussão centra-se nas práticas de controle exercidas pelas mulheres traídas com relação aos maridos em contextos marcados pela cisma e pelo ciúme.

No quarto capítulo, descrevo as cenas dos escândalos das esposas diante do flagrante da infidelidade e delinqueio como ocorre o ciclo do conflito e da violência no contexto da infidelidade masculina.

O quinto capítulo aborda as relações de rivalidade e de disputas entre mulheres. No primeiro momento, reflito sobre a cisma de mulheres com relação às outras mulheres, bem como o lugar que o homem ocupa nesse cenário de disputa feminina.

O sexto capítulo busca compreender as relações violentas entre mulheres (esposas e outras) no contexto da infidelidade masculina. Para tanto, descrevo como ocorre o controle de mulheres sobre mulheres através das surras públicas, e depois apresento o desenrolar de brigas entre mulheres que vão parar no âmbito da delegacia.

¹⁶ Lívia contou aos prantos que seu filho morreu depois de levar tiros de um policial, após cometer um assalto.

O último capítulo objetiva apresentar os desfechos dos relacionamentos entre casais e entre mulheres. Reflito sobre os ciclos conjugais, os desfechos dos relacionamentos que foram marcados pela infidelidade masculina e, em algumas situações, pela infidelidade feminina. E para analisar o desenlace das relações entre mulheres, enfoco a aliança e a rede que elas constroem a partir do filho.

2 CONJUGALIDADE, CISMA E CONTROLE

Ó, quando eu cismo com uma coisa, pode ir atrás que tem coisa! Parece que eu adivinho. (Lívia, 36 anos)

Durante o trabalho de campo, era comum escutar das mulheres que ficaram, em algum momento do relacionamento, “desconfiadas” dos maridos. E sem exceção, as mulheres disseram que também “descobriram” a infidelidade de seus respectivos cônjuges. Ao mesmo tempo relatavam que os homens costumavam controlar suas vestimentas, com quem elas conversavam e por onde andavam. Transcrevo abaixo o diálogo telefônico estabelecido entre Laura e o ex-marido do primeiro casamento para ilustrar o modo como os casais se relacionam:

Laura: Diz Fernando o que foi? Aconteceu alguma coisa com a menina?
 Melissa (filha) tá doente? Aconteceu alguma coisa com Melissa?
 Esposo: Não, eu tô ligando só pra saber se você tava na firma mesmo.
 Laura: Tô na firma. Tô trabalhando. E você está aonde? Que eu estou escutando várias zuadas. Em casa você não tá, não.
 Esposo: Não, eu tô em casa. É porque a televisão está ligada.
 Laura: Então baixe o volume da televisão. Que a televisão tá me incomodando, que eu não estou escutando quase nada.
 Esposo: Não, é teu sobrinho que tá com o som ligado.
 Laura: Manda ele baixar o som. Desligar o som e desligar a televisão.
 Esposo: Oxe, eu vou mandar na casa da tua irmã!
 Laura: [...] Você não tá mandando, porque você não tá em casa.

Essa cena se repete diariamente entre os casais. A dúvida sobre o paradeiro do parceiro é uma constante na rotina conjugal. Os casais ficam, nesse sentido, à espreita do que outro possa fazer. Geralmente, essas dúvidas estão associadas diretamente às suspeitas da infidelidade do/a parceiro/a.

O estudo sobre os conflitos decorrentes da infidelidade supõe considerá-la não apenas como uma prática, em si, mas, sobretudo trata-se de uma ideia que ronda a vida dos casais. Nessa direção, Fonseca (2004b) sugere que a infidelidade se apresenta enquanto um perigo iminente na relação conjugal. A metáfora do “fantasma dos chifres” (FONSECA, 2004b) ajuda a entender a construção da própria infidelidade que ocorre através de desconfianças, ciúmes, fofocas e de outras formas de controle conjugal. Ao campo da compreensão da infidelidade, este trabalho contribui com a noção de cisma. Nesta perspectiva, o objetivo deste capítulo é discutir as “cismas” masculina e feminina no âmbito da conjugalidade, com ênfase no controle masculino.

Em termos gerais, concebo a categoria cisma como um pensamento fixo sobre a infidelidade do/a parceiro/a. Diz respeito às dúvidas e às suspeitas que alimentam a ideia de infidelidade. A cisma está muito mais no campo das ideias e da imagem, do que na prática propriamente dita. Mas, há uma diferenciação entre a cisma masculina e a cisma feminina. Enquanto a cisma masculina é entendida como o medo dos homens de serem traídos, a cisma feminina refere-se à concepção generalizada na infidelidade masculina e a uma acentuada esperteza feminina em descobrir as relações extraconjugais dos maridos. A principal diferença entre essas cismas é que os homens têm medo dos “chifres”, enquanto as mulheres não. Elas não elaboram uma narrativa do medo da infidelidade masculina. As mulheres falam da infidelidade como uma *certeza*. Elas veem a infidelidade dos homens como um infortúnio. De um lado, os homens tentam evitar a insígnia de “corno”, e de outro, as mulheres buscam evitar o rótulo de “burra” no bairro onde vivem.

Essas diferenças de gênero no campo da infidelidade podem ser compreendidas a partir das noções de cismas masculina e feminina. Tais diferenças não são produtos da biologia, pelo contrário, “falam de sistema de relações sociais ou sexuais” (SCOTT, 1995, p. 85). Nesse sentido, Moore (2000) também fala de gênero como uma forma de diferença. E ela adverte como sendo importante olhar o gênero enquanto “construído” e o gênero enquanto “vivido”.

A cisma está no campo das ideias, mas tem efeitos práticos ao produzir “infidelidades imaginárias”¹⁷, conflitos e violências. Por meio das cismas, homens e mulheres desenvolvem estratégias de controle no campo da infidelidade. Em termos analíticos, o controle é, sem dúvida, um componente importante dos relacionamentos conjugais. Não dá para falar de relação conjugal sem se reportar a ele. Concebo, então, o controle como o meio usado para manter o ideal monogâmico.

O que diferencia o controle masculino do feminino é principalmente o uso da “esculhambação” nesse contexto da cisma. A cisma masculina pressupõe a “esculhambação” das mulheres. A “esculhambação” masculina tem o caráter *preventivo* porque não diz respeito simplesmente ao controle e ao poder dos homens sobre as mulheres, mas fala do medo que as mulheres provocam nos homens. Dito de outra forma, o medo da infidelidade feminina é manipulado pelos homens através da prática da difamação da esposa, ao ponto de manifestar apenas sua posição de homem controlador. É através da “esculhambação” que os homens buscam se prevenir da infidelidade das mulheres.

¹⁷ A expressão “infidelidade imaginária” é usada por Moore (2000) e apresento tal definição na parte sobre a cisma masculina.

A seguir, discuto sobre como se desenvolve o controle masculino no contexto da infidelidade feminina.

2.1 O controle masculino

No final da tarde de um sábado, um morador disse-me no auge de uma conversa sobre relacionamento conjugal que “as mulheres do bairro eram muito ciumentas”. Enfatizou que era comum as mulheres se deslocarem até o bar, do qual ele é proprietário, para observar o comportamento dos maridos, chegando inclusive a levá-los para casa, principalmente quando elas percebiam algum sinal de que o marido iria se envolver com outra mulher. Este dono de bar advertia que às vezes o marido nem estava “olhando” para outra e que estas cenas eram comuns porque “a mulher era ciumenta mesmo”. Ele relatou o caso de uma mulher que “teimou” com o marido dizendo que ele estava encarando outra. O casal “discutiu” e a esposa “saiu rebocando-o” para casa, às tapas. A cena provocou risos e o homem foi alvo de piadas entre as pessoas¹⁸.

Trago essa história registrada em diário de campo para assinalar que a menção à cena do ciúme para qualificar o comportamento dessa mulher mostrou que seria importante considerar tal tema ao longo do desenvolvimento do trabalho de campo. Em primeiro lugar, porque as cenas de ciúmes dizem respeito a uma narrativa sobre a infidelidade conjugal, isto é, esse sentimento de posse é caracterizado pelo “fantasma” da infidelidade. E em segundo lugar, o ciúme configura-se como um dos elementos desencadeadores dos conflitos conjugais. Por essa razão, passei a explorar mais o tema do ciúme e obtive diversos exemplos de casais enredados pelo ciúme, que serão apresentados na sequência.

Antes, convém tornar explícita a definição de ciúme. O ciúme pode ser interpretado como um sistema de controle fundado no sentimento de posse sobre o/a parceiro/a. É válido ressaltar que a prática do ciúme está associada ao ideal de fidelidade predominante em nossa sociedade ocidental. Nesse raciocínio, a pesquisa de Machado e Magalhães (1998) sobre

¹⁸ Essa cena provocou risos principalmente porque o homem apanhou da mulher. Estudos sobre o humor (AQUINO, 2008; DRIESSEN, 2000; FONSECA, 1992, 2004b) mostram que o riso aparece geralmente quando a situação subverte a ordem dominante. Neste caso, o homem não está exercendo o controle sobre a mulher, pelo contrário, é a mulher que desempenha, nesse caso, o controle conjugal a fim de lembrá-lo de sua condição de esposo e pai de família. Por outro lado, a cena foi tida como engraçada porque os ciúmes, como sugerem Machado e Magalhães (1998), também têm seu lado cômico e nem sempre desencadeiam relações violentas. Esse dado de campo sugere pensar que tanto o humor como o ato violento nem sempre estão opostos na análise sobre o ciúme. Nesse contexto, o ciúme marcado pela violência também suscitou o riso. Em outros termos, o humor também legitima comportamentos violentos.

violência conjugal motivada pelo ciúme revela que a prática do ciúme é legítima e até envolvente para ambos os parceiros porque fazem parte do contrato conjugal.

As mulheres comumente afirmavam que seus maridos eram ciumentos. O caso de Luísa é exemplar. Geralmente nós conversávamos fora de sua casa, pois ela se sentia mais à vontade para conversar longe de seu marido e da parentela dele que residia no quintal onde morava. Luísa é uma mulher simpática que gosta de “beber” para “esquecer os problemas” da vida, ou melhor, de “casa”. Ao longo de nossos encontros, observei que ela passou a me ver como uma pessoa “boa” e alguém de “confiança”. Uma vez, ela me disse que pelo fato de eu não morar no bairro, não ser de lá, contribuía para que “desabafasse” comigo. Seu marido não gostava de vê-la “bebendo”, mas tolerava seu comportamento na condição de que ela escolhesse lugares “familiares”, bebesse apenas com mulheres, perto de casa e saísse acompanhada da neta de seis anos.

Numa tarde de sábado, estava num quiosque com Luísa acompanhada de sua neta e de Elisabete, moradora do quintal que eu geralmente frequentava durante o trabalho de campo. Como ela demorou voltar para casa, o marido foi buscá-la. Outra vez, Luísa me chamou no período da noite para conversar sobre seus problemas familiares e conjugais, conversa esta marcada por “desabafos” e choro. Ficamos numa calçada da rua de sua casa e não percebemos a hora passar. De repente, seu marido apareceu com a neta e ficou parado e olhando em nossa direção. Seu comportamento fez com que nós encerrássemos a conversa e também o encontro.

Além de Luísa, outras mulheres também relataram dificuldades para saírem de casa sem os maridos. Laura revelou que decidiu sair sozinha depois que seu ex-marido do primeiro casamento “deixou” de sair com ela e a filha. Por esse motivo, ela começou a sair só. Em várias ocasiões, o marido do primeiro casamento sempre “jogava” a filha, com menos de dez anos, para sair com a mãe. Essa também era uma forma de ele controlar os passos da mulher, mesmo estando distante. No segundo relacionamento de Laura, que também acabou em separação, o ex-marido era muito ciumento. Ela reclamou aos prantos: “Quando eu tava no trabalho, ele ligava toda hora, todo instante. Aonde eu tava, ele ligava pra saber onde era que eu tava”.

Lia também relatou um momento de tensão com o marido. O casal tinha combinado de ir a um piquenique¹⁹ que ocorre apenas de três em três meses, organizado por uma vizinha. Por coincidência, a família do marido que convive com Lia no mesmo quintal, agendou para o mesmo fim de semana que ocorreria o piquenique, uma visita a um tio que estava muito doente. O marido desistiu do passeio e optou por visitar o tio doente, enquanto a esposa reafirmou, de

¹⁹ “Piquenique” é o termo usado para nomear os passeios turísticos organizados por pessoas do bairro.

maneira categórica, que iria ao piquenique. O marido não gostou da conduta da esposa, alertando-a de que deveria segui-lo em sua programação, porque em sua opinião a “família” era mais importante. Lia retrucou dizendo que esse passeio já estava agendado e que, portanto, não mudaria sua programação. Lia me disse: “você sabe como é homem, né”? Percebi que ela ficou apreensiva com o desenrolar dessa situação, que não gerou “briga”, mas posicionamentos divergentes. Lia disse que essa era a primeira vez que sairia sem o marido, tanto que o marido foi avisar à organizadora do piquenique que tinha desistido da viagem e mostrou-se insatisfeito com a decisão da esposa ir ao passeio sem ele. A vizinha confortou-o dizendo que ele não se preocupasse porque sua esposa iria com ela. Ela quis dizer que a esposa estaria em “boas mãos” porque ela também era uma mulher de “respeito”. Essa vizinha, que organiza esses passeios, contou a Lia que seu marido esteve em sua casa relatando a situação e enfatizou para Lia que ele deveria “confiar” nela.

Já Helena²⁰ contou que depois que seu marido “mudou”, ele se tornou mais ciumento. Antes ele bebia, “farriava” e “raparigava”. Hoje, por motivos de doença, anda com dificuldades e pouco sai de casa. Helena reclamou que gostaria de viajar com o marido, mas ele sempre apresenta como impedimento as dores que sente na perna. Helena reclama que hoje seu marido só “quer ficar em casa”. Mesmo assim, ele não a impede de sair de casa. Ela sai para se encontrar com as amigas, mas o cônjuge sempre liga quando ela demora voltar para casa.

Os casos mencionados acima dialogam diretamente com a concepção ampliada de ciúmes elaborada por Machado e Magalhães (1998, p. 20-21):

Os ciúmes não são dirigidos somente aos outros possíveis homens. Os ciúmes são em relação a filho, amigas, trabalho, homens... A tudo que for o ‘sair de casa’. O sentido de ‘sair de casa’ aponta para a dificuldade do ‘marido’ pensar o desejo da mulher de desejar outra coisa que não seja ele próprio. O código cultural tradicional de que ‘o lugar da mulher é em casa’ remete a uma construção mais profunda do desejo que parece aprisioná-lo: ele desejaria que a mulher não desejasse nada além dele.

Se, de um lado, estes episódios corriqueiros mostram claramente o controle que os maridos exercem sobre as mulheres, por outro, esse controle não impede que as mulheres saiam de casa ou que “desejem outras coisas além dele”, embora os maridos continuem mantendo a mulher sob vigilância e busquem circunscrevê-la ao ambiente da casa. Em muitas situações conjugais, esse controle chega a ser violento. Letícia, por exemplo, revelou com tristeza que,

²⁰ Helena tem 62 anos, ensino superior completo, é católica e está casada há quarenta anos com Carlos que tem 68 anos.

durante um bom tempo do casamento, mal saiu de casa porque o ex-marido a proibia. Da mesma forma, não queria que ela conversasse com homens.

Em seguida, abordo o tema da cisma masculina e reflito sobre as desconfiças e as estratégias de controle dos homens sobre as mulheres.

2.1.1 Cisma dos homens: o medo da infidelidade feminina

A cisma dos homens compreende o medo²¹ da infidelidade feminina. O pensamento de que elas podem trair não é esporádico, mas constante. Acrescento o seguinte questionamento para direcionar a análise sobre o assunto: Como os homens lidam com esse medo e com as dúvidas sobre a fidelidade de suas esposas?

A cisma masculina pode ser observada a partir de algumas práticas de controle exercidas sobre as mulheres: “esculhambação” dirigida às mulheres; o controle sexual e sobre o corpo feminino; e o controle sobre a casa.

2.1.1.1 “Esculhambação” masculina

As dúvidas sobre a fidelidade da esposa são acompanhadas da “esculhambação” masculina. A prática de “esculhambar” compreende os xingamentos, as acusações e as difamações dirigidas ao(a) parceiro(a) no relacionamento conjugal. Tal prática não se limita apenas aos casais porque também envolve a relação entre a esposa e a “outra”. Neste momento, direciono meu olhar para o modo como os homens tratam as mulheres quando o assunto é infidelidade e reflito acerca da relação entre cisma e “esculhambação” masculina.

Era muito comum escutar das mulheres que seus maridos ou ex-maridos “esculhambavam-nas” de “rapariga”, “puta” ou de “gaieira”. Elas reclamavam que, dessa forma, eles manchavam suas imagens de esposas respeitáveis. Além de lidar com a infidelidade do cônjuge, a esposa convivia ao mesmo tempo com a difamação propagada pelo próprio marido. A esse respeito, Machado e Magalhães (1998) lembram que além da comunidade, o homem também inscreve a respeitabilidade da esposa.

Vamos acompanhar a seguir como ocorrem os conflitos violentos no âmbito conjugal marcados pela “esculhambação” masculina praticada contra as esposas.

Concebo a “esculhambação” masculina como sendo *preventiva*. Os homens não precisam ter certeza que estão sendo traídos para “difamar” suas esposas. A “esculhambação”²²

²¹ Fonseca (2004b) também identificou e abordou sobre o “medo masculino de chifres” numa vila porto-alegrense.

²² As mulheres também relatavam que seus maridos, na qualidade de pais, também xingavam as filhas. Nesse sentido, a “esculhambação” dos pais dirigida às filhas é uma forma de controle sobre a sexualidade delas.

é, nesse sentido, uma característica da cisma masculina. Eles buscam demonstrar que está tudo sob controle (SCOTT, 1990), e uma das formas de realizar tal intento é por meio da acusação de que as esposas têm outros homens. Parece contraditório, mas não é. Pois o controle se dá também por meio da difamação. Se o ciúme e a cisma constituem formas de controle sobre a esposa para a preservação de sua honra, resta compreender: por que os homens “esculhambam” e qual o sentido dessa prática?

De maneira geral, as esposas sentem-se profundamente incomodadas com as acusações vindas dos maridos de terem outros homens. Luana reclamava que seu falecido marido não queria que ela se arrumasse e nem que passasse batom. Ele perguntava para onde a esposa ia e depois indagava: “vai arrumar quem?”. Muitas vezes, ele a impedia de sair, além de não deixá-la trabalhar fora de casa. De maneira similar, os dois ex-maridos de Laura repetiam constantemente que ela não ia trabalhar e insinuavam que a esposa ia “botar gaia”. Como ela trabalhava até tarde da noite e passava pouco tempo em casa e com os filhos, os ex-maridos desconfiavam e passaram a controlá-la cotidianamente.

As mulheres não compreendiam por que estavam sendo xingadas, principalmente quando elas se mantinham castas e os maridos contraíam ilimitadamente relações extraconjugais. Exponho mais uma experiência paradigmática envolvendo o marido do primeiro casamento de Lívia que costumava ir às festas ou ao cabaré e chegava acusando a esposa de estar com outro homem em casa. Lembrou indignada que ele chegava do cabaré “brabo”. Pedi para ela detalhar a cena: “Ô rapariga, tu tais com macho? Ele foi pra boate (cabaré) e eu tava em casa com as crianças. [...] Chegava gritando, brabo comigo, como se eu era quem tivesse com alguém dentro de casa. [...] E ele já vinha pra cima de mim”. Lívia ressalta que os ciúmes dele só aumentavam. Se ele visse um rapaz de treze ou quatorze anos pedindo o cigarro da esposa para acender outro, o marido inquiria imediatamente: “É macho teu! [...] Qualquer pessoa, ele já ficava bravo. Puxava faca pra mim. Me dava carreira de faca”. Perguntei como ela compreendia o comportamento de seu marido e, em seguida, emitiu sua opinião:

Ficava pensando que ele ficava achando assim: Eu tava lá fora com as quenga, eu não sei o que ela tava fazendo em casa. Será que ela não tava com algum macho? [...] E também eu ficava pensando assim: será que ele vem de lá dos puteiros, dos cabarés e vem bravo comigo já pra mim não cobrar dele? Aonde tu tava? Com quem você tava? Alguma coisa desse tipo. [...] Aí eu ficava tentando entender e acabava não entendendo nada. Porque vinha brabo mesmo. [...] Acho que ele ficou com ciúmes porque acho que por eu não tá querendo mais ele. Por ele me magoar com outras mulheres, acho que ele achou: ela tá com outro! Mas não era isso. Era pelo que ele tava fazendo comigo. Ele não percebia que cada vez mais, ele tava me afastando dele. E eu gostava muito dele, muito, muito mesmo.

“Esculhambar” a esposa não se opõe à preocupação exagerada dos homens em torno de sua honra, vide as táticas de controle diante da possibilidade de infidelidade da esposa. Vistas isoladamente, as duas práticas parecem contraditórias. Uma observação rápida revela que propagar a difamação da esposa significa, ao mesmo tempo, colocar em xeque sua própria honra. Esculhambá-la de “rapariga” suscita, de imediato, sua imagem de “corno”. No entanto, um olhar metódico sobre a realidade sugere, em primeiro lugar, a imagem de um homem atento aos passos da esposa e que exerce o controle sobre a casa (SCOTT, 1990). Tendo em vista que sua masculinidade está sob constante ameaça (ALMEIDA, 1995, 1996; FONSECA, 2004b; PITT-RIVERS, 1968), o medo de ser “corno” não põe em xeque sua honra, mas a falta dele²³. Aliás, os homens não demonstram esse medo. Ele aparece camuflado através da “esculhambação”, de ameaças, agressões e difamações dirigidas às parceiras.

Em segundo lugar, verifiquei através dos relatos das mulheres uma preocupação em contestar a difamação proferida pelo marido e em provar sua conduta de esposa “respeitável”. Para lidar com a “esculhambação”, as mulheres afirmavam que eram fiéis aos maridos no auge dos conflitos conjugais e disseminavam que eram “dignas” e de “respeito” nas interações cotidianas entre vizinhos e familiares. Ao afirmarem uma conduta idônea, as mulheres defendiam suas honras e concomitantemente resguardavam a imagem honrada do marido. Em linhas gerais, “esculhambar” as esposas refere-se a mais uma das estratégias de controle usadas pelos homens para intimidar suas esposas e demonstrar que mantêm-se atentos e vigilantes no relacionamento conjugal.

A “esculhambação” masculina se configura ainda como uma forma de humilhação sobre as mulheres. E essa humilhação intensifica-se quando o controle masculino ocorre sobre o corpo da mulher.

2.1.1.2 Infidelidades imaginárias: o controle violento sobre o corpo da mulher

Frases do tipo “você estava com macho”, “vai arrumar quem?”, “é macho teu” e outras do mesmo gênero são pronunciadas pelos maridos com certa frequência às suas esposas. As “infidelidades imaginárias”, mencionadas por Henrietta Moore (2000), aparecem como

²³ A etnografia realizada por Fonseca (2004b) mostra a ausência da violência praticada pelo marido diante da infidelidade da esposa e revela que a opção do homem pelo silêncio diante da transgressão feminina estimula a manipulação de sua imagem. Sobre a propagação da imagem de “corno” ou “guampudos”, Aquino (2008) e Fonseca (2004b) propõem que o humor é a linguagem predominante usada para difamar os homens traídos. Por outro lado, este pode ser também um dos meios prediletos dos “cornos” (especialmente àqueles que levam na “brincadeira”), lidarem publicamente com a própria desonra (AQUINO, 2008). Estes trabalhos antropológicos refletem sobre o “medo de ser corno”, mas não abordam, em geral, a prática dos homens difamarem suas esposas e sua relação com a masculinidade.

imagens e ideias recorrentes de infidelidades dos parceiros e caracterizam as cismas masculina ou feminina. Neste momento, reflito sobre o controle violento dos homens sobre o corpo das mulheres.

O controle masculino no contexto de “infidelidades imaginárias” também é sentido no corpo feminino. O controle extremo dos homens sobre as mulheres deixou marcas indeléveis em suas vidas. Registrei dois casos que apontam como o controle exercido de forma extrema pode violar o corpo da mulher.

O caso de Helena é exemplar. Durante nossos encontros, observei que ela sempre passava as mãos entre as pernas. Essa prática é extremamente comum entre as mulheres, já que foram ensinadas, desde crianças, a ficarem sentadas com as pernas fechadas ou cruzadas para não mostrar a calcinha. No entanto, ela sempre repetia exageradamente essa ação mesmo vestida de short e até nos momentos em que estávamos a sós. Antes de perguntar por que ela sempre agia assim, Helena afirmou que no decorrer do casamento, seu marido geralmente chamava-lhe a atenção para que soubesse se sentar na presença de homens, quando estivesse vestindo saia ou vestido. Dessa forma, o marido de Helena tentava evitar que sua esposa fosse cobiçada e desejada por outros homens e que ela viesse a gostar desse jogo de sedução. O que podemos reter desta informação é que Helena desenvolveu um comportamento repetitivo de passar as mãos entre as pernas em virtude do controle excessivo do marido sobre seu corpo. Esse controle masculino não é criticado por ela porque é naturalizado na relação conjugal. Aliás, essa prática vigiada sobre o corpo feminino é comum e bastante naturalizada em nosso cotidiano.

Além disso, Helena também contou o caso de uma amiga que se sentia muito mal toda vez que o marido dela verificava suas calcinhas nas situações em que ela voltava para casa. O objetivo do marido era descobrir se a esposa o traía através da presença da secreção vaginal e do cheiro característicos da atividade sexual. Essa forma de controle sexual também foi registrada por Machado e Magalhães (1998) que denominaram tal prática de “fiscalização da vagina”. De maneira geral, a “cultura do ciúme”, de que nos falam Machado e Magalhães (1998), legitima essas formas cotidianas de vigiar, delimitar e limitar o comportamento do parceiro.

Essas “infidelidades imaginárias” também fazem parte do pensamento cismado dos maridos quando suas esposas se esquivavam ou deixavam de ter relações sexuais. Leila, Lola, Livia e Luana relataram que deixaram de manter relações sexuais com seus respectivos maridos. Contudo, elas ressaltaram que durante anos consideraram o intercuro sexual como uma

“obrigação” de esposa. Tanto o falecido marido de Lola como o marido do primeiro casamento de Livia não aceitaram o fim do relacionamento conjugal. Lola deixou de ter relações sexuais com o marido porque ele começou a manter um relacionamento fixo com sua vizinha chamada Núbia.

Chamo atenção para o relato de Leila sobre a violência sexual exercida pelo próprio marido como forma de controle sobre ela pelo fato de recusar o ato sexual. Leila falava com veemência ser uma mulher de “respeito”, apesar de seu ex-marido ser muito “raparigueiro”. Carrega lembranças do relacionamento: “ele só me chamava de rapariga porque sabia que eu não era”. Leila acredita que o ex-marido acusava-a de ter amantes porque deixou de manter relações sexuais com ele. Lembra com insatisfação: “Dizia que eu tinha homem. Que eu não queria nada com ele”. Ela respondia: “Deixe! Com você, eu tenho vinte homem, trinta com você”. Leila contou sobre a violência sexual que sofreu durante seu casamento: “Uma vez, eu tive coisa com ele a pulso! Chorei de raiva”. Perguntei em seguida: “foi uma coisa forçada”? Ela responde automaticamente: “Foi. Forçada. Até chorava. Até chorei naquele dia. Chorei muito. Mais nunca! [...] Foi a pulso. Ele me atentando em casa. [...] Ele botou as pernas em cima de mim. Mais nunca! Minha vida era muito triste”. Essa lembrança ainda atormenta essa mulher, que desabafa: “Às vezes, me dá vontade de chorar. Eu choro tanto de madrugada. Pra mim, era uma humilhação”. Depois deste episódio, continuou coabitando com o marido, mas passou a dormir longe dele e com um de seus filhos.

Livia descrevia o ex-marido do primeiro casamento como “raparigueiro”, usuário de drogas, alcóolatra, não provedor da casa e também o considerava “ruim” porque batia nela, além de ser foragido da polícia em virtude de um homicídio. O fato de ele ser “ruim” foi considerado o principal motivo que levou à separação do casal. Ela disse que não se separou antes por “medo” e por causa dos “filhos”. O ato sexual ocorria simplesmente porque o marido “queria” e ela considerava o sexo como uma “obrigação” no casamento. Nas palavras dela: “Eu tinha, mas era só por ter. Eu deitava na cama e ficava lá feito uma boneca. E ele ficava sozinho fazendo o serviço. A lágrima pingava ali, naquela hora. Pra mim, era como se eu tivesse com uma pessoa estranha, um estuprador. Um ódio! Sabe aquele ódio que dói”!

É possível perceber que os maridos têm “outras” e não admitem a recusa da relação sexual por parte da esposa, nem tolera ser traído. Para evitar o marido, Livia dormia com os filhos sempre que podia. Ela conta que: “[Ele] passou a dormir com o facão debaixo do travesseiro falando que ia me matar. Porque eu acho que eu fui pegando ódio né, pegando nojo dele. Então, aí acho que ele começou a criar mais ciúme e isso foi aumentando os ciúmes dele”.

A filha de Lívia, presente nesse momento, lembrou que nessa época seu pai sentia ciúmes até de seu namorado. É válido destacar que os ciúmes aparecem nos discursos como forma de justificar o controle sexual e a violação sobre o corpo da mulher (CORREIA, 1983; MACHADO; MAGALHÃES, 1998), bem como dando sentido aos conflitos violentos entre os casais.

Sigo a interpretação de Moore (2000) para interpretar o controle violento dos homens sobre as mulheres nesse contexto marcado pela cisma. Essa autora ressalta que as “infidelidades imaginárias” são estratégias de controle sobre as esposas. Destaca que “esposas são muitas vezes espancadas por infidelidades imaginárias, o que torna a violência e a ameaça de violência mais eficaz como meio de controle social” (MOORE, 2000, p. 40). É importante esclarecer que os homens assumem uma “posição de sujeito” dentro de um discurso dominante de gênero e de sexualidade (MOORE, 2000), como aqueles que podem trair enquanto as mulheres não podem, dessa forma os homens usufruem de “status, satisfações e recompensas”. A recusa por parte da mulher de não mais manter relações sexuais com o marido e de tentar romper o laço matrimonial são interpretados, à luz das considerações dessa autora, como desafios ao “exercício do poder” e percebidos como “ameaça à identidade”. Eles experimentam a “frustração” que é “entendida como a incapacidade de manter ou assumir apropriadamente uma posição de sujeito marcada por gênero, o que resulta numa crise, real ou imaginária, da auto-representação e/ou avaliação social” (MOORE, 2000, p. 39). Nesse sentido, a autora destaca que a violência aparece então como resultado de uma “crise de representação”. Dessa forma, os homens precisam manter uma “fantasia²⁴ de identidade” que está automaticamente ligada à uma “fantasia de poder”.

2.1.1.3 O controle sobre a casa

Os dados apontam também que o controle do marido sobre a mulher pressupõe ao mesmo tempo o controle sobre a casa (SCOTT, 1990). A casa representa ainda para o homem uma fonte de status, poder e autoridade dentro do grupo doméstico (NEVES, 1985; SCOTT, 1990; WOORTMANN, 1987). As situações conjugais referentes à Lola e Lívia são ilustrativas porque os cônjuges nem mantinham financeiramente a casa, nem coabitavam com as esposas. Nesse “terreiro”, eles ainda queriam “cantar de galo” (NEVES, 1985), mesmo sem proverem o grupo doméstico. Buscam manter o controle através da condição de “marido” porque não

²⁴ O termo “fantasia” é usada por Moore (2000, p. 38) “no sentido de idéias sobre o tipo de pessoa que se gostaria de ser e o tipo de pessoa que se gostaria que os outros acreditassem que se é”. A fantasia está assim relacionada ao “investimento” numa determinada posição de sujeito marcada por gênero e nas “estratégias sociais” para manter esse investimento.

pretendem se separar e impor a sua presença no espaço doméstico sem a deliberação da esposa. Elas enfatizavam que não viam saídas, por isso “aguentavam” a presença deles. Dessa forma, elas acabavam reforçando o lugar deles no grupo doméstico.

Lola se separou do marido, ele passou a morar em outra casa, mas não deixava de controlar a vida dela. Após a cirurgia de redução de estômago, que lhe proporcionou novamente autonomia e autoestima, Lola passou a sair mais de casa, enquanto seu cônjuge implicava: “você não vai pra tal canto”! Ela reagia: “Eu vou que eu não convivo mais com você. Você não tem mais nada comigo”. Ele argumentava: “tem, que eu sou casado com você e não lhe dou o divórcio”. Ele dizia: “você morre na minha companhia, sendo minha esposa”. O marido “botou na cabeça” que ela “não gostava mais dele” e que tinha outro. Ela relatava que era constantemente ameaçada, além de ver cerceado seu direito de escolha, de manter ou não, outro relacionamento amoroso. Tanto que ele dizia: “o homem se entrar aí, eu mato”! Ela disse que “vivia no inferno”. Se ela mantivesse contato com outro homem, ele automaticamente dizia que era “macho” dela. Ela narra o episódio que o ex-marido tentou invadir sua casa, armado com uma peixeira argumentando que ela estava com “outro”:

Lola: Sofri muito. Tá aí essa vizinha (presente na conversa) que diz. O filho dessa vizinha já tomou doze polegadas. Ele atrás de me matar. Sem nada, pra abrir a porta. Porque eu custei de vim abrir.

P: Ele queria entrar, aí já tava com doze polegadas.

Lola: Dizendo que era outro homem que tava aqui dentro.

[...] Lola: Nem tenho mais nada com ele e faz muitos anos.

Vizinha: Ela abandonou ele. Aí foi quando ele tomou ódio, raiva.

[...] Lola: Aí me esculhambava. Dizia que eu era uma rapariga safada. Que eu não prestava. Que eu não queria mais ele. Que ia botar gaia.

[...] Lola: Veio me matar.

P: Mas ele chegou perto ainda?

Lola: O quê? Valdo (vizinho) quem tomou (a peixeira). Eu disse: Enfia.

P: Como foi?

Lola: Se tu for homem, enfia!

P: Ele chegou perto...

Marido: Você não me quer mais, não?

Lola: Quero não!

P: Botou no seu pescoço.

Lola: Foi. Eu digo: enfia. Se tu for homem, enfia! Enfia! Tu se torna uma assassino e eu vou morrer. Mas eu não te quero mais. O corpo é meu, menino! O corpo é meu! E é um estupro. Se tu vier me pegar a pulso, é um estupro. Eu vou te dar parte. Aí ele se arretava. Também não fui mais mulher dele, não. Nunca mais. Eu tenho um gênio.

A partir desse caso é possível depreender a dificuldade de Lola se desvencilhar do ex-marido que, ao contrário, exigia a continuidade do relacionamento conjugal. Embora morassem em casas separadas, ele geralmente fazia as refeições na casa da ex-esposa e continuava frequentando a antiga residência a fim de demarcar sua posição de “marido”. Sua presença é

uma estratégia de manter o controle sobre a casa (SCOTT, 1990). Não deixam de frequentar ou de invadir a casa porque pretendem inibir a entrada de outro “galo no terreiro”. Sendo assim, a referência constante de que elas tinham outros homens era uma estratégia de intimidá-las a não manterem outro relacionamento conjugal. Portanto, a presença, bem como a difamação da (ex) esposa, as ameaças e até as tentativas de homicídios revelam também a preocupação excessiva do homem com sua honra (AQUINO, 2008; CORRÊA, 1983; PITT-RIVERS, 1989). Em nome da honra, desenvolve-se um conflito violento que, como podemos notar, vai além da difamação da esposa.

Igualmente, Livia relatou que o ex-marido do primeiro casamento queria morar com ela a força. Ele não a “deixava em paz”, recorda Livia. Quando saía de casa, deixava a porta fechada à base de cadeado. Às vezes, ele empurrava a porta para entrar a todo custo. Ela relata que “vivía trancada” na residência para evitar o ex-marido. Ao chegar do trabalho à noite, o ex-marido começava a destelhar a casa, só não conseguia porque os vizinhos reclamavam do barulho. Em seguida, o ex-marido se aquietava. Várias vezes, Livia simulava ligar para a polícia e repassava o endereço onde morava com a intenção de intimidá-lo. Certo dia, ligou para a delegacia na tentativa de evitar que ele entrasse. A esposa contou o ocorrido aos policiais e o ex-marido defendeu-se dizendo que era mentira dela. Os policiais chamaram-lhe a atenção, mas soltaram-no em seguida. Com o passar dos dias, a esposa via o ex-marido agir da mesma maneira. De modo geral, o controle extremo sobre o corpo da esposa e sobre a casa está ligado à lógica da virilidade masculina que é alimentada pelas “infidelidades imaginárias” e pela “cultura dos ciúmes”. Dessa forma, controle e honra se entrecruzam nessas experiências conjugais.

Sendo assim, busquei mostrar nesta parte como ocorre a violência masculina no contexto de cisma. Mostrei que é a partir da “esculhambação” que os homens promovem a desqualificação da mulher no contexto da infidelidade. Desse modo, eles visam controlar a sexualidade das mulheres e atingir a reputação delas na comunidade onde vivem. Assim, a violência aparece no plano simbólico, mas também de maneira física através de ameaças e agressões sobre o corpo feminino.

Após discorrer sobre o controle masculino no campo da infidelidade, discorro no próximo tópico sobre a cisma das mulheres com relação à infidelidade masculina.

2.2 Cisma das mulheres: a “certeza” da infidelidade masculina

A discussão sobre a “cisma” feminina está diretamente associada à visão das mulheres sobre a (in)fideliidade masculina. É precisamente a concepção genérica “nenhum homem merece confiança” que tem aguçado a desconfiança das mulheres e o controle com relação aos cônjuges. Por essa razão, detenho-me às percepções das mulheres sobre seus maridos, ou melhor, sobre os homens no contexto da infidelidade.

Entre as mulheres, predomina a visão generalizada de que o homem é, por excelência, infiel. A própria concepção de que o homem tem a “carne fraca” torna legítima a prática da infidelidade masculina, em comparação com a feminina. Sobre essa questão, Livia tem a concepção de que “quem ama não trai”, mas faz a seguinte ressalva quando se trata dos homens: “Homem é safado, é sem-vergonha, sempre cai na tentação porque tem a carne fraca e tal, diz o povo, os homens”. Já sua filha que estava presente no momento da conversa, discordou e argumentou que as mulheres traem também porque têm a carne fraca: “se a sua (a do homem) é fraca, a minha tem problema de nervoso”. A filha questiona a ideia da infidelidade como fazendo parte da natureza masculina. Todavia, essa percepção não representa a compreensão geral das mulheres acerca da infidelidade, pois ainda é predominante no senso comum a associação entre homem e traição. Assim, a prática da infidelidade é entendida como sendo inerente à natureza masculina. A crítica das mulheres dirigidas aos maridos por serem infiéis está respaldada na crença em uma sexualidade masculina caracterizada por impulsos sexuais incontrolláveis. Essa dita “fraqueza” que reforça a masculinidade dos homens é sinônimo de virilidade (MACHADO, 2000). Eles se afirmam cotidianamente “homens” através da esfera sexual. Nesta linha de raciocínio, veremos ainda que a infidelidade masculina acaba sendo legitimada nos discursos das mulheres e, de modo geral, no meio social.

É comum as mulheres falarem sobre os homens em seu cotidiano. Certo dia, estava sentada na calçada da casa de Lia, quando uma senhora passou pela rua. Não foi a primeira vez que a vi caminhando naquela rua sempre nos mesmos horários. Aproximei-me quando essa senhora parou para cumprimentar uma vizinha que conversava conosco. Aproveitei o momento e perguntei se ela era casada. Ela respondeu: “Não. Quem quer saber de homem? Pra que homem?”. Era comum perceber esses sobressaltos todas as vezes que as mulheres falavam dos homens, preferencialmente de seus maridos, ex-maridos ou falecidos maridos. Mas, elas sentiam espanto quando eu perguntava se seus esposos ou, de maneira geral, se os homens eram fiéis. Para elas, esse assunto é corriqueiro e dispensa indagações. As mulheres, sem exceção,

respondiam subitamente de forma negativa. Tais respostas eram geralmente acompanhadas de um tom marcado pela raiva, pelo sarcasmo ou por uma pitada de humor.

A infidelidade masculina é narrada pelas mulheres como sendo um infortúnio. Trata-se de uma experiência esperada e vista também como inevitável. Por esta razão, busquei apreender o modo e o que as mulheres falavam sobre infidelidade masculina. Identifiquei uma linguagem irreverente para falar sobre o assunto, a partir de dois modos: pela prática de “falar mal” dos homens e através de piadas e risos acerca da infidelidade masculina.

2.2.1 A prática de “falar mal” dos homens

“Falar mal” dos homens é uma prática banal entre as mulheres. Era comum encontrar mulheres contando histórias amorosas malsucedidas. Casos de traições, abandonos, brigas e violência apimentam a conversa entre elas. Nos casos contados a respeito de infidelidade masculina, geralmente os homens saem como os malvistos: o “safado”, o “cabra-safado”, “o sem-vergonha”, o “cachorro”, dentre outros termos. Essa prática de “falar mal” deles é bastante aceita entre as mulheres. Causa espanto, mulheres que não têm história para contar sobre algum namorado ou marido ou a respeito de algum caso de traição masculina vivida por alguma vizinha ou parenta.

Era nesse clima que as mulheres me falavam sobre suas experiências com a infidelidade masculina. Através das narrativas foi possível perceber que elas possuíam um conhecimento sobre os homens no campo da infidelidade e uma maneira particular de falar sobre o assunto.

Afinal, como as mulheres falam sobre esse infortúnio? Comentando sobre a infidelidade masculina, Laura pontua que os homens também perdem “o valor” entre as mulheres. Ela explicita: “[...] Porque se ele não deu valor a primeira mulher, ele vai dar valor às outras? Ele pode arrumar duzentas, ele não vai dar valor não, que ele vai findar traindo do mesmo jeito que ele me traiu”. Laura já vivenciou as experiências de esposa e de amante de homens casados. Hoje, ela entende que não “existe homem fiel” e nem “honesto”. Ela ainda salienta que “não tem aquele que diga: eu sou”. E se a mulher disser que seu marido é fiel, Laura retrucaria imediatamente: “é fiel até você não saber”. Lola lembra com indignação as “bebedeiras” e “raparigagens” do falecido marido. Ela defende sua opinião: “mas que era raparigueiro, era minha filha. E o homem, quanto mais a pessoa diz assim, ele não é, aí é que é”. A infidelidade masculina é considerada como uma sina na vida de uma mulher. Ouvi ainda algumas esposas traídas afirmarem de maneira contundente que seus maridos iam fazer suas amantes sofrerem.

Se na concepção das mulheres nenhum homem escapa do rótulo de infiel, as mulheres também têm uma visão de que se há exemplos daquelas que não foram traídas, essa experiência não tardará a acontecer. Lola disse que seu trabalho de mãe-de-santo assemelha-se ao de pesquisadora porque também escuta muitos depoimentos de mulheres. Ela enfatizou que lá era um “confessionário”, uma vez que ouvia muitas histórias e precisava guardar sigilo²⁵. A respeito dos homens concluiu que “não tem um melhor do que outro”, no máximo “um que seja mais passivo”, mas garante “por trás você já sofreu”. Lola mencionou vários exemplos de que os homens não merecem confiança. Cito aqui o caso de um homem que violentava sexualmente uma enteada. Ele a procurou para fazer uma “amarração”, dizendo: “Eu sei que a senhora é muito boa, que resolve os problemas. Porque eu tenho uma calcinha dela aqui que eu tirei de dentro do guarda-roupa dela. Ela já tá uma moça”. Ela se negou veemente a fazer o “trabalho”: “Com a calça da menina no bolso, porque tá amando ela desesperadamente. Eu digo: mais toma vergonha, menino!”. Ele insistiu: “Mas não diz que com um objeto prende? Prende não. Eu já tava estressada, viu!”. Ela prosseguiu no seu argumento: “[...] primeiro do que tudo, eu não faço esse tipo de trabalho; segundo, você criou ela, é pai dela. [...] Agora você tá amando ela e deixou a veia de lado. Fui logo assim. Esse tipo de trabalho eu não faço com ninguém”. E criticou também a mãe: “[...] ela foi botando corpo. Aí ele foi cobiçando a menina. Mulher, agora sabe o que é isso? Mulher que pega certos tipos de gente, bota dentro de casa, com os filhos, é ou não é”? E assim, ela conclui: “Mas, homem nenhum, eu não confio. [...] A gente vê muita coisa, minha filha, nessa vida”.

As mulheres têm uma visão pessimista sobre os homens. Elas reclamam e ficam enraivecidas e indignadas com os casos extraconjugais vividos. A partir de sua experiência conjugal com o ex-marido e observando os relacionamentos conjugais de suas duas filhas, Leila declara: “Esses homens é cabra-safado! Esses homens não presta, menina! Você já visse homem prestar! Aonde”? Leila disse que tanto o ex-marido, como um dos seus genros já “pegaram” doenças venéreas. Sobre seu ex-marido, ela fala irritada: “até isso aquele nojento pegou, menina! Cheio de rapariga”. Já o outro genro, “depois que começou a trabalhar, botou as manguinhas de fora”. É comum ela ver as duas filhas “aperreadas” com seus maridos infiéis. Ela suspira preocupada: “vem logo na minha cabeça o que eu passei” e se revolta pelas filhas:

²⁵ Notei que, em algumas situações, Lola alternava os nomes das pessoas nas histórias que me contava com o intuito de resguardar o anonimato. Ela perguntou preocupada, em nosso primeiro encontro, se a gravação iria ser direcionada para a internet. Tranquilizei-a informando que somente eu, como pesquisadora, teria acesso a esse material gravado, faria as transcrições dos áudios, bem como usaria nomes fictícios para se referir às interlocutoras que participaram da pesquisa. Aproveitei para reforçar que o trabalho científico baseia-se nos preceitos éticos de preservar a integridade das pessoas.

“eu não quero que vocês passem o que eu passei”. As duas filhas de Leila brigaram com os maridos por conta da infidelidade deles, colocou-os para fora de casa, mas eles não foram embora. Ela fala indignada: “nenhuma dessas peste presta”. Leila enfatizou que não “confia” nos homens, inclusive desconfia que um dos seus genros ainda continue se encontrando com a amante que conheceu no trabalho.

Os homens também são vistos como “aperreios” na vida de uma mulher. Dão “trabalho” e “dor-de-cabeça” no cotidiano doméstico. São “cruzes” que as mulheres carregam e que têm que “aguentar”. Embora as mulheres argumentem que os homens “não prestam”, é possível identificar que há o sacrifício para manter a relação. Revelando, assim, que o sentido da continuidade de laços conjugais e familiares predomina a despeito das crises, da cisma e da desconfiança.

Lola ressalta que não quer mais homem em sua vida²⁶. Jussara, que estava presente na primeira conversa que tive com Lola, concordou: “um aperreio daquele”! Ela se considera atualmente uma mulher feliz e livre porque se sente “voando como uma borboleta”. E ao mesmo tempo aliviada, pois como ela mesma disse: “só abasta a gente não lavar cueca. Porque homem, pelo amor de Deus”!

As mulheres aprenderam a desconfiar dos homens e a falar mal deles nos campos da sexualidade e da infidelidade. Lívia fala a respeito dos homens a partir das duas experiências conjugais marcadas pela traição masculina. Ela se considera muito ciumenta principalmente por causa da relação conjugal que estabeleceu com o pai de seus filhos. Ela destaca que passou a partir daí a “não acreditar muito nos homens”. Lívia lembra com desagrado que ele chegava com “chupada no pescoço” em casa. No tocante à infidelidade, ela realça que o “homem é safado, sem-vergonha” e “de mil se tira cinquenta no mundo”.

Para as mulheres, “bestas” e “ingênuas” são aquelas que confiam plenamente na fidelidade dos maridos. Desconfiar é sinônimo de esperteza e de percepção feminina. Letícia disse que seu “problema” foi ter confiado em demasia no marido e ter insistido em um relacionamento que não perduraria. Ela salienta que agora aprendeu que “não deve confiar em tudo que homem diz”.

Por isso, Letícia transmite sua concepção a respeito dos homens para as filhas. Esse conhecimento sobre os homens é transmitido entre as gerações. Ela ensina as filhas a serem

²⁶ Essa concepção negativa sobre os homens (no contexto da infidelidade) está também relacionada às experiências de sofrimento conjugal vividas pelas mulheres, pois elas demonstraram ter receio de “sofrerem” novamente. Nesse sentido, essas experiências de sofrimento contadas pelas mulheres apenas alimentam a cisma das mulheres com relação aos homens.

independentes financeiramente, estimula os estudos e espera que sigam o seu exemplo, pois sempre trabalhou para não “depende de homem”. Igualmente, ressalta que as filhas devem aprender a partir do exemplo conjugal vivido pela mãe que “homem é uma pessoa sem confiança” e para que não “sofram” como ela. Ela aconselha:

[...] Abra os olhos de vocês! Porque homem é hoje e não é amanhã, não! Homem é uma pessoa sem confiança. Vocês têm que fazer a vida de vocês. Não vai fazer feito eu fiz. Não vá se encher de filhos. [...] Não vá ficar dependendo de homem, não. E não vai deixar acontecer o que aconteceu comigo, né. Passar pelo que eu passei. Não viram! Porque eles viram. E ainda querer passar a mesma coisa! Vai passar porque quer, porque viram minha vida aqui.

“Falar mal” é uma forma de lidar com a infidelidade masculina e dizer ao mesmo tempo que eles são “desonestos”. A discussão a seguir sobre os comentários irreverentes e as piadas sobre o assunto aponta para o olhar revoltado das mulheres traídas com relação aos homens.

2.2.2 Piadas e comentários irreverentes sobre a infidelidade masculina

Todo homem calça quarenta. (Lola, 62 anos)

Ele não vale a merda que o gato enterra. (Leila, 58 anos)

Em 2007, escutei piadas, brincadeiras e gozações com e sobre os homens traídos no bairro de Nova Guanabara. Essa linguagem humorística para falar a respeito dos “cornos” (AQUINO, 2008; FONSECA, 2004b) é comum nas interações cotidianas. Nesta pesquisa com as mulheres traídas, o humor também apareceu, mas não da mesma forma. O humor aparece com relação aos homens traídos porque sua masculinidade e sua honra estão em perigo (AQUINO, 2008; FONSECA, 2004b; PITT-RIVERS, 1989).

No caso das mulheres, a infidelidade masculina quando publicizada põe em xeque sua reputação e não a sua feminilidade, como discuto no quarto capítulo. As brincadeiras com e sobre as mulheres traídas não são tão comuns no bairro; elas acontecem com maior regularidade quando a referência é o homem traído. O humor sobre as mulheres traídas que destaco aqui é relativo ao modo irreverente de como elas falam da infidelidade masculina.

Por que esse modo engraçado de falar sobre a infidelidade masculina? Como a infidelidade masculina é considerada um infortúnio e uma sina na vida de uma mulher, o modo

como lidam é através do divertimento (FONSECA, 2004b), de risos e de piadas²⁷. Fonseca (2004b) identificou entre mulheres de uma vila popular porto-alegrense um tom de divertimento nos relatos sobre as reações femininas frente à infidelidade conjugal do marido. Nos dizeres de Fonseca (2004b, p. 122), é salutar olhar para essas narrativas “à luz da lógica do *contador de histórias*, isto é, alguém que tem como objetivo principal *entreter a plateia*”.

Ao perguntar para Luana se os homens eram fiéis, ela riu e dirigiu a mesma pergunta a sua irmã que ia saindo de casa. A irmã respondeu de maneira engraçada: “quem? aonde?”. A resposta da irmã provocou risos entre nós que estávamos proseando no quintal onde moram. Essa situação me fez perceber que as mulheres não pretendiam demonstrar ingenuidade a respeito dos homens no campo da sexualidade e da infidelidade. Quem se passou por ingênua foi a antropóloga que insistia em fazer uma pergunta tão banal como essa e que tem uma resposta tão óbvia para as interlocutoras dessa pesquisa.

É sobre a obviedade “todo homem é infiel” que as mulheres falam em seus cotidianos e assim tecem comentários engraçados e criam piadas. As piadas também são formas categóricas de “falar mal” deles e, assim, afirmar que “nenhum prestava”. Lola também se considera uma mulher “revoltada” com casamento e com os “homens”. Sua visão está ancorada na experiência conjugal que estabeleceu com seu falecido marido e no trabalho espiritual que desenvolve como mãe de santo. Para Lola, “todo homem calça quarenta”. Ela argumentou de forma contundente: “Sabe o que eu digo? O melhor homem foi cagado, deram descarga e ele foi na merda”.

As piadas também expressavam a raiva das mulheres com relação aos maridos infiéis. Através de piadas e de um tom cômico de falar, elas lidam com a raiva que sentem dos maridos, ex-maridos ou falecidos maridos. Ao se lembrar do ex-marido, Leila demonstrou bastante insatisfação em relação aos homens: “Davi não presta, não! Esses cabra-safado, não vale nem a pena! Homem sem exceção, não vale a pena, não! Que homem dá um bote aqui, esconde a unha ali! Homem não presta! Olha o que esse cabra-safado fez com minha menina também”. Sua fala a respeito do ex-marido ainda é marcada pela raiva: “Até retrato da rapariga, ele trouxe para dentro de casa!”.

Para comprovar sua opinião sobre o ex-marido, Leila contou que uma de suas amantes ainda “caiu na lábia dele”. Ele “prometeu mundos e fundos”, mais precisamente que ia morar com ela em São Paulo, tanto que ela vendeu a casa dela na época e hoje mora de aluguel. Leila está querendo chamar atenção para o fato de que a amante era “boba” por acreditar na conversa

²⁷ Escutei também “desabafos” das mulheres traídas nos sucessivos encontros programados durante o trabalho de campo. Nesse contexto, elas falavam detalhadamente sobre suas experiências conjugais marcadas por conflitos violentos, o que possibilitava um tom mais de “desabafo” do que de divertimento.

de um homem. Todavia, Leila lembra que alertou essa mulher e a mãe dela, sua conhecida, que ele era casado e tinha filhos. Ela ainda chegou a mostrar à amante, em uma discussão, até os registros de casamento e de nascimento dos filhos. À amante, a esposa disse: “Olhe, Davi não presta não, viu! Não procure nada com ele porque ele não presta! Ele não vale a merda que o gato enterra!”. À mãe da amante, ela disse: “Davi nunca vai sair de dentro de casa e vai morar com sua filha. [...] É mais fácil, eu deixar ele do que ele me deixar”. Depois de se separar, Leila deixou de falar com o ex-marido e já avisou as filhas que se morrer primeiro do que ele, seu desejo é que ele não se aproxime do caixão.

É predominante a compreensão de que são poucas mulheres que têm “sorte” no casamento e com os maridos. A “falta de sorte” com os homens e nos casamentos é motivo de brincadeiras e piadas. Letícia garante: “A única da família que casou, que teve sorte com o marido foi essa minha irmã que faleceu porque eu, essa outra e a outra, tudo separada. A gente não teve sorte com marido, nem com os pai dos filhos da gente, não”. Aliás, Letícia entende que essa sina foi herdada da mãe. Sua mãe, dona Bela, também concorda: “Tive sorte com as perna de calça não, minha filha. [...] Ó é difícil ter um homem que seja legal. É muito difícil. Aquele que disser que é santo, é o pior que tem”. Ela destaca que as mulheres só têm “aperreio” com os homens e não sorte.

Dona Bela, com mais de oitenta anos, gosta de fazer piadas sobre a “falta de sorte” com os homens; e Luísa diz que não se engana com o marido. O marido argumenta que ela não tem motivos para desconfiar dele, já que sempre almoça em casa. Para Luísa, confiar na fidelidade de um marido “mulherengo” é motivo de piada. Em seguida, ela faz piada do caráter fiel do esposo:

José (um dos ex-maridos) só fazia tomar uma cachaça emburrada. Quando ele queria me ver, vinha bêbado pra outra rua, com uma galinha debaixo do braço (risos). Eu dizia: oh mamãe, José tá na outra rua com a galinha debaixo do braço, bebendo e cantando. Minha filha vá lá e pegue a galinha. [...] Eu vou nada (risos). [...] Oxe, Eu pensei que o pai dela (de Letícia) ia dar certo. Que certo? Deu tudo errado. (Dona Bela, 80 anos)

Marido diz à Luíza: Todo dia eu venho almoçar em casa.

Luísa: Sim. E a sobremesa? Mais menino! (Luísa, 47 anos)

Para compreender as ambivalências do humor, baseio-me na experiência antropológica de Laura Bohannan (1964) citada por Drissen (2000). O livro clássico “*Return to Laughter*” dessa antropóloga publicado em forma de romance pela primeira vez em 1954, aborda o sentido

do riso entre os Tiv da Nigéria num contexto de pesquisa de campo. Transcrevo parte do resumo que Driessen (2000, p. 265) produziu sobre a pesquisa de campo dessa antropóloga:

Os tiv freqüentemente explodiam em riso ('... um povo que ri alto... Eu também ria'; 'ao menos aqui as pessoas não têm medo de se soltar. Sempre havia riso'; 'eles combatiam a tristeza com o riso'). A autora perdeu temporariamente a capacidade de rir com os Tiv quando ela viu crianças zombando de um velho cego, o que provocou um riso estrondoso entre os adultos. Ela escreveu: 'O riso deles diante do sofrimento era apenas um símbolo do abismo entre o mundo deles e o meu (...) num lugar onde as pessoas riem da miséria humana, a nossa doutrina de generosidade com os animais, por mera generosidade, sem intenção de uso ou adoração, parecia a mais selvagem extravagância'.

Driessen (2000) concluiu que essa antropóloga recuperou a capacidade de rir de si mesma com os Tiv numa noite de narração de histórias. Ela comparou o modo como o infortúnio é interpretado pela sua sociedade e pelos Tiv, compreendendo de fato, como estes últimos lidavam com o riso. Vale a pena acompanhar as reflexões finais de Bohannan (1964 *apud* DRIESSEN, 2000, p. 266): "[...] Só em uma vida bem protegida, como a proporcionada pela civilização, pode-se manter um puro e sério sentido da tragédia que é o infortúnio. Num ambiente em que a tragédia é genuína e freqüente, o riso é essencial à sanidade".

Nessa perspectiva, é possível perceber que o humor, bem como o riso não são assuntos fáceis de entender. Para Driessen (2000, p. 251) "o humor é um tema enganoso e de difícil exploração em termos multiculturais e temporais". Dito de outra forma, nem o riso, nem o humor são os mesmos em todos os momentos históricos, eles podem evocar significados distintos dependendo do contexto cultural ou das diferentes situações sociais. Na leitura de Driessen (2000), o riso pode ser irônico, acolhedor, crítico, agressivo, ameaçador, conciliatório, solidário ou de mau gosto, podendo variar com o contexto sociocultural.

Afinal, o que está subentendido nesse humor feminino sobre a infidelidade masculina? Sigo a interpretação de Fonseca (2004b, p. 122) que ao falar sobre o modo como as mulheres contavam suas reações diante da infidelidade masculina, concluiu: "a ênfase é colocada na reação da mulher traída, uma reação traduzida não por lamúrias sobre dor e sofrimento, mas sim por indignação e ação". Sendo assim, percebi um teor de "revolta" das mulheres a respeito da infidelidade dos homens através dessa linguagem cômica. As mulheres emitem, nesse contexto, uma indignação e não uma deslegitimação do que Moore (2000) chama de discurso dominante de gênero e de sexualidade, qual seja: eles podem trair sem colocar em perigo a sua reputação no que tange à sexualidade.

A seguir, mostro como as mulheres também esboçam uma classificação acerca dos homens no contexto da infidelidade. Identifiquei que alguns homens ocupam uma posição mais privilegiada do que outros quando o assunto é infidelidade.

2.2.3 “Homem forte” e “homem fraco”: hierarquia entre os maridos infiéis

De antemão, é preciso assinalar que há uma visão geral que atravessa a classificação dos homens infiéis. É predominante a ideia de que os relacionamentos duradouros estabelecidos pelo marido fora do casamento são mais difíceis de lidar do que os relacionamentos esporádicos.

A classificação dos homens infiéis em tipos específicos segue uma hierarquia social de gênero/masculinidade, que aponta para uma diversidade de masculinidades no campo da infidelidade (ALMEIDA; 1996; CONNEL, 1997), questionando o conhecimento nativo de que “todos os homens são iguais”.

Os homens mais bem vistos são aqueles que independente da infidelidade demonstram interesse pelo espaço doméstico e familiar e têm intenção de preservar o matrimônio e o laço com os filhos. Nessa linha, Letícia sugere que há dois tipos de homens infiéis: os que respeitam a família e aqueles que a desrespeitam. No caso, seu ex-marido está entre aqueles que não se “importam” com a família e nem “dão valor” às esposas. Nas palavras dela: “tem homem que pode arrumar não sei quantas por fora, mas não abandona a família de jeito nenhum”. Assim, os homens que respeitam a família são aqueles que “arrumam mulher fora, mas em casa continua o mesmo”. Na leitura de Letícia, esses homens “sabem fazer” porque “se tem alguém, faz de tudo pra família não saber”. Lívia também prefere esse tipo de homem que “dá o bote, mas esconde a unha”, pois ainda são os que se preocupam em não magoar a parceira.

Na acepção de Laura, os homens infiéis são classificados em dois tipos: os que “sabem arrumar mulher na rua” e aqueles que não “sabem”. Os que “sabem” são exatamente os maridos que não “mudam” com as esposas. Estes conseguem lidar com o casamento e, ao mesmo tempo, com os relacionamentos que estabelece fora dele. Seu modo de pensar está intimamente relacionado às experiências de relacionamentos que vivenciou como esposa e enquanto amante. Ela relatou que seu antigo amante ligou convidando-a para saírem. Laura suspeitou logo e disse-lhe: “Cadê tua mulher? Ah esqueci que tu brigasse com ela, não foi”? Essa interlocutora compara o antigo amante com um amigo que também tem “mulher na rua”:

Tem marido que não muda não, mas tem marido que muda, muda logo no começo. Esse mesmo aí (antigo amante), eu dizia a ele que ele era idiota. Tu é idiota! Que nem mulher na rua tu sabe arrumar. Porque eu tenho um amigo que ele tem uma amante na rua, eu bolo, morro de rir com ele. Sexta-feira, ele

diz logo a mulher: amanhã eu saio com você, sábado eu saio com você, mas amanhã eu vou sair com meus amigos. Mas não é com amigo que ele vai sair, ele vai sair com a outra mulher dele. Ele sai na sexta com ela (amante), leva ela pra todo canto, pra onde ela quer tudinho. No sábado, ele faz a mesma coisa com a mulher, não deixa faltar nada dentro de casa. Nem pra amante, nem pra mulher.

Já Livia classifica os homens nesse contexto da infidelidade em dois tipos: os homens “fortes” e os “fracos”²⁸. Os “fracos” são os homens que se apaixonam pela amante por não saberem lidar com várias mulheres ao mesmo tempo. Enquanto, o homem “forte” tem mais “cabeça” e sabe diferenciar a esposa da amante, mantendo-as sempre nas mesmas posições sociais; ele jamais deixa a esposa pela amante porque é um típico “pegador” que não se “apega”. Nas palavras de Livia:

Às vezes, têm deles que é fraco. Começa a se apegar às amantes. Às vezes, até deixa a mulher por a amante. [...] Tem homem que é muito forte. Sabe lidar com duas, três mulheres. [...] Um exemplo, o Vicente (ex-marido), ele tá comigo, eu sou a mulher dele, aí aparece uma namorada dele, uma ficante. Aí ele começa a ficar com ela. [...] E de repente, ele se apegou a ela. Ele já vai ficar frio comigo e vai ficar mais com ela do que comigo. Aí aonde ele deixa a esposa por a amante. É isso que eu tô falando. Às vezes a amante, depende muito. Se for um cara fraco. Aí se for um cara de cabeça, nunca vai misturar as duas coisas. Ele vai sempre separar. Aqui é minha esposa, aqui é a amante. Nunca ele vai deixar a esposa por amante nenhuma do mundo. Porque ele sabe que a esposa é a fiel a ele. E a amante...

Nesse caso de disputa conjugal, apenas uma sai ganhando no entendimento de Livia. A esposa sai ganhando quando o homem é “forte”, mas quando o homem é “fraco” quem ganha é a amante:

Se for uma amante, só uma aventurinha que ele logo deixe ela e fique com a mulher dele, não deixe a mulher dele, se for uma coisa passageira. Ter ficado, uma ou duas vezes e pronto. A mulher dele sai ganhando, com certeza. Mas se for um caso, se for um caso mesmo com uma amante, a amante sai ganhando e a mulher que sai perdendo.

De todo modo, vale ressaltar que essas diferenças entre os homens no campo da infidelidade não anula a concepção generalizada sobre eles. É essa concepção genérica de que os homens são infiéis, apresentada acima, a responsável pela “cisma” das mulheres com relação aos maridos.

²⁸ Essa expressão “homem forte” também apareceu nos registros de pesquisa de Sarti (2007) quando ela refletiu sobre a relação entre homem e trabalho. Essa antropóloga mostra que o trabalho possui uma “dimensão moral” para os pobres e também para o homem. Segundo o argumento de Sarti (1997, p. 95): “na moral do homem, ser *homem forte para trabalhar* é condição necessária, mas não suficiente para a afirmação de sua virilidade. Um homem, para ser homem, precisa também de uma família. A categoria *pai de família* complementa a auto-imagem masculina. A moral do homem, que tem *força e disposição para trabalhar*, articula-se à moral do provedor, que *traz dinheiro para dentro de casa*, imbricando-se para definir a autoridade masculina e entrelaçando o sentido do trabalho à família”.

Nesse sentido, Fonseca (2004a) tem razão quando afirma que a “dúvida” advém de uma certeza. Ao estudar o fenômeno recente dos testes de DNA e suas implicações no debate sobre paternidade e parentesco, essa antropóloga percebe que essa “certeza técnica/biológica” não apenas tira as dúvidas quanto à paternidade biológica, mas impulsiona-as exageradamente. Com relação à análise aqui proposta sobre infidelidade, a certeza de que os homens são infiéis incita as dúvidas constantes que as mulheres têm ao longo do relacionamento conjugal. É a certeza e a dúvida que movem o pensamento cismado das mulheres que estamos conhecendo neste trabalho. Só que essa certeza não está respaldada em critérios científicos e tecnológicos como é o caso do DNA. Contudo, seu fundamento reside primordialmente na crença absoluta sobre os homens, que é aprendida pelas mulheres e acaba sendo validada em seus cotidianos conjugais quando estas buscam e/ou encontram algum registro da infidelidade de seus maridos.

Em linhas gerais, este capítulo mostrou como a desconfiança (cisma) é comum nos relacionamentos conjugais e que a cisma aparece marcada pela diferença de gênero. Os homens carregam o medo da infidelidade masculina e concebem-na como uma prática ilegítima. Por isso, as mulheres são constantemente desmoralizadas no campo da infidelidade tanto pela comunidade como pelos próprios cônjuges. Os homens costumam lembrar as mulheres que não devem ser infiéis através da prática da difamação, que funciona, nesse sentido, como um meio de controle sobre as mulheres para a preservação de sua honra masculina. Na primeira parte deste capítulo, mostrei como se desenvolve a violência dos homens contra as mulheres no âmbito conjugal em contexto de cisma. Enfatizei que a “esculhambação” masculina promove a desvalorização da mulher no campo da sexualidade e da infidelidade, já que os homens visam manchar a reputação das próprias parceiras. Por outro lado, a cisma feminina fala da infidelidade masculina como uma “certeza”. As mulheres aprendem que essa experiência é inevitável em suas vidas, principalmente porque a infidelidade masculina tem um estatuto de legitimidade em nosso meio social. Nesse sentido, as cismas masculina e feminina produzem de formas distintas estratégias de controle, conflitos e violências no âmbito da conjugalidade.

Como o foco deste trabalho é a experiência de esposas com relação à infidelidade masculina, descrevo no próximo capítulo os mecanismos de controle das mulheres em contexto de cisma e ciúmes.

3 CISMA FEMININA: UMA NARRATIVA SOBRE A ESPERTEZA E CIÚMES NO CAMPO DA INFIDELIDADE

Mulher é um bicho danado! Quando bota uma coisa assim, desse tipo na cabeça... (Lívia, 36 anos).

Vários estudos se debruçaram sobre a extrema associação entre controle e masculinidade. Pitt-Rivers (1968, 1989), Peristiany (1968) e outros estudiosos da área mediterrânea exploraram as construções da honra e da vergonha que perpassavam, necessariamente, pelo controle da sexualidade da mulher; Mariza Corrêa (1981, 1983) pesquisou os crimes da paixão e da honra no campo jurídico; Machado e Magalhães (1998) discutiram sobre a violência conjugal marcada, principalmente, pelo ciúme; Scott (1990) refletiu a respeito do controle masculino sobre a casa ao se debruçar sobre o homem no domínio doméstico. Também enfoquei alhures (AQUINO, 2008) essa prática de controle ao estudar a construção da honra masculina no contexto da infidelidade feminina, dada a relevância deste aspecto para entender as relações e as desigualdades de gênero em contexto de infidelidade. Foi nessa perspectiva que procurei refletir no capítulo anterior sobre o controle masculino em contexto de suspeitas sobre a fidelidade da esposa.

Sem desconsiderar as práticas de controle exercidas pelos homens, considero ainda pertinente focar no controle feminino e seus desdobramentos nos conflitos conjugais. Assim, nesse capítulo, direciono o olhar para o controle feminino no contexto da infidelidade masculina. O debate sobre o controle é relevante porque possibilita compreender o modo como as mulheres lidam com a infidelidade.

Como assinalei anteriormente, a crença generalizada na infidelidade masculina fundamenta a cisma das mulheres com relação aos homens. Duvidar da fidelidade masculina é uma prática aprendida pelas mulheres e que caracteriza o modo como se relacionam. O modo irreverente das mulheres falarem sobre os homens revela que tal prática independe de “provas” de infidelidade. Em vista disso, é possível perceber que o discurso e as brincadeiras das mulheres sobre a fidelidade dos homens revelam a cisma feminina em ação. Contudo, a cisma não está desprovida de referentes concretos, como sinais ou registros de infidelidade.

Neste capítulo, então, descrevo os mecanismos de controle usados pelas mulheres para diagnosticar as infidelidades dos cônjuges: procuram vestígios, seguem ou atocaiam seus

parceiros na intenção de confirmar suas suspeitas com relação aos maridos. Mostro que tais confirmações de infidelidade não interrompem a cisma das mulheres com relação aos homens, mas alimentam ainda mais o discurso reiterado da infidelidade masculina. De maneira geral, este capítulo mostra que a cisma corporifica uma experiência feminina no tocante à infidelidade masculina.

Reflito também neste capítulo sobre ciúmes. Concebo o ciúme como um sentimento de posse. Baseio-me em Foucault (1985) para definir o ciúme enquanto monopólio sexual e afetivo e dos usos dos prazeres. Ciúme e cisma são duas categorias diferentes, mas que estão relacionadas. Desenvolvo o argumento de que o ciúme tem dois elementos fundantes: a posse ou monopólio e a cisma. Não há ciúme sem cisma, pois, a cisma também alimenta o sentimento de posse sobre o parceiro.

Assim, mostro como o controle feminino, inscrito numa situação de cisma, aparece como uma forma de agência no campo da infidelidade masculina. Ao se posicionarem como cismadas, as mulheres mostram que não consentem facilmente com a infidelidade masculina que ocorre publicamente. A cisma se configura como uma forma de agência²⁹. Não se trata de uma deslegitimação da infidelidade masculina, mas de uma resistência (MOORE, 2000) e de uma indignação sobre o modo como os homens têm se comportado. Essa posição de cismada das mulheres lhe confere também poder na esfera da conjugalidade. Porém, isso não significa que elas tirem o poder dos homens. Geralmente, os homens não aceitam essa resistência feminina diante da infidelidade masculina para não perderem a posição de prestígio. Por isso, os conflitos e violências eclodem. Como nos lembra Moore (2000), o poder é sexualizado. Homens e mulheres vão usufruir, nesse contexto, de recompensas materiais e sociais de acordo com as posições de sujeitos que eles se situam nos discursos de gênero (MOORE, 2000). Por meio das estratégias de controle empreendidas pelas mulheres, os conflitos entre casais são inevitáveis, como veremos ao longo deste capítulo.

3.1 “Mulher é um bicho danado”

As mulheres demonstravam um rico conhecimento sobre relacionamento conjugal e sobre o próprio parceiro. Ficávamos horas a fio conversando sobre suas experiências conjugais. Elas expunham detalhes sobre o convívio com o outro no âmbito doméstico, contexto esse proporcionado pelo casamento. A esse respeito, uma de minhas interlocutoras, Lola, salienta

²⁹ Vale salientar que, a partir do momento em que o controle torna-se excessivo no relacionamento, a cisma deixa de ser entendida apenas como agência (entendida aqui como uma forma de resistência feminina diante da infidelidade masculina) e deve ser compreendida, sobretudo, como produtora de conflitos e/ou violências.

que o conhecimento feminino sobre o homem decorria da convivência doméstica e cotidiana. Tal interpretação foi corroborada pela afirmação de Laura que identificava a presença do marido em casa quando deixava os sapatos expostos, as panelas destampadas e o prato em cima da mesa. Elas relatavam que conheciam profundamente os gostos e a personalidade dos seus parceiros.

A imagem da mulher traída esperando sentada e despreocupada que o marido volte para casa não condiz com as experiências conjugais das mulheres que conheci ao longo do trabalho de campo. A etnografia realizada por Fonseca (2004b) a respeito das narrativas (histórias e piadas) contadas pelas mulheres traídas também traz outra representação do feminino nesse contexto de infidelidade masculina. Nas histórias escutadas por essa antropóloga, sobressai a valentia e não a passividade feminina. Essa não passividade das mulheres diante da infidelidade do marido predominou igualmente nas histórias que as mulheres me contaram. Fonseca (2004b) conversou com mulheres “valentes” e eu com mulheres “danadas” ou “cismadas”. Nesse sentido, a imagem do feminino, especificamente da esposa traída, é a da mulher cismada.

A imagem da mulher enganada, por ter sido traída, é paulatinamente desconstruída nos relatos. Elas geralmente diziam que estavam alertas e atentas ao comportamento do parceiro. Dessa forma, buscam romper com os rótulos de “besta” e de “burra” que lhes são atribuídos no bairro. Convém entender, então, o significado e o uso deste termo. Esse termo é usado geralmente para se referir às mulheres em dois momentos específicos: em primeiro lugar, quando elas não desconfiam que estão sendo traídas, mesmo naqueles momentos em que há evidências do comportamento infiel do marido; e em segundo, quando ela sabe que está sendo traída, mas não consegue “resolver” a situação, como “mudar” o marido ou se separar, caso não consiga fazer com que ele “deixe” a “outra”.

Ouvi pela primeira vez esse vocábulo de um homem que teceu um comentário a respeito da vizinha que passava na rua: “Pense, numa mulher besta! Nunca vi uma mulher tão besta como essa”! Imaginei primeiramente que se tratasse de mera antipatia pela vizinha, mas ao perguntar por que ele a considerava “besta”, o homem respondeu que o marido dela tinha um relacionamento fixo com outra mulher e ela não apenas sabia, como também aceitava essa situação conjugal, ao manter o relacionamento. Ele acrescentou ainda que o marido dela passou o ano novo na casa da outra enquanto a esposa ficou em casa com o filho. Essa vizinha foi classificada de “besta” porque “sofre” com um marido que não dá sinais que irá mudar, e, sobretudo, porque ele se relaciona há anos outra mulher. São justamente esses relacionamentos fixos do marido que geram uma rede de fofoca de censura na vizinhança e na rede de parentesco

sobre a esposa, tornando-a, assim, “falada”. Os comentários surgem porque predomina a crença de que a mulher não pode aceitar o esposo mantendo ao mesmo tempo um relacionamento fixo com duas mulheres.

Essa discussão sobre a cisma é importante porque nos ajuda a compreender a relação entre ciúme e infidelidade. No contexto da pesquisa, a cisma refere-se a um pensamento reiterado com relação à infidelidade masculina alimentado pelas mulheres. Por sua vez, essa ideia fixa é a responsável pelas cenas sucessivas de desconfianças das mulheres com relação a seus maridos. Vale lembrar que as cenas de desconfianças, que não se transformaram na descoberta da infidelidade do parceiro, não são consideradas aqui como inverdades, pelo contrário, o comportamento cismado das mulheres revela como a infidelidade é construída na dinâmica dos relacionamentos conjugais. Na realidade, a análise sobre a cisma contribui para entender a própria prática do controle que caracteriza o ciúme, tendo em vista que as mulheres relataram situações que seguiram e atocaiaram os maridos. Sendo assim, descrevo e analiso, em seguida, dois elementos característicos do ciúme nesse contexto da infidelidade masculina: a cisma e a posse. São esses dois aspectos que nos ajudam a entender a relação da mulher com o controle.

3.2.1 Desconfianças

A desconfiança das mulheres com relação aos maridos aumenta quando dois eventos referentes ao âmbito da conjugalidade começam a aparecer: ausência de relação sexual e o descumprimento do papel de provedor da casa por parte do marido. As mudanças no campo da sexualidade e no domínio doméstico não apenas retroalimentam as dúvidas, como essas instâncias são vistas principalmente como meios de aferição da infidelidade conjugal.

3.2.1.1 Relação sexual

Leila relatou que sempre esteve a par das infidelidades do marido. Escutava constantemente dele a seguinte frase: “Eu arrumei uma mulher melhor do que tu”. Por isso, ela se admira das mulheres que não conseguem perceber se o marido está sendo infiel. Em sua opinião:

[...] Têm vários modos da pessoa saber. Só se a pessoa for trouxa. [...] Tem homem que você dorme assim, ele dorme assim, ele não chega nem a tocar perto de você. Quando você toca nele, ele fica se afastando. [...] Só se a mulher for besta e não saber que o homem tá traindo ela. [...] Só se a mulher for besta, tapada, não perceber.

A ausência de sexo entre o casal é um dos elementos que desencadeia a desconfiança da mulher com relação ao marido. A dúvida é constante: será que ele tem outra? Letícia falou que seu ex-marido deixou de manter relações sexuais depois que começou a se relacionar seriamente com a mulher que hoje é esposa dele; ela inclusive chegou a se queixar da falta de sexo no relacionamento. Após a “cobrança” da esposa, ocorreu a relação sexual, no entanto, Letícia sentiu que o marido transou por mera obrigação, em virtude de seu papel de esposo e pelo fato de ser “homem”.

De modo semelhante, Laura também percebeu que o marido estava “mudado” pela falta de sexo no relacionamento. Primeiramente, ela notou que o marido estava chegando tarde em casa depois que saía do trabalho. Ela contou os detalhes: “Teve uma sexta-feira que ele ficou bebendo lá. Veio chegar tarde. Eu disse: Você tá chegando tarde por quê? Cadê os meninos? Não, os meninos vieram é que eu larguei tarde”. Ela reclamava do marido quando ele simplesmente dormia e não manifestava desejo de ter relações sexuais. Ela se chateava. Por esse motivo, Laura começou a desconfiar que ele estava com outra mulher. Perguntou a ele. Ele disse que não. Mesmo assim, ela o questionou: “Por que tu tá tão diferente comigo”?

Laura chegou a procurar uma ginecologista para averiguar se estava com algum “problema” e aproveitou o ensejo para pedir conselhos. A médica descartou essa hipótese e sugeriu que o marido fosse também ao consultório. O marido recusou ir à clínica e ficou bravo com a esposa: “Você tá dizendo ao pessoal aí que eu não faço mais nada”? Ela respondeu: “Não, eu fui conversar com a médica”. Ele prosseguiu: “Eu chego cansado. Eu fico respirando doze horas por dia, colas (ele trabalhava em barco). E você quer que eu...”. Ela rebateu: “Eu não trabalho e eu não chego normal”! Ele retrucou: “Você não trabalha com química não, e eu trabalho”.

Seguiu a orientação da médica de inovar no ato sexual. O comportamento da esposa gerou desconfianças no marido: “Tá virando prostituta, é”? ou “tu tá com outro cara? Tu tá se encontrando com alguém por aí”? Ela respondeu: “Tem hora que a gente tem que ser, né!” e negou as suspeitas de infidelidade do marido. Mas, revelou-me em seguida que chegou a trair o marido³⁰. Laura ainda perguntou ao amante: “Eu sou ruim de cama”? Ele disse: “Não, de

³⁰ Laura não deixou claro quando começou a trair o marido. Em outro momento, ela disse que esse relacionamento estabelecido fora do casamento era recente. Além disso, deu duas informações distintas a respeito do rapaz com quem estava se relacionando. Certa vez, afirmou que traiu o marido exatamente com seu atual namorado, um homem casado, e em outra conversa, disse que não se tratava do mesmo rapaz. Em todos os episódios em que as mulheres declararam ter sido infiéis aos maridos foram marcados, pelo menos em algum trecho da fala, pela inquietude e preocupação. Elas não se mostravam à vontade para falar sobre esse assunto se comparado ao modo aberto como falavam da infidelidade dos maridos. Convém destacar também que essas contradições nos discursos referentes à infidelidade estão relacionadas às precauções que a mulher toma quando é infiel ao marido e ao próprio

jeito nenhum. Por que você me fez essa pergunta? Por que o relacionamento com teu marido tá frio”? Laura finalmente se convenceu de que não estava com problema sexual. Acrescentou o caso de uma amiga que passara pela mesma experiência com o marido, chegando inclusive a fazer tratamento por achar que estava também com algum “problema”. Laura informou que a amiga descobriu depois que o marido estava com outra mulher, enquanto isso ela ainda estava desconfiada da infidelidade do ex-marido durante esse período conjugal. Finalmente, Laura enfatizou que os maridos “mudam” no campo sexual com as esposas quando tem “outra”: “[...] Ficam piores. São melhores para a amante. Pra amante, oxe (estala os dedos). Mas, pra de casa! Pra de casa, fica uma coisa que você acha que é você. Que o problema é seu! Feito eu lhe contei, eu achava que o problema era meu”.

Há casos em que os maridos não escondem que têm outra. Lívia revelou que já encontrou camisinha nos pertences do ex-marido do primeiro casamento. A propósito, ele sempre comentava publicamente que ficara com outras mulheres e dizia no meio da rua que tinha ido ao cabaré. Igualmente, Lola também sabia que o marido levava mulheres para os quartos de aluguel, que eram propriedade do casal, e mesmo nas situações em que ela o via com outra, o marido negava a infidelidade. Porém, Lola narra uma cena em que ele confessa o relacionamento que manteve durante anos com uma vizinha. Nesse período, ela tinha pouco mais de trezentos quilos e passava seus dias praticamente em cima de uma cama porque tinha dificuldades para se locomover. Nesse dia, ela estava com as crises provocadas pela doença chamada de erisipela. Lola ressaltou que se sentiu humilhada porque o marido disse que ia “gozar” com a outra. Este fato contribuiu na decisão de ir ao médico e de fazer a cirurgia de redução do estômago. Transcrevo partes desse episódio:

[...] Uma vez eu tava deitada aí na cama, morta de dor. A perna saindo água, embaixo dois lençóis pra poder conter a água, uma coisa de plástico, e eu deitada. [...] Ele chegou, bateu assim na minha perna. (Ela bate na cadeira de ferro para ilustrar a cena). Nove horas da noite. [...] Ela: Que é? Ele: Fica aí visse! Mesmo assim, ele bom (sóbrio). [...] Ela: e pra onde eu vou sair? [...] Como é que eu vou sair? Ele: Fique aí, que agora mesmo eu vou gozar bem muito com Neuma. E tu fica aí, otária. Menina, eu olhei assim pra ele. Eu disse: se eu tivesse agora um revólver, eu dava um tiro na cara desse peste. Eu pensei! Esse menino (neto) tá aqui, eu ainda tenho que criar ele. Aí as lágrimas aqui ó, foram caindo. [...] Ela: Faça bom proveito, seus dias virão. Sua vaca gorda vai ficar magra. Ele: Tá me rogando praga? Ela: Eu não. Só tô dizendo isso. Eu digo: isso não é um homem não, é um monstro! Foi no dia que eu botei na minha mente que eu não devia querer ele. Mais nunca.

As cismas das mulheres apontam para momentos de tensões e de conflitos entre os cônjuges. A falta de sexo e de comprometimento do marido com os custeios da unidade doméstica alimentam as dúvidas das esposas e em algumas situações elas comprovam a infidelidade dos cônjuges. Se o marido não está gastando o dinheiro em casa, deve estar gastando com outra mulher. É dessa forma que o olhar aguçado da esposa volta-se para o comportamento do marido.

3.1.1.2 Proveniente do domínio doméstico

Além do quesito sexual, as mulheres percebiam que estavam sendo traídas quando o marido deixava de cumprir o papel de provedor da casa. Letícia relatou que o ex-marido ficou “piranguero” depois que começou a se relacionar com a mulher, hoje atual esposa dele. No início do relacionamento, ele “não deixava faltar as coisas”, lembra a interlocutora. Mas depois começou a esconder o contracheque para ela não ter conhecimento do valor recebido, escondia o dinheiro e sempre dava “desculpas”, que estava devendo, para não assumir os compromissos financeiros relativos aos filhos e às despesas da casa. Ela sempre conversava com ele sobre esse assunto: “O que tá acontecendo com seu dinheiro? Cadê seu salário”? Ele respondia: “Segura a barra aí que para o mês eu te dou. [...] Ia me embromando”. Letícia ressaltou que os últimos anos que passou ao lado do ex-marido, precisou arcar com essa responsabilidade financeira, embora já trabalhasse fora de casa.

Já Leila declarou que seus filhos teriam passado fome se dependessem do pai. Por outro lado, ela ressalta seu empenho materno: “Eu sofria o pão que o diabo amassou. Aí pra não ver os meus filhos passar fome, eu jogava baralho. Eu botei um bingo na minha casa pra sustentar meus filhos”. Ele trabalhava como “cambista” e viajava com frequência para o estado da Bahia. Nesse contexto, seu marido precisou se ausentar, porém, ficou anos sem manter contato com a esposa e os filhos. Durante esse período, ele manteve uma relação extraconjugal e passou a descumprir o papel de provedor da casa. Atualmente, o ex-marido mantém uma relação conjugal com outra mulher. Leila fica inconformada com a atitude dele: “E agora tudo que ele compra pra essa bicha safada aí, ele vem dizer a minhas meninas (filhas). E não é deboche! [...] Quando tava dentro de casa, não tinha coragem de comprar uma cabeça de alho. Quando ele saiu (quando se separou), ele deixou essa casa caindo”.

De maneira similar, Livia narrou suas dificuldades para “criar” os três filhos. O ex-marido do primeiro casamento praticamente gastava o dinheiro que ganhava com bebidas, mulheres e drogas. Enfatizou que já vendeu balas nos semáforos das ruas de São Paulo e durante

um tempo obteve dinheiro através da venda de materiais recicláveis que adquiria “puxando” a carroça com ajuda do filho mais velho. Salientou que o ex-marido não se importava com o custeio da casa, nem com os filhos e que preferia gastar o pouco dinheiro que tinha com as amantes.

Já Lola informou que sempre manteve a casa financeiramente. Lola dizia com “orgulho” que não dependia financeiramente de “homem” para viver. “Criou” a filha, “cria” um neto e ajuda a cuidar de outro, enquanto, o falecido marido nunca assumiu essa responsabilidade financeira. Ela enfatizou que chegou a pagar cursos técnicos (marcenaria e outros) e ainda deu dois carros para o marido com o propósito de fazer com que ele “crescesse” na vida. Ao invés disso, ele não aproveitou a oportunidade concedida pela esposa. Realçou que ele gastava o dinheiro com mulheres e bebidas, inclusive chegou a ser roubado por algumas delas.

Já Laura deduziu que estava sendo traída, especialmente nas suas duas relações conjugais, porque os ex-maridos do primeiro e do segundo casamento se desobrigavam de custear os gastos relativos ao domínio doméstico. Ela entrou em detalhes sobre a “mudança” do ex-marido do segundo casamento: “Ele arrumou uma mulher no trabalho e já começou a me maltratar, já começou a ficar diferente, não dava as coisas a mim, não dava as coisas mais a meu filho (provindo de uma relação anterior de Laura com um homem casado). Se não fosse minha sogra e minhas cunhadas eu tinha passado necessidade”. Ela contou aos prantos que ele fez uma viagem com a amante enquanto “não tinha nada” dentro de casa e só “tinha comida” porque a sogra “ajudava”.

Ela vivenciou uma experiência análoga em seu primeiro casamento. Laura narra como “descobriu” o envolvimento do marido com uma colega de trabalho dele. Ela já tinha flagrado o marido com ela numa rua do centro do Recife e contou como viu os dois novamente na ocasião em que foi “atrás dele” em seu ambiente de trabalho para cobrar sua responsabilidade de esposo e pai. Ela detalha: “Aí peguei, aperriei e fui atrás dele. Deixei todo mundo em casa dormindo, me acordei 04h30min da manhã para pegar o primeiro carro pra sair”. Contou que “descobriu” o local da empresa de ônibus onde o marido trabalhava como repositor do almoxarifado e realçou sua ação destemida para chegar ao referido local, cujo caminho é considerado extremamente “esquisito” por ser deserto e perigoso, além de ser distante de sua casa. Ao chegar ao local de trabalho do marido, perguntou na recepção se ele tinha trabalhado os quatro dias de carnaval. O recepcionista não teve como confirmar a suspeita da esposa porque tinha acabado de ser admitido naquele emprego. Os colegas de Fernando reconheceram Laura e comentaram: “Essa é a esposa de Fernando. Fernando se ferrou”. Os amigos do marido disseram isso também

porque a firma não permitia o envolvimento entre funcionários, tanto que Laura contou que demitiram a amante e não ele. Ela narra o momento da chegada do marido ao trabalho ao lado da amante: “Quando eu me afasto, que eu vou pra pista, que eu me viro, vem ele com ela. [...] Ele não deixou a feira da menina, não deixou nada. Quatro dias de carnaval fora de casa. Eu olhei assim. Que ele me viu, quis soltar a mão. Agora não adianta, não! Aí os meninos ficaram tudo olhando pra mim”.

A cena³¹ despertou a atenção nos colegas de trabalho do marido de Laura. O gerente, que também percebeu o conflito entre o casal, perguntou a um dos funcionários: “Quem é aquela que tá tão nervosa”? Ele respondeu: “É a esposa dele. Veio aqui tomar satisfação porque faz quatro dias que não vai em casa”. O gerente ainda chegou a chamar Laura para conversar, mas ela se negou. Os colegas de Fernando, que conheciam Laura, pediram ao patrão que a deixassem de lado porque ela não demoraria a se acalmar. O patrão pediu para outro funcionário chamar Fernando para conversar sobre o assunto. O marido reclamou com a esposa do risco de perder o emprego por causa dela. Ela retorquiu dizendo que tinha sido ele que não estava cumprindo com suas responsabilidades conjugais.

Ele: Tá vendo! Você vai me fazer perder o emprego!

Ela: Eu não. Você tá se fazendo perder o emprego porque você passou quatro dias fora de casa, sem dar satisfação, sem levar o leite da menina. Final de mês, quatro dias de carnaval. Quatro dias de carnaval, sabendo que eu tô de folga, os quatro dias de carnaval. E você tá de folga e tá no meio do mundo. E você não me diga que tá trabalhando não, que é mentira sua! Feito você ligou pra minha irmã dizendo que ia trabalhar os quatro dias de carnaval. Minha irmã é besta, agora eu nem sou besta, nem sou otária, nem sou palhaça sua.

Retomo, neste momento, o trabalho de Scott (1990) sobre o homem no domínio doméstico para refletir sobre o comportamento da mulher no contexto da infidelidade do marido. Este autor analisa como se constroem as reputações masculina e feminina a partir do domínio doméstico. Scott (1990) fornece pistas de como as fases do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico e a casa são vivenciadas diferentemente por homens e mulheres. Por um lado, Scott (1990) salienta que é preciso estudar o homem no domínio doméstico, já que o mesmo também lida constantemente com a esfera da casa. Segundo esse autor, a reputação masculina implica em manter a mulher sob controle, o que simboliza também o controle sobre a casa. Em Nova Guanabara, o homem que não consegue manter a mulher sob vigilância é classificado de “corno” e desonrado socialmente (AQUINO, 2008). Por outro lado, Scott (1990) aponta também que a identidade feminina é construída na e pela esfera da casa; espera-se que

³¹ Esta cena é marcada pelo escândalo envolvendo a infidelidade conjugal do marido. A abordagem a respeito do escândalo é desenvolvida especialmente no quarto capítulo.

a mulher esteja controlando ativamente a administração da casa, uma vez que sua reputação está ancorada no exercício da domesticidade e na sua sexualidade.

O trabalho de Scott (1990) inspira a pensar que o comportamento das mulheres diante da infidelidade do marido significa não apenas o controle sobre ele, mas sobre o próprio relacionamento que nos remete diretamente a instância da casa. Ao perceber que a casa não está sob controle, as mulheres “vão atrás” de seus maridos e lhes cobram seus deveres conjugais de marido e pai, nem que para isso precisem armar uma tocaia para pegá-los em flagra, inclusive elas tentam paralelamente controlar as amantes. Não é por acaso que as mulheres tecem uma narrativa da esperteza feminina diante da infidelidade do marido. A busca é, literalmente, de botar a casa em ordem.

3.2 Mecanismos de controle feminino

Compreendo que o controle é também uma dimensão feminina. No campo da infidelidade conjugal, desenvolve-se práticas específicas de controle que estão ligadas à cisma, a exemplo de: “mexer” nos pertences do marido, “seguir” e “atocaiar”.

3.2.1 “Mexer” nos pertences do marido

As mulheres aumentam a cisma com relação aos maridos quando encontram algum vestígio de infidelidade. É costume das mulheres “mexerem nos pertences dos maridos” para ter um controle maior sobre eles e sobre o relacionamento conjugal. “Olhar” a bolsa e a carteira do marido é uma prática comum e naturalizada no cotidiano conjugal. Lembro de Leila contando com um tom de indignação: “até retrato da rapariga (da Bahia), ele trouxe pra dentro de casa”! Livia informou que seu ex-marido do primeiro casamento “chegava [em casa] com chupada, camisinha no bolso e pouco dinheiro”. E Letícia destacou que achou “várias vezes camisinha na bolsa dele”. Letícia “achava” vários presentes que o marido ganhava da outra, como: rádio, perfume, CD’s, roupa, dentre outros. O mais difícil para Letícia era ver que o marido “trazia para casa” os presentes da outra. Essa interlocutora expôs sua opinião sobre o comportamento do marido e como se sentia: “Isso também eu achava ridículo. Muita humilhação”. Ela ficava sem entender por que o parceiro não escondia os presentes da amante já que sabia como ela era. Ela revelou que tinha o costume de sempre “olhar” a bolsa do marido:

Ainda traz o que ela te dá! Tu ainda traz pra dentro de casa! [...] Ele parece que não tinha juízo não, menina! Qual era o dele? Eu ganhei, não vou levar lá pra casa não, porque eu sei como Letícia é, né! Se ela achar, ela vai arrebentar e vai me arrebentar também. Mas não, trazia, deixava na bolsa dele. E ele sabia que eu olhava a bolsa dele todinha. Quando ele chegava do trabalho, eu catava

a bolsa dele todinha. Eu procurava tudo na bolsa dele, tudo. O que eu achasse diferente, eu já quebrava, jogava fora. Quando ele chegava, ele não encontrava mais nada na bolsa.

Letícia narrou outra cena em que “descobriu” a infidelidade do marido ao mexer na bolsa dele e encontrou a calça dele repleta de marcas de batom. Suas suspeitas começaram quando ele disse que ia a uma festa de quinze anos que ocorreria no quartel: “posso ir pra essa festa de quinze anos? Ele falou: pode não porque só vai a gente do quartel. Ninguém vai levar mulher. Mas assim que terminar a festa eu venho mimbora. Eu fiz: Tá certo”. A esposa passou a farda e uma calça branca para o marido usar neste dia. No outro dia:

Ele chegou com essa calça branca, daqui do coes até aqui cheia de marca de batom, tanto na frente como por trás. Feito que a pessoa tivesse beijado ele todinho. Cheia de boca. Aí que eu tô mexendo, mexendo na bolsa, que eu puxo, eu vi. Meu deus, o que é isso! Menina, meu coração começou a bater! Eu ficava logo nervosa. Não acredito numa coisa dessa, não! Que nojento! [...] Ó pra aí! Foi pra festa de quinze anos e ainda trouxe a calça cheia de batom. Eu peguei essa calça, toquei fogo. [...] Aí quando ele chegou que foi arrumar a bolsa, procurar a calça, não tava. Ele perguntou. Aí eu disse: Tu queria o quê? Eu fui pegar tua calça, abrir tua bolsa, tu sabe que eu olho. Quando eu peguei a calça, a calça cheia de marca de batom! Porque tu ficou com alguém lá, né? Não, foi as meninas, as meninas que tava dançando a valsa. E tu deixou elas fazer isso em tu, foi? E tu deixou?

Passados alguns dias, Letícia novamente “mexe na bolsa” do marido e encontra um bilhete escrito e assinado em nome de Paula: “Dizendo assim que gostou muito dele, que tinha conhecido ele na festa de fulana, na festa de quinze anos e que tinha gostado muito dele. Que gostaria muito de se encontrar com ele de novo e deixou o número de telefone dela no papel dele”. Foi nesse contexto que Letícia “descobriu” quem tinha ficado com seu marido no dia que ele chegou com a calça marcada de batom. Essas situações, como a da marca do batom e do próprio bilhete, causam inquietação e cisma nas mulheres. Letícia, por exemplo, não se contentou apenas com esses registros como prova da infidelidade do cônjuge, tanto que ela me disse: “Aí eu fiquei martelando assim. Meu deus! Foi essa menina então que ele ficou na festa, né”? Ela contou a situação para uma amiga que sugeriu um teste para pegar o marido na mentira. A amiga propõe: “Liga pro quartel, diz que quer falar com ele e eu imito uma voz diferente. Eu acho que ele não vai perceber assim, porque ele conhece ela há pouco tempo, ele não vai se ligar na voz. Eu: Tu acha que dá certo? Ela: Dá”. Acompanhemos a cena:

Aí lá vai eu com ela pro orelhão. A gente liga, ele atende né. [...] Vou chamar soldado João. [...] Aí ele atende. Ela fala: Oi meu amor, a voz bem assim de patricinha. É Paula, meu amor. E aí gostasse daquele dia? E ele puxando o assunto, né! A gente queria descobrir se essa pessoa, essa menina era a que ficou com ele. Finalmente a gente descobriu por isso aí, por esse telefonema. Ele: Gostei, foi maravilhoso. Aí ela: Eu queria te ver de novo. A gente pode

marcar em tal canto amanhã? E ele topou, menina! Posso. Menina, quando ela fez assim (gesto de positivo), pro meu lado... minha amiga fez (sinal de positivo). Menina, eu não aguentei ele dizer mais nada. Tomei o orelhão e fiz: Bicho safado! Nojento! Tu tá pensando o quê? Isso é uma amiga minha que eu pedi pra ela ligar pra tu, idiota! E se passando por essa galinha que tu ficou com ela. Eu falando no telefone isso pra ele, né. E ele: Tu é doida! Tu é doida! Aí pegou e desligou o telefone na minha cara. Mas pra você vê, ele caiu feito um patinho. [...]

Essa cena e a narrativa sobre a cisma das mulheres trazem dois aspectos que precisam ser destacados: de um lado, o discurso e o comportamento dos homens, cujo objetivo é, na perspectiva delas, mentir, iludir e enganar as mulheres. Do outro lado, a fala e o comportamento das esposas revelam seu ar de desconfiança com relação aos maridos e uma busca de mostrar ao marido que *sabe* que ela está sendo traída e que é uma mulher de “sangue quente”. Não é por acaso que Letícia inverte os papéis da mulher enganada e do homem enganador. Ao se mostrar inconformada com o comportamento do marido, ela simula uma cena juntamente com a amiga com o propósito de mostrar, em primeiro lugar, que tem conhecimento das suas aventuras extraconjugais e, em segundo, que ele, assim como os outros homens não são habilidosos no quesito traição. O teste usado por ela revela o contrário: o marido “caiu feito um patinho” na conversa da amiga de Letícia que se glorifica depois: “Tá vendo Letícia, como é que pega”! Igualmente, Letícia manifestou sua destreza ao marido ao revelar que tinha pedido a amiga para se passar pela Paula, mulher com quem ele tinha dançado a valsa. Letícia demonstrou, portanto, que não confiou no marido desde o início, mais precisamente quando disse que as esposas não iriam para esta festa. Na realidade, a cena mostra o inverso, o marido sendo enganado pela esposa, pois acreditou na mentira e na armadilha montada por duas mulheres. Quem se passou por “idiota” na visão de Letícia, foi o marido. Assim, ela conclui seu raciocínio: “Num instante, a gente descobriu que ele ficou com ela mesmo. Que foi essa menina”. Assim, as mulheres mostram que dificilmente se iludem nas “conversas” dos maridos ao provar no cotidiano conjugal serem esposas precavidas. Essa maneira de demonstrar ao marido que “descobriu” a sua traição e sua mentira é para diminuir a desqualificação propiciada pelo próprio marido infiel.

Além disso, o controle feminino precisa ser olhado no contexto das desigualdades de gênero. Até onde vai o controle da esposa sobre o marido infiel? É preciso olhar para as relações conjugais e observar como o controle se desenrola nesse contexto. Como os homens reagem ao controle feminino?

Introduzo essa discussão com o caso de Laura que também costumava “mexer” na bolsa do marido. Certa vez, ela estava “cismada” e resolveu, como de costume, “olhar” a carteira do

marido do segundo casamento. Ela vistoriava a carteira dele quando o mesmo estava bêbado para não provocar suspeitas. Dessa forma, encontrou dois bilhetes que davam direito a um “piquenique”, uma viagem. Laura ainda pensou que se tratasse de uma surpresa que o marido iria lhe fazer: um passeio para o casal. Mas, o marido pediu que a esposa o acordasse de manhã cedo porque iria sair. Imediatamente, Laura revelou que já estava sabendo que ele iria a um piquenique. O marido irritou-se porque ela “mexeu” nas suas coisas. Ela explicou que o contato com a carteira ocorreu em razão dele ter deixado os bilhetes caírem, ela simplesmente pegou-os e colocou-os de volta. O marido disse tratar-se de um convite para um colega; ela retrucou e exclamou: “Colega? Quer dizer que agora tu tá pagando piquenique pra colega!”. Laura sabia que ele faria uma viagem acompanhado da amante. Ele começou a gritar e a esposa começou a chorar porque percebeu que ele “queria dar” nela, chegando a jogá-la em cima da cama; foi aí que a mãe dele chegou, chamou-a para a casa dela, que se localizava à frente da residência do casal, e disse para ela deixar o filho dormir.

Esse exemplo aponta que, em alguns contextos, o controle feminino vai até onde o parceiro permite. O controle feminino pode esbarrar no controle masculino, na medida em que pode representar uma ameaça de “posição, de controle e de poder” dos homens (MOORE, 2000) no âmbito conjugal. Aceitar tacitamente o controle da esposa significaria para esse marido, ou para qualquer outro, não usufruir do que o “discurso dominante de gênero” lhe beneficia: “o direito e a capacidade de ter relações extraconjugais como parte da definição da masculinidade como ativa e agressiva, e hierarquicamente definida em relação à feminilidade” (MOORE, 2000, p. 42).

Mesmo diante do controle violento do marido, as mulheres cismadas parecem não se intimidar com o controle dos homens no contexto da infidelidade. Tanto que as esposas exercem outras práticas de controle no âmbito da conjugalidade.

3.2.2 “Chegou a polícia”! Mantendo o marido sob controle?

“Seguir” o marido é uma prática corriqueira no âmbito conjugal. As mulheres falavam abertamente sobre esse assunto simplesmente porque toda esposa pode ou deve agir assim. Saber o que o marido faz e onde ele se encontra é considerado um “direito” de esposa. Por isso, a prática de “ir atrás” dele é considerada legítima, tanto entre elas quanto na localidade onde moram. Descrevo e analiso agora as sutilezas dessa prática conjugal desempenhada pelas mulheres.

As mulheres geralmente tinham algo a dizer a respeito da demora dos maridos em voltar para casa. Elas inquiriam se os maridos demorassem no trabalho ou se saíssem sem elas, preferencialmente, para festas ou bares. Esse é o principal fator que gera a desconfiança das esposas sobre os maridos. Observei várias vezes Lia ligando para o marido com a finalidade de saber por que ele ainda não tinha chegado ao lar já que o expediente de trabalho terminara. Helena caracteriza esse padrão de comportamento das mulheres de forma crítica ao dizer que se elas pudessem inseririam um “chip” no marido. Essa metáfora sobre o “chip” ilustra claramente o controle conjugal exercido cotidianamente pelas mulheres. Esse cotidiano é marcado pelo olhar observador da mulher com relação à rotina do marido. O discurso de Livia assinala com veemência esse comportamento da mulher casada:

Então, eu monitorava os horários. Claro, né! Toda mulher faz isso. E ele (ex-marido do segundo casamento) chegava nos horários certinho. Quando ele saía era comigo. Pra qualquer canto, nós ia. Ele ia pro rio, eu ia junto. Ele ia pra praça, eu ia junto. Ele ia pra uma festa, eu ia junto. Nós ia jantar fora, nós ia junto. Tudo que ele fazia, ele me incluía. Era eu primeiro. Primeiramente eu, depois ele. Ele me botava primeiramente.

Livia acrescentou que no início do relacionamento com o segundo marido não perguntava se ele estava com outra mulher porque “ele era do trabalho para casa”, entretanto, apesar dele não dar “motivo” para suspeitas, ela permanecia atenta ao comportamento do esposo. Com o passar do tempo, esse casal rompeu o relacionamento conjugal, mas passou a se encontrar esporadicamente. Por não conviver na mesma casa, Livia não tinha como acompanhar da mesma forma o dia a dia do parceiro e decidiu perguntar se ele estava se encontrando com outra mulher e o marido respondeu afirmativamente. Por essa razão, ela preferiu evitar cobranças, mas garantiu que se eles voltarem a morar juntos continuará agindo como antes.

Exponho agora algumas situações conjugais marcadas pelas desconfianças das mulheres com relação aos maridos ou pela descoberta da infidelidade deles. Laura notou uma diferença nos hábitos do marido do primeiro casamento: “Fiquei muito desconfiada. Uma vez o amigo (de trabalho) dele veio e ele não veio”. Laura esperava-o sair do trabalho porque estava querendo sair para tomar cerveja. Perguntou ao amigo que passou em frente à sua casa: “Oxe Daniel, cadê Fernando? Não! Larguei mais cedo. Fernando ficou no estoque. Eu disse: Fernando ficou no estoque? Ficou. Eu disse: Tá bom”. Laura continuou aguardando o retorno do marido: “Fiquei esperando (estalou os dedos). Eu fiquei de frente de casa esperando [...] Aí deu 10, deu 11 e nada”. Como o marido não retornava do trabalho, Laura decidiu ir à praça do seu bairro e surpreendeu-se ao vê-lo com uma turma. O colega de turma avisou ao marido de Laura: “Ó quem tá ali na esquina”! Essa reação do colega dele apenas alimentou as suspeitas

dela: “Eu tive impressão que ele vinha pegado na mão de alguém. Porque os meninos disseram: Ó quem tá ali! E ele sair bem rápido de perto da turma, alguma coisa tava havendo né”!

Transcrevo abaixo o diálogo entre o casal marcado pelo tom investigativo da esposa que não esconde a dúvida sobre o parceiro:

Ele: Tchau. Tchau. Tchau gente. Tchau.
 Ela: Tchau? A turma vai pra onde?
 Ele: Vai ali tomar uma.
 Ela: Oxe, eu desci pra ir tomar uma. Foi bom até eu te encontrar.
 Ele: Não, vamos tomar uma ali! Deixa que a turma vai beber até de noite.
 Ela: Por que tu não quer ir com a turma beber?
 Ele: Não sei, a turma vai querer que eu fique até de manhã e amanhã eu vou jogar.
 Ela: É! Tá bom! Bora ali pra barraca comer um hambúrguer, tomar uma lá. Comecei a conversar. Aí, de repente...
 Ele: Peraí que eu vou ali.
 Ela: Você vai ali, aonde? Tu não queria tomar cerveja aqui, longe dos meninos, como é que tu vai ali falar com os meninos?
 Ele: Não, não vou falar com os meninos, não. Eu vou ali.
 Ela: Ali, aonde? Esse ali não tem nome, não!
 Ele: Deixe de besteira, deixe!
 Ela: Menino, tu táis pensando o quê? Tá me tirando como otária, é! Eu sei que tu vinha pegado na mão de alguém ali.
 Ele: Oxe, táis vendo coisa demais!
 Ela: Eu tô vendo o que os meus olhos vê e o que o meu coração me diz. Espero que não seja verdade.

Esse diálogo revela uma situação conjugal em que Laura e as demais mulheres veem-se enredadas pela dúvida sobre o parceiro. No tocante a esse assunto, a escrita literária, a exemplo da obra de Machado de Assis (1998), aborda as suspeitas da personagem Bentinho sobre sua esposa Capitu, e os trabalhos antropológicos (AQUINO, 2008; FONSECA, 2004a, 2004b; PITT-RIVERS, 1968) enfatizam as dúvidas e a honra masculina e pouco exploram as dúvidas que as mulheres carregam no contexto da infidelidade. Com exceção de Fonseca (2004b) que reflete sobre a “mulher valente” no campo da infidelidade, embora também não aprofunde o debate sobre as dúvidas femininas no contexto (extra)conjugal.

As mulheres insistem e querem saber, de fato, onde é esse “ali”. Quando eles não dizem, elas buscam alternativas, dentre elas, “ir atrás” dos parceiros. E se o marido chegar a informar para onde vai, Laura, por exemplo, preferia confirmar se o ex-marido do segundo casamento estava realmente falando a verdade: “Vai pra onde? Pra tal canto. Pois daqui a pouco eu chego lá, pra saber se você tá lá. Ele: E eu sou menino, é! Ela: Depois eu vou lá. E não adianta tu se esconder não porque eu bato as sete filazinha e lhe acho. Batia mesmo e achava”. Ela conta de maneira engraçada como “achava” o ex-marido, mesmo não tendo certeza de seu paradeiro:

As meninas morriam de rir comigo. Às vezes, ele saía de casa, eu ficava em casa arrumando a casa. Eu chegava na casa do irmão dele: Cadê teu irmão? Teve aqui, mais saiu. Saiu pra onde? Que ele disse a mim que vinha pra cá, pra casa de tua mãe! Vai, teu irmão tá aonde? Entrou aqui, ficou aqui conversando com a gente, depois saiu. Saiu? Pois eu vou atrás dele, agorinha. As meninas: tu vai achar? Bora, tu vai comigo. Aí pegava uma das minhas cunhadas que gostava muito de andar comigo, a gente ia. Não andava muito não, mulher. Bora! Cheguei. Os meninos (colegas do marido) fazia: Chegou a polícia! (risos dela). Chegou a polícia, ainda mais farejadora, viu!

Nesta cena, a esposa rompe com as atribuições delegadas à mulher quando vai ao bar à procura do marido. Deixa em suspenso a imagem do homem controlador que dita todas as regras ao romper a imagem do marido usufruindo o espaço da “rua” enquanto a esposa deveria ficar em “casa” lhe esperando. Quando ocorre a transgressão, a mulher é associada à figura policial que exerce funções de fiscalização, vigilância e mando. O comportamento de Laura e das demais esposas rompem com a imagem estereotipada de passividade feminina. O trabalho de Fonseca (2004b, p. 140) sobre as relações “intranquilas” de gênero no plano afetivo-sexual aponta para a importância de “mostrar uma situação em que as mulheres detêm considerável poder”. Não é por acaso que essa pesquisadora se debruçou sobre a malandragem feminina que destoa das imagens normativas do feminino, como a da santa (mãe e esposa devotas à família e ao marido) e da piranha (mulher promíscua). Fonseca (2004b) mostra a partir de seus dados de campo que a mulher é “interesseira” e também “malandra”.

Laura buscou apenas reivindicar seu “direito” de esposa de sair ao lado do marido e, sobretudo, seu direito de sair, já que costumeiramente sair sem o companheiro ou companheira é mais aceito socialmente quando praticado pelos homens. Não é à toa que a sogra geralmente criticava-a, porque ela geralmente seguia o marido: “E meu filho agora virou prisioneiro de mulher!”. Laura geralmente contrariava seu argumento: “É, que eu não mandei ele casar”.

Laura não perde tempo para reforçar ainda mais a sagacidade feminina e as dificuldades do homem em conter o faro aguçado da esposa: “Meus namorados tudinho diziam: Menina, tu já tem o perfume da gente! Vou trocar de perfume. Não adianta não, meu amor! Seu cheiro... não vai adiantar não, tu vai usar dez mil perfumes, mas eu querendo, eu acho”.

Trago agora outra cena conjugal marcada também por uma narrativa sobre a astúcia feminina. Laura contou que o ex-marido do primeiro casamento saiu às escondidas para evitar que ela o encontrasse. No entanto, a sua capacidade de “achar” o marido, rompe mais uma vez o rótulo de que as mulheres podem ser facilmente “enganadas”, já que elas detêm um profundo conhecimento sobre seus parceiros conjugais.

Ele chegou meio bicado. [...] Tinha deixado ele no sofá, sentado assistindo televisão. Arrumei a casa e ele lá. Oxe, tá doente, não vai sair hoje! Aí ele: Eu

vou me deitar. [...] Fui arrumar o quarto [...] Cheguei na cama, jurando que ele tava deitado. Já que ele tá deitado, eu vou me deitar também. Ô Ludmila, Fernando não disse que ia dormir, se deitar? Entrou no quarto, botou a camisa nas costas e saiu. E foi? Peraí. Minha irmã: Tu vai pra onde? Agorinha, atrás. Ele não vai nem chegar a se sentar pra onde ele foi. Deixa ele. Deixa ele, não. Que ele disse a mim que ia passar o dia dentro de casa. Ele vai voltar e vai passar o dia dentro de casa. Pra nunca mais ele dizer as coisas a mim. Quando eu cheguei no bar, ele tinha acabado de chegar. Ele chegou por uma porta, eu cheguei pela outra. Aí os meninos (colegas): Vocês marcaram foi? Fernando, tu dissesse o que a mim? Que não ia sair de casa hoje. Aí quando eu dou as costas tu pega e sai, é! Não menina, porque eu vim aqui embaixo. Pronto, eu também vim aqui embaixo. Aí ele: vai, vai. Os meninos: Não tem jeito, não. [...] Quando você disser que vai ficar em casa, fique em casa. Fique em casa, viu bonito!

Laura revelou ainda que o ex-marido chegou em casa “arretado” com ela, provocando, por sua vez, risos na esposa e na irmã dela que também morava nesse período com o casal. Ela me falou que ficou ao lado do marido até ele voltar para casa. Quando eles chegaram ao domicílio, a irmã perguntou: “Tu achou ele aonde? Oxe! Aí ele: Quando eu cheguei na porta do bar, ela chegou na outra. Aí minha irmã: Meu deus do céu! Fica em casa, mulher! Eu ficar em casa! Fazendo o quê? Fico nada”. Ela enfatizou que “seguia” o marido principalmente quando estava “cismada”.

A prática de “ir atrás” do marido é corriqueira, mas as esposas também tomam precauções para evitar retaliações violentas do cônjuge. Letícia contou que algumas vezes em que foi buscar seu marido no bar chegou a ser agredida publicamente com puxões de cabelos e chutes nas pernas. Envergonhada, ela voltava para casa. Sobre essa questão, Laura ressalta que a mulher tem que “conhecer” o marido para “ir atrás” dele. Tanto que ela seguia mais o marido do primeiro casamento do que o do segundo. No primeiro casamento, ela ainda conseguia depois de “ir atrás” do marido, ficar nos bares com ele.

Mas como as mulheres conseguiam encontrar facilmente seus maridos? Além do conhecimento que detinha sobre os lugares que ele gostava de frequentar, as esposas também formam uma rede a partir da qual acessam informações sobre o paradeiro dos maridos, e em alguns casos, do comportamento dele fora das vistas da esposa. Essa rede feminina é formada por mulheres cujos maridos geralmente saem juntos ou são amigos. Funciona da seguinte forma: uma pergunta a outra se o marido dela já chegou. Muitas vezes, elas combinam de ir juntas “atrás” dos maridos. Laura acessava essa rede, mas também evitava. Ela argumentava que não tinha como prever a reação do marido da amiga, o que poderia gerar algum imprevisto. Por isso, ela preferia ir sozinha e esporadicamente ia com a irmã do marido.

De qualquer forma, percebi que as mulheres quando desconfiam tomam alguma providência. Lívia contou como passou a desconfiar do ex-marido do primeiro casamento com uma vizinha. O marido frequentava a casa de uma mulher que tinha um bar na vizinhança e Lívia passou a espiá-lo:

Aí lá no fundo tinha tipo uma garagem e ficava aquele monte de homem com essa mulher, e com outras mulheres, lá dentro. Eu não sabia o que eles faziam. E eu brechiava e não tinha como. Não dava pra ver nada pelos fundos. E eu ficava desconfiada deles dois. Só que eu não tinha certeza. E eu desconfiada. As brincadeiras. Ele pegava no peito dela. Batia na bunda.

Lívia passou a “reclamar” com o marido em virtude de seu comportamento e do comportamento dela que “aceitava” as brincadeiras dele. No início, não disse nada a vizinha, apenas conversou com o marido que prometia parar com as brincadeiras, mas elas continuavam. Ela enfatizou que essas brincadeiras também ocorriam em sua própria casa. A esposa dizia a ele: “Mas é uma coisa que eu não gosto que você fica pegando nos peitos dela. Se fosse um amigo seu que pegasse nos meus? [...] Pelo menos enquanto tiver na minha frente, me respeite”! E ele se defendia: “Eu e Raquel não existe nada, não”! A esposa soube depois através de uma vizinha que o marido estava, de fato, com Raquel. Lívia então decidiu dar uma surra na outra mulher.

Destarte, Lívia insistia em me dizer que “achava que tinha algo”. De maneira enfática, ela prosseguiu: “Ó, quando eu cismo com uma coisa, pode ir atrás que tem coisa! Parece que eu adivinho”. Essa narrativa de desconfiança mostra o olhar atento e a perspicácia da esposa no que diz respeito ao marido, à outra e ao próprio relacionamento conjugal. Elas demonstram em suas falas que podem até serem “traídas”, mas não são “burras”, porque são “sagazes”. A cisma das mulheres com relação aos maridos é a prova incontestável de sua esperteza.

Letícia também declarou que o ex-marido ficava cerca de três a quatro dias fora de casa. Ela também sempre esteve atenta às saídas do marido, embora ele se esquivasse de informar o seu paradeiro. Ela esboça claramente sua concepção sobre o relacionamento: “Ele não é seu marido, tem que dizer pra onde vai”! Ele “sumia” e “não dava satisfação”. A ausência do marido gerou desconfianças:

Teve um tempo até que eu peguei a foto dele e fui procurar ele. Mostrando a foto dele por aí, aqui em Nova Guanabara. Aí teve uma vez que uma pessoa chegou pra mim e disse assim: Não se preocupa não menina, que não aconteceu nada de ruim com ele, não. Que ele tá muito bem. Mas não disse que tava com essa mulher.

Letícia ressalta: “Eu fiquei cismada. [...] Um dia eu vou seguir”. Argumentou que seu objetivo era saber se ele estava com a amante. Na rotina conjugal, ela escutava com frequência

do marido: “Vou aqui! Daqui a pouco eu venho. E nunca vinha. Ele ia e só vinha noutra dia”. Essa cena tornou-se repetitiva pelo fato de que o marido também dormia fora de casa. A partir desse momento, a prática de seguir o marido tornou-se um hábito no cotidiano conjugal:

Ficava seguindo, ficava seguindo, ficava seguindo. E ela morava aí noutra rua, vê. Esse saía daqui... quando eu seguia ele, ele sumia de repente, eu não via pra onde ele entrava. Que era tão perto. Ô meu deus, onde foi que ele entrou! Só que eu não sabia onde ela morava. Onde foi que ele entrou, que ele já sumiu! Aí fui embora, desistia. Mas sempre eu seguia ele.

Letícia sublinhou que nada impedia-a de segui-lo:

Teve uma vez que eu saí debaixo de chuva. Um toró (chuva torrencial) mesmo. Me molhei todinha. Ele saiu, eu fui atrás dele, correndo. Mas teve uma hora que ele sumiu. E eu não achei ele. Eu só fiz tomar um banho de chuva. Eu disse: Nunca mais eu faço isso! Você se molha, fica doente. Ele chegou no outro dia. E aí? Eu fiz o quê? Nada de bom. Ele se importou? Não.

Deste modo, o comportamento de Letícia de “seguir o marido” tornou-se frequente e durou cerca de três anos, tempo correspondente ao período da relação fixa que o marido manteve fora do casamento: “Quando eu chegava do trabalho, minha intenção já era essa. Já era ir atrás dele, já era seguir ele. Eu ficava assim. [...] Eu não ficava com paciência mesmo de ficar sentada nos cantos. Ficava agoniada pra ir atrás dele”. É importante deixar claro que, quando o controle torna-se excessivo, como é o caso de Letícia, a cisma já não rimava simplesmente com esperteza feminina no campo da infidelidade, mas era uma fonte de sofrimento conjugal.

Em seguida, continuo o argumento a respeito da destreza feminina ao explicar sobre a prática de “atocaiar” os maridos quando estão “cismadas”.

3.2.3 “Atocaiar”

No decurso da pesquisa de campo, observei o uso constante da expressão “atocaiar”. Além de “irem atrás”, as esposas também “atocaiavam” os parceiros. Em termos explicativos, “atocaiar” significa ficar de espreita e vigiar o outro, nesse caso o marido e/ou a amante, na tentativa de pegá-los de surpresa. Esta prática refere-se a mais uma das formas de controle usado pelas mulheres no contexto conjugal. Neste momento, dedico-me a descrever a ação de “atocaiar” para ampliar o entendimento deste comportamento feminino diante da infidelidade masculina.

A prática de “atocaiar” era bastante usada pelas mulheres porque possibilita o flagrante da infidelidade do marido de forma inesperada. Nos relatos sobre a tocaia, as mulheres apontavam que geralmente se escondiam ou saíam às escondidas do marido. Livia lembrou que

em épocas de festas com trios elétricos na rua, vigiava o marido do primeiro casamento quando este saía sem ela. Ela declara: “Já cheguei a seguir ele no caminho, assim me esconder atrás de poste, essas coisas toda”. Lorena também costumava “atocaia” o atual marido porque não confiava nele. Ao perguntar se o atual marido tinha “deixado” a outra, Lorena respondeu:

Deixou, mas aí eu vou fiscalizar amanhã, porque eu não confio nele. [...] Eu não confio. Vou dizer a você que eu confio! Se eu disser que eu confio a você, eu tô mentindo. Ele não deixou ela não, mulher! Ele é muito esperto. E eu sou mais ainda. Alguma coisa tá me dizendo pra eu ir lá. Eu só não vou hoje, porque ele sabe que eu vou hoje. Vou deixar ele bem a vontade. Vou deixar pra ir lá amanhã. Aí é amanhã que eu pego ele na boca da botija. Tá me entendendo? Vou deixar pra ir amanhã. Eu não confio em homem não, menina! Homem é traíçoeiro. [...] Homem é safado!

Leila contou que o ex-marido “aprontou” muito. Para endossar seu argumento, disse: “Tô dizendo a você que de meia-noite, ele comia uma mulher aqui atrás. E essa mulher me conhece, desde pequena. Ela é viva ainda”. Leila tomou conhecimento dessa e de outras traições do marido através da rede de fofoca produzida na vizinhança, da seguinte forma: “Esse pessoal me avisava. Leila, tu sabe onde Davi vai de meia noite? Não. [...] Ó Leila, Davi tá pulando pra ir pra casa de fulana. Tu sai, que tu pega! Quando foi um dia, eu atocaiei e peguei. Ele foi por aqui (por uma rua), eu fui por aqui (por outra rua)”.

Este registro mostra que, por meio da fofoca, as mulheres mantêm-se informadas a respeito do paradeiro dos cônjuges e usam este recurso a seu favor³² para armar uma “tocaia”. Desta forma, Leila conta como conseguiu fazer com que seu marido não ficasse com a “outra” e voltasse para casa. Para evitar confusões, o marido se escondeu da esposa e decidiu não ficar na casa da amante:

Aí eu fiz que tava dormindo. Aí eu vi quando ele saiu de meia-noite. Ele foi por aqui, eu fui por aqui. [...] Ele entrou na casa da mulher pra se esconder, pra mim não ver. Aí ela ficou varrendo a frente da casa, de meia-noite. Ela disse: Você tá procurando quem? Eu disse: nada. Tô atrás do cabra-safado lá de casa. Pra eu dar uma cassetada logo na cabeça dele pra ele ficar morrendo logo aí. Aí quando eu venho mimbora, quando eu chego aqui, ele vem por aqui.

P: Ele ficou lá ou voltou?

Leila: Ele veio simbora. Não fez nada, não. [...] Ele veio por aqui, eu vim por lá. Presta não! Ele é muito presepeiro.

Acompanhamos ao longo deste tópico que “seguir”, fiscalizar e “atocaia” o marido são considerados direitos das esposas que buscam resguardar seus casamentos. Os dados apontam o ciúme como sendo um sistema de controle legítimo vivido pela esposa visto que ela está

³² Fonseca (2004b) também mostra que a fofoca é usada em benefício das mulheres. Numa vila gaúcha, a pesquisadora aponta como a fofoca transforma-se numa arma das mulheres contra os homens exatamente quando ela é usada para desprestigiar, sobretudo, os homens traídos e não as mulheres infiéis.

intimamente ligada ao âmbito conjugal, ao contrário da figura da amante que está atrelada ao não casamento, mais precisamente, ao cenário da disputa conjugal. Nesse caso, à amante não é permitido socialmente sentir ciúmes do homem casado, nem “ir atrás” dele já que são atribuições exclusivas da esposa. Machado e Magalhães (1998, p. 34) sugerem pensar que os ciúmes, “na linguagem do contrato conjugal, falam de direitos e deveres, não igualmente distribuídos”. À luz da interpretação destas pesquisadoras, compreendo que as práticas de “seguir”, “atocaiar” e fiscalizar a vida do marido estão, nesse sentido, inscritas no contrato amoroso.

Convém refletir ainda sobre a posição de sujeito marcado por gênero que as mulheres assumem por serem cismadas. Por que as mulheres traídas “investiram”³³ na posição de sujeito cismado? Elas poderiam investir em qualquer outra forma de subjetividade. Convém questionar: a cisma feminina com relação aos homens falam de uma resistência³⁴ à infidelidade do marido? Ao analisar os casos conclui-se que as mulheres estão resistindo a uma forma deliberada de infidelidade masculina, qual seja: a um tipo de infidelidade masculina pública. Dessa forma, as mulheres cismadas rompem com o discurso dominante de gênero ligado à passividade feminina e se envolvem em estratégias de controle sobre o marido no âmbito conjugal. A cisma feminina fala de um discurso de gênero marcado pela esperteza, pela indignação e pela revolta feminina com relação aos maridos infiéis que agem de forma descompromissada com o domínio doméstico, com a esposa e os filhos.

Em seguida, o tópico seguinte avança na discussão sobre a posse feminina no contexto conjugal.

3.3 “Não tô pra dividir ninguém ao meio”: o ciúme como posse

A posse sobre o/a parceiro/a não é uma característica exclusiva dos relacionamentos estabelecidos pelos homens. As mulheres que conheci ao longo da pesquisa também demonstravam um obstinado controle sobre seus cônjuges. Considero relevante para este estudo, que se debruça sobre o campo da infidelidade, um olhar mais atento ao ciúme porque

³³ Henrietta Moore (2000) fala de “investimento” e não de “escolha” quando se reporta às posições que os sujeitos assumem no mundo. Para a autora, o investimento refere-se a uma ligação entre “questões de poder e questões de identidade”. Moore (2000, p. 36) baseia-se em Holloway (1984) que concebe “um investimento como alguma coisa entre um compromisso emocional e um interesse”. Moore (2000, p. 36) prossegue dizendo que “tal interesse ou compromisso reside no poder relativo, concebido em termos de satisfação, retribuição ou vantagem que uma posição particular de sujeito promete, mas não necessariamente realiza”. Moore (2000) resume que investimento não é uma mera questão de “satisfação emocional”, mas também de “benefícios materiais, sociais e econômicos”.

³⁴ Sigo a interpretação de Moore (2000, p. 16) de que a “resistência” é um tipo de agência, bem como uma forma ou aspecto de subjetividade “marcadas por estruturas de diferença fundadas no gênero, na raça, na etnicidade e assim por diante”.

este é um dos principais dinamizadores dos conflitos no cenário conjugal. Assim, apresento as noções de ciúmes das mulheres e reflito sobre suas experiências conjugais envolvendo o sentimento de posse.

De antemão, convém assinalar que o ciúme é concebido genericamente pelas mulheres como algo negativo. Essa negatividade aparece porque ele é visto de forma antagônica à confiança, elemento ideal dos relacionamentos conjugais. Por outro lado, se ele é tão negativo por que predomina nesses relacionamentos conjugais? Primeiro, porque está ligado ao ideal monogâmico que rege a sociedade ocidental, como destacado antes. Segundo, os ciúmes são elementos fundantes do contrato conjugal (MACHADO; MAGALHÃES, 1998), como já assinalado anteriormente. E terceiro, o ciúme se configura como o monopólio afetivo e dos prazeres (FOUCAULT, 1985), e está relacionado ao “fantasma dos chifres” (FONSECA, 2004b) e à cisma que as mulheres têm sobre seus maridos, como fora discutido previamente.

Os dados apontam que as visões a respeito do ciúme estão ligadas diretamente ao universo da confiança nos relacionamentos conjugais. Lola, por exemplo, entende que o ciúme acontece porque “a pessoa não tem confiança em si próprio. [...] Porque se você confiar em você, você não vai desconfiar de ninguém, não. [...] Porque eu mesmo, eu fiquei assim, depois que eu perdi a confiança nele, eu não tinha mais confiança em ninguém. Tudo muda”.

O que está em questão no relacionamento quando se fala em ciúmes é a confiança estabelecida entre os casais. Lola adverte: “Você deixou de ter confiança, você, acabou”. A confiança apareceu como um dos elementos indispensáveis à dinâmica do casamento. Segundo Livia, “a confiança é a base da amizade, a base da conciliação, do amor, é a base de tudo. Se não tiver, desanda. É fundamental a confiança”. Ela acrescenta que o mais importante no relacionamento é a “verdade” que está inextricavelmente ligada à confiança. Na condição de esposa, prefere que o marido diga a verdade ao invés da mentira, ou seja, se ele foi infiel ou não. É ciente de que a verdade “dói”, mas perdoaria o marido porque ele está “falando a verdade”, e pelo fato de “está sendo a primeira a saber”. Ela resume: “Se você mentir, não tem como eu confiar em você”.

Na concepção de Letícia, o ciúme “estraga” o relacionamento porque o ideal seria “um confiar no outro”. Lola concorda: o “ciúme é besteira”, é “uma doença”. Para Letícia, a situação conjugal torna-se conflituosa, sobretudo, quando os parceiros são demasiadamente ciumentos. E ela se considerava muito ciumenta:

[...] Estraga as coisas. Muito, muito, estraga. Todos os relacionamentos estraga. Se a pessoa ficar muito (ciumenta), feito eu fiquei, estraga. [...] Não é uma experiência boa, não. Ter ciúme não é bom, não. [...] Mas também, se, foi feito o meu caso, se o outro quiser arrumar uma pessoa fora, trair, não

deixar a outra pessoa saber, pra não tá acontecendo isso. Porque vem através dessas coisas, começa o ciúme, começa as brigas. Entendeu? Mas não é bom, não. Pra mim, foi ruim demais.

Letícia lidou durante anos com a infidelidade do marido. Nesse tempo, ela conviveu com fofocas envolvendo seu casamento. Através de redes de informações, Letícia e as demais mulheres que conheci mantinham-se atualizadas a respeito dos envolvimento amorosos dos maridos. Ao mesmo tempo, elas precisavam lidar com o disse-me-disse sobre o “desrespeito” conjugal do esposo. E era exatamente quando esse desrespeito tornava-se público que as esposas ficavam mais inquietas e inconformadas com o comportamento dos respectivos cônjuges. O esposo de Letícia, por exemplo, pouco se importava em disseminar nas conversas cotidianas com os conhecidos o afeto que nutria pela amante. O comportamento do marido, nesse caso, colocava em xeque a respeitabilidade da esposa que não deveria aceitar o marido manter ao mesmo tempo duas mulheres em sua vida. Acompanhemos a história:

Comentava com as pessoas na rua. [...] Ele comentava que tava gostando dessa pessoa. Comentava que tava feliz. A mim, ele não dizia, não. Que tava feliz! E as pessoas chegava pra mim e falava. Quando ele ia beber aqui, nessa barraquinha aqui de lado, ele falava era muito dessa mulher (amante) pra essa mulher daí (vizinha). Aí ela vinha e me dizia: Oxe, ele tava falando foi muito dela. Dizendo que gosta muito dela. Que não consegue esquecer ela. Que tá feliz! Falava pras pessoas. Eu dizia: E era! Que bom! Que ele continue feliz. Eu dizia: Eu só quero que ele continue feliz, dentro de casa não, comigo não! Que eu não tô pra dividir ninguém ao meio. Metade dela, um dia metade meu. Eu não gosto disso. [...] As pessoas viam ele comentando, aí dizia: Oxe, menina deixa ele! Deixa, tu vai ficar aguentando isso, é!

Está em desacordo com os preceitos conjugais aceitar “dividir” o marido ao “meio”. Nesse caso, as fofocas apenas reforçam essas crenças coletivas (ELIAS; SCOTSON, 2000). É por considerar inadmissível ter o marido pela “metade” que Letícia buscou separar, durante anos, o marido da amante.

Nesse contexto, é fundamental mencionar as experiências conjugais de duas mulheres, especialmente Letícia e Lívia, que tiveram dificuldades de aceitar o fim do relacionamento conjugal. Esses casos são importantes porque remetem diretamente ao sentimento de posse que os casais estão envolvidos.

Falo inicialmente sobre o relacionamento de Letícia. A dificuldade dela residia, sobretudo, em entender que o marido estava estabelecendo um relacionamento duradouro com a amante, de tal modo que esta última tornou-se, após a separação do casal, a atual esposa. No início, o marido disse a Letícia que ia “deixar a outra” e com o passar do tempo começou a dizer que não a amava mais, inclusive na frente da amante. De maneira direta, o marido disse isso a esposa no momento em que ela flagrou novamente os dois:

[...] Uma vez eu fui atrás dele, [ele] disse pra mim assim: menina te manca, que eu não te quero mais, não! Tá vendo que eu gosto dela! E tu fica atrás de mim, me seguindo. Ele disse isso pra mim. Aí eu disse: É mentira. Tu tá mentindo. Tu quer que eu vá pra casa, aí tu tá dizendo isso pra mim. Aí ele fez: Não. Não, tô dizendo que eu não te quero mais porque eu gosto dela. Se eu não gostasse dela, eu não tava atrás dela, não. [...] Aí pronto, eu fiquei com isso, pensando né. Ainda continuei com ele.

Seguir o marido, como foi dito até aqui, faz parte da conduta da esposa que almeja manter seu casamento. Nesse contexto, “ir atrás” do parceiro é uma prática aceita socialmente, desde que a esposa não insista em manter um relacionamento sem a vontade do marido. Quando as mulheres “sofrem” em demasia com o marido são aconselhadas a se separar. Caso as mulheres permaneçam com os maridos, como foi o caso de Letícia (por anos) e Lola (até a morte dele), passam a ser classificadas como “bestas” por “sofrerem” demais por um marido que “não vale a pena” e vistas com “piedade” pelas pessoas.

Com o tempo, Letícia também teve vontade de tirar a própria vida³⁵. Depois seu desejo era matar a amante e depois o marido envenenado³⁶. Já no final do relacionamento, a vontade de matar o marido tornou-se predominante. Ela ainda comprou veneno de rato e pensou várias vezes em adicionar essa substância à comida ou à bebida dele. Da mesma forma, Leila também disse ter sentido vontade de matar o marido. Mas, a motivação não residia, necessariamente, na não aceitação da separação conjugal, mas na dificuldade de lidar com os sucessivos conflitos envolvendo os casos de infidelidade do parceiro e com o próprio sentimento de posse sobre o marido. Da mesma forma que Letícia, Leila também comprou veneno de rato para matar o marido. Já chegou a esquentar água várias vezes com a intenção de colocar no ouvido do marido enquanto ele estivesse dormindo. Essas situações extremas de pensar em matar o marido, por exemplo, levam as mulheres a desistirem por causa dos filhos.

Além de Letícia, Livia relatou que não aceitou o fim do relacionamento com o marido do segundo casamento. Ela acrescentou que teve vontade de matar e “beber o sangue” da mulher com quem o marido estava se relacionando. No tocante à infidelidade do marido, Livia declarou: “Eu sou meio louca assim. [...] E sou daquelas que eu não aceito. Que se eu pudesse matar, eu mataria”. Assim, ela torna evidente seu sentimento de posse com relação ao parceiro: “Eu sou daquelas que se pudesse fazer qualquer coisa pra impedir alguma coisa... Não fica comigo, também não fica com ninguém. Eu sou desse tipo. Mas agora eu não quero pensar

³⁵ Das mulheres pesquisadas, Letícia e Livia foram as que tiveram vontade de se matar. No caso de Livia, o caso é referente ao primeiro casamento. Sobre esse assunto, é importante destacar que o sofrimento é constante nas situações envolvendo infidelidade, conflito e violência.

³⁶ Vale ressaltar que nem todas as mulheres relataram vontade de matar seus maridos ou as amantes na época em que foram casadas. O que significa dizer também que o nível de sentimento de posse varia.

nessas coisas não. Eu quero que Deus tire essas mente ruim, de lado”. Essas frases foram contadas por Livia em nossa primeira conversa, no auge da separação conjugal. Em nossa última conversa, Livia já estava se reencontrando com o marido e ela repetiu com veemência que devido à sua possessividade seria capaz de matá-lo.

Não registrei casos de mulheres que vieram a matar os parceiros, apenas as duas mulheres mencionadas anteriormente disseram que tiveram vontade de fazê-lo. Sobre esse assunto, este trabalho reforça o que os estudos de Corrêa (1981, 1983) sobre honra já apontaram: mais situações de violência e de homicídios dos homens contra as mulheres e não das mulheres contra os homens, quando o sentimento de posse está envolvido (CORRÊA, 1981, 1983). O controle feminino vai se dá num nível de saber onde e com quem o parceiro está. Por isso, as práticas de “mexer” nos pertences do marido, “seguir” e “atocaiar” são recorrentes no cotidiano conjugal. Da mesma forma, os escândalos também podem ocorrer em situações de flagrante da infidelidade do marido, desembocando em “esculhambação” e briga pública como mostro no próximo capítulo.

Além do mais, Livia emitiu sua definição de ciúme: “Ciúmes pra mim é uma coisa que dá assim, de momento. Eu fico pensando muito nas coisas”. Embora ela tenha falado que o marido do segundo casamento lhe dava “segurança”, a cisma dela perdurava. A dúvida sobre o parceiro pode até ser descartada quando a esposa não encontra nenhum vestígio de infidelidade, porém a desconfiança tende a rondar o pensamento da esposa. Era comum Livia ligar para o marido com o intuito de acompanhar sua rotina de trabalho e nas situações em que estava desconfiada dele. Se o telefone estivesse desligado, ela já começava a “imaginar mil e umas coisas”. Percebi que o telefone constitui um mecanismo de controle usado pelas mulheres e pelos homens para saber e averiguar o dia a dia do/a parceiro/a, isto é, para manter o controle conjugal. Assim, a esposa coloca diariamente à prova a fidelidade do marido, ao buscar saber se ele está “realmente” dizendo a “verdade”:

Eu começo a pensar: o que que Henrique (marido do segundo casamento) tá fazendo lá no trabalho? Eu acho que ele tá com outra. [...] Deve ter alguma rapariguinha pensando nele, ou dando em cima dele. Ele não me ligou ainda! Porque quando ele trabalhava que vinha de quinze em quinze dias, toda 05h30min ele ligava pra mim, 06h00min ele tava ligando. [...] Todos os dias. Que era quando ele largava, tomava um banho e ligava pra mim. Aí ele dizia que ia deitar, ou que tava muito cansado. Aí eu ia depois e ligava pra saber se realmente ele tava dormindo. E ele tava com uma voz de sono, ele tava dormindo. Às vezes, ele falava pra mim que ia pro bar. Ó fia, eu vou pro barzinho ali tomar uma mais os amigos. Tá bom. Cuidado, viu! Tá certo! Quando você voltar, você me ligue. Ele dizia: ligo. Quando ele voltava, ó fia já tô indo pra casa já, ou já tô em casa. Eu: Tá bom. E era assim. [...] Ele me dava segurança. [...] Não tinha como eu desconfiar dele. Porque tudo que ele fazia, tudo, cada passo ele tava me comunicando [...] Então, quando eu

pensava, o que que Henrique... uma coisa assim me dizia: Henrique tá fazendo alguma coisa de errado, não sei o quê. Aí eu pegava e tirava a prova, a dúvida. Ligava. Aí se tivesse desligado o telefone, aí eu já começava a imaginar mil e umas coisas.

No tocante à definição de ciúme, Livia explicita: “A pessoa fica imaginando coisas. [...] Fica vendo coisa onde não tem. Na distância, né. Mas perto assim, eu tenho ciúmes sim, mas eu tenho ciúmes se eu ver o motivo”. Nesse sentido, é possível apreender que a esposa mantém-se vigilante independente de o marido estar perto ou longe dela. Livia falou que já chamou a atenção do marido quando ele dava “motivo” e até de mulheres que davam em cima dele:

Um exemplo eu tô com ele aqui e se ele ficar olhando muito pra aquela mulher eu já dou um beliscão ou aperto a mão dele e falo assim: Vai lá ficar com ela! [...] Logo quando eu cheguei, eu fui pra uma praça mais ele. [...] E ele ficou olhando muito pra uma mulher, pra uma menina. [...] Ele tava pegado na minha mão, aí de repente ele soltou e ficou andando como se não tivesse... Quando essa menina começou a passar, acho que olhar pra ele, e eu prestando atenção nele né, não nela. E ele começou a dar uma de que tava ali conversando, sozinho, ele disfarçando. Aí eu fiquei assim olhando pra ele e fiquei na minha. Quando nós ia saindo, depois que a gente passou dela, aí ele veio pegar e me abraçar. Eu disse: Não. Tire a mão de cima de mim e vá atrás da menina que você tava de olho nela, lá na pracinha. Mais Livia! Mais Livia, não! Pensa que eu sou cega, é! Eu não vi! Eu vi. Outra vez nós tava na praça e a menina ficou olhando pra ele, olhando muito. Aí eu falei: O que que foi? Tá vendo não, que ele tá comigo! Sou a mulher dele! Aí ela baixou a cabeça e saiu.

Essa interlocutora classifica seu ciúme como sendo “doentio”. Ela enfatiza que para saber a “verdade”, isto é, se está sendo traída pelo marido, é capaz de “tudo”. Nesse contexto, ela “segue”, liga para uma suposta amante do marido fingindo ser a irmã dele e até envia uma mensagem através do celular em nome do marido para saber se ele estava tendo algum envolvimento com a mulher.

O fato de argumentar que seu ciúme é doentio e de concebê-lo ao mesmo tempo como estando ligado ao amor não significa uma contradição, pelo contrário, revela um modo particular de vivenciar o relacionamento conjugal. Machado e Magalhães (1998) lembram que no senso comum predomina a ideia de que tanto o excesso quanto a falta do ciúme incomodam as pessoas, visto que “os ciúmes enredam os sujeitos envolvidos porque na linguagem do amor, falam de reciprocidade equivalente” (MACHADO; MAGALHÃES, 1998, p. 34).

Na fala de Livia, é possível perceber que o ciúme é entendido como prova do amor conjugal e não como insegurança com relação ao outro:

Porque a gente, às vezes, sente ciúme sem ter motivo. Só por imaginar alguma coisa, já sente ciúme. Eu acho que ciúme é o amor. Acho que só quem ama, de verdade, é quem sente ciúme. Às vezes tem gente que disse que não sente

ciúme, mas sente sim. Eu acredito que existe, e que não existe gente que diz assim: Ah, eu não tenho ciúme. Tem sim, nem que seja um pouquinho, tem. [...] Todos os passos dele (marido do segundo casamento), ele me falava. Tudo que ele fazia, eu sabia. Então, não tinha motivo pra eu ter o ciúme. Por que? Porque ele me passava segurança. Não tinha motivos pra eu ter ciúmes dele, mas mesmo assim eu tinha. Então, acho que era amor. Porque se fosse insegurança, não teria o motivo, porque ele me dava segurança.

Ela se considera muito “explosiva, ciumenta e possessiva”. Discorda veementemente da expressão “ninguém é de ninguém”, pois como esposa concebe enquanto um direito acompanhar a rotina do marido. Ela se relaciona da seguinte forma: “Se demorar muito tempo, eu quero saber onde estava, com quem estava e pra onde foi. E tudo eu quero saber”. É importante salientar que nos relacionamentos marcados pelo controle extremo, o cônjuge é considerado como sendo uma posse. É dessa forma que Lívia concebia seu parceiro e a si mesma no que diz respeito ao universo do relacionamento conjugal: “O que é meu, é meu! E eu não divido com ninguém. Se eu sou só dele, porque ele não ser só meu”? Dessa forma, como o casamento está ancorado no ideal da exclusividade sexual e afetiva, a posse sobre o parceiro acaba aparecendo na dinâmica conjugal.

Enquanto as outras mulheres declararam sentir ciúmes dos maridos, Leila e Lola disseram que não se classificavam como ciumentas. Essas duas mulheres, especificamente, afirmaram que deixaram de gostar dos maridos ainda quando estavam casadas e manifestaram-se revoltadas com o próprio casamento. Nesse caso, declarar sentir ciúmes dos maridos seria o mesmo que afirmar o amor que sentiam por eles no auge do relacionamento.

Leila compreende o ciúme como sendo uma “safadeza”, especialmente, uma “safadeza” de homem. Nessa linha de raciocínio, ela associa o ciúme ao homem e não à mulher. Além disso, não acredita na existência do ciúme e sim da desconfiança. Ela exprime sua opinião sobre o ciúme:

Eu acho que é safadeza. Eu acho que não existe ciúme, não. Existe desconfiança. Mas ciúme! É safadeza isso! Nunca tive ciúme do meu ex-marido, não! Eu tinha desconfiança! Mas ciúme! Desconfiança, que era safado mesmo! Eu já sabia que ele era safado, não prestava. [...] Eu acho que existe confiança, não ciúme. É safadeza. Tanto da parte do homem como da mulher, isso é safadeza. Porque eu não acredito que homem tenha ciúme, não. Tem desconfiança, ciúme não. Eu acho que é safadeza, ciúme. Sempre eu tive isso na minha cabeça.

Para reforçar o argumento de que o ciúme é safadeza de homem, Leila menciona o caso de seu ex-marido e de seu atual genro. Entretanto, ao perguntar se sua filha era ciumenta, ela responde de forma negativa e ressalta que o homem é mais “safado” do que a mulher. Essa visão está, mais uma vez, respaldada na ideia generalizada de que todo homem é infiel.

Pedro (genro) tem um ciúme da minha menina! Não é ciúme, é safadeza. Se ela sai, se ela conversa, se ela demora no trabalho, ele fica com raiva, e é aquele babado todo. [...] Sueli (filha) demora no trabalho, ele fica ligando. [...] Frescura, eu acho. Eu não acredito nisso, não. Eu acho que isso é frescura. Quando eu chegava... eu conversava com os meninos. Ex-marido: o que você tava conversando com eles? Não interessa a minha vida a você! Tinha essa frescura de perguntar com quem eu tava conversando. [...] Falta de confiança do homem com a mulher.

Diante do que foi exposto até aqui, o controle conjugal está fortemente ligado ao monopólio sexual e afetivo. Foucault (1985) baseia-se em textos clássicos de filósofos e moralistas dos primeiros séculos para abordar o aspecto do “monopólio” ao refletir sobre a relação entre casamento e atividades sexuais. O tema da infidelidade e da posse em questão é enriquecido pelo debate sobre o que Foucault (1985) denominou de a “conjugalização das relações sexuais”. O autor mostra como as relações sexuais antes ou fora do casamento foram secularmente consideradas ilegítimas. Era o casamento que lhe dava o estatuto de legitimidade.

Se pensarmos especialmente a infidelidade, veremos que ainda é considerada como uma prática ilícita que põe em questionamento os preceitos morais do casamento. Prova é que as mulheres classificam os maridos de “safados” e a prática da infidelidade é tida socialmente como vergonhosa, sobretudo para as mulheres. Além da proibição que recobre o campo da infidelidade, o que está em questão também para Foucault (1985) não é apenas o que é considerado proibido e não permitido, mas que essa conjugalização dos usos dos prazeres funda “um estilo de relações”.

Quando as mulheres usam expressões como “meu” ou “metade” para se referir aos maridos temos aí um relacionamento constituído na posse sobre o outro. Através da noção de conjugalização das relações sexuais (FOUCAULT, 1985) identifica-se que o exercício do monopólio possibilita entender a demarcação das posições das pessoas dentro ou fora do casamento. Esse monopólio pode ser verificado nas incessantes tentativas das mulheres de manter seus casamentos.

As estratégias de controle tendem a se tornar extremas, isto é, geralmente o controle torna-se violento, vide os exemplos mencionados no segundo capítulo sobre o controle excessivo dos maridos “ciumentos” e os casos listados acima sobre as mulheres que frequentemente “seguiram” ou “atocaiavam” seus cônjuges para ter o controle sobre o seu paradeiro. Nesse caso específico, a posse sobre o/a parceiro/a aparece de forma mais extrema quando envolve a posse dos homens sobre as mulheres, como destaquei no capítulo anterior. Nessa perspectiva, a “cultura dos ciúmes” confere sentido à própria violência no âmbito conjugal, como nos ensina Machado e Magalhães (1998, p. 34) quando argumentam que: “é a

adesão mútua à cultura dos ciúmes que relegitima a percepção da violência como um ato com sentido”.

A respeito de controle e violência no relacionamento, apenas uma das interlocutoras esboça uma definição sobre o assunto. Laura também concebe o ciúme como algo negativo, sobretudo se ele for violento. Ela delinea uma tipologia sobre os ciúmes: o temperamental e o violento. Nas palavras dela:

O ciúme é uma coisa horrível, viu! [...] Eu acho horrível sabe por quê? Porque tem ciúme que é temperamental e tem ciúme que é violento.

P: Qual a diferença entre os dois?

Laura: A diferença é assim, porque o temperamental você ainda consegue se controlar. Briga, grita, chora, vai em cima. Mas o violento, ele é assim: ele não dá boa impressão porque aonde você tiver... O ciúme violento, a pessoa chega não vem conversar, vem logo com esculhambação, com agressão. Isso eu acho ridículo. [...] Graças a Deus, o meu não é assim e espero que nunca...

Laura considera-se ciumenta e revela: “Quando eu gosto, eu tenho ciúme até do vento”. Sua fala mostra que o amor conjugal pressupõe, de toda forma, o ciúme pelo outro. Só que não concebe seu ciúme como “horrível”, por ser de caráter temperamental:

Meu ciúme é esse: é ter raiva e só chorar. Eu desconto meu ciúme no choro. Minha raiva no choro. Choro, grito, fico meia desconfiada. E quando eu fico desconfiada, eu vou atrás. [...] O meu, é de ver, de chorar, dizer alguma coisa, perguntar se tá certo. Você tá certo de tá com essa pessoa e comigo? Escolha com quem você quer ficar. Ainda mando escolher. [...] Agora também não sou de fazer confusão. Meu ciúme é: Eu chorar, ver as coisas e desabafar no choro. Eu não esculhambo, eu não vou atrás pra saber se é ou se não é. E se alguém vir me dizer eu fico na expectativa. Fico atrás pra eu mesmo descobrir. [...] Se eu desconfiar, eu vou atrás e vou descobrir. [...] Meu ciúme é esse: só de chorar, chorar, arengar. Eu começo a perguntar. Se ele disser que não e eu sabendo que é verdade, aí o bicho pega. [...] Eu vou em cima, eu vou brigar. Vai ter que me dizer se é verdade mesmo.

Esta distinção entre ciúmes temperamental e violento mostra-se bastante pertinente quando mergulhamos no cotidiano conjugal. Ao olharmos atentamente para as experiências conjugais veremos certamente que o controle violento tende a aparecer no que a interlocutora chama de ciúme temperamental. Isso quer dizer que esses dois tipos de ciúmes não são díspares como ela imagina, nem se repelem automaticamente um do outro. Pelo contrário, o registro dos imponderáveis da vida real (MALINOWSKI, 1978) relativos ao universo (extra) conjugal fornecem exemplos importantes que nos ajudam a desnaturalizar e desvelar o controle, o relacionamento e os próprios conflitos.

Conforme o exposto, abordei como o comportamento cismado e possessivo também provocam conflitos violentos no âmbito conjugal. É válido salientar que as desconfianças sobre

o parceiro também provocam angústias³⁷, mas não adentro nessa discussão. Ao invés disso, optei por pensar a cisma enquanto uma dimensão atrelada a não passividade feminina e ao universo do controle feminino. Pois, a “cultura do ciúme” (MACHADO; MAGALHÃES, 1998) está fortemente marcada por essa busca incessante de não perder o controle e a posse sobre o cônjuge. Assim, além de abordar o controle feminino no relacionamento ao refletir sobre a sagacidade feminina a partir da noção de cisma, foi discutido como a possessividade, enquanto uma das dimensões do ciúme, pode até tornar-se violenta no relacionamento conjugal.

No próximo capítulo, pretendo desenvolver uma reflexão sobre os escândalos das esposas diante do flagrante da infidelidade, bem como desenvolver uma interpretação sobre o ciclo dos conflitos violentos no contexto da infidelidade masculina que se desenrola entre os casais.

³⁷ Conferir o trabalho de Fonseca (2004a) sobre o fenômeno do DNA que também fala dessas “angústias latentes” que perseguem os homens diante da dúvida sobre a paternidade biológica.

4 ESCÂNDALOS E O CICLO DOS CONFLITOS VIOLENTOS

Aí peguei ele num bar. Ele e ela num bar. Se beijando mesmo. Aí eu fiz aquele escândalo... (Letícia, 45 anos).

O objetivo deste capítulo é compreender o desenrolar dos escândalos diante do flagrante da esposa e como ocorre o ciclo do conflito (violento) entre casais no contexto da infidelidade masculina. A tentativa é apresentar, de maneira esquemática, a sucessão de conflitos (violentos), compreendendo: a eclosão do conflito, bem como os níveis conflitivos e de violência entre casais.

Verifiquei que os escândalos conjugais são frequentes em Nova Guanabara. Se o palco dos escândalos é a rua, o drama contado pela esposa é o da casa, referente à conjugalidade. A partir dos escândalos, as esposas reclamam do comportamento dos homens de mostrarem publicamente que têm duas mulheres, na tentativa de resguardar a família constituída a partir do casamento, restituir a monogamia e proteger a honra. Da mesma forma que na cisma, as mulheres também emitem através do escândalo, uma indignação e uma ação com relação ao discurso predominante de gênero/masculinidade que confere uma posição de prestígio aos homens quando são infiéis. Porque, ao final, o que as mulheres estão questionando é um tipo de infidelidade masculina que se refere ao comportamento dos homens de traírem publicamente suas parceiras.

É possível perceber o significado do escândalo através da prática da “esculhambação”. Há uma clara diferença entre as “esculhambações” iniciadas por homens ou por mulheres. A “esculhambação” masculina aparece atrelada à cisma com relação às mulheres, como assinala no segundo capítulo. Enquanto a “esculhambação” feminina ocorre geralmente quando as mulheres flagram seus maridos com outras ou quando elas têm conhecimento da existência de “outra” na vida do marido; a “esculhambação” feminina não tem um caráter *preventivo*, mas *restaurativo*, uma vez que as mulheres buscam, através dela, reparar a relação do homem com a conjugalidade e com o domínio doméstico, bem como reforçar os valores relativos à família.

O intento feminino de restaurar o núcleo doméstico, percebido na “esculhambação”, também ocorre no cotidiano conjugal. Os casais desenvolvem uma relação violenta (GREGORI, 1993) em torno da infidelidade masculina e ficam enredados num ciclo conflitivo

e violento (SOARES, 1995), alimentado pelos dramas de infidelidade e pelas constantes crises (TURNER, 2008) que surgem na esfera da conjugalidade.

4.1 O conflito é inerente à conjugalidade

Fofocas, flagrantes, tensões, “discussões”, “esculhambação”, “escândalos” e “brigas” desenham o cenário (extra)conjugal narrado pelas mulheres de Nova Guanabara/PE. Antes de adentrar propriamente nos conflitos entre casais, considero relevante discorrer brevemente sobre a relação entre a moralidade conjugal e os conflitos no contexto da infidelidade masculina.

O estudo sobre os conflitos pressupõe um olhar metódico sobre a moralidade conjugal predominante no bairro pesquisado. Para registrar os casos extraconjugais, além de ouvir as narrativas das mulheres traídas, também indaguei a opinião delas sobre o comportamento de mulheres diante da infidelidade do marido, incluindo a visão sobre aquelas que “aceitavam” o marido com a amante.

Considero ilustrativo citar uma situação conjugal que provocou admiração, fofocas e reprovações nas redes de sociabilidade do bairro. Maria era casada com um homem que teve um relacionamento fixo com outra mulher. Durante anos, o marido conviveu simultaneamente com as duas mulheres. Letícia contou que no início, Maria, sua madrinha, não “aceitava” o relacionamento do marido com a amante. Com o passar dos anos, Maria decidiu “aceitar” o envolvimento da outra com o seu marido. Letícia explica como era esse tipo de relação conjugal: “E se eu te disser que as duas eram amigas, você acredita? Dormia os três juntos, tu acredita? [...] Bebia os três juntos. Brincava os três juntos. Saía os três juntos”.

Este caso suscitou falatório no bairro: “Todo mundo falou desse caso aqui. A gente chegava pra minha madrinha: [...] como é que você aceita isso, madrinha”? A madrinha respondia: “eu vou fazer o quê? Eu gosto dele”. Paulatinamente, perguntei: “E desde o início foi assim”? Letícia prosseguiu: “[...] Ela foi começando a fazer amizade com a daqui. [...] No início, ela não queria papo, né. [...] Eu não sei se ela viu que ele não ia deixar ela mesmo, a outra daqui. [...] E pior que a família toda era assim. [...] Os filhos dela ia pra lá, os filhos da de lá vinha pra cá. [...] Tudo se dava bem”.

Diferentemente de sua madrinha, Letícia conviveu, durante quatro anos, com um marido que mantinha um relacionamento fixo com uma amante. O marido fez a proposta a Letícia para “ficar” ao mesmo tempo com as duas. Ela indignada recusou a proposta: “[...] Tu não tem vergonha de chegar pra mim e fazer uma pergunta dessa? [...] Tu é muito nojento! [...] Aceito não, meu filho, uma safadeza dessa nada! [...] Peraí, tá faltando homem, é?”. Na concepção de

Letícia, nem a família, nem a esposa devem “aceitar” um relacionamento baseado nesses moldes.

Essa modalidade de relacionamento conjugal passa a ser vista como sendo uma “safadeza” e suscita falatório e indignação social porque rompe com o modelo monogâmico de família, que é caracterizado pelo monopólio sexual e afetivo dos parceiros e pela formação de um núcleo doméstico composto de pai, mãe e filhos. Ademais, esse tipo de relação conjugal também provoca admiração porque é marcado pela harmonia do triângulo conjugal e entre os filhos das duas mulheres, como é o caso da madrinha de Letícia, descrito anteriormente.

É relevante frisar o que esse caso nos informa sobre conflitos conjugais em torno da infidelidade masculina. Em primeiro lugar, o que incomoda e provoca espanto é a harmonia existente entre o triângulo amoroso e não os conflitos que ocorreram inicialmente entre Maria e seu marido quando ela descobriu que ele tinha uma amante. Também não provoca admiração em Letícia os conflitos marcados pela violência vividos no seu relacionamento conjugal, nem os conflitos violentos que estabeleceu com a amante dele, mas o fato de sua madrinha conviver amistosamente com a amante do marido.

Em segundo lugar, os conflitos entre casais e entre a esposa e a amante são exemplos claros de que a esposa não “aceita” outro tipo de relacionamento que fuja do padrão monogâmico. Em algumas situações, as mulheres pedem aos maridos para escolher entre ela e a amante. Nesse sentido, Letícia normaliza e naturaliza o conflito que tinha com o ex-marido que mantinha uma relação fixa com outra mulher, conforme pode ser verificado no depoimento abaixo:

Ninguém numa situação dessa, eu acho que não ia agir normal assim. Normal, que eu digo assim, ficar... seu marido sai com outra, você sabe quem é e sabe que ele vai sair com essa pessoa. Aí no outro dia, você tá em casa, ele chega, você ri e beija ele. Eu acho que não. Era isso que ele queria que eu fizesse. Quando ele chegasse, eu agarrasse ele, beijasse ele, desse comida pra ele. Ficasse feliz porque ele voltou pra casa. Mesmo eu sabendo que ele tinha dormido com a outra.

De modo geral, a vizinhança também espera, e até cobra, uma reação da esposa, no mínimo uma briga entre casal. Por várias vezes, Letícia flagrou o marido acompanhado da amante em um bar perto de sua casa. Em algumas dessas situações, ela “fez escândalos” e brigou com a amante do marido. Em outras, ela via os dois juntos e simplesmente “baixava a cabeça” por sentir vergonha diante da exposição provocada pelo marido. Outras pessoas olhavam para Letícia e, ao mesmo tempo, fitavam o marido e a amante. Nas palavras de Letícia, os “outros” pensavam o seguinte da situação: “Não sei como ela aceita essa safadeza! [...] Ela

agora vai avançar neles dois”! Em linhas gerais, espera-se que a esposa não aceite, nem permita o envolvimento do marido com a outra.

Acrescento também a situação conjugal vivida por Laura em seu segundo casamento. Ela foi agredida pelo marido e expulsa de casa depois de ele suspeitar de sua infidelidade. Segundo Laura, ele “botou outra mulher dentro de casa” sem, ao menos, conversar com ela sobre a situação dos filhos. Ela contou como as pessoas imaginavam a sua reação diante do comportamento do marido:

Todo mundo ficou besta! [...] Todo mundo pensou que eu ia reagir, que eu ia fazer um escândalo, que ia dar pau, que eu ia mandar ela sair de casa. Ia quebrar o pau! Baixar o barraco! Como se diz na história. [...] Até hoje eu acho que a raiva dele é isso. Eu arrumei uma mulher, botei uma mulher em casa e a mulher não vem fazer nada! A mulher não fez reação nenhuma! [...] Todo homem espera uma reação! Que muita gente disse a ele: Menino, Laura é muito calma! Eu mesmo tinha baixado o barraco!

Na concepção de Laura, o marido “botou outra dentro de casa” para lhe dar o “troco” e se “enganou” porque imaginava que ela “ia baixar o barraco” ao chegar à porta de sua casa com a intenção de “arengar” e “esculhambar”. Nessa ótica, entrar em conflito com o marido diante do comportamento de “colocar outra mulher dentro de casa” depois de um mês de separação, bem como “brigar” com a nova esposa constitui uma regra imperativa, pois é imposta socialmente.

Os casos mencionados revelam que o conflito conjugal é esperado socialmente. Ele não rompe com as regras do jogo amoroso. Ele é a regra. É o que Simmel (1983) define em relação ao conflito, como algo inerente à vida social, não é episódico, muito menos patológico, sendo, portanto, uma forma de “sociação”, sugerindo o conflito possuir uma dimensão positiva. Com efeito, são os fatores de dissociação como o “ódio, a inveja a necessidade e o desejo” que causam os conflitos. Segundo Simmel (1983, p. 122), “o conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes”. Esta reflexão de Simmel (1983) é salutar para pensar que os conflitos, expressos através das discordâncias e dos confrontos, caracterizam o universo da conjugalidade, não sendo, portanto, exterior a ele.

A seguir, mostro como casos envolvendo o escândalo em torno da infidelidade masculina são corriqueiros nas ruas de Nova Guanabara.

4.2 Escândalos no contexto da infidelidade masculina

Ouvi relatos de mulheres traídas que fizeram escândalos³⁸ quando viram seus maridos desfilar publicamente com as amantes nas ruas do bairro onde moram, e com menos frequência, em outros lugares. Por isso, enfoco as brigas públicas entre casais para refletir sobre o conflito enquanto escândalo. O intuito é apresentar o desenrolar das brigas conjugais no contexto da infidelidade e quando elas possuem o caráter de escândalo. Surge uma questão que considero pertinente para o estudo desses conflitos: Por que as esposas fazem o escândalo? Por que não deixam para “brigar em casa”, ao invés de “brigar na rua”? Por que essa necessidade de tornar pública a briga? A intenção é trazer o que está subentendido nesses escândalos conjugais ocorridos no contexto da infidelidade masculina e fomentar uma interpretação antropológica sobre o tema dos conflitos.

Imagine-se leitor diante da seguinte cena de conflito:

Ele (marido), véspera de Natal, véspera de Natal, veio meio-dia da firma, trouxe duas champanhe, trouxe um bolo. Era meio-dia, em claro.

Vizinha: Leila, você sabe onde seu marido tá?

Leila: Não.

Vizinha: Ele tá na casa de uma mulher na Guanabara lá embaixo.

[...] O champanhe... deixou lá as coisas. Aí, eu entrei. Quando eu entrei... Não bati palma. Entrei.

Leila: Cabra-safado, você vai pra casa agora! Quer que eu vire tudinho aqui dentro? O rack e tudo?

A champanhe, tinha uma champanhe em cima da rack dela, a champanhe. [...]

Ele foi dizer a ela que era solteiro. [...] Eu cheguei lá e disse um bocado de coisa. Um bocado de coisa com ela. [...] Eu ia dar nela. Só não dei nela por causa dos filhos dela. Que ela não tem culpa, não! O cabra-safado é ele!

Essa cena é classificada popularmente de “baixaria” ou de “barraco”. Do ponto de vista etnográfico, rotular essa situação como sendo uma “baixaria” simplesmente encobre os sentidos que revestem o conflito. O/a antropólogo/a deve, por sua vez, apreender os termos usados na classificação dos conflitos em seus diferentes contextos. “Baixaria” ou “barraco” são termos usados para qualificar as cenas de escândalo conjugal e também podem ser usados para desqualificar quem o engendra. Laura, por exemplo, falou que considerava a esposa de um de seus ex-namorados como sendo uma mulher “baixa” porque gostava de “fazer barraco” nas portas dos outros. O vocábulo “baixa” foi usado para inferiorizar a ex-esposa, que a chamou de “rapariga”, na rua da casa da mãe desse ex-namorado. Laura decidiu romper o namoro porque

³⁸ É importante destacar que nem todas as mulheres fizeram ou se envolveram em escândalos em face da infidelidade masculina. Da mesma forma, nem todos os contextos marcados pelo flagrante foram caracterizados pelo escândalo. Há diferentes reações das mulheres diante da infidelidade masculina. Helena, por exemplo, relatou que jamais reagiu com gritarias e “esculhambação”. No entanto, saliento que o escândalo envolvendo a infidelidade masculina não é incomum no bairro e registrei vários exemplos durante o trabalho de campo. Especialmente, neste capítulo, o enfoque está voltado para os conflitos marcados pelo escândalo.

a ex-esposa dele era muito “barraqueira”. Percebi que muitas amantes evitam o contato com as esposas traídas com o intuito de se precaverem de possíveis escândalos. Lola também disse que não aconselha nenhuma esposa “brigar” com as amantes do marido, como ela fez na época em que estava casada, para não se “rebaixar” às “outras”; a postura de Lola revela que as esposas se consideram honradas, enquanto veem as amantes como sendo inferiores a elas.

Quando se torna público, o conflito é classificado como “feio” e, ao mesmo tempo, é esperado que o escândalo ocorra diante da publicização da infidelidade masculina. Esta ambiguidade caracteriza o universo dos escândalos conjugais. Não se trata de uma contradição. É sabido que o conflito é inerente ao convívio conjugal, tanto que as pessoas compreendem que “todo casal briga”. Contudo, o comportamento é tido como reprovável quando o conflito fica suscetível às redes de fofocas do bairro ou simplesmente por tornar-se visível aos olhos dos outros. Tal conflito também é considerado “feio” devido ao “desrespeito” entre os cônjuges que se manifesta através de gritarias e da “esculhambação”.

É válido salientar que nem todo conflito configura-se como sendo “baixaria”. O conflito entre Leila e seu marido, descrito acima, é considerado popularmente de “baixaria” porque envolve o escândalo³⁹. Compreendo o escândalo a partir das proposições de Thompson (2001). Este autor se dedicou ao escândalo político e o relaciona ao campo midiático. Sua concepção de escândalo extrapola, a meu ver, o campo midiático e parece sugestivo para pensar os escândalos ocorridos em contexto de flagrante da infidelidade masculina. O escândalo⁴⁰ denota “[...] aquellas acciones o acontecimientos que implican ciertos tipos de transgresión que son puestos en conocimiento de terceros y que resultan lo suficientemente serios para provocar una respuesta pública” (THOMPSON, 2001, p. 32). Ele aponta ainda que o escândalo possui cinco características: a) pressupõe as transgressões de certos valores, normas ou códigos morais; b) ações que possuem um grau de ocultação/segredo são reveladas a terceiros; c) pressupõe uma desaprovação pública e terceiros podem se sentir ofendidos pela transgressão; d) terceiros expressam sua desaprovação com o intuito de denunciar publicamente as ações transgressoras; e) a reputação dos envolvidos no escândalo está sob ameaça.

³⁹ Saliento que apenas Letícia usou o termo “escândalo” para descrever o modo como reagiu ao flagrar seu marido com outra em um bar perto de sua casa.

⁴⁰ Em outro momento, apresentei uma definição de “esculhambação”. Agora, retomo tal definição com o propósito de apresentar a distinção entre escândalo, compreendida a partir de Thompson (2001) e “esculhambação”. A “esculhambação” refere-se à prática baseada no uso de xingamentos, insultos, acusações e de difamações dirigidas ao outro. Ela pode ocorrer em diferentes espaços sociais. Sendo que esta prática pode acontecer ou não em cenas de escândalos. Contudo, é indispensável frisar que no contexto da infidelidade conjugal não há escândalo sem “esculhambação”. No escândalo, a “esculhambação” assume um caráter público e é responsável pela manipulação pública da reputação no auge do alarido entre os envolvidos.

Os escândalos nos contextos de infidelidade masculina não apresentam todas essas características, nem obedecem, necessariamente, a ordem desses elementos enunciados por Thompson (2001). Em diálogo com o campo de pesquisa, tal conceituação sugere pensar a existência de uma transgressão e a revelação dela; de uma manipulação da reputação no auge do escândalo; e do público presente no escândalo que também dá uma resposta aquele que transgredir. Acrescento ainda que o escândalo aqui estudado não envolve apenas a parte verbal, como se verifica na proposição conceitual de Thompson (2001), mas igualmente inclui a violência entre os envolvidos.

Os escândalos no contexto da infidelidade masculina possuem algumas particularidades. A infidelidade masculina, por si só, não provoca um escândalo. Ocorre a transgressão do pacto conjugal por parte do marido quando ele publica a infidelidade ou torna-a passível de ser descoberta. O escândalo não está dado. É a esposa que produz o escândalo⁴¹. Ela transforma a cena da traição masculina em algo escandaloso. De que forma? A partir da participação da comunidade. No momento do flagrante, a comunidade, ou melhor, a vizinhança é convidada a participar, por meio do envergonhamento público, dos envolvidos. É a vizinhança que dá, nesse contexto, o veredito moral. Por isso, Thompson (2001) fala que o escândalo culminará em respostas públicas (de terceiros) aos atos de transgressão. Nesse sentido, a participação de terceiros é condição para o desenrolar de uma cena de escândalo. A esposa busca exatamente uma resposta pública diante do ato transgressor do marido e da amante: a desaprovação do comportamento deles. Ela promove a desaprovação do comportamento do marido e a desqualificação da amante através da “esculhambação” pública, que ganham proporções quando disseminadas pelas redes de fofocas de censura do bairro (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Nesta perspectiva, considero relevante apreender os sentidos desses escândalos diante da infidelidade masculina. Convém se debruçar sobre o alarido feminino diante da infidelidade dos maridos. Afinal, o que esses escândalos expressam?

Partindo do exemplo do escândalo referente à Leila, é perceptível o rompimento do pacto conjugal por parte do marido ao trair a esposa abertamente. Trata-se da primeira fase do drama social relativo à *ruptura de relações sociais formais* que é segundo Turner (2008, p. 33) “sinalizada pelo rompimento público e evidente, ou pelo descumprimento deliberado de alguma norma crucial que regule as relações entre as partes”. Véspera de natal, o marido de Leila, por

⁴¹ É importante enfatizar que não estou querendo afirmar que os homens não contribuem para o engendramento da cena de escândalo. Pelo contrário, eles têm participação no escândalo na medida em que traem publicamente e expõem as respectivas esposas a uma humilhação pública. Nesse sentido, cada parte é importante para que a cena ocorra. Sendo assim, a mulher ganha mais destaque nessa análise antropológica porque o foco da pesquisa está nas reações (no comportamento) das mulheres diante da infidelidade do cônjuge.

exemplo, rompe o pacto conjugal ao levar o champanhe e o bolo que recebeu da firma que trabalhava para a casa da amante, ao invés de compartilhar esse momento com a esposa e os filhos. É exatamente esse sentimento de insatisfação que Leila expressa ao fazer um escândalo e ao invadir a casa da amante. Essa dissidência pública desencadeia o drama (da crise) conjugal que aparece no escândalo da esposa. Que drama é esse contado pela esposa traída no contexto do escândalo?

A traição pública dos maridos pode ser compreendida, segundo Bailey citado por Turner (2008, p. 33), como “um estopim simbólico de um confronto ou embate” que deflagra o escândalo conjugal. É a quebra do pacto por parte do marido que confere a legitimidade do escândalo da esposa. Convém deixar claro, o lugar da infidelidade masculina no pacto conjugal. Não é a infidelidade, em si, que provoca a quebra do pacto, mas o que está inextricavelmente ligado à ela: a confiança e o respeito⁴².

Esses dois elementos compõem o código de reciprocidade conjugal e a falta de qualquer um deles, que são ideais conjugais, desencadeia sucessivos conflitos conjugais. A infidelidade masculina é tida como tolerável, pois não provoca, necessariamente, a separação conjugal. Elas costumam ter uma visão geral sobre os homens e sobre o próprio casamento. Nesse sentido, não avaliam, de maneira isolada e exclusiva, a infidelidade do marido. Elas avaliam se os maridos são “bons⁴³” ou “ruins”. Na opinião das interlocutoras, o fato de eles traírem não significa que sejam “ruins”. Ser infiel não é um atributo que desqualifica completamente os homens, pois outros atributos são considerados pelas mulheres como sendo mais relevantes.

Os escândalos exemplificam a segunda fase, a crise, de um drama instalado numa situação de conflito. Na perspectiva de Turner (2008, p. 34), a crise é entendida como “[...] momentos de perigo e suspense, quando se revela um verdadeiro estado de coisas, quando é menos fácil vestir máscaras ou fingir que não há nada de podre [...]”. Segundo ele, cada crise pública possui características liminares, que são ameaçadoras, por se tratar de um limiar entre fases relativamente estáveis do processo social. Assim, o escândalo expõe claramente a crise

⁴² O respeito denota a consideração e o prestígio conferido ao parceiro no relacionamento. O respeito é identificado pela maneira como os casais se tratam (publicamente ou não) e pelo reconhecimento dos valores ligados às instituições familiar e matrimonial. Na leitura de Letícia: “Respeitar é não tá com ninguém por aí por perto, pra mulher não ver, pros filhos não ver. Não vir com agressão, ignorância”.

⁴³ Na percepção das mulheres, um marido “bom” é aquele que “dá valor à mulher”. Costumavam dizer que o “homem dá valor à mulher” quando reconhece seu trabalho doméstico, o cuidado com os filhos e seu desempenho como esposa. Reconhecer significa também retribuir o que elas fazem por eles. A fala de Letícia ilustra essa concepção: “É assim, ele cuidar, dar atenção, se preocupar como é que a pessoa tá, cuidado com a pessoa, tratar a pessoa bem. [...] Respeitar [...] Assim, o que você faz de bom pra ele, ele lhe retribuir, reconhecer o que você faz”. Algumas mulheres diziam que muitos homens só “dão valor às esposas” quando perdem. Em contrapartida, um marido “ruim” é aquele que “não faz as obrigações dentro de casa, que dá na mulher, que esculhamba quando chega bêbado”, resume Luísa.

entre o casal ou provoca-a ao pôr em suspenso a estabilidade da união conjugal e evidencia o estado crítico e perigoso da crise.

As brigas narradas neste capítulo ocorreram, geralmente, na rua, na esquina, no bar, na casa da amante do marido e foram motivadas ou noticiadas no bairro através do canal da fofoca. Esses detalhes são úteis para entender que o conflito, a exemplo do escândalo, possui um caráter público. É válido deixar claro que não estou afirmando que existe conflito sem caráter público, pelo contrário, sigo a interpretação de que qualquer conflito é público (TURNER, 2008). No contexto dos escândalos, casa e rua se imiscuem (DA MATTA, 1997) e traduzem a permeabilidade dessas duas esferas no universo dos conflitos conjugais.

Vale destacar que os escândalos envolvendo a infidelidade masculina são caracterizados pela “esculhambação”. A prática da “esculhambação” pública é uma característica da cena do escândalo, podendo aparecer em outros momentos conjugais. É uma ação reparadora e representa a terceira fase do conflito, denominada de ação corretiva. Turner (2008, p. 34) assinala que “no intuito de limitar a difusão da crise, certos ‘mecanismos’ de ajuste e regeneração [...] informais ou formais, institucionalizados ou *ad hoc*, são rapidamente operacionalizados”. Saliento que as ações reparadoras no contexto da conjugalidade ocorrem para “limitar a difusão da crise”, como lembra Turner (2008), e, com menos frequência, em outros momentos conjugais que não correspondem à fase crítica do relacionamento. Sendo mais comum o uso da “esculhambação” em momentos de crise conjugal.

A seguir mostro que, por meio do escândalo, a esposa busca restituir sua honra diante do desrespeito público do marido que a traiu abertamente. Descrevo como ocorre a “esculhambação” pública da esposa, que visa primordialmente reparar a relação do homem com o domínio doméstico e reforçar os valores relativos ao campo da conjugalidade. E, por fim, reflito sobre o ciclo do conflito que se inicia com o propósito da esposa de levar o marido envergonhado para casa.

4.2.1 A honra feminina no contexto da infidelidade masculina

A infidelidade do marido põe em questionamento a honra da esposa. A honra feminina reside na preocupação de manter uma conduta “respeitável”, sendo fiel ao esposo e na sua capacidade de administrar a casa. A partir do escândalo, as esposas intentam restituir sua honra.

No auge do conflito, Leila e outras esposas traídas expressaram publicamente que consideravam inadmissível a infidelidade. Incomodava-as o fato da infidelidade do marido tornar-se conhecida na vizinhança, uma vez que pela fofoca, a notícia circula e é comentada nas

redes de conhecidos do bairro. Quando a infidelidade do marido é publicizada, ela é submetida a uma humilhação pública. Sobre esse aspecto, escutei de Leila a seguinte frase: “se eu moro aqui, precisava ele arrumar rapariga aqui”! Por outro lado, verifiquei também que muitos casos de infidelidade conjugal são descobertos pelas esposas através do canal da fofoca, principalmente por meio de vizinhas que contam as esposas que viram ou sabem que seus maridos estão se encontrando com outras mulheres. As pessoas consideram importante “provar” que estão falando a “verdade”, seja levando a esposa traída até a casa da amante ou informando os locais e até os horários, onde o marido se encontra com a outra; ouvi relatos de vários flagrantes que ocorreram a partir de fofocas. Nesse contexto, as fofocas aparece como um sistema de controle e ao mesmo tempo dinamiza conflitos no contexto da infidelidade conjugal.

Lola ficou “sabendo” através de fofocas das vizinhas que o marido estava se encontrando com “outra”. A esposa observou que, exatamente na esquina da rua de sua casa, o marido estava com uma mulher e acompanhado de amigos ao som de repiques e pandeiros. Ela não espera o marido chegar ao lar e dirige-se à esquina de sua rua para tomar satisfação:

[...] Foi nessa mesma rua lá na esquina, né. E daqui, na hora que eu olhei daqui, eu sabia que era a tal que me disseram. [...] Se ela tava lá e todo mundo, ele tava com ela, né! Aí eu fui, mas quando eu cheguei que ela olhou que me viu, eu não cheguei ali junto da casa de Júlia (a filha mora na mesma rua da mãe), e era na esquina que eles tavam. Que carreira a mulher deu, viu!

P: Elas correram.

Lola: Correu. Ela correu. Ele correu e tudo correram. [...] Os negão tudo correndo e eu furando os bombos. Furei os bombos todinho, repique tudo, não ficou... até o pandeiro eu furei.

P: Mas era dos colegas dele.

Lola: Eles correram. Jogaram no chão.

P: Os homens?

Lola: Correram tudinho, não ficou ninguém. Só ficou eu e João, o padrinho de Paulo (neto) porque tava dentro de casa. Eu disse: Dentro da casa dele eu não entro não, agora saia de dentro pra eu te furar agora do jeito que eu furei esses bombo. Cabra safado! Um homem não traz uma rapariga pra rua que mora, não! Me respeite! Que eu lhe respeito. O único homem que eu tive foi você e mais outro, não. [...] Vim embora. Desse dia em diante, acabou-se. Quis mais ele de jeito nenhum.

Antes de chegar à esquina, a amante corre quando avista a esposa se aproximando do local. Ela sabia que seria, no mínimo, alvo de xingamentos vindos da esposa. Todos correram. Inclusive o marido corre apressadamente e entra na casa do padrinho de seu neto. Entrar na “casa dos outros” é uma forma de minimizar o conflito, já que se a esposa entrasse lá e iniciasse uma “briga de casal” se configuraria numa invasão de domicílio.

Furiosa, a esposa quebra os instrumentos musicais deixados pelos homens no impulso da carreira. Nesses episódios de conflitos envolvendo o escândalo conjugal, geralmente a esposa ou o marido quebram, jogam ou ameaçam quebrar algum objeto. O conflito se expressa com mais intensidade quando a esposa fura os bombos, o repique e o pandeiro. A destruição dos objetos representa simbolicamente a raiva e o ódio que a esposa sentiu com relação ao marido e à amante. A dor por ter sido traída, a cólera e a insatisfação conjugal não são veladas pela esposa, pelo contrário, são exageradamente manifestadas na rua pelo tom alto de voz e pelos gritos dela. Dessa forma, a esposa simplesmente escandaliza seu sofrimento conjugal e consequentemente sua condição de esposa traída.

Este comportamento da esposa furiosa pode ser elucidado com base nas interpretações antropológicas de Mauss (2001) sobre a expressão obrigatória dos sentimentos. Com base no estudo de Mauss (2001) sobre o ritual oral dos cultos funerários australianos e de outros sentimentos, entendo que essa manifestação pública de sentimentos e emoções no auge dos conflitos possui um caráter coletivo, social, moral e obrigatório. É esperado que a esposa demonstre sua insatisfação com relação ao comportamento do marido. Obrigatoriamente, ela precisa demonstrar seu desagrado, senão através do escândalo, pelo menos nas conversas entre comadres⁴⁴ ou em outras redes de relacionamento do bairro. Essa expressão de sentimentos e emoções é coletiva porque é compartilhada com outras pessoas e, sobretudo, porque está inscrita num código social. Dessa forma, a interpretação de Mauss (2001) sobre os rituais funerários australianos elucida que essas expressões orais nos conflitos não são simples manifestações, já que dizem respeito a uma linguagem. Assim, os gritos, o choro, a cólera consistem em um meio de comunicação entre os casais e o público presente no escândalo que compartilham um código social coletivo. Trata-se, portanto, de uma ação eminentemente simbólica, revestida de signos e significados.

É importante também refletir sobre o alarido feminino no auge do escândalo. O alarido é uma forma de questionamento de que o marido não pode desfilar publicamente com outra. Dessa forma, a indignação é escandalizada pela esposa traída. Através do escândalo, as mulheres expressam que não consentem os maridos traírem publicamente. Elas questionam e resistem a um tipo de infidelidade masculina pública. Isso não quer dizer que as mulheres se separaram de seus maridos depois do flagrante; mostro a seguir como as mulheres depois do

⁴⁴ É comum as esposas criticarem o comportamento de seus maridos nas interações cotidianas. A vizinha de Lia contou, numa conversa estabelecida na calçada, que seu marido era muito “mulherengo”. Diante das dificuldades de frear as escapulidas do marido, conta em tom de alívio que conseguiu convencê-lo a fazer a vasectomia e, dessa forma, controlou a produção de filhos fora do casamento, pois ele já tinha tido dois.

escândalo levaram seus maridos para casa. No entanto, convém considerar que, de maneira geral, as mulheres seguem por meio do escândalo legitimando o lugar de prestígio dos homens no campo da infidelidade.

Por outro lado, o caso descrito anteriormente pode ser analisado igualmente sob a ótica da reciprocidade. Os objetos quebrados representam a falta de retribuição do marido à esposa no âmbito do relacionamento conjugal. No auge do escândalo, ela cobra respeito e expõe publicamente que sempre o respeitou. O que ela esperava em troca era o respeito dele. Outra vez baseio-me em Mauss (2003b) para refletir sobre essa relação entre conflito e reciprocidade. Para este antropólogo francês, as relações sociais são baseadas em trocas fundamentadas essencialmente nas práticas de dar, receber e retribuir. Nesse sentido, a troca é, por excelência, obrigatória (MAUSS, 2003b).

A narrativa do conflito, em questão, revela que, em virtude do marido não retribuir o respeito, a esposa declara uma guerra conjugal através do escândalo envolvendo o casal. Essa guerra conjugal é percebida através da cobrança pública feita pela esposa. Na verdade, ela está expondo e cobrando uma dívida do marido por descumprir o pacto conjugal.

A reflexão aqui proposta sobre a relação entre conflito e reciprocidade desconstrói a ideia presente no senso comum de que as mulheres nada têm a perder quando são traídas. O conflito narrado acima revela que a esposa está preocupada com sua honra, que está por sua vez inscrita no modo como elas reagem à infidelidade do marido.

Nessa perspectiva, retomo o debate antropológico sobre honra para pensar sobre esses casos conflituos. Pitt-Rivers (1989), Peristiany (1968) e outros teóricos construíram um ambicioso modelo de interpretação ao tomar a “área cultural mediterrânea” para realizar pesquisas em torno da noção de honra e temas relativos a ela. Esses estudos foram posteriormente criticados porque enfatizaram a homogeneidade cultural, sem levar em conta as especificidades dessa área. Nesse sentido, a discussão sobre honra e vergonha apresentava-se do mesmo modo em todas as sociedades da região mediterrânea. Entre os “Pueblo de la Sierra”, por exemplo, Pitt-Rivers (1989) mostra que a noção de vergonha estava intimamente associada à mulher, enquanto a honra relacionada diretamente ao homem. Nos termos do autor, a “personalidade social masculina” está relacionada à “virilidade” (ou à honra), ao passo que a essência feminina reside na “vergonha”.

No que tange à vergonha, Pitt-Rivers (1989) aponta essa noção como estando relacionada ao sexo. Como há uma associação direta com as mulheres, conforme destacado anteriormente, a reputação feminina é entendida como ancorada em sua *conduta* sexual e, é

nesse íterim, através da opinião pública, que se avalia uma mulher como sendo carente ou não de “vergonha”. No contexto do mediterrâneo, honra e vergonha estão justapostos, pois a “vergonha” da mulher implica diretamente na honra do marido. Assim, a mulher não apenas carrega consigo o cargo de manter sua conduta idônea, isto é, sendo fiel ao esposo, como também é responsável pela honra do marido e da própria família. Nesses termos, a honra masculina está inscrita no pudor feminino, especificamente na sua vergonha (PITT-RIVERS, 1989). Falando em honra, vale frisar que cabe ao marido, nessa situação, manter a mulher sob vigilância para proteger sua masculinidade, porque ela reflete diretamente em sua honra.

Concebo as categorias honra e vergonha levando em consideração seus contextos culturais específicos e sem genericá-las, para usar o termo de Joan Scott (1995)⁴⁵. Enfatizo que os homens não são os únicos possuidores de uma honra a ser incessantemente preservada. Igualmente, as mulheres possuem honra (FONSECA, 2004b) a ser mantida e resguardada de acordo com valores atribuídos conforme sua especificidade de gênero. Estes desempenham respectivamente os papéis de marido e de esposa dentro dos âmbitos familiares e conjugais que são, por excelência, espaços moralizadores. Da mesma forma, a vergonha diz respeito simultaneamente a homens e mulheres.

A partir das considerações teóricas de Peristiany (1968) e Pitt-Rivers (1968) fundamento uma interpretação sobre a honra das mulheres traídas. Sobre honra, Pitt-Rivers (1968, p. 22) assim a define como sendo:

[...] El valor de una persona a sus propios ojos, pero también a ojos de su sociedad. Es su estimación de su propio valor o dignidad, su pretensión al orgullo, pero es también el reconocimiento de esa pretensión, su excelência reconocida por la sociedad, su derecho al orgullo.

Em outras palavras, Pitt-Rivers (1968) lembra que a honra não implica somente seguir um modo de conduta, mas refere-se principalmente à aquisição de direito a certo tratamento como recompensa, envolvendo o reconhecimento a determinada identidade social⁴⁶.

Por sua vez, Peristiany (1968, p. 11) acrescenta que todas as sociedades têm regras de conduta e “recompensan a quienes se conforman con ellas y castigan a quienes las

⁴⁵ “Generificar” é o termo usado por Joan Scott (1995) para se referir ao modo como áreas e conceitos são atribuídos exclusivamente a homens ou a mulheres. Como por exemplo, a família foi ao longo dos tempos associada à mulher e a política aos homens. Cabe ao pesquisador, então, “degenerificar” os espaços sociais e os conceitos que constantemente nos reportamos em nossas pesquisas com o intuito de tornar ou tomar “gênero” como uma categoria de análise histórica, tendo em vista seu caráter político.

⁴⁶ Para Pitt-Rivers (1968), a honra possui uma estrutura geral presente nas instituições sociais e nos hábitos de avaliação das diversas culturas. Isto é, a honra possui uma linguagem comum que rege as culturas, por mais que elas possam ser diferentes entre si.

desobedecem”. Assim, é estabelecido um comportamento-padrão e por meio dele atitudes individuais passam por um processo de avaliação e valorização social.

Nesta perspectiva, convém refletir: como fica a honra feminina diante da traição “pública” do marido? A esposa traída consegue restituí-la? Voltando ao conflito entre Lola e seu marido, fica claro que ela não deve consentir que o marido desfile publicamente com outra, ainda mais na rua onde eles moram. Reside no *respeito* pela parceira o limite da condescendência feminina para com as traições dos maridos (SALEM, 2004). Por isso, a esposa grita publicamente: “Cabra-safado! Um homem não traz uma rapariga pra rua que mora, não! Me respeite! Que eu lhe respeito”! Desse modo, a honra da esposa está diretamente relacionada ao modo como o marido se comporta no casamento. Nesse contexto, entendo que a honra possui um caráter relacional (MACHADO, 1985; PITT-RIVERS, 1989), pois o comportamento do parceiro no casamento implica diretamente na honra do outro cônjuge.

Nessas situações de infidelidade, a esposa é desonrada e exposta a uma situação de vergonha pública ao ver seu marido com “outra”. No auge do conflito, a esposa defende sua honra de várias maneiras: ela pode expor publicamente que não condescende com o comportamento infiel do marido; enfatizar que ele quebrou o pacto conjugal; ou dizer, a exemplo de Lola, de forma escancarada, que era uma mulher de “respeito” por jamais ter traído o cônjuge. Nesse contexto, a fidelidade feminina aparece no discurso das mulheres como um valor simbólico que potencializa sua reputação. Dessa forma, a esposa consegue através do escândalo ressarcir sua honra.

Contudo, se o marido voltar a desfilar livremente com outra, a esposa voltará a demonstrar que não assente com o comportamento infiel dele. Em todas essas situações de infidelidade do marido, Lola fazia outro escândalo ou, na maioria das vezes, buscava demonstrar nas conversas com os conhecidos, que era uma mulher “digna”, ao contrário de seu marido. Nesse sentido, a honra está constantemente em processo de construção e aprovação social (PITT-RIVERS, 1968, 1989). No campo da infidelidade conjugal, esse processo não poderia ser diferente.

4.2.2 “Esculhambação” pública no escândalo

Discutidas honra e vergonha, aprofundarei a reflexão sobre a manipulação da reputação no contexto do escândalo. A reputação é destaque no escândalo através da “esculhambação” pública entre os envolvidos. Para compreender essa relação entre honra e vergonha nas brigas públicas entre casais transcrevo a seguir outra cena de escândalo:

Aí a menina dali, morava ali, ainda me lembro, ela foi pra Maceió, essa
 menina: Dona Leila!
 Leila: Oi minha fia!
 Vizinha: Seu Davi já chegou?
 Leila: Não. Ele tá chegando tarde.
 Nesse dia, até tava faltando luz.
 Vizinha: Bora, ver onde ele tá!
 P: Aí ela levou você lá.
 Aí ela passou direto: oh, ele tá ali!
 Aí eu bato palma. Quando eu bato palma, que invado...
 Leila: Ou você sai daí ou eu vou pular esse portão, agora! Cabra-safado!
 Aí ele tava sentado, tomando uma cerveja, sem camisa, a camisa na cadeira...
 E ela, todo dia, ela comprava uma cerveja pra ele. Ela tinha comprado cerveja
 pra ele tomar. Carne assada, a cervejinha...
 Leila: Cabra-safado! Sua puta safada!
 Amante: Não, não me esculhambe, não!
 Leila: Você é mais do que puta!
 Amante: Eu não sou puta, não!
 Leila: Você é! Diga que você não é! Ou você abre agora ou eu vou pular esse
 portão e fazer miséria aí dentro!
 Amante: Vai timbora! Vai timbora!
 Leila: Não vai, não!
 Comecei a jogar pedra!
 Leila: Bora, cabra-safado!
 Ele veio tão doido que esqueceu o relógio.

Os escândalos e as dissidências entre os casais ocorrem quando a outra surge publicamente e a esposa tem que conviver com a presença dela. Já que o marido não se preocupou em resguardar a honra da esposa, ela o submete à vergonha pública ao iniciar uma briga na casa da amante. E a “esculhambação” começa. A esposa xinga o marido de “cabra-safado” e chama a amante de “puta” ou “puta safada”. Esses xingamentos são dirigidos a ambos com o objetivo de difamar e diminuir o outro publicamente. Tais insultos visam principalmente rebaixar o homem e a amante perante a vizinhança.

Essas cenas de escândalos mencionadas revelam que o conflito conjugal se expressa através da linguagem de gênero. As personagens desse drama conflituoso são classificadas, levando em consideração as diferenças, as atribuições e as desigualdades de gênero. Na apresentação pública do drama conjugal, o marido aparece como sendo o safado, a esposa simboliza a “respeitável” e transmite a imagem de uma mulher “danada” em comparação à amante que representa a “rapariga”, fundamentalmente a figura feminina que invade, desorganiza e arruína o núcleo conjugal e familiar constituído (GOLDENBERG, 1990).

Além do mais, a “esculhambação” é a própria dramatização dos conflitos entre casais e entre mulheres no campo da infidelidade. Através dela, os casais trocam insultos, xingamentos, difamações e avaliam, no auge do conflito, a conduta um do outro no tocante à conjugalidade.

Desse modo, as reputações e as posições sociais são, de um lado, reafirmadas, e de outro, questionadas.

Concomitantemente, a “esculhambação” é uma forma de violência simbólica usada entre os envolvidos na cena do escândalo. É evidente que através da prática difamatória não é o homem, mas a mulher, no caso à amante, a mais ofendida no desenrolar dos conflitos. É no campo sexual que as esposas buscam atingir a reputação das amantes do marido. Essa situação é tão corriqueira que podemos identificá-la ao nosso redor. É comum escutarmos em nosso cotidiano termos como “rapariga”, “puta” e outros do mesmo gênero sendo usados para depreciar e desmoralizar uma mulher. É fácil atingir a honra de uma mulher. Não é à toa que a expressão “filho(a) da puta” é utilizada para depreciar à mãe, uma mulher, e não a pessoa a quem o xingamento é dirigido. Em outras palavras, a pessoa é atingida quando a honra de sua mãe é difamada através do vocábulo “puta”⁴⁷.

Insurge o questionamento: em que medida a “esculhambação” das esposas atingem os homens? Eles estão sujeitos a um duplo padrão moral. De um lado, a “esculhambação” potencializa a masculinidade deles no campo sexual. Através do escândalo, a esposa exalta a imagem do homem “raparigueiro” que tem mais de uma mulher e potencializa sua virilidade. Do outro lado, a “esculhambação” confere à mulher a chance de despotencializar os sentidos da masculinidade no campo conjugal e potencializar os sentidos de conjugalidade. A masculinidade é atingida no campo conjugal quando as mulheres conseguem ressaltar, na cena do escândalo, e até em outros momentos, que o marido não desempenha com rigor o papel de provedor da família e prefere “dar as de fora” do que à esposa e aos filhos. Sustentar a casa é uma prerrogativa da masculinidade e não cumpri-la põe em jogo a reputação dos maridos (NEVES, 1985; SARTI, 2007; SCOTT, 1990).

Simultaneamente, as mulheres reforçam os valores da conjugalidade ao criticar o comportamento infiel dos maridos: a quebra do pacto conjugal por parte do marido como o desrespeito à esposa, não ser recíproco e não se preocupar com o vínculo conjugal e em resguardar a família. As mulheres visam principalmente, através da “esculhambação” pública, dar uma lição de moral ao marido e corrigir seu comportamento, que põe em questionamento os valores ligados ao casamento monogâmico, tais como, respeito, confiança e fidelidade.

Em outras palavras, a intenção das esposas é reforçar a “responsabilidade” do homem com a casa e os filhos. Margareth Arilha (1998) aponta que a chegada do filho e a constituição

⁴⁷ Essa discussão sobre as figuras femininas no contexto da infidelidade masculina é aprofundada nos capítulos cinco e seis que abordam o antagonismo entre as mulheres nas relações de disputas.

da família marcam a passagem dos homens para a vida adulta. De uma fase marcada pela “zoeira” e pelo “descompromisso”, ligada à liberdade, para outra marcada pela responsabilidade e pela maturidade. As esposas traídas buscam, no auge dos escândalos e para além dele, alimentar “o senso de responsabilidade” (ARILHA, 1998) de seus respectivos maridos que insistem em desfrutar livremente dos prazeres do sexo fora do casamento e em estabelecer uma relação descompromissada com a vida a dois.

A cena do marido comendo carne e tomando cerveja na casa da “outra” e o episódio do marido levando para a casa da amante a cesta contendo um champanhe e um bolo que recebeu da firma do trabalho provocam a ira nas esposas. Elas compreendem que, nessas circunstâncias, os maridos não se importam com a família.

Voltando ao debate sobre a manipulação da reputação no escândalo, é importante ressaltar que estes exemplos desconstróem as díades mulher/vergonha e homem/honra presente nos estudos clássicos sobre a honra mediterrânea. Antes de sua associação direta à mulher, a categoria vergonha possui um sentido geral, como lembra Pitt-Rivers (1989). A vergonha é entendida pelo autor como uma qualidade moral relacionada a uma pessoa; ou, ainda o respeito aos valores morais da sociedade (ou, de modo específico, dos espaços conjugais e familiares), para se reportar às esferas sociais que aqui estão em destaque. Enquanto “modo de sentimento” (PITT-RIVERS, 1989), tanto homens como mulheres podem vivenciar a “vergonha”.

Nos contextos conjugais envolvendo o escândalo, as noções de honra e vergonha aparecem interligadas e, ao mesmo tempo, relacionadas aos homens e às mulheres. Sendo assim, concluo que inseridos nessas situações marcadas pelo flagra da esposa e pelo escândalo, os homens vivem publicamente o sentimento de vergonha na esfera da conjugalidade quando a esposa põe em questionamento sua reputação ao questionar seu desempenho de provedor da casa e de “pai de família”. Leila, por exemplo, disse que seu objetivo nessas brigas públicas era escandalizar que ele “não prestava”. Já a esposa é submetida principalmente à condição de desonra social diante da traição pública do marido, enquanto a amante é, por sua vez, submetida a uma desmoralização através do escândalo da esposa; expô-la à condição de vergonha é o mesmo que torná-la publicamente desonrada.

4.2.3 “Bora cabra safado!”: reestabelecendo a ordem da casa

Nas cenas de escândalos descritas anteriormente, observei que as esposas traídas buscavam reestabelecer a ordem da casa. No auge dos escândalos, elas emitiam num tom imperativo as seguintes frases: “Cabra-safado, você vai pra casa agora”, gritou Leila ao ver seu

marido na casa da amante. Ela ameaçou “virar o rack” e bagunçar a casa da amante, caso o marido continuasse na casa da outra. Dessa forma, ela ameaçou intensificar o escândalo diante do comportamento desregrado do marido. Em outra situação extraconjugal do marido, Leila ameaçou pular o portão da casa da amante, caso o marido não saísse imediatamente de lá. Insatisfeita e deveras impaciente, ela começou a jogar pedra no portão da casa dessa amante para o marido voltar para casa. Ela chamou o marido de maneira insistente e num tom alto de voz: “Bora cabra-safado”. O escândalo aparece na narrativa como tendo uma eficácia. A esposa espera que, ao final, o marido volte envergonhado para casa. Entretanto, as mulheres não percebem que o escândalo não “resolve” o conflito conjugal, pelo contrário, intensifica-o.

Em adição, considero significativo compreender “a volta do homem” envergonhado para casa, como se inscrevendo na complexa teia que conecta mulher e casa. O controle da casa, por parte da mulher, significa um olhar atento ao que o marido faz na rua, como demonstrado no terceiro capítulo em que dissertei sobre a cisma feminina. Verifiquei que muitas mulheres entravam em conflitos com o marido em virtude da infidelidade dele e com a própria amante com a intenção de levá-lo de volta para casa. Essa prática revela a busca incessante por parte da esposa de manter “a casa em ordem”. Comparativamente, o estudo de Fonseca (2004b) sobre o relato de mulheres traídas mostra que sobressai a imagem da “mulher que sabe se mexer”. Na interpretação de Fonseca (2004b, p. 130), “a mulher admirável é aquela que sabe se mexer – limpando casa, trabalhando fora ou brigando para arrancar o marido/provedor dos braços de uma amante”.

No contexto da infidelidade masculina, é através das brigas e dos escândalos que as mulheres mostram que não vão ficar de braços cruzados diante da traição pública e mostram que é assim que buscam manter o controle sobre as aventuras sexuais dos maridos. Os casos apontam que as esposas conseguem “arrancar o marido dos braços da amante” (FONSECA, 2004b), mas não impede que outros relacionamentos extraconjugais ocorram. O caso contado por Livia é ilustrativo. Ela derrama uma bebida na mesa e consegue tirar o marido do cabaré ao dizer que estava indo embora e que estava contando dois minutos para o marido sair de lá, caso contrário, “ia virar a mesa por cima dele”. Em seguida, o marido voltou para casa com a esposa.

Os escândalos das esposas traídas têm um caráter corretivo (TURNER, 2008), seja com relação ao marido, seja com relação à amante. No tocante ao marido, a tentativa é de reparar a sua relação com a conjugalidade. O escândalo é o meio que as mulheres usam para lembrá-los que tem uma esposa, filhos, família e uma casa para ser provida e gerenciada.

Cito mais um caso. Lola vai “buscar” o marido na “zona”⁴⁸. A esposa garante que só foi buscá-lo porque a sogra pediu a ela que tentasse tomar o revólver das mãos do filho que já tinha atirado várias vezes naquele espaço. Mas, acompanhando os detalhes do relato, noto que o incômodo da esposa não residia essencialmente no fato do marido portar uma arma e com ela chegar a ferir uma pessoa, essa preocupação era muito mais da mãe; a esposa inquieta-se mais ao descobrir que o marido estava com a outra na zona. Acompanhemos o relato:

Eu fui lá [...] na porta do motel [...] Eu nunca tinha entrado nem num...

Lola: Que que tu tem menino? Me dá! Me dá o revólver!

Ele sem querer dar. [...] Aí tomei dele.

Marido: Tome, tome, tome. Vá pra casa.

Lola: Eu vou levar. Agora tu vai pra casa, visse!

Quando eu vi a menina (camareira) toda cismada.

Lola: Que é Joana que tu tens?

Camareira: Nada não, dona Lola!

E debaixo do balcão a bicha tava.

Lola: Eu vou entrar aí dentro Joana. Dá licença!

Marido: Não entre aqui, não!

Ele não queria que eu entrasse no motel. Mas era porque a bicha dele tava atrás do balcão.

P: Você tinha visto?

Lola: Eu não vi, não. Mais aquilo, o subconsciente. O aspecto das pessoas que tavam lá fizeram com que eu cismasse.

Ela (a outra) muito esperta, quando eu fui andando assim, só tinha uma saída, né. Dona Margarida tava na frente, o que ela (a outra) foi passar bateu em dona Margarida, a bichinha caiu. Já era velha (a mãe). A mãe dele caiu e bateu com a cabeça. Quando eu vi o sangue, menina! Eu endoidei. Eu peguei o revólver, fui dar uma coronhada de revólver nela. Ela se abaixou e correu.

P: O revólver tava onde?

Na minha mão. Ele já não tinha me entregado o revólver. Aí que eu olhei tava sem bala. Aí eu não pude fazer nada. Porque sem bala... Eu ia dar uma coronhada de revólver na cara dela pra ela sentir o prazer do sangue que a mãe dele tava derramando. Que não rachou a cabeça da velhinha, da mãe dele! Que ela não caiu!

Lola: Tá vendo! Por causa de você! Cabra safado!

Aí esculhambei.

[...] Eu olhei. Mas é um inferno! Não tem nem bala pra eu atirar na cara dessa puta. Eu era doida! [...]

Lola: Onde eu encontrar ela, o sangue que sua mãe derramou... mas foi pouca coisa sabe! O sangue que sua mãe derramou, eu vou descontar. Pode crer! E olhe se não vou for você e ela. [...]

P: E ela depois da coronhada.

Ela correu. Ainda bateu uma coronhada aqui, nas costas. [...] Quando eu olhei, ela já tava na praça do táxi, que ali era uma praça de táxi, na esquina.

Aí ele pegou minha filha e disse assim: O que é menina! Que tu nunca viesse atrás de mim! Foi a primeira vez.

⁴⁸ O termo “zona” significa prostíbulo.

A expressão “eu era doida!” usada por Lola diante da vontade de atirar na mulher que estava com seu marido remete ao estudo de Fonseca (2004b) sobre o comportamento de mulheres infiéis. Essa antropóloga revela que os relatos femininos não se referem simplesmente a uma transgressão de limites, mas expressam uma valentia feminina que rompe com uma visão estereotipada sobre a mulher.

Os casos aqui apresentados mostram que é através do escândalo que a esposa impõe limites à infidelidade deliberada do marido. Tal prática ocorre marcada por um clima de tensão e de conflito. À primeira vista, fica a impressão de que nos escândalos e também em outras discussões e brigas conjugais, as esposas pretendem romper a relação conjugal quando, na verdade, elas pretendem, na maioria das vezes, apenas dar uma lição de moral no marido ao chamar a sua atenção na frente da vizinhança e reparar a relação do homem com o domínio doméstico.

Como foi visto até aqui, as mulheres enfatizam através da “esculhambação” que eles não estão sendo recíprocos. Em face da quebra do pacto conjugal por parte do marido, os conflitos entre casais são inevitáveis. O escândalo e a “esculhambação” são estratégias reparadoras usadas para controlar o comportamento do marido que trai abertamente as esposas. Elas sabem que não têm como conter seus impulsos sexuais, mas visam *domesticar* as sexualidades dos homens no universo da conjugalidade, lembrando-os que são casados (SALEM, 2004). Nesse interim, os casais “brigam”, “esculhambam”, fazem as pazes e brigam novamente quando a infidelidade masculina aparece.

4.3 O ciclo dos conflitos violentos e as crises no relacionamento

Neste tópico, reflito sobre a crise no casamento e a lógica do ciclo dos conflitos violentos no contexto da infidelidade masculina. Traço o cotidiano⁴⁹ dos conflitos entre casais depois do flagra ou da descoberta da infidelidade por parte da esposa. A intenção é delinear como se desenvolve o ciclo dos conflitos violentos no âmbito conjugal quando a infidelidade masculina aparece.

Soares (1999) cita a clássica descrição de Lenore Walker (1979) sobre o ciclo da violência. O ciclo da violência é composto de três fases e Soares (1999, 2005) sintetiza-o da seguinte forma. A primeira fase compreende a “construção da tensão no relacionamento”, como: agressões verbais, ciúmes, ameaças, destruição de objetos, etc. A segunda fase

⁴⁹ É importante salientar que é difícil para o/a pesquisador/a traçar o cotidiano dos conflitos conjugais devido às limitações do enfoque da pesquisa. Por isso, o cotidiano conjugal é apresentado a partir dos relatos das interlocutoras.

corresponde à “explosão da violência” marcada pelo descontrole e pela destruição e ocorrem agressões agudas, quando a tensão atinge seu ponto máximo e ocorrem os ataques mais graves. E a última fase, chamada “lua-de-mel” corresponde a terceira fase do ciclo e é caracterizada pelo arrependimento do agressor; nessa fase, inicia-se um período de calma no relacionamento, já que o agressor pede perdão ou demonstra remorso pelo ato violento, medo de perder a parceira e o amor que sente por ela; além disso, a parceira volta a acreditar na transformação dele e ele consequentemente acredita que não agirá de forma abusiva, pois imagina que a esposa não irá tentá-lo a agir de tal forma.

Baseio-me nesse ciclo da violência para pensar a dinâmica dos conflitos violentos entre casais. Contudo, é importante apresentar algumas características e limitações desse modelo interpretativo. Soares (1999) destacou que o modelo cíclico de etapas se desenvolve de formas mais ou menos padronizadas e, nesse sentido, os fatos nem sempre ocorrem literalmente de acordo com esse modelo. Outras limitações também podem ser destacadas: nesse modelo, geralmente a “vítima” é a mulher e o homem aparece como o “agressor” (SOARES, 1999). Soares (1990) acrescenta que na leitura do modelo feminista, a violência masculina não é episódica, mas ocorre de maneira cíclica e repetitiva, tendendo a aumentar com o tempo, em frequência e intensidade. Postas as limitações deste modelo cíclico de violência, acrescento que olhar para a violência de uma maneira relacional (GREGORI, 1993) amplia a compreensão sobre o universo conjugal. A ideia não é negar que o corpo feminino é marcado pelos abusos dos maridos, mas mostrar que no cenário doméstico o marido também é xingado, pode sofrer ameaças e agressões. Dito de outra forma, a violência não está nele, ou nela, mas vai sendo instituída na relação conjugal. Somado ao fato de que, no contexto da infidelidade masculina, as mulheres, nas condições de esposa e de amante, também estão enredadas num ciclo violento entre elas.

Cito outra cena de escândalo para ilustrar como funciona o ciclo do conflito violento no contexto da infidelidade masculina. O marido de Letícia depois que estabeleceu um relacionamento com outra mulher passou a chegar tarde e até a dormir fora de casa. Essas situações são consideradas pelas esposas como indícios de infidelidade. Ela começou a desconfiar, “seguir” o marido e até conversar com conhecidos sobre o paradeiro dele. De maneira estratégica, a esposa aproveitava o conhecimento da vizinhança sobre a vida alheia para descobrir se o marido estava lhe traindo e consequentemente pegá-lo em flagrante:

Letícia: Eita menino, eu vou chegando, tu já vai saindo! Tu nem espera eu chegar!

Marido: Eu vou aqui, mas eu venho logo.

Eu vim em casa, ajeitei alguma coisa pra comer, tomei banho e fui. Eu disse: hoje eu vejo. Aí fui andando por aí. Por onde os outros dizia a mim que ele ficava, que ele ficava com ela. Aí peguei ele num bar. Ele e ela num bar. Se beijando mesmo. Aí eu fiz aquele escândalo e vim mimbora.

P: Quando você viu os dois juntos nessa primeira vez, o que você fez?

Letícia: Poxa, que palhaçada tua, né! Tu não toma uma decisão na tua vida. Agora, tu quer que eu fique vendo essas coisas! Tu acha que tu tá certo? [...] Comecei a falar e ele com a cabeça baixa. E ela lá com ele, sentada. Nenhum dos dois se levantou. Aí eu comecei a dizer coisa com ele: Você é muito safado! Você é covarde! [...] Você é mentiroso. Você não tem caráter! Você não é um homem de palavra. [...] Tanto que eu conversei com você, que eu pedia sinceridade, a verdade.

Porque eu sempre fui verdadeira com ele. Nunca menti pra ele. [...] Nem no meu salário que eu ganhava. [...] Eu levava nome de besta aqui dos outros. De abestalhada, porque tudo eu dizia a ele. Ele dizia pra mim: Não saia, não! Eu não saía, não. Pra fazer os gostos dele. Não ia numa praia, eu não ia pra canto nenhum. Eu só saía quando ele me chamava. E depois que ele arrumou ela, ele não andou mais pra canto nenhum comigo. Aí também eu vinha achando isso estranho.

Esculhambei ela. Disse a ela que ela era uma pessoa cínica. [...] Chamei ela de safada, nojenta, safada. [...] Que ela sabia que ele morava comigo. Que tinha três filhos. Que ele era casado e ela continuou com esse relacionamento. Aí ela respondeu pra mim que era ele que tava insistindo. E que ela gostava dele. E que achava que ele gostava dela.

Letícia: Então vocês se merecem! Ele vai ficar com você! Ele vai lá pra casa, pegar as coisas dele e vai morar com você.

Letícia: [...] Sim, eu peguei um negócio que tinha na mesa e joguei assim. [...] Eu joguei assim por cima dele. Molhei. [...] Aí foi eles se levantaram.

Ele pegou ela: Vamos sair daqui!

Letícia: Vocês dois não vão sair daqui, não! Bora, eu quero conversar! Eu quero que vocês dois resolvam. Aí ficou nós dois discutindo na rua. Nós três, eu, ele e ela. Aí ela começou a dizer coisa comigo. Mandando eu me mancar. Amante: Se manca, que ele não te quer mais, não! Ele não te quer mais, não! Quando ela disse isso, eu peguei uma pedra (paralelepípedo). A gente já tava na rua. A gente tinha saído do bar, já tava na rua. Foi, foi, foi que foi juntando gente. As pessoas vendo. [...] A confusão danada! [...] Aí foi na hora que eu peguei a pedra.

P: Ela disse o que exatamente?

Letícia: Que eu ficasse assim na minha. Me mancasse que ele não gostava mais de mim. Que eu era uma louca. Que eu fosse me cuidar. [...] Que ele não me queria mais. [...] Eu fiquei com raiva e joguei a pedra. [...]

Letícia: Louca, você vai ver agora! Sou doida, é! Você vai ver!

P: Tu acha que jogou a pedra porque ela chamou tu de doida?

Letícia: Foi. Assim, porque ela é errada e ainda ficou dizendo coisa comigo. Ainda me chamou de doida.

[...] Aí ela vinha pra cima de mim e eu ia pra cima dela. Umas pessoas me segurou.

P: Ela veio primeiro pra cima de você?

Letícia: Foi. Porque eu tava esculhambando ela.

[...] Aí eu peguei a pedra. Ainda bateu aqui nela (nos dedos dos pés). [...] Aí foi quando seguraram ela e me seguraram. Aí parou. Parou aí. Aí arrastaram ela. Levaram ela. E eu fiquei lá e ele ficou lá. Ele não foi com ela, não.

Letícia: Pode ir com ela. Que eu vou embora pra casa. Aí ele veio pra casa.

Acompanhando a narrativa, verifica-se que o marido e a amante evitam inicialmente o conflito com a esposa e escutam apenas a “esculhambação” dirigida a ambos. Insatisfeita, a esposa derrama a bebida no marido. Ao perceber que os ânimos da esposa estavam acalorados, os dois levantam-se e saem do bar. E o conflito é, assim, intensificado na rua. Começa-se com a “esculhambação” dirigida apenas pela esposa, depois inicia-se a “discussão” entre os três até o surgimento da violência física entre a esposa e a amante. Na concepção de Letícia, a outra não tinha o direito de “falar mal” a seu respeito porque é ela que está “errada”, muito menos chamá-la de “louca”. Nesse momento, ela arremessa furiosamente a pedra solta do asfalto em direção à amante. Em instantes, aglomeram-se pessoas em volta dos três para acompanhar a briga de casal e entre as duas mulheres. Consequentemente, as duas iniciam uma briga corporal que só cessa com a interferência de pessoas que separam as mulheres. Depois, o marido volta para casa, ao invés de acompanhar a amante.

Ao chegar à residência, a esposa reclamou do comportamento do marido e ele argumentou que iria “deixar” a outra e para convencer a esposa justificou que a infidelidade tinha sido apenas uma “safadeza de homem”. A esposa “perdoou”, voltou a “acreditar” no marido e o casal fez as pazes, caracterizando a “fase da lua-de-mel” no relacionamento (SOARES, 1999). Outros flagrantes ocorreram, outros conflitos eclodiram e o casal acabava reatando o relacionamento. Este é um exemplo clássico do ciclo do conflito violento (SOARES, 1999) no contexto da infidelidade que é aprofundado ao longo deste tópico.

A prática de levar o marido infiel para casa suscita a compreensão do conflito como um ciclo (SOARES, 1999). Em particular, como ocorre o ciclo dos conflitos violentos no contexto da infidelidade masculina? Este ciclo é marcado pela infidelidade do marido, pela “reclamação” da esposa e pedidos de “explicações” ao marido, pelo conflito do casal, que pode ser seguido de “discussão”, “esculhambação”, escândalo ou ameaça de separação, pela “briga” entre a esposa e a amante do marido, pela violência física no casamento (geralmente violência contra a mulher), pelas pazes, até o retorno passageiro da estabilidade conjugal e, finalmente, a eclosão de um novo conflito. Sendo assim, são as brigas e as pazes feitas pelos casais que retroalimentam o ciclo (SOARES, 1999).

À luz da interpretação de Turner (2008), são as crises que sustentam o ciclo do conflito violento, já que é instalada uma fase de “crise crescente” no relacionamento conjugal. Esta noção de “crise crescente”, desenvolvida por Turner (2008), é pertinente para pensar que a constância e o alargamento das crises entre casais mantêm o ciclo de sucessivos períodos de

conflitos violentos. Consequentemente, o ciclo do conflito se repete na medida em que outros dramas de infidelidade surgem na esfera conjugal.

Vale acrescentar que o flagra da esposa, seguido ou não do escândalo, denuncia a crise conjugal ou instala-a. Os casos mostrados acima de mulheres levando o marido infiel de volta para casa e outros casos de esposas que “perdoaram” seus maridos e mantiveram seus casamentos devem ser examinados a partir do cotidiano conjugal. O olhar volta-se agora para o cotidiano da crise nos relacionamentos e os níveis dos conflitos violentos: as tensões, as “discussões”, as “esculhambações” e a irrupção da violência física.

Se as esposas perdoaram seus respectivos maridos e mantiveram os relacionamentos conjugais, o que alimenta os sucessivos conflitos entre os casais que irrompem no cotidiano após o flagrante da esposa? Em primeiro lugar, a “outra” aparece como um fantasma rondando a vida dos casais, principalmente quando os maridos têm amantes fixas ou se costumam se relacionar de vez em quando com outras mulheres e, assim, impulsiona o ciclo do conflito. Em tais situações, a cisma das esposas aumenta e um clima de tensão e de violência é instalado entre os casais. Um ar de desconfiança alimenta um ou outro conflito entre eles. Em segundo lugar, a esperança das mulheres na “transformação” dos maridos faz com quem elas mantenham os casamentos (SOARES, 1999) e alimentem o ciclo do conflito e as crises conjugais no contexto da infidelidade masculina.

Letícia contou que o marido chegava bêbado, entrava e chamava pelo nome da amante. Esse fato era motivo para o desentendimento entre o casal. Nessas ocasiões, a esposa “escullhambava” a amante de “rapariga”, colocava o marido para fora de casa e algumas vezes mandava-o para a casa dela.

Letícia salientou que as “discussões” com o marido geralmente envolviam a figura da amante. A esposa atribui esse período de crise conjugal, marcado pelas constantes brigas, como sendo de responsabilidade do marido, e principalmente, da amante. De maneira similar, Gregori (1993) aponta que a crise doméstica, na visão das mulheres vítimas de violência na esfera conjugal, é explicada pelas “fraquezas masculinas”, dentre as quais as mulheres entrevistadas por essa pesquisadora destacaram as “bebedeiras” vistas pelas mulheres como uma “doença” ou “falta de caráter”, e a “mulherada” entendida como uma falta de virtude de todos os homens. Em paralelo, as mulheres traídas também elaboram uma interpretação para as fases agudas de crise no casamento, como sendo desencadeada pelo comportamento dos maridos infiéis. Entretanto, não se responsabilizam pela crise porque não se dão conta que estão contribuindo

para a legitimação da infidelidade masculina, ao conceberem a outra como a grande vilã da história. A outra é responsabilizada pela “mudança” do marido no âmbito conjugal.

Busquei saber as motivações das brigas e o que Letícia e demais esposas falavam durante essas cenas. Letícia respondeu: “que ele parasse de dormir fora, que ele ficasse dentro de casa, que ele deixasse ela. [...] Mas eu falava esculhambando ela, ele ficava com raiva”. Letícia também “esculhambava” o marido durante as brigas porque também sentia raiva dele. Ele também a “esculhambava”. Dessa forma, ocorria uma troca de xingamentos e insultos entre o par conjugal. Sobre as situações conflitivas, Letícia frisou também que sofreu várias agressões físicas do marido durante seu relacionamento conjugal.

Nesse contexto da cena de “esculhambação” entre o casal, a figura da amante era a mais atingida no auge desses conflitos. Em algumas situações, para atingi-lo, a esposa xingava a amante de “rapariga” e de “puta safada”. O xingamento era dirigido à amante porque, na acepção da esposa, a amante estava lhe “fazendo mal”. Irritado porque a esposa xingava a amante, o marido pediu que ao invés disso ela o “esculhambasse”. Ele retorquia dizendo que a amante nada estava lhe fazendo, nem sequer estava ali presente. Nesse ponto, o marido estava enganado, já que a amante também estava lá, entre os dois, e representava o motivo da “discussão”.

Do mesmo modo que nos escândalos e em outros momentos de flagrante da infidelidade dos maridos, as esposas almejavam reparar a relação do homem com o casamento, no cotidiano conjugal, esta era uma prática constante. As “reclamações”, o “falar” de forma demasiada sobre a infidelidade dele, as “cobranças” e os pedidos de “explicações” ao marido constituem as práticas reparadoras usadas pelas esposas nesses contextos de infidelidade masculina. Cabe ressaltar que tais práticas são usadas para lidar com a crise conjugal, bem como atravessam os diferentes momentos das experiências conjugais.

Compartilho da compreensão de Heilborn (2004, p.146) de que tais práticas reparadoras configuram “pequenos ritos de acompanhamento do cotidiano” do parceiro. As “cobranças”, as “reclamações” e as “explicações” constituem formas de “monitoramento” do acordo conjugal e são designadas também como uma espécie de “contabilidade conjugal” (HEILBORN, 2004). A “contabilidade conjugal” constitui “um mecanismo de aferição do contrato que, frequentemente, tem por alvo a disponibilidade de cada um dos seus membros em cumprir o acordo de mútua dependência que o casamento encerra” (HEILBORN, 2004, p. 145). Em tais momentos que marcam a rotina a dois, as esposas “cobram” o tempo não despendido (HEILBORN, 2004) pelo parceiro à relação, à casa e aos filhos.

É importante destacar que as “cobranças” e as “reclamações” são consideradas pelas esposas como um direito conjugal, principalmente quando o marido não cumpre com seus deveres. O caso de Letícia traz elementos importantes para pensar esses conflitos cotidianos entre os casais. Como seu marido não deixou a amante conforme “prometeu”, e o envolvimento entre eles aumentou, as “reclamações” e as “cobranças” de Letícia tornaram-se rotineiras e as brigas entre eles também. As “cobranças”, e acrescento também as “reclamações”, colocam em evidência, segundo Heilborn (2004, p. 147), “o não-cumprimento real ou imaginário do acordo no qual se funda a relação”. Heilborn (2004) lembra ainda que no início do relacionamento o “fluxo de informações” aproxima o casal e confere a oportunidade mútua de conhecer o parceiro. Ao longo dos anos, a obtenção de informações da rotina do parceiro ocorre basicamente através do “monitoramento”, o que provoca desconforto entre os parceiros, bem como situações de conflitos, como destacou a antropóloga.

Trazendo essa interpretação de Heilborn (2004) para o meu campo de investigação, as “cobranças” e “reclamações” das esposas traídas aparecem muito mais como propagadoras de conflitos que podem aparecer em diferentes níveis. O marido de Letícia costumava passar dias fora de casa e isso era motivo para uma “discussão” conjugal. Ela detalha: “Era ele entrando dentro de casa, eu já começava a falar, cobrar, falar. Dizer pra ele: tu não falou que ia deixar ela? Ele tava com ela. Sempre falava. A gente começava a discutir”. Letícia garante que essa cena ocorreria de maneira repetitiva e acrescenta que “quase todo dia, tinha briga”.

Há níveis diferenciados de conflitos violentos na conjugalidade no contexto da infidelidade masculina. Esta apresentação é meramente didática, já que os conflitos e as violências que atravessam a vida a dois podem não corresponder necessariamente a essa ordem. Porém, torna-se necessária para compreender que tais conflitos violentos se expressam de diferentes formas.

Introduzo a discussão pelas tensões conjugais. Na perspectiva de Foucault (1985), que analisou textos filosóficos da época imperial, o casamento pressupõe ao mesmo tempo “uma vida compartilhada” e a “atenção para consigo”. Para Foucault (1985, p. 164), “a arte da conjugalidade faz parte integrante da cultura de si”. Segundo ele, o dilema dessa temática do casamento concentra-se exatamente nessa “relação que se estabelece consigo próprio e a relação que se instaura com o outro”, bem como a relação entre o si e a “unidade substancial” que ali se forma, o casal.

Esse dilema é cotidianamente experimentado pelos casais. Para exemplificar, cito situações marcadas pelo controle para demonstrar como esse dilema se desenvolve na vida a

dois. Na concepção do marido de Luísa, “mulher casada tem que ficar em casa”, enquanto ela “queria tá livre” e “não ter responsabilidade com homem”. Luísa tem quarenta e sete anos e adora beber. Ela bebe, mas garante que não deixa de realizar suas “obrigações” de esposa. O marido ainda permite suas saídas porque ela geralmente sai acompanhada da neta pequena. Ela reclama, por exemplo, quando o marido dificulta sua saída para um aniversário ou um passeio. De forma estratégica, a esposa busca comunicá-lo, de última hora, que irá sair. Ela o critica porque além de impedir sua saída, dificilmente sai com a esposa e a neta. Esse é o principal foco de tensão e de discussão entre o casal. Luísa relatou que o marido “fecha a cara” quando ela sai, quando demora ou sai sem seu consentimento. Na visão dela, “a vida de casado é muito complicada, tem que ter muito rebolado”. Essa tensão provocada pela vontade de sair da esposa e pelo controle excessivo do marido é um exemplo desse dilema conjugal. Para o marido, a esposa está lhe faltando com respeito, por isso, mantém-se vigilante e, geralmente, vai buscá-la quando demora voltar para casa. Em contrapartida, ela questiona sua postura vigilante: “Ele é meu marido, não é meu pai! Não pode mandar em mim, não!”. Este caso mostra também que o relacionamento conjugal pressupõe direitos e deveres entre os casais (FOUCAULT, 1985). Segundo este filósofo, no casamento funda-se um “estilo particular” de conduta definido pela reciprocidade; o que os cônjuges esperam um do outro revela o fundamento da reciprocidade.

Já as “discussões”, ou os chamados “bate boca”, são conflitos marcados pelas discordâncias que giram em torno de um assunto e da troca de opiniões e controvérsias. Compreendo a “discussão” entre casal, a partir de Roland Barthes (1981, p. 36), como sendo uma cena que condensa uma “troca de contestações recíprocas”. Vale ressaltar que as “discussões” podem ou não ser acompanhadas da “esculhambação” ou da violência física.

A partir de um dos verbetes, “fazer uma cena” de “Fragmentos de um discurso amoroso” de Roland Barthes (1981), e inspirada na estratégia analítica de Filomena Gregori (1993) para pensar sobre as relações violentas entre casais, compreendo também as brigas conjugais como uma cena⁵⁰. Barthes (1981, p. 36) descreve e compreende a cena da seguinte forma:

Quando dois sujeitos brigam segundo uma troca ordenada de réplicas e tendo em vista obter a “última palavra”, esses dois sujeitos já estão casados: a cena é para eles o exercício de um direito, a prática de uma linguagem da qual eles são co-proprietários; um de cada vez, diz a cena, o que equivale a dizer *nunca você, sem mim*, e vice-versa. Esse é o sentido do que se chama eufemisticamente de diálogo: não se trata de escutar um ao outro, mas de se sujeitar em comum a um princípio de repartição dos bens da fala. Os parceiros sabem que o confronto ao qual se entregam e que não os separará é tão corriqueiro quanto um gozo perverso (a cena seria uma maneira de se ter prazer sem o risco de fazer filho).

⁵⁰ Heilborn (2004) também se baseia em Gregori (1993) e Barthes (1981) para refletir sobre os conflitos conjugais.

O que movimenta a cena da “reclamação” das esposas é a existência da outra na vida do casal. Elas compreendem que têm direito de “reclamar” com os maridos infiéis porque eles davam motivos para as “cobranças”. Letícia ressaltou que seu cônjuge irritava-se com as suas “reclamações” constantes; ela cansou de “reclamar” do envolvimento do marido com a amante que só aumentava. Já ouviu conversas entre eles ao telefone, encontrou marcas de batom na camisa dele e camisinha nos pertences do marido, e de vez em quando encontrava presentes que a amante dava a seu marido. Ela disse que quebrava todos os presentes que achava ao vasculhar a bolsa dele. Certo dia, a esposa achou vários CD’s de músicas antigas e românticas. Através de uma informação advinda de um colega do marido, Letícia soube que tais CD’s foram presentes da amante para o marido. Letícia comentou com esse colega a respeito dos CD’s que encontrou em sua casa. O amigo dele perguntou: “É de tal cantora? É de tal cantor? [...] Foi dela. Ela tinha esses CD’s tudinho aí. Eu acho que ela deu pra ele, menina! E trouxe pra tua casa”. O comportamento do marido de levar os presentes para casa é interpretado por Letícia como um “desaforo” dele e uma “afronta” da amante. Irritada, ela quebra os diversos CD’s e manda a filha⁵¹ mais nova entregar a amante e proferir a seguinte frase: “Isso aqui foi minha mãe que mandou. Ela disse que o que ela fez no CD, ela vai fazer na senhora”.

Essa situação desencadeou também o conflito entre o casal. O marido soube através da amante que a esposa quebrou os CD’s e enviou pela filha uma sacola contendo os pedaços dos CD’s para a casa da outra e um recado com um tom de ameaça. Dessa vez, o marido também “reclama” da esposa por ter mexido nos seus pertences e quebrado os CD’s. Na concepção dela, ele estava “errado” de trazer os presentes para dentro de sua casa e, sobretudo, por demonstrar, a partir desses presentes, que ainda está com ela e que tem uma história amorosa com a outra revelada através das músicas. Assim, a esposa considera que o marido “não tem direito” de levar os presentes dela para sua casa, e sente-se no direito de “mexer nos pertences” dele e de quebrá-los. Nessa cena, triunfa o confronto em que cada parte tem uma “razão” que aparece nos discursos de forma divergente (BARTHES, 1981; SIMMEL, 1983). Nessas cenas de “discussões”, os casais não buscam o entendimento (BARTHES, 1981; GREGORI, 1993), nem ouvir um ao outro, o desejo é dar a última palavra (BARTHES, 1981; GREGORI, 1993). O motivo da briga aparece no início da cena, mas se perde no meio do caminho (BARTHES, 1981; GREGORI, 1993). A cena é acrescida pela “esculhambação” do marido e pelas ameaças dele:

⁵¹ Registrei que os/as filhos/as são orientados/as pelas mães para vigiarem seus pais. Os/as filhos/as informam às mães que horas o pai saiu ou chegou à residência, pede para observar se o pai está conversando com alguma mulher em lugares como, por exemplo, a rua, um bar ou uma praia.

Ele: Cadê os meus CD's?

Letícia: Com certeza, você já tá sabendo o que foi que houve com os seus CD's, né? Pra você chegar a procura.

Ele: Aquilo era meu! Eu ganhei de presente.

Letícia: Você ganhou de presente, mas ganhou dela! E você não tem o direito de ganhar um presente dela e trazer pra dentro da minha casa, não! Pra mim ver, não! Que você ganhou presente dela, não. Você tá errado! Ganhe, mas não é pra trazer pra dentro de casa, não. Que aqui não é sua casa! Não tô morando no que é seu, pra você tá fazendo isso comigo, não. Que eu tô achando já demais o que você tá fazendo aqui.

[...] Aí, foi, foi, me esculhambou, de nome feio. Disse coisa comigo, mas depois ele foi pra lá. Disse que eu ia pagar.

Letícia: Eu não vou pagar, não!

Ele: Tu é uma miserável! [...] Vou te matar, tua miserável! Tu vai morrer peste, tu vai ver! Se eu não fizer, eu mando fazer. Ele sempre dizia essas coisas.

Letícia: Eu tô morrendo de medo de tu, visse! Cuidado pra tu não levar um castigo, não! Cuidado pra Deus não te castigar, o que tu tá fazendo comigo, não. Se chegar lá na frente, você vai achar alguém que faça contigo. [...]

Letícia: Tu é o dono do mundo, é? Tu acha que pode chegar assim e matar as pessoas? Não sou cão sem dono, não! [...] Eu tenho família. [...] Tenho meus sobrinhos aqui. É tudo por mim. Que sabe quem tu é aqui.

Ao estudar a formação de parcerias, Heilborn (2004) registrou as queixas de cônjuges a respeito do “tempo” despendido na “administração burocrática” da vida a dois. De maneira similar, as lamentações sobre o casamento que ouvi de Letícia tinham o mesmo teor. O tempo do marido era gasto ao lado da amante, enquanto ela dedicava-se aos cuidados dos filhos e aos assuntos relativos ao âmbito doméstico. Letícia tinha a sensação de gerenciar um relacionamento conjugal sozinha, já que o marido se furtava de viver um estilo de “existência comum” que caracteriza o casamento (FOUCAULT, 1985). Na vida a dois, os cônjuges “podem cada um ter o seu papel”, mas não podem “privar-se um do outro” (FOUCAULT, 1985, p. 161).

Na mesma direção, Heilborn (2004, p. 141) lembra que “o par instituído é uma espécie de reserva de mercado da disponibilidade de seus membros em favor do relacionamento. Seu principal bem é ‘companhia’”. O que Letícia aspirava era a “companhia” do cônjuge. A esse respeito, Foucault (1985, p. 161) observa que “a presença do outro, o face a face, a vida lado a lado, não são apresentados simplesmente como deveres, mas como uma aspiração característica do vínculo que deve reunir os esposos”.

Embriagada pela raiva, Letícia chegou a atear fogo em todas as roupas do marido, deixando apenas a roupa que ele estava vestido; tal atitude, segundo ela, decorria do fato de não poder “fazer nada com ele, que eu ia presa. Eu ia, pegava as coisas dele e fazia. Eu dizia: já que eu não posso fazer com ele, minha vontade é de fazer com ele”. Furioso, o marido disse que ela teria que pagar pelas roupas, mas a esposa respondeu que ele fosse pedir a amante. Na percepção da esposa, a culpa por ter queimado as roupas era do marido que não se preocupava em esconder

seu envolvimento com a amante, e também a culpa recaía sobre a amante que insistia em continuar com seu marido. Ela se eximia da responsabilidade pelo ato, considerando-o legítimo.

É possível afirmar que a esposa exercia um controle possessivo sobre o marido para que ele desistisse da amante e voltasse a se dedicar ao relacionamento. Ao mesmo tempo, ela convivia com os insultos, as ameaças e agressões do marido. Dessa forma, a violência tornava-se cotidiana no cenário conjugal.

Algumas mulheres também relataram brigas que adjetivavam de “feias”. Essas brigas eram caracterizadas pela violência física e, em algumas ocasiões, pelo uso de objetos cortantes como a faca. Letícia explica como eram as brigas conjugais: “Depois começou a pegar faca. Eu ia também, pegava uma. [...] Por isso quando eu digo que, ficou feia é assim, porque começou a pegar coisa assim, pra um furar o outro”. A “discussão” entre o casal girava em torno da continuidade do relacionamento do marido com a amante. Ela “reclamava”, ele se chateava. A “reclamação” cedia espaço para a troca de “esculhambação”. Não tarda muito e a violência irrompe no cotidiano doméstico. Letícia detalha o momento da briga física:

Veio pra cima de mim com a faca. Eu fui peguei uma faca também. Ele ficou vindo atrás de mim, assim. Ele: Vou lhe matar! Veio pra cima de mim com a faca. Aí nisso, quando ele foi pro lado de lá, eu fui peguei uma faca também. Ele: Sua miserável! Você tá me enfrentando, é? Ela: Não tenho mais medo de você, não. Porque pra ele eu tinha medo dele, porque ele podia fazer o que quisesse comigo. Ele achava que eu nunca ia ter coragem de reagir. [...] Nesse dia, ele viu que eu reagi. [...] Ela: Eu não tenho medo de você, não! Porque eu não sou aleijada, eu tenho duas mãos. [...] Eu cheguei perto dele, ele tava aqui. Ele veio com a faca pra cima de mim. Quando ele abaixou a mão que eu fui pra o lado dele. Eu fui, furei assim o braço dele. Ele: Sua miserável, você furou meu braço! [...] Aí eu corri, corri, com medo que ele fizesse alguma coisa comigo. [...] Eu soube depois, falaram pra mim que ele tava doidinho atrás de mim, brabo. Querendo me pegar. Aí no outro dia, ele voltou.

Nos contextos das brigas físicas, vizinhos e parentes frequentemente intervêm nas brigas entre os casais e até mediam os conflitos violentos. Os sobrinhos de Letícia, por exemplo, geralmente separavam os dois e, nesse caso relatado acima, os irmãos e as irmãs conversaram com o marido sobre o ocorrido e sugeriram que ele saísse da casa para evitar um final trágico. Letícia reconhece que poderia ter ocorrido a morte de um dos dois. Mas atribui o comportamento violento do marido à outra ao dizer que ele ficou mais agressivo depois dessa relação extraconjugal. Para maiores esclarecimentos, perguntei se ele tinha batido nela antes dele se relacionar com a amante. Ela respondeu: “assim, não”. E relatou outras situações conjugais marcadas pela violência dele, que ocorreram no período da infidelidade do marido, para reforçar a culpa como sendo da amante.

É importante destacar que há duas tendências analíticas relacionadas às violências praticadas contra as mulheres (PORTO, 2014). Para sistematizar tais abordagens, baseio-me no modo esquemático com que Porto (2014) apresenta essas perspectivas diferenciadas de abordar a violência.

A primeira tendência reflete que a violência de gênero é essencialmente masculina instituída na sociedade patriarcal (SAFFIOTI, 1994). Para Saffioti (1994, p. 449), a violência “já está contida nos homens em virtude das relações que construíram com as mulheres, graças à assimetria contida na estruturação da sociedade em gênero”. Em outras palavras, a violência masculina é “estrutural, consubstancial à organização social de gênero” (SAFFIOTI, 1994, p. 449). Os homens ou os “machos”, para usar o termo de Saffioti (1994), exercem, por meio da violência, o controle e o poder sobre as mulheres.

A segunda tendência compreende que a violência é relacional (GREGORI, 1993; GROSSI, 1994; SOARES, 1999). Em tal tendência, concentram-se os estudos que problematizam a violência no âmbito das relações afetivo-sexuais ao desmontar as associações homem-agressor e mulher-vítima. Na perspectiva de Gregori (1993, p. 183), homens e mulheres no âmbito conjugal são produtores de relações violentas, “sem a intenção clara ou vontade de, mas jogando com signos, diálogos, xingamentos ou acusações que as estimulam”. Em outras palavras, “o casal ‘ritualiza normalizando’ a violência no seu cotidiano” (GREGORI, 1993, p. 194). Sobre as duas tendências, enfatizo que compartilho da segunda linha por considerar importante uma investigação que olhe para os conflitos violentos nas relações conjugais. Por outro lado, não deixo de dialogar com a abordagem de Saffioti (1994) sobre a violência contra a mulher porque suas considerações são salutares para refletir sobre o machismo que ainda permeia as relações de gênero.

É válido destacar que seguindo uma perspectiva relacional da violência, Gregori (1993, p. 184) reconhece que “é o corpo da mulher que sofre maiores danos, é nela que o medo se instala”. Esta autora problematiza esse processo de vitimização da mulher ao postular que a mulher não apenas é produzida, como também se produz como vítima. Para Gregori (1993, p. 185), a queixa das mulheres é “uma narrativa em que a pessoa que é objeto de algum infortúnio constrói discursivamente a sua posição enquanto vítima”. Segundo ela, a queixa é “cúmplice da violência”, na medida em que “o consolo de ser mártir⁵² alimenta o circuito encarcerante quando a mulher não enfrenta o medo, mas manipula-o” (GREGORI, 1993, p. 194).

⁵² De modo comparativo, cito o trabalho de Melhus (1990) realizado no México sobre o sofrimento feminino e sua relação com a virgem de Guadalupe. O sofrimento na reflexão de Melhus (1990) é vivido distintamente entre homens e mulheres. Para eles, o sofrimento não é considerado um martírio, enquanto para as mulheres esse é tido

Gregori (1993) salienta que seu objetivo “não é culpar as vítimas”, mas compreender o significado e os contextos nos quais a violência acontece. Ela destaca ainda que é preciso se contrapor à violência, mas sem incorrer em reforçar uma dualidade entre vítima e algoz, no qual o primeiro termo aparece ligado à passividade e o segundo termo associado à ação e a uma prática dominadora.

É importante ressaltar, como Letícia fala sobre o relacionamento conjugal com o passar dos anos. Ela afirmou que só apanhava, ou seja, ele batia e ela chorava. Depois, ela começou a “reagir” ao comportamento violento do marido. Quando ele batia, ela batia também. Se antes somente ele jogava objetos nela, agora é Letícia que age dessa forma com frequência para lidar com a raiva que sentia por saber que o marido estava com a amante. Sobre os conflitos violentos no âmbito conjugal, é preciso ressaltar dois aspectos na análise. Em primeiro lugar, os contextos conjugais pesquisados revelam que as mulheres foram mais vítimas de violência do que os homens, como também já foi destacado por várias pesquisas brasileiras (SAFFIOTI, 1994). Em segundo lugar, quando a mulher não consegue romper o ciclo da violência, os conflitos e a violência são cotidianizados e podem se generalizar no âmbito conjugal. A prática da “esculhambação” usada na comunicação entre os casais é apenas um exemplo. As denominadas “brigas feias” dizem respeito ao estado real em que o relacionamento se encontra; a violência é rotineira e está instituída no cotidiano doméstico. Em muitos casos, a violência também é produzida pelo casal (GREGORI, 1993; SOARES, 1999), e caracteriza esses relacionamentos investigados.

Além do mais, tais conflitos violentos também possuem características liminares (TURNER, 2008). Concomitantemente, esses conflitos violentos são mais comuns no período de crise conjugal. Tem-se a impressão de que, no auge da briga ou de um escândalo, o relacionamento chegará ao término, pondo em questão a estabilidade conjugal. O limiar entre as fases caracteriza a crise conjugal: entre continuar no relacionamento e ir embora de casa, entre arrumar a mala e desfazê-la com a mesma rapidez. Essa fase liminar dos conflitos é marcada pelas tentativas e pelas ameaças de rompimento da relação conjugal. “Botar o marido para fora”, jogar as roupas dele na rua, dizer para ele ficar de vez com a outra ou pedir para o

como auto sacrifício. Essa antropóloga chama atenção para um questionamento importante. Ela busca entender por que o sofrimento é percebido como uma “conduta moralmente boa”, conduta essa legítima, sobretudo, para as mulheres. A explicação está na ideia de que o “sofrer” mediante o auto sacrifício, para as mulheres, é considerado legítimo e, sobretudo, virtuoso, sendo o nosso cotidiano impregnado da herança cristã. Por isso, Melhus (1990, p. 41) questiona: “qual é a base para este sofrimento e quais seus limites”? Ela responde ao longo de sua narrativa: as mulheres formam uma “congregação” ao compartilhar este ideal de martírio; e assim, o sofrimento se converte na virtude e as mulheres em suas vítimas.

marido escolher entre uma e outra são algumas das situações que costumam ocorrer nos períodos de crises conjugais.

Ressalto alguns casos para exemplificar o caráter liminar dos conflitos conjugais. Como o marido não “deixava” a amante, desfilava com ela livremente pelo bairro, frequentava e dormia na casa da outra, os conflitos entre o casal tornavam-se mais comuns e intensos. Ao flagrar os dois juntos, Letícia se dirige ao bar, bate no ombro dele e pede para o marido “resolver” a situação, “mudar” ou ficar definitivamente com a outra. A primeira opção era a mais desejada por Letícia, desde o momento que ela descobriu o relacionamento extraconjugal do marido. Ao voltar para a casa, os dois iniciam uma “discussão” e ela joga as roupas dele na rua. Ela conta o ocorrido:

Letícia: Resolva a sua vida. Que desse jeito não dá pra gente viver assim. Porque eu não vou tá passando por aqui pra trabalhar e ver vocês dois juntos, não! Eu passar, como se nada tivesse acontecido. E você chegar em casa rindo pra mim e eu aceitar. Eu falei isso lá no bar pra ele. Quando foi no outro dia, eu conversei com ele aqui. A gente começou a discutir. Aí ele disse que não ia sair daqui não porque uma parte daqui (da casa) também era dele. Começou a fazer questão por isso aqui. Eu falei pra ele, aqui você não tem nada! Se você tem alguma coisa, é só seus filhos. [...] Então você vai sair daqui é agora, eu falei pra ele. Aí peguei a roupa dele, do jeito que tava, joguei lá na rua.

Além de Letícia, Lívia também relatou cenas similares que apontam para o estado de liminaridade dos conflitos. No primeiro casamento de Lívia, o marido costumava ir ao cabaré. Ao chegar à casa, ele comentava de forma audaz que tinha ficado com outra mulher, chega inclusive, a detalhar a genitália feminina da outra. Em algumas ocasiões, o marido detalhava sua traição na frente de vizinhos. Simplesmente, as pessoas riam. Quando o marido chegava à casa com “chupada” no pescoço, Lívia reclamava: “Mas tu já tava no cabaré! Tu tava com as raparigas”! O marido respondia: “Eu não vou mentir, não! Eu tava com fulana e cicrana. [...] Falava tudo. Ele não negava pra mim”. Perguntei na sequência: Como você se sentia? E o que você falava para ele?

Ah eu me sentia a pior pessoa do mundo. Eu ficava com raiva. Eu ficava querendo matá-lo. Voar no pescoço dele e estrangulá-lo. Mas eu não podia. Eu ficava querendo juntar as minhas coisas pra ir embora. Ele não deixava. Eu queria que ele fosse embora. Eu jogava as coisas dele na rua. As coisas não, as roupas só, pra ele ir embora. Na rua, não. Na porta, assim. Vá embora! Ele não ia. Eu jogava pra fora. Ele botava pra dentro. Eu jogava pra fora. Ele botava pra dentro. Era assim. Ele passou a fazer essas coisas: falar o que fazia, o que não fazia e com isso foi me dando um ódio.

Esses períodos de “crises crescentes” são caracterizados pelas brigas corriqueiras entre os casais, bem como essa fase também é acompanhada de silêncios e evitações entre os parceiros. Leila já estava “revoltada” com o comportamento do marido que tinha se envolvido

com uma amante no estado da Bahia. Quando ele chegava de lá, ciente de que ele estava na casa dela, Leila “reclamava”, mas o marido não “mudava”, até que se instalou uma relação de evitação no casamento que ocorria da seguinte forma: “quando ele chegava de viagem, ele ficava aí. Fazia de conta que não era nada meu, dentro de casa”.

Esses momentos também foram permeados pelo escasso diálogo entre o casal, inclusive muitos deixaram de se falar por meses e ano. Letícia, por exemplo, falava de assuntos considerados estritamente necessários como o custeio da casa e os filhos. Esses momentos são caracterizados pela pausa dos conflitos entre eles e, sobretudo, como uma forma de evitá-los ou de lidar com as divergências que ainda havia entre os dois. É comum também o casal dormir em camas separadas, de a esposa “deixar” de lavar as roupas do marido e de cozinhar para ele. Assim, esse período de crise conjugal é caracterizado pela constância das brigas entre os casais, pois as esposas lidavam cotidianamente com os relacionamentos extraconjugais fixos ou efêmeros dos referidos maridos.

Ao longo deste capítulo, destaquei que os relacionamentos entre os esposos são caracterizados pelas tentativas constantes das esposas traídas de repararem a relação de seus respectivos maridos com o âmbito doméstico e com a conjugalidade, seja através do “escândalo”, ou no contexto do cotidiano conjugal. A experiência da mulher com a infidelidade do marido revela uma convivência marital tensa, conflituosa e violenta. Os conflitos entre casais não cessam quando as esposas “levam” os cônjuges envergonhados para casa, pelo contrário, tornam-se mais intensos porque a esposa passa a conviver com o “fantasma da outra” no dia a dia. Os casais ficam enredados num ciclo conflituoso que longe de reforçar os valores da conjugalidade (como reciprocidade, confiança e respeito) institui a violência no cotidiano da relação conjugal. O que vai romper esse ciclo conflitivo e violento é a formação de outra parceria e principalmente de outro núcleo conjugal, como mostro no sétimo capítulo ao descrever os desfechos dos relacionamentos.

Nos dois próximos capítulos, concentro os esforços no sentido de refletir sobre as brigas entre mulheres. Especialmente no quinto capítulo busco compreender as relações de rivalidade e de disputas entre elas.

5 AMIGAS E RIVAIS: REFLEXÕES SOBRE DISPUTAS ENTRE MULHERES

*Não vou deixar esse homem
De mão beijada, eu não dou pra você
Ele me diz na cama
Que já não lhe ama
E vive só por viver
Então por que não se sai?
(Música da Banda Avião do Forró)*

Este capítulo tem como objetivo principal compreender as relações de rivalidade e de disputas entre mulheres. Inicialmente, parte da reflexão sobre os modos pelos quais a cisma e a inveja pautam as relações entre mulheres. Em seguida, demonstra a maneira como ocorrem as disputas entre mulheres e o lugar que o homem ocupa nesse cenário de rivalidade feminina.

Durante o trabalho de campo, chamou-me particular atenção o conflito entre mulheres em Nova Guanabara/PE. Registrei este tipo de conflito tanto nas conversas estabelecidas entre mulheres na vida cotidiana do bairro, como nos vários encontros estabelecidos especificamente com as mulheres que narraram suas experiências conjugais.

Ao lado disso, constatei que as mulheres têm uma desconfiança acentuada sobre as demais. A cisma entre mulheres está relacionada à crença de que elas são perigosas, suscitam o medo e, por essa razão, não merecem plena confiança. Este tipo de cisma opõe as mulheres e provoca conflitos, de modo que as mulheres estabelecem uma relação de antagonismo, de rivalidade e de disputa. Elas constroem, assim, uma relação de dualismo “esposa” versus “outra” e acabam conferindo legitimidade à infidelidade masculina.

O antagonismo feminino, que será discutido nesse capítulo, confere mais poder aos homens nas situações de disputas. Eles transitam livremente entre várias mulheres e exibem sua virilidade e elas, por sua vez, apenas reforçam a masculinidade deles nas disputas. Por outro lado, é importante ressaltar que as disputas entre mulheres não são apenas pelo parceiro, já que elas acabam competindo também, de acordo com sua condição de gênero, por posições sociais, prestígio e honra.

Para tanto, dialogo com uma literatura específica que aborda o perigo feminino. Baseio-me na noção de poluição sexual de Douglas (2010), para refletir sobre a fronteira simbólica que há entre as mulheres. As análises de Hérítier (2007) e Melhus (1990) serão acionadas aqui por tratarem da ambivalência do feminino e por sugerirem pensar acerca do perigo que a “outra” suscita ao casamento da esposa. O estudo de Salem (2004) com os homens de classe popular

permite refletir sobre a sexualidade masculina tida socialmente como “incontrolável” e sobre o sentido da infidelidade masculina no contexto da disputa entre mulheres. Sobre a relação de rivalidade entre mulheres e sobre a identidade contrastiva entre a esposa e a “outra”, utilizarei o estudo pioneiro sobre a “outra” desenvolvido por Goldenberg (1990). E, por fim, reflito, a partir de Fonseca (2004b), que o drama principal das disputas constitui uma luta entre elas.

5.1. Cisma e inveja entre mulheres: o medo e o “olho grande” das outras

5.1.1 Cisma entre mulheres

A cisma entre mulheres fala da desconfiança e principalmente do medo que as mulheres têm umas das outras. É válido salientar que o medo feminino no contexto da infidelidade masculina é com relação às mulheres, e não com relação aos homens. Quer dizer, o homem não simboliza uma ameaça, as mulheres sim. No contexto da infidelidade masculina, as mulheres temem as mulheres. Sigo a interpretação de que é essa cisma das mulheres com relação às outras que alimenta e dá existência a este tipo de conflito feminino.

“Eu não confio em mulher nenhuma”, disse-me Lorena. É com um tom de suspeita que as mulheres falavam sobre as outras⁵³. Elas ficavam, geralmente, à espreita de qualquer comportamento feminino que ameaçasse seu casamento. É importante destacar que as mulheres “cismam” mais com algumas mulheres do que com outras, principalmente àquelas que têm “fama” de “namoradeiras”, ou que ficam, ou já ficaram com homens casados. Para entender este tipo de conflito feminino, expresso através das rivalidades e das disputas, considero imprescindível apreender o teor da relação entre mulheres. Por isso, reflito neste tópico sobre a cisma e a inveja entre mulheres.

Alguns exemplos fornecidos pelas interlocutoras visavam mostrar que o perigo não surge, necessariamente, de desconhecidas, mas advém de pessoas próximas. Elas enfatizavam que vizinhas próximas, especialmente “aquela que me viu crescer”, uma amiga e até uma irmã ficaram ou “deram em cima” de seus maridos.

Um caso conjugal merece ser mencionado. Lia estava indo dormir antes do marido porque ele estava chegando tarde à casa. Nessa época, o marido estava desempregado e passava

⁵³ Uso a categoria “outra” com base nas considerações de Goldenberg (1990, p. 62): “A OUTRA é uma categoria relacional, referencial, mutável, enquanto a amante sugere um papel fixo”. Em alguns momentos, faço referência a uma mulher como sendo amante quando ela teve um relacionamento fixo com um homem casado, e quando o relacionamento extraconjugal é esporádico uso a categoria outra. Também uso, de maneira geral, a expressão “outras mulheres” para diferenciar dos discursos ofensivos das esposas de chamarem geralmente as outras mulheres de “raparigas”.

parte de seu tempo jogando dominó e baralho. A cunhada de Lia contou-me que ela havia comentado que ia pedir à vizinha que deixasse de chamar seu marido para jogar baralho. A cunhada criticou-a e sugeriu que ela devia conversar com o marido e não com a vizinha sobre este assunto, pois, daquela maneira, acabaria produzindo uma relação de inimizade com a vizinha. Na concepção da esposa, o marido estava “mudado” por causa da vizinha que interferia na rotina do casal. Esse dado sugere que as mulheres não desconfiam apenas que os homens são, por excelência, infiéis. Compartilham a concepção de que as outras mulheres, de maneira geral, podem chegar a cobiçar seus maridos. As esposas estão, sobretudo, “de olho” nas outras.

Lia contou em tom de tristeza que uma amiga ficou com seu marido. O convívio entre elas era intenso. Viam-se com frequência, frequentavam a casa uma da outra, bebiam juntas e saíam para festas e bares em companhia do marido de Lia. Lia gostava e “confiava” nela, até o dia que essa amiga confessou, quando estava embriagada, que seu marido despertou-lhe interesse e que tinha ficado com ele. Surpresa, Lia pediu que ela repetisse o que tinha dito. Ela não conseguia acreditar naquilo que estava ouvindo. No momento da conversa, Lia demonstrou indignação e deixou claro que não pretendia manter mais contato com ela. Lia ressaltou que só não bateu na amiga porque estava na casa dela⁵⁴. É a traição da amiga que Lia não perdoa, ao passo que a infidelidade masculina, vista como “safadeza”, é perdoável e justificável.

Soube desse caso primeiramente através da cunhada de Lia. A esposa só soube do ocorrido através da própria amiga, já que os parentes do marido, que dividem o mesmo quintal, preferiram encobrir a história. Ao relatar o acontecido, a cunhada criticou Lia, e não o irmão por trair a esposa. Para criticá-la, a cunhada argumentou que Lia recebia a amiga com frequência em sua casa, inclusive deixava-a sozinha com o marido. A ênfase é colocada sempre na mulher quando a história é narrada. Na visão da cunhada, a responsabilidade pelo ocorrido é da esposa que manteve uma relação “chegada” com a amiga e confiou demais nela, dando, assim, abertura para que ela ficasse com seu marido. Na leitura da esposa, a culpa recaiu na amiga que não mereceu a confiança depositada, ao mesmo tempo, ela também se responsabilizou por confiar em demasia na amiga. Fica patente a interpretação de que a mulher não deve confiar absolutamente em outra mulher e que é preciso cuidado e atenção com as amigas femininas.

Afinal, como ficou o marido na história? Analisando as duas visões acima, é nítido que a infidelidade masculina é tida como aceitável mais do que a infidelidade feminina. É como se Lia e sua cunhada dissessem: enquanto homem, o marido simplesmente aproveitou a

⁵⁴ Identifiquei que as pessoas evitavam brigar na casa dos outros. Nesse contexto, elas fazem uma distinção entre público e privado. Tanto que as “brigas” marcadas pelo escândalo ocorrem geralmente em espaços públicos como a rua, o bar, restaurantes, etc.

oportunidade de se relacionar sexualmente com mais uma mulher. Essa visão é corroborada pelo próprio marido quando a esposa vai tomar satisfação. Ela o comunica que soube através da própria amiga que eles tinham “ficado”. E, em seguida, pergunta: “você ficou com ela”? Ele responde automaticamente: “eu sou homem”.

A concepção do marido de Lia remete à pesquisa de Salem (2004) sobre as representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular. Essa pesquisadora revelou que os discursos dos entrevistados apontam para uma diferenciação das sexualidades masculina e feminina. Os homens se encontram “submetidos a impulsos sexuais incontrolláveis”, ao passo que “as mulheres detêm maior domínio sobre sua sexualidade” (SALEM, 2004, p. 16). Quando o marido explica a esposa que a traiu com sua amiga porque era “homem”, ele estava querendo dizer que na esfera sexual, “ser homem” é ter a “carne fraca”, denotando “a percepção de uma incompatibilidade entre negar sexo e a condição de ser do masculino” (SALEM, 2004, p. 19). Nesses termos, Salem (2004, p. 19) destaca que “a palavra ‘homem’ assume, nesse contexto, um significado condensador da dificuldade em resistir aos apelos do sexo ou às investidas femininas”. Por seu turno, a esposa assume o papel de controlar a outra mulher para ter um efetivo controle sobre seu próprio marido, uma vez que prevalece essa concepção de que nem mesmo o homem consegue conter seus impulsos sexuais (SALEM, 2004), justificando, assim, a infidelidade masculina. Contudo, isso não significa que a esposa deixe de ficar atenta ao comportamento do marido.

A resposta do marido gerou um clima tenso no ar. O momento foi marcado mais pela busca de explicação por parte da esposa, do que pela “briga conjugal”, pois a esposa preferiu não “discutir” por causa da infidelidade dele. Em resumo, Lia permaneceu casada e rompeu a relação com a amiga.

Lia também se intrigou da sobrinha de seu marido porque ela estava “arrumando mulher” para ele, inclusive, uma dessas mulheres era essa ex-amiga de Lia. Segundo Lia, a sobrinha agendou um encontro entre seu marido e a referida amiga. Depois de ficar sabendo do encontro do marido com a amiga, Lia dirigiu-se ao local. Ao chegar lá, a esposa simplesmente levou o marido para casa. Além desse episódio, Lia disse que a sobrinha também estava “arrumando” a vizinha da mesma rua para ficar com seu marido. Magoada com a sobrinha de seu marido, Lia preferiu deixar de falar com ela e também com esta vizinha.

Registrei outros casos que envolveram o afastamento e a ruptura da relação entre mulheres no campo das relações amorosas. Anotei também no diário de campo um episódio envolvendo a relação entre irmãs. Lívia relatou o envolvimento de sua irmã com seu primeiro

marido. Essa história surgiu no momento em que Livia me contava como seu marido era “raparigueiro”. Sua filha presente na conversa enfatizou que seu pai tinha dado em cima da irmã de sua mãe. A filha ironizou: “Irmã boa”! Livia conta como ficou sabendo da história: “O Vicente falou [...] que já tinha rolado uns beijos, mas ela tava dando em cima dele. Tava que ele não sabia mais o que fazer, porque tava vendo a hora acontecer o pior porque ele era homem e não tava se segurando”. O marido comentou o ocorrido com o tio de Livia e este o aconselhou a contar a história ao sogro. Finalmente, o sogro soube a história através deste tio. Depois que Livia soube do acontecido, o marido alugou uma casa em outra cidade. Perguntei: “Você brigou com sua irmã”? Ela respondeu que não tinha brigado com ela porque soube do acontecido através de seu marido. E ressaltou que “não sabe” se seu pai bateu nela.

A partir desse registro, fica evidente que a crítica é dirigida mais uma vez à mulher e não ao marido. O marido, por sua vez, sai bem na fita por ser “homem”. O próprio argumenta que “era homem e não tava se segurando”. A esposa também ratifica o discurso do marido. O casal muda de cidade para evitar o contato e um conflito intenso com a irmã de Livia. Acompanhando o desenrolar dos acontecimentos, percebi que este motivo não é considerado suficiente para desencadear o rompimento da relação conjugal. Já a relação entre as irmãs ficou marcada pela evitação, pelo afastamento e pelo distanciamento. Observei uma nítida diferença no modo como Livia se referia à relação com sua irmã e como falava da relação que estabeleceu com as outras que ficaram com seu marido. Ela relatou as “surras” que deu em algumas mulheres que se relacionaram com seu marido, como está descrito no próximo capítulo. Todavia, o mesmo não ocorreu com relação à sua irmã. Ela não falou mal da irmã da mesma forma que se reportava às outras que deram em cima de seu marido. Ao invés de brigar com a irmã, ela se esquivou do conflito e passaram a estabelecer uma relação de evitação.

Para compreender esse caso baseio-me nas considerações teóricas de Radcliffe-Brown (1989) sobre as relações de evitação no parentesco. Ele descreve que a evitação e a jocosidade caracterizam tanto as relações de afinidade, a exemplo da relação entre sogra e nora, como as relações entre consanguíneos, especialmente entre o tio e o sobrinho da mãe. Seja pela evitação ou pela brincadeira, é assim que os parentes lidam e também evitam os conflitos. À luz da interpretação desse antropólogo britânico, concluo que Livia firma uma relação de evitação com a irmã para preservar o laço entre elas. É o pai e não ela que supostamente dá uma surra na filha por ficar com o marido da outra. Estrategicamente, a figura paterna bate na filha com o intuito de “corrigir” seu erro e de lembrá-la do laço que as une.

Além disso, o ato de ficar com o marido da irmã significa o desrespeito ao código de reciprocidade que funda essa relação fraterna. A irmã rompeu a relação de confiança entre elas. Nessa ótica, a confiança e a “consideração” são os princípios ordenadores dessa relação de parentesco. O estudo realizado por Marcelin (1999) sobre o parentesco no Recôncavo baiano propicia a reflexão sobre princípios ordenadores das relações de parentesco, apontando para o fato do princípio do sangue operar simultaneamente com outro usado também para definir a proximidade: a “consideração”. O sangue não é a condição suficiente para identificar os parentes, pois “o parente é parente somente quando é ‘reconhecido’ como tal” (MARCELIN, 1999, p. 45). O reconhecimento dos parentes implica na consciência e no cumprimento efetivo das relações de obrigações que se fundamenta no circuito de reciprocidade. Ou seja, o “parente é aquele com quem se pode contar” (MARCELIN, 1999, p. 46). Nesse sentido, a “consideração” pressupõe uma estrutura de relações de troca que se estabelece através da aceitação e do reconhecimento do parente como “um dos seus”. Não ter “consideração por outro” significa romper suas relações com a rede doméstica e com os valores da solidariedade e da cooperação e denota também o não investimento e o não reconhecimento da relação com o parente (MARCELIN, 1999).

O parentesco é, portanto, compreendido a partir do modo como as pessoas constroem suas relações na vida cotidiana. Dessa forma, compreendo a dimensão do parentesco a partir da convivência cotidiana, ou como destacaram Pina Cabral e Pedroso de Lima (2005), é preciso entender como ele se torna efetivo no contexto da relação. Na leitura de Fonseca (2007), a “plasticidade do parentesco” pode se manifestar através da “consideração”, dos “afetos”, da “convivência” e nos permite entender, por outro prisma, a constituição de laços entre as pessoas.

Retomando o debate sobre a relação entre as mulheres, é a irmã que é considerada pelo marido, pela esposa e pela parentela da esposa como desprezível por ter ficado com o marido da outra. Livia emite sua opinião: “E era irmã, hein! Já pensou”! É claro que Livia não esperava este comportamento da própria irmã, mas na percepção feminina é possível que essas situações ocorram porque predomina a compreensão de que não dá para confiar plenamente nas mulheres.

Como explicar o perigo que a mulher suscita a outra mulher no contexto da infidelidade masculina? A cisma entre mulheres também é uma narrativa sobre este perigo feminino. Para pensar sobre o perigo feminino dialogo com uma literatura que trata da ambivalência do feminino como Hérítier (2007), Melhus (1990), Balandier (1976) e Douglas (2010) a partir da noção de poluição sexual.

Héritier (2007) mostra como em diversas culturas a ambiguidade feminina suscita perigo principalmente aos homens, por ser a mulher uma fonte de contaminação através do sangue menstrual, do leite materno e do ato sexual, vide a possibilidade de adultério. Esta antropóloga francesa vai mostrando que a ambivalência do feminino põe em risco sua capacidade viril e sua força vital. Embora Héritier (2007) tenha dado ênfase aos perigos que os homens correm no trato com as mulheres e de como estas também incorrem em riscos nas mãos dos homens, é importante realçar que as mulheres também são consideradas perigosas e ameaçadoras para as outras mulheres por causa de sua natureza ambivalente.

Melhus (1990) também refletiu sobre a ambiguidade feminina ao estudar o sofrimento feminino a partir da relação das mulheres de um povoado mexicano com a virgem de Guadalupe. Esta autora ressalta que a virgem representa a mulher, mas de uma maneira muito ambígua, por ser ao mesmo tempo mãe e virgem. Melhus (1990) enfatiza que tanto as mulheres vivem este dilema como os homens lidam com ele. As mulheres devem “ser uma e ao mesmo tempo puras e impuras, virgens e mães. Sua feminilidade é definida através destes polos opostos, que são incompatíveis, ainda que conciliados numa única pessoa” (MELHUS, 1990, p. 60, tradução minha). Por outro lado, os homens lidam com o dilema da natureza ambígua e contaminante das mulheres, por ser às vezes puras e impuras (MELHUS, 1990). Por ora, é importante destacar, igualmente, que “esta ambiguidade é um produto histórico de legado cristão e tem a ver com a percepção cristã da humanidade” (MELHUS, 1990, p. 63, tradução minha).

Esta natureza ambígua também é abordada por Douglas (2010) a partir de rituais de poluição em diversas culturas. Para pensar sobre o conflito entre mulheres, reporto-me também ao estudo clássico sobre pureza e perigo desenvolvido por ela, para quem as crenças sobre poluição expressam uma visão geral da ordem social. Ela descreve rituais de poluição de diferentes culturas em que o sangue menstrual e o sexo, por exemplo, são vistos como “impuros” e perigosos nas situações de contágio. Tenho interesse nos casos de poluições associados ao sexo também retratados pela autora. Ao ler cuidadosamente sobre os casos de poluição sexual apresentados por Douglas (2010), percebi que a relação entre mulheres (as esposas e as outras) é pautada numa crença de poluição sexual. Predomina a crença de que a outra mulher suscita o perigo para o casamento de uma esposa. Nesse contexto, a mulher é vista como um perigo iminente. Há um antagonismo sexual e de gênero norteador da relação entre elas. Ou seja, enquanto a esposa é simbolicamente associada à pureza (ordem), a outra é representada como o perigo (desordem). Associada à desordem da família, a outra é

representada como um perigo ao casamento e simbolicamente dotada de poder sexual (DOUGLAS, 2010). Há uma crença do perigo e do poder associadas à outra mulher (DOUGLAS, 2010). Nesse sentido, o perigo está no feminino. Essa antropóloga ressalta assim que a desordem e o que está relacionado a ela não são vistos apenas como nocivos aos modelos existentes, como também têm suas potencialidades, de modo que os perigos advindos da desordem implicam também em poderes.

Sendo assim, é a ambivalência do feminino que provoca o medo e a desconfiança entre as mulheres. Concluo a partir das autoras mencionadas que é a crença na natureza ambivalente do feminino que alimenta a percepção de que uma mulher representa um perigo para a outra. Quer dizer, o feminino é perigoso porque é visto como ambíguo (BALANDIER, 1976; DOUGLAS, 2010; HÉRITIER, 2007; MELHUS, 1990).

Como pensar a ambivalência do feminino no contexto das relações amorosas? O par dicotômico amiga/rival conjuga o feminino ambivalente nesse contexto examinado. Trata-se de uma relação marcada simultaneamente pela cumplicidade⁵⁵ e pela desconfiança. A amiga/rival reúne pares de oposição⁵⁶: proximidade e afastamento, amizade e inimizade, bem como confiança e desconfiança. Em Nova Guanabara, é possível observar o contato diário entre mulheres nas casas, ruas e calçadas. Conversas entre vizinhas, parentas e conhecidas desenham o circuito de sociabilidade entre mulheres que se cumprimentam, acenam, cochicham, gritam, comem e bebem juntas, fofocam, trocam brincadeiras, risadas, xingamentos e parceiros. No cotidiano, as mulheres trocam favores, comidas, dão conselhos e falam mal de outras.

Predomina a concepção de que a relação entre mulheres não deve ser próxima demais, mas também não devem se furtar do contato uma da outra. Especialmente no campo das relações amorosas, não deixam de se relacionar com outras mulheres, porém não confiam plenamente nelas. Trocam informações sobre os parceiros, contam histórias malsucedidas, falam mal dos homens, de sexo e relatam viagens românticas com o marido e trocam confidências. Mas a outra não é vista apenas como confidente seja amiga, irmã ou vizinha, mas como uma rival em potencial. Como diria Balandier (1976), a outra mulher representa a metade perigosa e a relação entre elas é de dualidade. Essas são as representações sobre o feminino no contexto da extraconjugalidade.

⁵⁵ Agradeço a Parry Scott a sugestão de incluir a cumplicidade na análise sobre o conflito feminino.

⁵⁶ Essa reflexão foi inspirada nas elaborações de Balandier (1976) que refletiu sobre a ambivalência nas relações entre os sexos (masculino versus feminino) a partir da mitologia e de trabalhos antropológicos, que mostram a representação do feminino como perigoso, provocador de desgraças e infortúnios.

As mulheres estabelecem uma relação pautada na confiança e ao mesmo tempo na desconfiança. Trata-se de uma relação de cumplicidade/amizade e concomitantemente de oposição e de conflito. Por isso, trata-se de uma relação marcada pela tensão, isto é, a presença feminina é desejada e ao mesmo tempo temida no campo das relações amorosas.

Ao falar sobre as relações entre os homens em Pardais, Almeida (1995) aponta que a masculinidade, por ser constantemente ameaçada, une e opõe os homens. No contexto da pesquisa que desenvolvi, e por considerar o casamento como suscetível ao rompimento, as mulheres unem-se e opõem-se simultaneamente. É válido enfatizar que neste capítulo enfatizo as relações de oposições entre mulheres, e no próximo capítulo abordo, dentre outras questões, a união e a cumplicidade estabelecidas entre mulheres para lidar com o infortúnio da infidelidade masculina.

Logo, é o fato das mulheres verem as demais como “sexuais” que as tornam ambíguas e, por sua vez, perigosas (BALANDIER, 1976; DOUGLAS, 2010). Nessa linha, Rubin (1989) baseando-se em Weeks, salienta que o sexo é concebido nas sociedades ocidentais como perigoso, destrutivo e como uma força negativa. Essa “negatividade sexual” de que nos fala a autora aparece, por exemplo, na prática extraconjugal de forma diferenciada para homens e mulheres. E no caso das relações entre mulheres, a “outra” é associada ao “sexo não-familiar” e dessa forma representada como o polo negativo do feminino (BALANDIER, 1976; RUBIN, 1989). Portanto, a cisma feminina fala, nesse sentido, do perigo sexual que uma mulher representa para a outra no âmbito das relações conjugais.

Em seguida, falo de infortúnios relativos ao âmbito conjugal que não estão relacionados a uma crença de poluição sexual, mas a crença de que a mulher também tem inveja da outra no âmbito afetivo e sexual.

5.1.2 Inveja

No decurso do trabalho de campo, percebi que não é somente a cisma entre mulheres que acirra este tipo de conflito feminino. Tive a sensação de que as mulheres ao falarem sobre suas vidas conjugais se viam suscetíveis à inveja de outras. Entre os Putumayo, povo indígena da Colômbia, Michael Taussig (1993) identificou que a inveja estava sempre presente no modo como as pessoas falavam sobre a vida e os problemas. No caso desta pesquisa, percebi que predomina também a crença de que a mulher tem inveja da outra no campo amoroso. Era notório o clima de tensão que perpassava a relação entre elas quando ouvia os relatos conjugais de

minhas interlocutoras. Nessa linha de raciocínio, a inveja e a desconfiança estão subentendidas nas relações conflituosas entre as mulheres.

Compreendo a inveja a partir da elaboração conceitual de Taussig (1993) como uma característica manifesta do relacionamento social e como um “conhecimento social implícito”. Para Taussig (1993, p. 369), esse conhecimento é imagético e não-discursivo e deve ser pensado:

[...] como uma atividade experimental, ensaiando esta ou aquela possibilidade, imaginando esta ou aquela situação, esta ou aquela motivação, postulando outra dimensão para uma personalidade, em resumo, experimentando, por meio da imagem verbal e visual, a gama de possibilidades e quase impossibilidades da relação social, consigo e com o outro.

Na interpretação de Taussig (1993, p. 369), a inveja ensaia “um teatro de possibilidades na vida social”. O que está implícito nesse conflito feminino é a inveja. É a inveja da outra mulher que confere sentido, por exemplo, aos infortúnios do casamento. A inveja é tida socialmente como algo negativo que atrai danos e prejuízos à pessoa que é alvo dela (TAUSSIG, 1993).

Um senhor de aproximadamente setenta anos me disse que sua ex-mulher estava jogando “porcaria” no telhado da casa de sua atual namorada para prejudicar seu relacionamento. Letícia contou que algumas pessoas questionaram se a amante de seu marido tinha feito macumba para o marido ficar “ruim” nos âmbitos conjugal e doméstico⁵⁷. Esses dados permitem afirmar que os danos ocorridos no casamento de Letícia, bem como as tentativas de prejudicar o relacionamento desse senhor são associados à mulher (DOUGLAS, 2010).

Frequentemente, atribui-se à mulher os danos e os prejuízos de um relacionamento amoroso. A história geralmente é iniciada assim: “Eu vivia bem com ele”, “eu era muito feliz com ele”, ou “a gente não tinha brigado, tava tudo normal”, até que uma mulher aparece na vida do casal e estraga o casamento. Lívia me contou que seu casamento despertava inveja nas outras mulheres porque ela tinha um “bom” marido. Socialmente falando estar na condição de “bem casada” é considerada uma conquista feminina. O marido de Lívia era trabalhador, gostava dos filhos dela, saía com a esposa, tinha uma vida sexual ativa e a convivência conjugal não era marcada por brigas. Acompanhemos o relato:

Eu vivia muito bem com ele. Eu era muito feliz com ele. Ele me ajudava, me aconselhava, saía comigo. Pra onde ia era comigo. As pessoas tinham inveja do nosso relacionamento. Essa mulher (que dava em cima do marido dela), as

⁵⁷ Esses casos remetem à clássica etnografia de Evans-Pritchard (1976), na qual os Azande concebiam a bruxaria como uma explicação dos infortúnios.

vizinhas falavam muito, por ele ser jovem e o dinheiro dele era na minha mão. Nós ia fazer compra, chegava num táxi cheio de compra. Nós andava bem arrumados, pegados na mão, nós ia pra pizzaria. Nossa casa era alugada, [...] não tinha um quarto, nós não tinha privacidade. Então quando ele chegava a gente ia pro motel e a vizinhança tinha inveja daquilo, da nossa convivência. A gente não brigava, a gente nunca discutia, a gente sentava e conversava.

É notória a compreensão de que a mulher está de olho no marido da outra. Sendo vista, dessa forma, como uma ameaça constante à vida conjugal da outra. O caso de Laura é mais um exemplo de como a esposa deve ficar atenta à intenção de outra mulher quando fala sobre seu casamento ou, de maneira geral, sobre sua vida. Ela contou sobre o rompimento do relacionamento com o segundo marido e ressaltou que, após alguns dias, o ex-marido recasou. Perguntei como essa mulher apareceu na vida dele. Uma prima do marido dela levou-a para a casa de Laura. Geralmente, aos domingos, eles recebiam amigos e familiares em sua residência. Ela conta como a conheceu:

Quando ela entrou lá em casa, ela já foi dizendo assim: [...] tua casa é linda! [...] Já foi de olho grande. Não mulher, que tu mora muito bem... A gente tava em casa, a gente não tinha brigado. [...] Tava tudo normal. Depois que essa mulher entrou foi que o casamento da gente começou a desmoronar, as coisas acontecerem.

Laura disse que compreendeu o que aconteceu em sua vida depois que conversou com o pastor de sua igreja. A princípio, ela não viu “maldade” nas palavras proferidas pela mulher ao entrar na sua casa. O pastor emitiu sua opinião: “Ela tava desejando tudo que era seu. [...] E hoje ela tem”. O pastor expôs sua opinião:

Quando ela entrou na sua casa, ela já entrou destruindo sua vida. A partir do momento que ela começou a dizer que sua casa era bonita, que seu marido era legal [...] Tem gente, Laura, que entra na casa da gente já [...] desejando tudo que é da gente. Maldade. Já entra com maldade. [...] Eu digo isso porque lá em casa tinha um pé de pimenta, o pastor me dizendo, a coisa mais linda! Chegou uma vizinha lá em casa e disse: que pé de pimenta bonito! Eu quero duas pimentas pra plantar lá em casa. Só deu tempo a mulher sair e o pé de pimenta secar, murchar tudinho. Mesma coisa é um relacionamento, quando entram pessoas com olhares mal. Você pode viver no mar, num rio de maravilhas, mas entrou na sua casa desejando tudo que é seu, dali em diante o casamento desmorona.

Embora Laura tenha afirmado que não acreditava em catimbó, nem em mau-olhado, sua forma de pensar é mais uma vez reiterada quando ela diz: “realmente, foi depois que ela entrou lá em casa, que as coisas começaram a desandar”. Predomina a acepção de que o “olho grande” da referida mulher provocou a dissolução de seu casamento. O “olho grande” da outra estava no marido, na casa e na experiência conjugal de Laura. Essa esposa cita a opinião do pastor para explicar os malefícios provocados pelo “olho grande”: “Tem gente que chega na sua casa

lhe deseja o bem, você fica numa maravilha. Aí chega outro desejando as coisas que você tem, os bens que você tem. Vai de água baixo tudo que você pensou, tudo que você tentou agir, foi de água abaixo”. Igualmente, sua mãe sempre lhe dizia: “mau-olhado e catimbó são as piores coisas do mundo. Tanto lhe mata, como lhe prejudica em qualquer ocasião. Mas, isso é ditado de povo velho! Mas depois a gente vai vendo como as coisas são”.

Em síntese, os discursos sobre a inveja e o “olho grande” denotam o mesmo sentido: as mulheres desejam o que é da outra: o marido. O relacionamento conjugal está, nesse sentido, sempre em risco. Na leitura das mulheres, o perigo não está nos maridos infiéis, mas nas outras. A ameaça vem de fora. É predominante a concepção de que são as mulheres que “tomam” ou “roubam” o marido. É a mulher que representa o perigo, através da inveja, ao casamento da outra.

Para dar continuidade a essa discussão, focalizo a rivalidade e a disputa entre mulheres.

5.2 Rivalidade feminina

A rivalidade no campo amoroso é tida socialmente como uma prática masculina. Nessa linha de raciocínio, estudos desenvolvidos no campo das relações de gênero e das masculinidades mostram claramente que as aventuras contadas pelos homens no campo sexual potencializam sua virilidade e sua masculinidade (ALMEIDA, 1995, 1996; ARILHA, 1998; SALEM, 2004). Em nome da honra, a conhecida tese da legítima defesa de honra continua sendo usada no campo jurídico para inocentar homens que cometeram homicídios contra mulheres ou contra os amantes das parceiras (CORRÊA, 1981, 1983; PIMENTEL; PANDJIARJIAN; BELLOQUE, 2006). Enfocando agora o outro lado da moeda, interpreto a relação de rivalidade e de disputa entre as mulheres.

A honra feminina sobressai tanto nas brigas conjugais (como descrito no capítulo quatro) como naquelas ocorridas com as outras mulheres. Registrei confrontos verbais e surras que algumas esposas deram nas “outras” de seus maridos, e identifiquei apenas um caso em que a tese da legítima defesa (e não a tese da “legítima defesa de honra”) fora usada por apenas uma esposa em seu discurso. Estou falando do caso relativo a Lorena, que na condição de grávida, alegou no ambiente da delegacia a “legítima defesa”, por ter cortado o rosto da amante de seu ex-marido do primeiro casamento. Parto da compreensão de que a honra é culturalmente e tradicionalmente usada como argumento mais pelos homens do que pelas mulheres nesses ambientes judiciais e de delegacia, e também no cotidiano, pela relação que se faz com a masculinidade.

Com relação à honra feminina no contexto das relações estabelecidas entre mulheres, ela se desenvolve a partir de outros moldes. Desenrola-se, no contexto das disputas e das rivalidades, um jogo (ou uma luta) pautado/a na moralidade sexual em que predomina uma hierarquia entre as mulheres nos campos da sexualidade e do gênero. Nessas disputas entre mulheres, é a reputação (a honra) que está em jogo. Nessa perspectiva, o enfoque nas rivalidades e nas disputas entre mulheres pode iluminar a compreensão antropológica de que a rivalidade é também uma prática feminina.

Para refletir sobre as relações de rivalidade e de disputa entre as mulheres é importante saber como se configura o “território conjugal”. O “território conjugal” é atravessado por tensões, relações de conflito, de violência, de controle e de poder. A configuração do “território” permite compreender os contatos, as comparações, as ameaças, as “piadas”, o jogo identitário, os confrontos e, por fim, as disputas e as brigas entre mulheres, que descrevo ao longo desse capítulo e do próximo.

A rivalidade entre mulheres caracteriza-se como sendo uma relação de diferenciação e de oposição (GOLDENBERG, 1990)⁵⁸. Ela destaca que, de maneira relacional e binária, desenrola-se o processo de construção identitária. Em outras palavras, a identidade da amante do homem casado é construída em oposição à de esposa e a de esposa em oposição à da “Outra”. Para as “outras”, a esposa reflete o lado da “obrigação” com o marido, os filhos e a casa, enquanto elas traduzem a “escolha livre e desinteressada” (GOLDENBERG, 1990).

Essa relação de oposição explica as frequentes comparações entre as mulheres. Em referência a atual esposa de seu ex-marido, Leila declara: “agora ele tá morando com essa coisa linda, mulher zambeta⁵⁹! Eu sou feia, mas ela é demais”! Leila ainda não se separou legalmente do ex-marido. Recentemente, ele estava tentando formalizar a separação, mas as filhas reclamaram: “o senhor vai deixar de dar direito a mainha [...] tem direito a tudo que o senhor possui e o senhor quer dá direito a uma rapariga!”. Sobre esse assunto, Leila se pronunciou: “Ele queria casar com essa coisa. Eu sou feia, mas como aquela dali, é triste”. De forma similar, compara também sua filha e a “outra” que seu genro tinha no trabalho: “a minha filha é uma rainha pra ela”.

Já Laura flagrou o marido com uma amante andando de mãos dadas no centro do Recife. Aproximou-se de uns homens que estavam próximos de uma loja de calçado e perguntou: “Vem cá! Eu sei que eu sou feia, não sou bonita, mas tu me trocaria pra ficar com uma mulher dessa!

⁵⁸ A pesquisa de Goldenberg (1990) sobre as experiências de mulheres de classe média de diferentes gerações que se denominaram as “Outras”, é pioneira na reflexão sobre a rivalidade feminina no campo amoroso.

⁵⁹ “Zambeta” é um termo empregado para qualificar uma pessoa que tem pernas tortas.

Aí os caras olharam pra mim e olharam pra ela. Claro que não. Pois esse idiota tá me trocando”. Da mesma forma, Letícia não entendia por que seu ex-marido deixou de ficar com ela para morar com a amante. Eu perguntei como ela era. Ela a descreveu da seguinte forma: “Se tu me ver na frente dela, eu sou uma princesa. [...] Ela é assim baixinha, assim da sua cor [...] o cabelo dela é sarará [...] Ela cortou tipo de cabelo curtinho feito homem. [...] As pessoas chegam pra mim e diz: [...] O que foi que teu marido viu nela? [...] Que a mulher é feia! [...] Porque se fosse um motivo assim, ela banca ele...”.

Comumente, a outra é diminuída e inferiorizada no momento da comparação, enquanto a esposa enaltece sua imagem seja através da beleza ou da boa reputação. O adjetivo “feia” é o mais usado para se referir a outra mulher. Lembro que Livia ficou triste depois de escutar comentários a respeito da outra de seu ex-marido do segundo casamento. Disseram que ela era “bonita”. Mas Livia usava outra estratégia para desqualificá-la, mesmo sem conhecê-la pessoalmente, chamando-a de “rapariga”.

Trago alguns relatos sobre os contatos entre a esposa e a “outra”, permeados pela rivalidade e pela disputa. Quando a outra representa uma ameaça efetiva, elas buscam geralmente demarcar seus territórios. Lia e Luísa contaram que costumavam pedir dinheiro a seus maridos nos bares, preferencialmente, na frente das outras mulheres; esta era uma forma de vigiar não apenas o marido, mas, sobretudo, evitar que as outras se aproximassem dele. A prática de pedir dinheiro significa a demarcação de seu espaço, como esposa. Quando o marido estava no bar, Luísa tinha uma estratégia: “Chegar, sentar, pegar um copo. [...] Daqui a pouco saía uma, saía outra, os amigos dele também se saindo. Pronto, ficava somente eu e ele”.

Recentemente, Luísa esteve num bar com o marido. De repente, observou que uma mulher estava encarando seu esposo. Esse caso mostra que nem sempre a mera presença da esposa no bar consegue intimidar outras mulheres de paquerar com seu marido. Ela pensou: “se ela olhar mais uma vez, eu vou perguntar a ela o que é”. Quando eles estavam saindo do bar, a mulher atenta ao olhar vigilante da esposa, disse: “você é esposa”? Ela respondeu automaticamente: “todinha esposa dele”! É perceptível que a esposa não estava prestando atenção apenas ao marido, mas, sobretudo, atenta aos olhares e comportamento da outra. Se outra mulher encara o marido, a esposa observadora rapidamente afasta o perigo.

Agora, quando as esposas sabem da existência da “outra” na vida do marido, dificilmente elas ficam quietas diante da situação e geralmente entram em contato com a outra mulher. É o caso de Laura que namorou quatro anos com um homem casado que trabalhava na mesma firma que ela. Ela conta que a esposa dele ligava para a firma. O intuito da esposa era

intimidá-la, bem como colocar seu emprego em risco e manchar sua reputação. Acompanhemos o diálogo entre elas ao telefone:

[...] Laura: Não sei quem é Laura e ela não trabalha aqui. Eu acho que você está enganada. E não ligue mais não, pra firma não, porque seu marido vai findar perdendo é o emprego por sua causa. Outra vez [...] isso foi num dia de São João. Nesse dia, nunca vou esquecer (ar de riso).

Esposa: Eu só tô te ligando pra lhe dizer que eu estou aqui em Nova Guanabara dançando forró com meu marido. Pra você ficar sabendo.

Laura (amante): E o que eu tenho a ver com você e seu marido? Boa noite de São João pra você também. Eu já disse a você, você vai findar fazendo seu marido perder o emprego. Porque aqui não tem nenhuma Laura, não. Se tem uma Laura na vida dele, não é aqui dentro da firma, não.

Esposa: E com quem que eu tô falando?

Laura: Com Bruna.

Esposa: É. Tá Bruna. Desculpa.

Laura: Não, tá desculpado.

Durante a ligação, Laura não se identificou para evitar “confusão” com a esposa de seu amante. Ela se esquivava de entrar em contato com as esposas dos maridos que ela se relacionara, seja por telefone e, sobretudo, pessoalmente. Em contrapartida, o propósito da esposa era revelar conhecimento da relação que a amante estava mantendo com seu marido, afastá-la dele, ou melhor, de sua vida conjugal. Na segunda ligação, a esposa faz questão de falar para a amante que estava dançando forró com o marido dela. Este é um exemplo claro de disputa e de demarcação de território entre a esposa e a amante. A intenção da esposa era principalmente contar vantagem na disputa: o marido está dançando forró com ela e não com a amante. Ao mesmo tempo, revelar para a amante que não pretendia “perder” seu marido facilmente para ela, nem sua condição de “esposa” ao lado do marido e dos filhos.

Esta rivalidade feminina é marcada por uma disputa acirrada pelo parceiro. Afinal, como ocorrem essas disputas? E o que elas disputam?

5.2.1 Disputas

O trecho da música que introduz este capítulo foi cantado por Bernardo para descrever como era o relacionamento entre sua vizinha (esposa) e a outra mulher de seu ex-marido. Ele lida com sua condição de “corno” através do humor. Para ele, ser “corno” é motivo de piada e de brincadeira. De modo cômico, contou que sua vizinha tinha sido traída e imitou-a chorando ao dizer que ela “chorava dia e noite” pelo marido. Nesse dia, conheci Livia. Depois de ser apresentada à sua vizinha, Bernardo acrescentou que ela queria “brigar” com a mulher por causa do “homem” e, em seguida, pediu para ela me contar sua história.

Lívia contou como era seu relacionamento conjugal e como ocorreu a “briga” entre ela e a amante. Ela manteve o relacionamento com Henrique durante cinco anos e culpa a sogra pelo término de seu casamento. A sogra não gostava dela por ser mais velha do que seu filho e ter três filhos adolescentes provenientes de um casamento anterior. Ela queria que o filho tivesse se casado com uma namorada que estava grávida dele. Ele preferiu ficar com Lívia, para desgosto da mãe, que argumentava insistentemente, que Henrique estava deixando de ficar com o próprio filho para “criar os filhos dos outros”. Ela conta que eles “viviam bem” até que a sogra “começou a botar mulher na frente dele”. Depois de sucessivas brigas entre Lívia e uma vizinha que “dava em cima de seu marido”, o marido alugou uma casa em outro município e decidiu romper o relacionamento.

Contudo, ele continuou visitando Lívia. Numa dessas idas, ela observou que o marido estava cuidadoso com o celular dele, pois deixava-o desligado e chegou a retirar o chip do aparelho. Desconfiada, ela acessou a agenda do celular do marido, gravou os contatos com nomes femininos no seu aparelho telefônico. O marido percebeu que ela “mexeu” no seu celular e acusou-a de ter xingado sua amiga de “rapariga” pelo telefone. Lívia enfatizou que não ligou nem atendeu chamada, mas para não levar o nome de “mentirosa” decidiu “tirar essa história a limpo”. Vale salientar que a principal motivação de Lívia ligar para a outra mulher foi a desconfiança no marido. Ligou aleatoriamente para alguns números e a única que atendeu foi uma mulher chamada Tati.

No início da ligação, a rivalidade entre as duas mulheres tornou-se evidente. A ex-esposa ligou para tomar satisfação e apresentou-se primeiramente como sendo “namorada” dele: “eu quero só saber se você tá ficando com meu namorado”. Do outro lado da linha, Tati identificou-se automaticamente enquanto “esposa”: “eu tô com meu marido. E você, se for alguma coisa dele, é só um lanchinho da madrugada”. Ela contou uma vantagem na disputa: diz estar grávida dele, enquanto Lívia não tem filhos dele. Para minimizar a desvantagem e a ofensa sofrida ao ser chamada de “lanchinho”, Lívia disse ser a ex-esposa dele e ressaltou que ele não deixou de frequentar sua casa. Como a outra duvidou do ela que falara, ela soltou uma provocação: “Da quinta pra sexta, ele tava com quem? Ele tava comigo fazendo amor bem gostoso”. E assim as duas ficam enredadas numa obstinada disputa. Nenhuma “abre mão”. De um lado, Lívia disse: “ele não vai me deixar por mulher nenhuma”. Do outro, Tati retrucou: “eu não vou abrir mão dele pra você”. Desistir do homem significa perder a disputa, e, sobretudo, perder para a outra. Fica a impressão que o mais significativo não é simplesmente ficar com o

homem, mas, sobretudo, “ganhar” da outra mulher. Livia declara guerra: “você vai levar muita gaia de mim”.

A primeira impressão que desponta dessa cena de disputa é a de duas mulheres brigando por um homem. Certamente, a visão do senso comum é: estão brigando por “macho”. Sem dúvida alguma, a figura masculina aparece como um interesse comum entre duas mulheres. Elas almejam ficar ao lado dele e conseqüentemente afastar a outra. Com base nos dados de campo, analiso as disputas entre mulheres a partir de dois aspectos: de um lado, considerar que nas disputas as mulheres constroem uma relação específica entre elas; de outro, pensar a masculinidade e o lugar do homem no contexto das disputas.

5.2.1.1 Relações entre mulheres

A compreensão geral das mulheres é de que a disputa ocorre de forma unilateral. Elas entendem que apenas a outra entra na disputa, uma vez que o lugar na vida do homem já está ocupado pela esposa. Nas narrativas, a esposa aparece atrelada ao ciúme enquanto a amante é associada ao cenário da disputa. Com a intenção de compreender as relações entre mulheres no contexto de disputa retomo o confronto entre Livia e Tati enunciado anteriormente.

Durante a ligação telefônica, as duas acabaram definindo seus papéis no contexto da disputa conjugal. Tati se colocou na posição de esposa, ao se declarar a “fiel”, enquanto sobrou para Livia assumir a condição de amante. Mas não uma amante reduzida a um “lanchinho da madrugada”, como desejava Tati. De forma provocativa, Livia realçou: “Ele come você e come eu. Você vai comer babado meu”. Na condição de amante, Livia não está disposta a perder essa disputa, por isso a esposa, que nesse caso é Tati, terá que suportá-la. Por que elas inverteram os papéis? Porque há uma fluidez da identidade de gênero⁶⁰ no campo afetivo-sexual, na medida em que a outra pode virar esposa e a esposa tornar-se a outra (GOLDENBERG, 1990).

Livia afirmou que havia discordado de Tati quando ela disse: “da porta pra fora o que ele fazia não era da conta dela”. Livia opinou: “mulher nenhuma aceita que [...] uma pessoa que a gente ama, [...] vá ficar com outra pessoa lá fora”. Mas a outra acabou concordando: “[...] não sei se vou ter paciência de aguentar tudo isso”. Tati quis transmitir a mensagem de que não “deixará” o parceiro por causa de Livia, mesmo sabendo que ele ficará com as duas ao mesmo tempo. Tati não quis demonstrar que ficará abalada emocionalmente com o fato dele também ficar com ela. Porém, Livia sabe que essa não manifestação de certas emoções faz parte do jogo da disputa em que elas estão envolvidas. Além do mais, não se importar com os casos

⁶⁰ Sobre a identidade das mulheres no universo conjugal, consultar o último capítulo.

extraconjugais do parceiro não condiz com a moralidade conjugal monogâmica preponderante em nossa sociedade. Por isso, a rivalidade, os conflitos e as disputas entre mulheres no campo conjugal alimentam e reproduzem essa cultura monogâmica e machista.

Apesar do conflito ao telefone, Lívia ainda fez uma proposta para Tati: deixar a outra a par do que estava acontecendo ao conversar sobre o parceiro com o objetivo de “desmascará-lo”. No momento da ligação, Tati concordou, mas depois mostrou a gravação da ligação para o parceiro. É válido acrescentar que Lívia propôs uma aliança de maneira estratégica: saber mais sobre o relacionamento entre os dois e conhecer a outra mulher dele. Ela não almejava tornar-se amiga dela, nem Tati tinha essa pretensão. No campo conjugal, as mulheres não constroem uma aliança contra os homens, pelo contrário, constroem uma relação de disputa e de rivalidade entre elas. Nesse universo das relações amorosas, a mulher fica *contra* a outra.

Por conseguinte, Tati mostrou a gravação para Henrique. Esta gravação provocou mais desentendimentos entre Lívia e Henrique e conseqüentemente o afastamento dos dois. O desentendimento ocorreu pelo telefone e ele rompeu o relacionamento. Insistentemente, Lívia tentou ligar para ele, mas o ex-marido não atendia a chamada. Lívia disse que chorou depois que soube da existência da outra e da suposta gravidez.

O que chama a atenção é a diferença no modo como Lívia encara o marido e a outra. Sua intenção era conversar com ele e ouvir uma “explicação”. Ela esclarece: “Ele me devia uma explicação. Não, porque nós não tava mais junto. [...] A gente não tava mais junto, né. Mas pelo fato dele ter mentido pra mim”. Percebi que Lívia pretendia uma reconciliação com o marido enquanto alimentava a raiva pela “outra”. Ela sentiu mais raiva da outra do que do marido. Em nenhum momento, ela xingou o marido⁶¹. Ficou magoada. E sua vontade era bater na outra.

Passaram-se dois meses. Lívia não conseguia mais falar com o ex-marido. Ele trocou de número para evitar o contato com ela. Completado os três meses, o ex-marido passou a ligar com “número restrito” para ela. Ela detalha: “Para querer saber como eu tava. [...] Começou a falar que tava com saudades de mim. Falou que a menina perdeu o bebê”. Marcou um encontro e ela aceitou. Eles se reconciliaram e ficaram se encontrando. O ex-marido explica: “[...] Eu me afastei de lá porque ela disse pra todo mundo que eu tava morando com ela. [...] Eu não tenho mais nada com ela”. Lívia pergunta: “Mas ela não dá em cima de você, não?” Ele responde em seguida: “[...] Ela dá em cima de mim na cara de pau. [...] Mas eu não quero ela, não”.

⁶¹ Esse caso é uma exceção. É comum as mulheres xingarem seus maridos de “safados” porque ficaram com outras mulheres. Sobre a percepção das mulheres a respeito da infidelidade masculina, conferir os capítulos dois e três.

Por outro lado, engana-se quem imaginou que a “briga” entre Livia e Tati terminou naquelas últimas ligações. Elas não se conheceram pessoalmente. Mas, esse detalhe não impediu que o conflito se estendesse, já que nenhuma pretendia “abrir mão” dele para a outra. Assim, contatos e brigas pelo telefone continuaram. Ligações, mensagens e gravações de áudio tornaram-se comuns. Para evitar o confronto, algumas vezes Livia não atendia a ligação da outra. A ex-esposa disse que a outra ligava com um número “desconhecido” e também originou chamadas de seu próprio número telefônico. Exatamente nesse período que Livia começou a se comunicar com Henrique, ela passou a receber mensagens enviadas pela outra através do celular. Uma das mensagens dizia o seguinte: “Nunca desista de seus objetivos, pois pior que a vergonha da derrota é a vergonha de não ter lutado. Boa noite”.

Livia disse que ia trocar de chip para evitar que Tati continuasse lhe enviando mensagens. Ela leu as mensagens para mim enquanto tentava interpretar cada uma delas. Algumas mensagens foram enviadas um dia depois do encontro de Livia e Henrique. Ela interpretou a mensagem transcrita acima da seguinte forma: “Eu fiquei pensando que ela tá dizendo que eu sou uma covarde. Que eu não lutei por ele”. Ela relaciona o teor desta mensagem ao que Tati falou para ela na última ligação: “Você não deu valor a sua chance. [...] Porque quando ele chegava aí, você chutava ele da porta pra fora com o seu chororô. [...] Quando ele vinha pra minha casa, era só amor, era só carinho. [...] Era só love”.

Nos confrontos entre mulheres, a esposa é associada principalmente à briga, enquanto a amante aproveita as benesses do relacionamento, como: o amor, o carinho, o abraço e o prazer (GOLDENBERG, 1990). Elas compreendem que com choros, lamentos e cobranças, a esposa sai em desvantagem porque, ao invés de manter o marido ao seu lado, propicia a aproximação dele com a outra, inclusive, Livia se responsabiliza pelo fato do marido ir atrás da outra.

Nesse interim, o homem transita livremente entre uma mulher e outra, enquanto elas brigam e se culpam ou culpam a outra por não saber conquistar e “segurar” o parceiro. “Segurar” o parceiro no contexto da disputa significa dificultar o contato dele com a outra mulher. No discurso, a culpa da traição recai na esposa traída e não no marido infiel. Desse modo, o marido aparece na narrativa usufruindo de prestígios e vantagens por ser infiel e por ter duas mulheres “brigando” por ele.

Neste sentido, o conteúdo da segunda mensagem que Tati enviou para Livia sintetiza o teor das brigas entre mulheres. Mas o que significa os dizeres: “[...] pior que a vergonha da derrota é a vergonha de não ter lutado?” O que essa mensagem tem a ver com a briga? No campo das relações amorosas, brigar é sinônimo de “lutar”. Assim, “brigar por ele” é o mesmo

que “lutar por ele”. No contexto da briga, elas acreditam que uma será a vencedora enquanto a outra a perdedora.

Para compreender a briga acima descrita entre Livia e Tati, inspiro-me no estudo etnográfico de Fonseca (2004b) sobre as narrativas de mulheres traídas. Fonseca (2004b, p. 120) traz narrativas orais de mulheres que, ao descobrir a infidelidade conjugal dos homens, “vão atrás” dos maridos e “corrigem a situação”. As mulheres da vila porto-alegrense chegavam até a bater na outra do marido. A antropóloga enfatiza que nessas histórias contadas predominam personagens femininas, que desempenham os papéis principais de protagonista e de vilã. Dessa forma, compara essas histórias da vila com as narrativas sobre bruxarias em Santa Catarina estudadas por Maluf (1993 *apud* FONSECA 2004b) e conclui, levando em consideração o trabalho dessa autora, que o drama principal parece ser uma luta entre mulheres. Com base nessas reflexões, compreendo essas disputas no campo amoroso como sendo uma *luta entre mulheres*. Seria simplório demais afirmar que se trata de uma luta para ver quem fica com o homem. Essa luta é principalmente entre elas. Porquanto, a disputa entre mulheres é uma forma particular de *luta* por posição social, prestígios e honra.

5.2.1.2 O lugar do homem nas disputas: circulação e masculinidade exuberante

Para ampliar a análise sobre as disputas, é importante refletir também sobre o lugar dos homens nesse cenário marcado pelo conflito feminino. Direciono a análise para a circulação masculina entre várias mulheres e, em seguida, reflito sobre a masculinidade do homem infiel no contexto da disputa entre mulheres.

As disputas por parceiros devem ser compreendidas a partir do modo como os homens circulam entre as mulheres. Identifiquei basicamente dois modos de circulação: uma circulação de caráter *temporário* e uma circulação *fixa* ou *duradoura*. É importante destacar que independente da forma de circulação masculina, é predominante a concepção de que os homens têm que ficar com apenas uma das mulheres, preferencialmente com as esposas.

A primeira forma de circulação, que denomino de *temporária*, implica a ruptura e a opção por uma das parceiras. O relacionamento de Livia e Henrique relatado anteriormente é um exemplo. Primeiramente, Henrique rompe com Livia e opta por se relacionar com Tati. Depois de alguns meses, rompe o relacionamento com Tati e reata a relação com Livia. Como podemos acompanhar, a ruptura dos relacionamentos provoca paralelamente o conflito entre os casais que se separaram, bem como intensifica a rivalidade e a disputa entre as mulheres. A opção que o homem faz entre uma parceira e outra agudiza a disputa e reforça ainda mais o

dualismo entre as mulheres. O homem sai da briga ao romper com uma das mulheres, porém continua sendo o pivô da disputa e, ao mesmo tempo, reverenciado pelas mulheres.

Já a circulação *duradoura* predomina menos se comparada a temporária. Entretanto, ela também não é rara, pelo contrário, aparece de modo frequente nas experiências conjugais. Tanto que algumas mulheres relataram que vivenciaram as duas formas de circulação masculina, a exemplo de Lola, Leila, Luana e Letícia. Os casos conjugais envolvendo a circulação masculina de caráter duradouro não se referem à poligamia porque não há consentimento conjugal de que os homens podem ter duas ou mais mulheres.

Este tipo de circulação também pode envolver a ruptura, mas ela tarda a acontecer. A principal característica dessa circulação masculina não é a ruptura, mas a durabilidade das parcerias que os homens estabelecem geralmente com duas mulheres ao mesmo tempo. Não se trata apenas de um trânsito duradouro entre várias mulheres, mas de uma circulação que ocorre durante anos em dois núcleos domésticos.

Menciono o caso conjugal vivido por Leila que traz elementos significativos para pensar como a disputa entre mulheres ocorre nesse tipo de circulação masculina. Leila soube que o marido tinha outra mulher na Bahia depois de ter observado várias ligações da outra⁶². Ela disse que soube dessas ligações através das vizinhas: “As meninas vinham me chamar, minhas conhecidas ali. [...] As meninas pensavam que fosse pra mim, mas [...] era pra ele”. Ele informou à amante os números de dois orelhões perto de sua casa⁶³. Várias vezes, Leila viu o marido “correndo” para atender uma chamada no orelhão.

Leila lembra o dia que atendeu o telefonema da amante de seu ex-marido. Através da ligação, as duas mulheres estabeleceram uma relação conflituosa caracterizada por uma disputa de espaço nesse campo das relações amorosas. De um lado, a mulher que o marido de Leila “arrumou” na Bahia, durante o período que trabalhou por lá, identifica-se como esposa dele; do outro, Leila espanta-se com a afirmação e a acusa de ser a “quenga” dele, já que ela era a esposa. No entendimento das mulheres, não existem duas esposas. A menos que as duas concordem “dividir” o mesmo homem, o que dificilmente ocorre. Predomina nessa lógica monogâmica, uma relação de oposição e de disputa entre as mulheres. Por isso, é comum uma afirmar ser a esposa e classificar a outra de maneira ofensiva. Leila conta que só não chamou “essa mulher de arroz doce”:

⁶² Assim como Leila, Laura e Lívia ficaram sabendo, ou tiveram certeza, que seus respectivos cônjuges estavam mantendo uma relação fora do casamento através de telefonemas originados pelas amantes.

⁶³ Antes da popularização do aparelho celular, as pessoas se comunicavam principalmente através do orelhão. Nem todo mundo tinha um telefone fixo em casa. A comunicação através do orelhão só foi possível porque as pessoas criaram, nessa época, o costume de atender e avisar aos vizinhos e parentes que tinha um telefonema em espera.

Vizinhas: Leila, telefone pra Davi.

Leila: Alô. Quem é?

Mulher da Bahia: É a esposa de Davi.

Leila: Esposa? Ou é a quenga dele. Porque a esposa dele sou eu. Você deve ser a quenga, né!

Mulher da Bahia: Não, porque ele registrou o meu sobrinho, registrou meu neto no nome dele.

Leila: E foi?

Fica claro nessa cena de disputa entre Leila e a mulher da Bahia e na outra disputa entre Livia e Tati uma indefinição das *posições* que as mulheres ocupam na relação com o parceiro e diante da comunidade. Compreendo que a circulação dos homens entre várias mulheres e, muitas vezes, entre dois núcleos domésticos provoca essa imprecisão quanto aos papéis das mulheres. Esses casos revelam o que as mulheres disputam. Elas disputam por posições sociais. Assumir a posição de gênero, nesse caso a de esposa, como lembra Moore (2010), confere prestígio e determinadas recompensas sociais. No final das contas, essas disputas revelam um jogo identitário que envolve também a honra feminina.

Leila soube através da amante que o marido tinha dito que era solteiro. Durante a ligação, Leila desmentiu o marido e reforçou que ele era casado e pai de seus filhos. Tanto o status de casada como os filhos são armas usadas pela esposa contra a outra mulher para reafirmar seu espaço na vida de um homem. Mas Leila não esperava ouvir da outra que seu marido tinha registrado o neto dela em seu nome. Posteriormente, a esposa perguntou ao marido e ele confirmou a informação. Para Leila, o mais difícil foi escutar do próprio marido que o filho da amante era dele. Dessa forma, as mulheres vão demarcando/reforçando seus lugares, no território conjugal, a partir de alguns elementos que podem ser verificados nesses dois exemplos de disputas: filhos, gravidez, registros de nascimento ou de casamento e pela coabitação.

Antes da separação entre Leila e Davi, a outra rompeu o relacionamento com ele. Ela conta em tom de satisfação que o marido também não saiu ganhando nessa história porque a amante fez “macumba” para ele. Perguntei o que ela tinha feito para Davi. Ela detalhou: “ela pegou o nome dele, botou na garrafa de pitu e enterrou de cabeça pra baixo num barro. Ele vai morrer assim, bebo”. A esposa disse que suspeitou que a outra estava fazendo “macumba” para ele porque o marido bebia demais (DOUGLAS, 2010; EVANS-PRITCHARD, 1976). Ela desconfiou também porque, na sua visão, “esse pessoal da Bahia gosta de fazer essas coisas”.

Geralmente nos contextos de disputa, uma das mulheres sai da vida do homem, ou melhor, da vida da outra mulher. Nesse caso, a “outra” se separa do marido de Leila, mas ela não sai completamente. Segundo a narrativa acima, ela se vinga do ex-amante ao fazer

“macumba” para prejudicá-lo. A esposa é ciente que essa “macumba” também atingiu seu casamento já que ela não tinha saído completamente da vida dele, tanto que a outra é ainda responsabilizada pelo fato do ex-marido fazer uso abusivo do álcool. É válido destacar que a amante não se aliou à esposa para se vingar do homem. Ainda predominava uma relação de antagonismo entre elas. Em termos gerais, esse caso nos ensina que nessas disputas nem sempre o homem sai em vantagem e que a mulher, nesse caso a amante, pode ser vingativa ao tentar prejudicá-lo⁶⁴.

No tocante à circulação duradoura dos homens entre duas mulheres, o conflito entre casal é intensificado porque envolve o âmbito doméstico e a convivência marital. As mulheres vão lidar cotidianamente com o fato do marido transitar ao mesmo tempo em duas casas. Não é à toa que o marido de Leila propôs que o dinheiro relativo ao custeio da casa fosse dividido com a amante que morava na Bahia. Esse caso pode ser melhor elucidado a partir das considerações de Moore (2000). Esta antropóloga aponta que os homens investem em dois discursos concorrentes: o do “marido/pai provedor” e o do “homem parrandero/farrista”. Moore (2000, p. 41) assinala que “o homem de sucesso é um homem que administra a relação entre o papel de marido/pai e o de ‘homem parrandero’, e assim segura e controla sua situação doméstica, ao mesmo tempo em que mantém sua reputação como bom amigo”. Leila achava que a outra não tinha direito, apenas ela. Essa situação gerava discórdias e desentendimentos entre o casal. A esposa sublinhou que a separação ocorreu mais por causa desse envolvimento dele com essa outra mulher.

Assim, algumas mulheres conviveram durante anos com essa situação. Lola, por exemplo, pedia para o marido ficar definitivamente com a amante que teve durante quatorze anos. Mas, ele não aceitava a separação e continuava transitando nas duas casas. Com o passar dos anos, a amante separou-se dele. Assim sendo, os conflitos entre casais e entre mulheres não deixam de aparecer nesses casos de circulação duradoura, mas com o tempo eles tendem a ser menos intensos porque, no final das contas, as mulheres acabam, mesmo sem consentir, “dividindo” o parceiro. O que não significa dizer que os conflitos deixem de aparecer no convívio conjugal.

Depois de refletir sobre a circulação masculina entre mulheres, convém me debruçar sobre a figura do homem “raparigueiro” e sobre a masculinidade no universo das disputas. Parto de alguns questionamentos: Por que esses maridos costumavam dar seus números telefônicos à

⁶⁴ Outros casos de mulheres que se vingaram dos homens são abordados no último capítulo.

amante com o propósito de deixar a esposa saber da existência da outra? Por que os homens davam em cima de outras mulheres na frente das esposas?

Trair a esposa não põe em xeque sua honra, pelo contrário, sua masculinidade é fortalecida (ALMEIDA, 1995; GOLDENBERG, 1990; SALEM, 2004). Quando o homem deixa a esposa saber que ele tem outra ao fornecer e permitir que esta última ligue para seu telefone fixo, celular ou orelhão perto de sua casa, ele provoca a disputa entre as mulheres. Ele tornou, assim, pública a disputa por ele. Dessa forma, sua masculinidade e imagem de homem “pegador” são enaltecidas nesse campo das relações amorosas. Miguel Vale de Almeida (1995) salienta que a masculinidade está em contínuo processo de construção, uma vez que nas interações sociais, os comportamentos masculinos são incessantemente sancionados, (re) avaliados e negociados. Nesse contexto, as disputas entre mulheres simplesmente potencializam a masculinidade do homem. Em outras palavras, o homem ganha mais poder.

Retomo o caso de Lívia. Ela disse ao ex-marido que Tati estava lhe enviando mensagens provocativas. Ele aproveitou o momento para estimular a disputa e a briga entre elas, ao dizer: “fala que você vai denunciar”. Deste modo, ele vai transitando entre uma mulher e outra e aparece nas narrativas alimentando a disputa e o conflito entre as mulheres. A estratégia masculina é manter uma mulher contra a outra. Do outro lado, as mulheres seguem numa acirrada disputa, sem se dar conta do lugar de poder que o homem ocupa no contexto do conflito feminino.

Lívia seguiu a sugestão do ex-marido, ligou, gravou a ligação e disse que ia denunciá-la. É possível fazer algumas interpretações sobre a disputa entre essas mulheres tomando como base essa ligação. Durante a ligação, elas trocaram uma série de xingamentos como “rapariga”, “quenga”, “fuleira”, “piranha” e outros com o objetivo de difamar uma a outra. A ligação foi caracterizada pelo uso do humor e de efeitos sonoros usados por Tati como gargalhada de bruxa, som que lembra músicas de velório, sons que remetem ao ato sexual, que provocavam o riso e ao mesmo tempo o emprego de xingamentos. Através da linguagem humorística é possível falar tudo que se pensa a respeito do outro e através do humor o conflito marcado pela violência simbólica entre elas tornou-se legítimo. Além de acusações e xingamentos, outra forma de rebaixar a outra mulher, no auge do confronto, é dizer, como fez Lívia, que Tati estava brigando “por causa de macho”. As mulheres se veem enredadas no que Goldenberg (1990, p. 62) chamou de “sistema circular de acusações: da esposa para a amante, da amante para a esposa”. No campo das disputas entre mulheres, observo um círculo de “acusações” (GOLDENBERG, 1990), de xingamentos e difamações.

O mesmo também pode ser verificado nos confrontos entre mulheres face a face. Obtive informações de homens que não se inibiam de “dar em cima” de outra na frente das esposas. A infidelidade masculina aparece como um evento comum na vida do casal e não é vista como “anormal”. O conflito decorrente dela apenas ritualiza a legitimidade dessa prática e confere à outra mulher o lugar do desvio (GOLDENBERG, 1990) e da transgressão da moralidade familiar.

Lorena contou que estava numa igreja neopentecostal com seu marido quando percebeu ele “encarando” uma mulher que acabara de entrar com um amigo. Ela reagiu da seguinte forma: “Terminou eu encarando ela. [...] E olhando pra cara dele com a cara feia”. Quando o casal estava na estação de metrô, a mesma mulher passou “encarando”. Lorena conta que ficou com raiva dele, pois aproximava-se dele enquanto o marido se afastava. Por esse motivo, o conflito se desenrolou na estação:

Lorena: Que foi Joaquim (marido)? Por que você tá se afastando?

Joaquim: Não, por nada, não.

Lorena: Porque tu tá olhado pra essa rapariga safada, é! Tu já tá começando, é! Eu vou encarar pra ela também pra perguntar se ela tá olhando pra minha buceta! Porque ela tá olhando muito demais pra mim. Eu não tô gostando desse comecinho, não.

Joaquim: Tu já vai arrumar briga, é? Eu não tô olhando ninguém, não! Qual é a mulher?

Lorena: Não. É pra minha mãe! É aquela dali!

Quando a menina chegou, ele ficava assim ó!

Lorena: Cuidado pra o olho não cair no chão!

O casal e a outra mulher entraram no mesmo vagão do metrô. Para evitar o contato do marido com a outra, Lorena desceu na mesma estação que o marido para não deixá-lo sozinho. É válido acrescentar que esse casal não divide a mesma casa. Por isso, Lorena salientou que se ela entrasse depois no mesmo ônibus que o marido, ela embarcaria com eles. Lorena estava atenta aos olhares da outra no espaço interno do metrô: “ela olhando e eu encarando pra ela”. A mulher chegou ao seu destino antes do casal. O marido não gostou do comportamento da esposa. Na despedida, deu-lhe um beijo e disse que ligaria no outro dia. Cada um foi para sua casa. No outro dia, a esposa não atendeu sua ligação porque estava com “raiva”. Lorena atendeu a chamada somente no outro dia, o marido reclamou e ela respondeu: “eu não sou obrigada a atender”. Ela aproveitou para “cobrar”: “Você queria que eu tivesse olhando pra algum macho, você ia gostar? [...] Tu não ia gostar que eu sei que tu é ciumento! Então eu não posso cobrar de tu também, não”!

Fica claro que Lorena se incomoda com o comportamento “garanhão” do marido. Até reclamou no momento em que ele “encarava” a outra e depois do caso ocorrido. Tal conflito

não se prolongou por muito tempo e os dois fizeram as pazes, embora a desconfiança dela com relação a ele, e dele com relação a ela, perdure e alimente outras tensões conjugais. O que chama a atenção é que as esposas dificilmente conseguem “controlar” as aventuras sexuais e ou amorosas do marido apenas “reclamando” ou “cobrando” dele. Esse sistema de controle é ineficaz. Elas usam outra estratégia: para man(ter) o controle conjugal do que o marido faz na “rua”, as esposas acabam controlando as outras mulheres. Nesse caso, Lorena “encara” a outra mulher e demonstra ser uma esposa “observadora”. A intenção era intimidá-la e consequentemente afastá-la do marido. Observa-se que quem é xingada é a outra mulher e não o marido.

Trago agora outra situação em que Luísa também presencia o comportamento “mulherengo” do marido. Ela destaca que ele se comportava dessa maneira principalmente quando bebia: “não pode ver mulher”. Certo dia, ela chegou ao bar e ele estava acompanhado de três mulheres, incluindo uma colega de Luísa. A esposa lembrou que “ele era a fim de ficar com ela”. A esposa estava no colo do marido quando observou que ele estava passando a mão nas pernas de sua colega. A esposa repreende primeiramente a colega, depois o marido. Difama-a publicamente ao chamá-la de “safada”. Na visão da esposa, mais “safada” é a mulher que permite o homem acariciar suas pernas. Enquanto a colega ainda pede “desculpas” para Luísa, seu marido se fez de desentendido. O pedido de desculpas por parte da “outra” significa um meio de minimizar o conflito com a esposa e denota ao mesmo tempo a internalização do sentimento de culpa e do estigma de “destruidora de lares” (GOLDENBERG, 1990). Além disso, Luísa chama o marido de “abestalhado” porque sua colega já tinha chamado outro homem para beber por conta dele. É possível perceber que ela busca proteger ou alertar o marido diante dos interesses e da malandragem (FONSECA, 2004b) da outra mulher. Trata-se de uma estratégia das esposas mostraraos maridos mulherengos que nem sempre eles estão em vantagem e que podem ser enganados pelas outras mulheres.

Nessas situações de disputas, a imagem do homem “raparigueiro” é realçada. Moore (2010, p. 41) lembra que ser um homem “parrandero/farrista” representa “uma fonte de prestígio entre os homens, assim como uma fonte de solidariedade masculina”. Diante do perigo iminente dos “chifres” (FONSECA, 2004b), os homens apostam num modelo exaltado de masculinidade (HEILBORN, 2009), isto é, numa variedade de parceiras e de práticas sexuais. Em tal modelo estão as figuras do homem “namorador”, em sua versão mais “amena”, e a do “ganhão”, a mais “exacerbada” (HEILBORN, 2009). A figura do homem “raparigueiro” corresponde, por sua vez, a tipologia mais “exacerbada” de masculinidade.

Acrescento que no campo da infidelidade, a masculinidade dos homens aparece de forma *exuberante*. Chamo de masculinidade exuberante essa necessidade dos homens, que é culturalmente construída, de mostrar que têm várias mulheres. Nesse sentido, o que importa para os homens não é serem infiéis, mas demonstrar sua virilidade e potência sexual diante de outros homens (ALMEIDA, 1995)⁶⁵ e da vizinhança. A exuberância está nessa vontade de exibir sua masculinidade como sendo ativa e potente diante de outros. Não posso deixar de argumentar que as mulheres também alimentam e produzem essa forma exuberante de masculinidade no contexto das disputas pelos parceiros e que os homens se beneficiam dessa relação antagônica estabelecida pelas mulheres.

Este capítulo mostrou que a cisma move o conflito entre mulheres. Predomina a concepção de que a outra mulher representa uma ameaça ao relacionamento conjugal das esposas. É o feminino que representa o perigo e suscita o medo nas mulheres no contexto da infidelidade masculina. Portanto, a cisma alimenta o dualismo, o antagonismo e o conflito entre mulheres. A rivalidade e as disputas conjugais estão, nesse sentido, permeadas pela cisma. Na relação de disputa, as mulheres não almejam apenas o parceiro, elas disputam prestígio, honra e posição social. Ao mesmo tempo, por estabelecerem uma relação de oposição e de ficarem umas contra as outras, as mulheres simplesmente reforçam a masculinidade dos homens infiéis. Nesse contexto de circulação entre várias mulheres, os homens aparecem ocupando um lugar de prestígio e seguem alimentando a dualidade, a disputa e o conflito entre elas.

No próximo capítulo, amplio a discussão sobre as mulheres ao tomar como foco analítico as relações violentas entre esposas e outras no contexto da infidelidade masculina.

⁶⁵ Almeida (1995) estudou a homossociabilidade em contextos laborais e também em momentos de lazer, como os cafés, chamados de “a casa dos homens” em Pardais. Ele mostra como nesse espaço os homens relatam proezas sexuais, treinam e exibem sua masculinidade diante de outros homens através da comensalidade, das bebidas, da retórica e das brincadeiras.

6 RELAÇÕES VIOLENTAS ENTRE MULHERES

Ela já era acostumada a apanhar das outras mulheres. Porque ela dava em cima dos homens casados. (Lívia, 36 anos)

O objetivo deste capítulo é entender as relações violentas entre mulheres no contexto da infidelidade masculina. Em primeiro lugar, reflito sobre como ocorre o controle violento sobre as mulheres a partir da rede de cumplicidade que se forma na vizinhança e entre mulheres e através das surras públicas praticadas geralmente pelas esposas contra as amantes. Em segundo lugar, reflito sobre as brigas entre mulheres quando vão parar no âmbito da delegacia.

Identifiquei que há uma rede de cumplicidades na vizinhança, na parentela e entre mulheres no tocante à violência de esposas contra amantes. O controle de mulheres sobre mulheres ocorre através da violência, isto é, por meio de surras públicas que estão respaldadas e ao mesmo tempo são legitimadas a partir de uma concepção moralizante de família, de casamento monogâmico e de um sistema binário e hierárquico de gênero que opõe esposas e amantes no meio social. Constatei que são geralmente as mulheres que apanham no contexto da infidelidade masculina. São mais frequentes cenas de violências de esposas contra amantes, do que de amantes contra esposas. Embora, este último caso também não seja raro.

Constatei também que as violências entre mulheres não são atenuadas quando vão parar na delegacia, pelo contrário, são vivificadas. A realidade aqui investigada aproxima-se da interpretação de Porto (2014) que ressalta que as delegacias, enquanto recursos simbólicos, são usadas como uma forma de competição entre mulheres. Em resumo, é possível afirmar que algumas mulheres se relacionam, em determinadas situações, de forma violenta no contexto da infidelidade masculina.

Para tanto, exploro a dimensão relacional da violência a partir das teorizações de Gregori (1993), Grossi (1998) e Soares (1999) que postulam que ela está presente tanto nas relações entre homens, como nas relações entre as mulheres. Ao mesmo tempo, essas autoras desassociam as díades: homem-violência e mulher-vítima de violência. Dialogo também com Duarte (1984) que refletiu sobre sexo e moralidade em classes trabalhadoras para compreender como essa polarização entre mulheres sustenta o ciclo do conflito violento entre elas.

6.1 Cumplicidades em torno da violência entre mulheres

Como foi visto no capítulo anterior, não há somente uma divisão sexista entre os mundos dos homens e o das mulheres, há uma divisão no mundo das mulheres. No campo amoroso, há uma relação de oposição e de desigualdade de gênero, e não uma aliança. O que sustenta o ciclo da violência não é apenas a fronteira de gênero entre a esposa, ligada à moralidade familiar, e a outra que fica com o homem casado, as cumplicidades também alimentam a violência entre mulheres.

Onde estão as cumplicidades nas relações violentas entre mulheres? Um olhar metódico sobre os casos de ameaças, intimidação, difamação, perseguição e brigas físicas entre mulheres mostra, por outro ângulo, que há cumplicidades.

Há cumplicidades nas redes de vizinhança e de parentesco, tanto por parte dos homens como por parte das mulheres. No entanto, identifiquei que há, de forma expressiva, uma cumplicidade feminina no tocante à difamação da outra e à violência corporal da esposa contra a amante. Forma-se no bairro, a partir do canal da fofoca ou não, uma rede de cumplicidade feminina que legitima a violência de uma mulher sobre a outra no contexto da infidelidade masculina. Especialmente, através da rede de fofoca, as mulheres informavam as demais que seus respectivos maridos tinham outras. Depois que as esposas ficavam sabendo que os maridos tinham ou estavam com amantes, algumas mulheres davam surras nas amantes.

O caso de Letícia é esclarecedor. Ela teve vários conflitos com a amante de seu ex-marido. Ao perceber que seu marido continuava com a outra, ela ressaltou que na época chegou a conversar com a amante para que o deixasse. O principal argumento da esposa era que o marido tinha “mudado” completamente com os filhos depois desse relacionamento extraconjugal. A amante defendeu-se ao dizer que não “pedia” para ele deixar de cumprir com as responsabilidades paterna e doméstica.

Como a esposa não logrou êxito nas tentativas de afastar a amante do marido decidiu conversar com o pai dela. Ele expôs sua opinião diante do fato: “Ela é a minha filha mais velha, mas é a que me dá mais dor de cabeça. [...] Ele já é um velhinho. [...] A Emília não me escuta não, minha filha! Sabe o que é que você faz! Você é nova! Dê nela! [...] Que ela é safada”. Nesse caso, aparece um elemento novo para analisar a relação entre mulheres: a incitação à violência.

Letícia enfatizou que algumas pessoas da vizinhança lhe deram apoio, na condição de esposa, e ficaram “contra” e com “raiva” da amante. Conhecidas diziam à esposa: “Dá nela,

menina! As pessoas diziam: se fosse comigo [...] eu metia o cassete bom nela. [...] Ela nunca mais vinha pegar marido de ninguém! [...] Eu, não! Deixa pra lá”.

Os casos de ameaças registrados demonstram a legitimidade dessa prática violenta contra a outra. Luísa conta que depois da morte de seu primeiro marido, envolveu-se com um homem casado. Advertiu que ia me contar essa experiência conjugal, mas não ia dizer o nome do homem porque podia “passar alguém conhecido” na calçada, lugar onde conversávamos. O relacionamento durou quase um ano. E os encontros ocorreram às escondidas, inclusive fora do bairro. O fato desse casal não morar na mesma casa facilitava, de certa forma, os encontros dos dois. Ele trabalhou durante um tempo noutra cidade pernambucana. Luísa sempre ia às sextas-feiras ao seu encontro. Preocupada, certo dia ela disse ao amante: “se a sua mulher cismar, ligar pra tu de noite”? Ele tranquilizou-a: “eu já disse aos meninos, se ela ligar diz que eu tô bebo, dormindo”. A esposa dele descobriu esse caso extraconjugal através da sobrinha dela que via com frequência os dois juntos na casa da ex-cunhada de Luísa, pois eles também se encontravam lá. Luísa enfatiza que a esposa nunca a flagrou com o marido dela, mas seguiu seus passos a fim de tomar “satisfação”:

Aí ela veio falar comigo. Aí, mulher, na esquina. Que vergonha, viu! Todo mundo me olhando! [...] Ela perguntou se eu tava com ele ou não. [...] Ela pensou que eu ia ter medo dela.

[...] Luísa: Quem eu? Teu marido?! Tu é doida, menina! [...] Ó, eu tive marido. [...] O que eu não queria pra mim, não quero pros outros, não. Eu não vivo com marido de ninguém não, menina! Oxe, tá ficando doida, é! Tenho nada, não!

Esposa: Não, porque se ele pensa que eu sou feita a minha irmã, abestalhada, que o marido dela anda com a rapariga dele pela Guanabara de cima abaixo e ela não faz nada!

Luísa: Mas só minha filha, que não sou eu, não. [...] Mas não aperreie não, que eu não tô com seu marido, não! Eu não gosto de marido dos outros, não! Por isso que até hoje eu tô sozinha, viu? Olhe, dá licença que eu vou embora trabalhar.

Observa-se que a esposa escolhe um local público, no caso uma das esquinas do bairro, para fazer um escândalo. Eram seis da manhã quando Luísa ouviu uma pessoa chamando pelo seu nome na rua. Na ocasião, ela estava se dirigindo ao ponto do ônibus para ir ao trabalho. Perguntei se ela tinha sido xingada. Ela respondeu que não, mas ressaltou que a esposa falava alto “pra todo mundo ouvir”. O propósito da esposa era fazer com que aquela mulher que estava na esquina, no caso Luísa, assim como tantas outras, fosse identificada publicamente como a “rapariga” de seu marido. Ela sai da condição de oculta e passa a ser vista como a “outra” (GOLDENBERG, 1990). Notem que é a outra que sente “vergonha” e não a esposa. A esposa sentiria vergonha se “não fizesse nada” diante da infidelidade do marido (FONSECA, 2004b).

Com relação à naturalização da violência de mulheres contra mulheres, especialmente da esposa contra a amante do homem casado, o comentário de Luísa chama a atenção. Perguntei a Luísa se ela concordou com a visão da esposa de seu amante sobre a irmã dela. Ela respondeu: “Também é desaforo também da mulher que tá com o marido dos outros e passar com ele pela Guanabara, mulher! Aí, isso aí pronto. Aí tudo bem. Isso aí merece umas pisas. Uma pisa bem dada mesmo. E ela não. Ela é muito *braba* (grifo nosso)”! Dessa forma, Luísa reitera a concepção da esposa e considera legítima a violência numa mulher que namora com um homem casado e anda livremente com ele pelo bairro. Ela classifica essas amantes de “desaforadas” e ratifica que são essas que merecem apanhar publicamente. Esse comentário de Luísa chama a atenção porque ela estava ocupando naquele momento a posição social de outra e ficou suscetível à violência por parte da esposa. Esse caso mostra que a naturalização em contexto de violência advém também de uma mulher que viveu a condição de outra.

Como Luísa continuou se encontrando com esse homem casado, o conflito entre elas tornou-se mais intenso. Depois que a esposa descobriu, Luísa disse que ficou mais difícil continuar com o amante. Ela detalhou: “Aí ela ficava na esquina me esperando pra ver se ele entrava lá na rua, pra ver se pegava eu com ele, com o punhal na mão”. Luísa frisou que não a viu com o punhal, soube dessa informação na rede de vizinhança. Por causa da perseguição e da intimidação da esposa, Luísa disse que foi se “afastando” do homem casado. A esposa conseguiu, desse modo, separar o marido da “outra”. Segundo Luísa, até hoje os dois mantêm uma relação conjugal em casas separadas.

Além disso, identifiquei que as mulheres apanham não apenas das esposas, mas também de membros da parentela. A irmã de Livia apanhou de seu pai porque ficou com o marido da irmã, conforme relatei no quinto capítulo. Beatriz apanhou de sua tia porque ficou com o marido de Lola. Antes disso, Beatriz também apanhou de Lola. Além de serem agredidas, algumas dessas mulheres foram expulsas de suas casas.

Há cumplicidades também no comportamento de mulheres que “atocaiam” ou dão cobertura para que a colega, a vizinha ou a parenta agrida a “outra”. Antes de Rebeca, que é a filha de Leila, desfigurar com um garfo o rosto da amante do marido, a amiga tranquilizou-a: “Faça! Eu vou ficar daqui, olhando”. A sogra de Livia alegrou-se ao vê-la sorrir a amante de seu filho, porque ela também “dava em cima” de seu marido. Ela gritou na rua ao ver a cena de espancamento: “deixa essa rapariga apanhar”. Dessa forma, algumas mulheres não apenas aprovam o espancamento contra outras, como chegam a incentivá-lo. Nessa linha de raciocínio,

compreendo a cumplicidade, de uma forma mais ampla, como uma forma de naturalização ou de legitimação da violência de uma mulher contra a outra.

Em seguida, o enfoque analítico recai sobre o controle de mulheres sobre mulheres no contexto da infidelidade masculina.

6.1.1 Mulheres controlam as outras

Escutei com frequência das mulheres frases do tipo: “eu briguei com uma mulher” ou eu “bati em uma mulher⁶⁶”. Como as brigas insurgiram repetidas vezes no decurso do trabalho de campo, observei cuidadosamente como elas se desenvolviam com a intenção de apreender como ocorre esse controle exercido por uma mulher sobre a outra no contexto da infidelidade masculina.

Descrevo as surras que algumas esposas deram nas outras mulheres que se relacionaram com seus maridos. As surras extrapolam a agressão verbal, como os xingamentos e as “esculhambações” e se caracterizam por uma ação corretiva na outra mulher. As brigas entre mulheres correspondem à terceira fase do conflito, denominada por Turner (2008) de *ação corretiva*. Na perspectiva de Turner (2008), a fase corretiva compreende certos “mecanismos de ajuste e regeneração” que objetivam limitar a difusão da crise. A surra praticada pela esposa visa preferencialmente “corrigir” o comportamento transgressor da outra. De um lado, afastá-la de seu marido, de outro, puni-la publicamente em nome da ordem fundada nas instituições do casamento e da família. As esposas acreditam que punindo dessa forma a outra mulher, a crise conjugal decorrente da infidelidade do marido diminuirá e a estabilidade retornará. Ao mesmo tempo, as esposas, no contexto dessas brigas, alimentam a dualidade de gênero – a esposa *versus* a “rapariga” – característica da moralidade sexual e conjugal predominante. Essas distinções entre as mulheres implicam, ao mesmo tempo, na complementaridade de gênero na esfera sexual (SALEM, 2004).

Para compreender os conflitos violentos entre mulheres, especialmente as surras e outras práticas violentas, baseio-me também nas elaborações teóricas de Grossi (1998) e de Gregori (1993). Essas autoras seguem a linha de pensamento de que a violência não é unicamente praticada pelos homens, mas também pelas mulheres. Desconstroem assim as dualidades homem-algoz (ação) e mulher-vítima (passividade). Além disso, Grossi (1998) destaca que há

⁶⁶ É válido ressaltar que nem todas as esposas pesquisadas deram surras nas outras. Até porque há diferentes reações das mulheres diante da infidelidade masculina. Inclusive, reações em que a violência não aparece entre elas. Nessa linha de raciocínio, exploro, neste capítulo, somente os casos em que a violência entre mulheres acontece.

violência entre homens e também entre mulheres em relações afetivo/conjugais. Embora não esteja falando aqui de relações afetivo/conjugais entre mulheres, a compreensão da autora é salutar para pensar as relações de violência entre esposas e amantes.

Conforme sublinhei no capítulo anterior, as mulheres buscam controlar geralmente as outras porque não conseguem conter os impulsos sexuais dos maridos. Neste momento, destaco que esse sistema de controle feminino também está fundado na violência física. Leila, por exemplo, encontrou Natália, a amante do marido, saindo de casa e disse: “tu tais com meu marido, né?”. Depois deu uma surra na amante do marido com um cabo de aço (fio de aço usado em guinchos de carros).

O fato de chamar o marido de “safado” ou de “cabra-safado”, nesse contexto das brigas entre mulheres, não significa que Leila e as demais mulheres quisessem se separar dele, nem que estivesse criticando a desigualdade de gênero presente no campo da infidelidade conjugal. Predomina ainda o duplo padrão de moralidade no campo da infidelidade, pois enquanto tal prática é permitida aos homens, é vista como uma falta gravíssima quando praticada pelas mulheres (SALEM, 2004; GOLDENBERG, 1990). Rotular um homem de “safado” no campo sexual significa acima de tudo enaltecer sua imagem viril. Como a sexualidade masculina é tida socialmente como sendo “incontrolável” (SALEM, 2004), cabe à esposa controlar a outra mulher. Leila argumenta: “eu dei nessa bicha safada de Natália porque foi desaforo”. “De quem?”, perguntei em seguida. “Desaforo dele, de arrumar rapariga em cima da minha casa”, respondeu automaticamente. Inquiri novamente: o que fez você bater nela? Ela respondeu: “foi a falta de respeito dele”. Quem desrespeitou a esposa por “arrumar” uma mulher perto de casa foi o marido, entretanto quem apanhou com um fio de aço foi a amante (a mulher). Nota-se que a infidelidade masculina ainda é concebida como uma prática legítima, enquanto é considerado “errado” e passível de punição o comportamento de uma mulher se relacionar com um homem casado. É a mulher que apanha porque não soube controlar seus desejos sexuais, já que a ela é atribuído socialmente o autocontrole na esfera da sexualidade e não ao homem (SALEM, 2004).

Essa pesquisa revela que, *no contexto da infidelidade masculina, geralmente quem apanha é a mulher*. Esta análise sobre as relações entre mulheres no campo amoroso remete à pesquisa de Gregori (1993, p. 184) sobre as relações violentas entre casais. Embora a violência seja vista como sendo relacional, essa antropóloga destaca que “é o corpo da mulher que sofre maiores danos”. Apesar de ter identificado conflitos violentos entre casais, percebi uma incidência maior de violência praticada pelo marido contra as esposas e também violências de mulheres contra outras mulheres.

O marido separou-se da esposa e foi morar com Natália. Não durou muito tempo, ele voltou para a casa da esposa. O homem teve outros relacionamentos extraconjugais e durante esse período ocorreram mais conflitos conjugais e outras brigas da esposa com outra(s) mulheres. As “brigas” com as mulheres basearam-se mais na “esculhambação” do que na violência física. Anos depois, os cônjuges se separaram. Ele casou-se novamente, enquanto ela permaneceu na casa com os filhos e netos. Leila até hoje não fala com o marido. Com relação à Natália, Leila relata que quando se encontram pelas ruas do bairro, a outra evita olhar para ela ou caminhar perto dela.

Nessas relações conjugais marcadas pela infidelidade masculina, registrei vários episódios de *controle violento* de uma mulher (geralmente a esposa) sobre a outra. O marido de Lola pernoitou na “zona” e ficou com a mulher perto da casa da esposa. Observe o comportamento da esposa:

Lola: [...] Uma mulher aqui na porta, com a camisa dele vestida, eu rasguei.
 P: Você soube por quê?
 Lola: Porque ela veio de lá pra cá com a camisa dele. Eu conheci.
 Lola: Venha cá, filhinha! Ô minha filha, de quem é essa camisa que você está vestida?
 Outra: É ali do rapaz que tá sentado, naquele bar ali.
 [...] Lola: Mais mulher, tu não aguenta nem uma tapa.
 Já fui fazendo assim (fez o gesto tirando a roupa dela). Deixei ela só de biquíni. Ela botou as mãos no peito.
 Lola: Essa camisa é do meu marido! Tenha vergonha, puta safada!
 [...] P: Você tirou toda a blusa?
 Lola: Toda e joguei em cima dessa casa.
 Lola: Agora você vá e diga a sua tia que foi eu que rasguei. Porque você deu cabimento a meu marido. Que a tia dela era dona de uma pensão (estabelecimento de prostituição), mas era minha amiga mesmo. Ela deu-lhe foi uma pisa nela. Ela disse: Aquela mulher é digna! Faça isso, não! Com dona Lola, não. Tenha vergonha na cara, cachorra! Ainda deu nela. Botou ela pra (outro bairro).

Na concepção de Lola, a outra não teve “vergonha” ao andar vestida com a blusa de seu marido perante a vizinhança, especialmente na rua de sua casa. Para Lola, não bastava bater nela, era necessário ainda humilhá-la ao chamá-la publicamente de “puta safada” e submetê-la à condição de “vergonha” ao deixá-la nua na frente de outras pessoas. A tentativa era fazer com que a outra jamais esquecesse esse dia. O desnudamento público visava ensiná-la a ter “vergonha” (PITT-RIVERS, 1989). Desde a mais tenra infância, somos ensinados a sentir vergonha com a nudez e assimilamos “técnicas corporais” (MAUSS, 2003a) relativas à vergonha, à sexualidade e ao gênero. No discurso acima, a falta ou a “pouca vergonha” da amante opõem-se à vergonha e à dignidade da esposa. Termos dicotômicos como “pouca

vergonha” e “muita vergonha”, respeito e dignidade são usados nos discursos das mulheres como “avaliações morais” das pessoas (DUARTE, 1984).

A esposa explica a outra por que ela apanhou e ficou nua no espaço da rua: por ter dado “cabimento” a seu marido. Predomina a interpretação cultural de que cabe à mulher saber se “conter” diante das investidas de um homem, sobretudo, se for casado (SALEM, 2004). Os casais ensaiam, como diria Duarte (1984), uma “coreografia agônica” em que culturalmente compete ao homem inicialmente os “passos do cerco” e à mulher (leia-se as amantes) cabe o “passo reativo básico”, o de “resistir” às seduições dos homens casados. Nessa linha de raciocínio, ainda predomina a concepção de que o pudor sexual das mulheres é sinônimo de vergonha (PITT-RIVERS, 1968), sendo que a vergonha de uma mulher é sinal também de honra feminina (AQUINO, 2008). Falando em honra, o vocábulo “cachorra” quando atribuído a uma mulher simboliza a figura feminina desprovida de “pudor” sexual. Segundo Duarte (1984, p. 622), a “categoria de acusação suja é mesmo introdutória de toda a sequência negativa feminina: ordinária, meretriz, piranha, etc”. Lola e as demais mulheres usam com frequência várias “categorias de acusação suja” como “cachorra”, “puta-safada”, “galinha”, “quenga”, “rapariga”, entre outras. No contexto das infidelidades masculina ou feminina, são as mulheres que são associadas ao polo negativo (BALANDIER, 1976; DUARTE, 1984) e à “sujeira moral” (DOUGLAS, 2010; DUARTE, 1984). Na percepção das mulheres, era a outra mulher que estava subvertendo a ordem e não o marido infiel.

Nesse sentido, as surras (ato violento) possuem um caráter disciplinar (MACHADO; MAGALHÃES, 1998; WOORTMANN, 1987). As surras da esposa e de outras mulheres contra mulheres simbolizam o *controle violento* sobre o corpo e sobre a sexualidade da mulher que transgride a normatividade padrão das condutas sexuais (BOZON, 2004). É válido recordar que os estudos em áreas mediterrâneas mostraram como os homens vigiavam a sexualidade e o comportamento feminino a fim de controlar sua “vergonha”, já que ela garante a honra dos homens e a honra da família. Nesta pesquisa, os dados revelam que não são apenas os homens que controlam as mulheres, elas também exercem controle sobre as outras mulheres⁶⁷.

Afinal, o que fundamenta esse controle feminino? As surras de mulheres contra mulheres são legitimadas a partir de uma moralidade sexual e de gênero que está fundamentada na dicotomização das mulheres “de vergonha”, de “respeito” e de mulheres “sem-vergonha” e

⁶⁷ É importante enfatizar que há diferenças no modo como homens e mulheres lidam com a honra. No tocante ao controle de mulheres sobre outras mulheres, elas nem usam e nem agem a partir do discurso da “legítima defesa de honra” e não se baseiam na prática de “lavar a honra com sangue”. O modo como as mulheres lidam com a honra, fica mais claro, ao longo da leitura deste capítulo e do anterior.

“sem-respeito” (DUARTE, 1984; SALEM, 2004). Nesse sentido, o controle feminino produz e ao mesmo tempo reforça este discurso dominante de gênero e de sexualidade. As surras configuram, assim, uma forma expressiva de controle moral que, do meu ponto de vista, não beneficiam as mulheres, mas os homens no campo da sexualidade e da infidelidade. Este controle exercido entre mulheres pune simbolicamente e corporalmente as transgressões femininas. Trata-se de uma moralização da sexualidade, da família e do casamento que opõem as mulheres na vida cotidiana. De acordo com Moore (2000, p. 44), a violência está “marcada por gênero”. E compreendo a partir dessa autora que a violência feminina não expressa “uma ruptura da ordem social”, mas deve ser lida como “sinal de uma luta pela manutenção de certas fantasias de identidade e de poder”.

É importante destacar também que o discurso sobre família é acionado pelas interlocutoras de modo a conferir sentido à violência entre mulheres. A imagem da família monogâmica constituída pelo casal e pelos filhos é usada frequentemente pelas esposas para culpar, desmoralizar e agredir fisicamente as amantes. Vale acrescentar que o vocábulo “família” não é tão “puro” ou “ingênuo” como aparenta, tal termo é carregado de normas, convenções e moralidades. O termo “família” é uma construção ideológica situado historicamente, e enquanto tal pode ser manipulado pelas pessoas em seu cotidiano, pelo Estado e até pela ciência (FONSECA, 2007). Não é à toa que a família pode aparecer como uma “força moralizadora de uma determinada época” (JÉLIN 2007 *apud* FONSECA 2007, p. 16). No contexto da infidelidade masculina, o termo “família” também é usado para reforçar a dualidade e o conflito entre mulheres.

Em seguida, reflito sobre como esse controle violento praticado principalmente pela esposa contra a outra deixa marcas simbólicas e também físicas.

6.1.1.1 As “marcas” da violência da esposa contra a outra

O corpo da outra é marcado pela violência da esposa. Arranhões, cortes, queimaduras caracterizam o encontro violento entre mulheres. Surgem alguns questionamentos: O que essas marcas corporais expressam? O que elas revelam sobre essa relação entre mulheres?

Outro conflito violento entre mulheres chamou minha atenção durante o trabalho de campo. Lívia relatou que “brigou com uma mulher” no início do relacionamento com seu primeiro marido. Estavam juntos há três anos e, nesse período, moravam na casa da sogra. Sua cunhada pediu que ela “cuidasse” de seu filho para ela ir à festa no clube. Lívia ficou em casa com a criança acompanhada da sogra, enquanto o marido e as três cunhadas foram à festa. Num

determinado momento da noite, a criança começou a chorar e Livia não conseguia consolá-la. A sogra sugeriu que ela fosse até o clube e chamasse a mãe da criança. Ao chegar à discoteca, sua cunhada, a mãe da criança, avisou a Livia que seu irmão estava dançando com uma mulher: “Jaqueline pediu dinheiro a Vicente pra comprar um cachorro-quente e ele disse que dava muito mais que um cachorro-quente a ela. E tá ali, daquele jeito”. Em seguida, avistou-o dançando e “beijando o pescoço” da outra.

A esposa conta em detalhes como agrediu Jaqueline. Levou-a para o banheiro feminino⁶⁸ e agrediu-a fisicamente. A reação da esposa não foi simplesmente afastar a outra de seu marido, o intuito era, sobretudo, “ensiná-la” através da violência a não ficar mais com ele. Enquanto batia, a esposa dizia a outra: “Meu marido você não beija, não! Você vai beijar, mas você vai ficar sem a boca, sem os dentes, sua rapariga safada”! Verifica-se que Livia naturaliza a prática da violência contra a outra quando ela detalha sem remorso a surra: “batia de tapa”, “batia de murro”, “pegava a cabeça dela e tacava na pia”, “eu não me conformei, eu peguei o chinelo e bati nela”, além de puxões de cabelos e arranhões; falava com naturalidade que sentiu mais vontade de bater em Jaqueline porque ela não manifestava dor durante a surra, nem revidava com agressões, apenas pedia que ela a soltasse; também ameaçou “quebrar os dentes” dela, caso pedisse novamente dinheiro ao seu marido.

Concomitantemente, a cunhada de Livia dava cobertura para que a esposa “batesse” na outra. Não permitia que as outras mulheres, que também estavam no banheiro, “apertassem” a briga e ameaçava bater em quem se atrevesse interromper a briga. Momentos depois, o marido invade o banheiro e separa as mulheres. A cunhada de Livia disse a seu irmão que se ele batesse nela, iria dar outra surra em Jaqueline. A partir dessa cena violenta, identifica-se que é sempre a mulher a ameaçada de levar uma surra.

O que essa prática violenta da esposa batendo na “outra” revela sobre essa relação de gênero no universo da infidelidade masculina? Os relatos de surras revelam que a outra mulher geralmente aparece não revidando as agressões vindas da esposa. Tenho a impressão de que elas não retribuem as agressões sobretudo porque aceitam a punição da esposa. Isto é, interiorizam o sentimento de culpa e internalizam o estigma imputado sobre elas como as responsáveis por “prejudicarem” as famílias.

⁶⁸ A escolha de levar a outra para o banheiro ao invés de bater nela no salão de dança, que era mais movimentado, visava justamente evitar que a briga fosse interrompida por terceiros, principalmente pelo marido.

Por fim, perguntei a Livia qual era o estado de Jaqueline depois da surra. Ela respondeu que ela ficou com o “rosto arranhado”. Essa cicatriz foi deixada no rosto da outra após a surra. Ela conta que essa mulher apanhava com frequência⁶⁹ de outras esposas:

Essa mulher ela era uma vagabundinha. [...] E apanhava das outras mulheres porque ela dava em cima dos homens casados, mesmo. Dava na cara de pau. Ela tinha cicatriz. Ela tem. Ela tem hoje, depois que eu bati nela. Ela já era acostumada a apanhar das outras mulheres. Porque ela dava em cima dos homens casados. [...] Se ela se desse valor, ela arrumava um casamento, alguma coisa sério, alguma coisa que tinha futuro pra ela. [...] Mulher besta, nem ligava. Deixava pra lá. Mas as mulheres de sangue no olho, assim igual eu, que as vezes não deixava passar, ou o sangue subia, na hora pegava. Teve uma que deu uma facada nela aqui assim. Tinha uma cicatriz. [...] Depois de mim (da surra). Fez uma cicatriz bem grande aqui nela. É feio.

P: Ela ficou com a marca.

Livia: Ficou. E tem marcas assim, no rosto dela, eu não sei se de cigarro ou de unha. Que é grande! No rosto. [...] Ela foi ficando feia, né. [...] Ela é muito bonita. De corpo, de rosto, de cabelo.

P: Sempre as mulheres batiam nela.

Livia: Porque ela provocava as mulheres. Era uma mulher que não tinha coragem. Ficava com os homens, dava só pra ficar ali com eles, por causa de uma latinha de cachaça, um cigarro. Então as mulheres ia lá e metia-lhe o cassete!

Na percepção de Livia, Jaqueline apanhava porque “provocava” as mulheres pelo fato de “dar em cima” de homens casados. Nesse sentido, a violência de gênero é sustentada pela prerrogativa de que as esposas não batiam em qualquer mulher, mas em mulheres que não agiam em conformidade com os padrões de moralidade sexual e conjugal. Duarte (1984) lembra que o tema da mulher que “atrai” é invocado não apenas pelos homens, mas comentado principalmente pelas mulheres que avaliam se o comportamento feminino com relação aos homens ultrapassa o “limite da vergonha”, aproximando-se do “polo negativo da prostituta”. Para as esposas, as mulheres que “atraem” os homens “dão motivos” para serem agredidas. No relato acima, esse discurso é usado para conferir sentido à violência. Mais uma vez, a culpa da violência sofrida é da outra e não daquela que a pratica.

Também identifiquei que as mulheres elaboram uma série de categorizações a respeito das próprias mulheres na esfera das relações afetivo-sexuais. No contexto da infidelidade masculina, as modalidades de parceiras não são discriminadas apenas pelos homens⁷⁰, as mulheres também tipificam e dividem as demais entre as “de casa” e as “de fora”. Para Livia, há dois tipos de “raparigas”: a “rapariga profissional” e a “rapariga safada”. A “rapariga

⁶⁹ No auge da conversa, a filha de Livia acrescentou que também “brigou” com a filha de Jaqueline porque “dava em cima” de seu namorado.

⁷⁰ Sobre a classificação de mulheres no campo das relações amorosas na visão de homens da classe popular, consultar Salem (2004).

profissional” (prostituta) é aquela que objetiva acima de tudo o dinheiro, sem desejar “roubar” o marido da esposa, enquanto a “rapariga safada” visa “tomar” ou “roubar” o marido da esposa. Segundo Livia, o intento desta última é ficar com ele e fazer com que ele “deixe” a parceira. No caso das “safadas”, Livia é contundente: “as safadas, a gente quebra elas no pau e bota pra ir embora”.

Livia fala com naturalidade que deixou “cicatriz” no rosto de Jaqueline: “Ela tem hoje (cicatriz) depois que eu bati nela. Ela já era acostumada a apanhar das outras mulheres. Porque ela dava em cima dos homens casados”. As cicatrizes deixadas pelas unhas, pelo cigarro e pela faca deixaram “feio” o rosto de Jaqueline, que era uma mulher “muito bonita”. Igualmente, Leila comenta como ficou o rosto da amante de seu genro depois que sua filha cortou com um garfo: “o povo disse que a cara dela ficou horrível”. Depois de cortar o rosto da outra, a filha de Leila ameaçou-a: “agora, vai dar parte de mim”. Tornar “feia” uma mulher através da violência é uma punição severa, haja vista o caráter simbólico atribuído ao rosto em nossa sociedade. Analisando os casos de surras de mulheres contra mulheres, fica evidente que o rosto é a principal parte atingida no ato da violência. Tapas, porradas, cortes são dirigidos principalmente nessa região do corpo. Machado e Magalhães (1998, p. 14) citam Peristiany (1970) para lembrar que “na cultura mediterrânea, o rosto representa o lugar do corpo revelador da identidade e da honra”.

Afinal, o que essas cicatrizes expressam e o que nos informam sobre a relação entre essas mulheres? As cicatrizes são as marcas do estigma⁷¹ de amante materializado no corpo da outra mulher. Essas marcas corporais simbolizam a falta de pudor e a desonra de uma mulher. Essas marcas imprimem a vergonha, a humilhação e a inferioridade no corpo feminino. Por onde ela andar, ela poderá ser apontada e vista como uma mulher carente de “vergonha”.

Além de refletir sobre as marcas da violência, considero salutar acrescentar as percepções que as mulheres têm a respeito da violência feminina no contexto da infidelidade. Após relatar mais uma surra que dera em outra mulher que ficou com o seu primeiro marido, Livia acrescentou sua opinião: “Passei uns dez minutos batendo, que eu cansei. [...] Aí pra você ver quanto eu gostava dele. E tinha, sentia ciúme dele”. O que mais chama atenção neste depoimento é o modo como ela relaciona a violência, o sentimento de amor e o ciúme. A violência é concebida como um sinal de amor pelo marido. Ao mesmo tempo, o ciúme é usado

⁷¹ Goffman (1980, p. 12) compreende o estigma “em referência a um atributo profundamente depreciativo” que está relacionado a uma “linguagem de relações e não de atributos”. Assim, o estigma aparece quando uma característica distintiva de uma pessoa ou grupo torna-se um “elemento de desvantagem” ou um “atributo vergonhoso”, diante de um padrão de normalidade aceito pelos membros da sociedade.

no depoimento para dar sentido à violência (CORRÊA, 1981, 1983; MACHADO; MAGALHÃES, 1998). Este relato introduz um elemento novo a ser destacado. As duas surras dadas por Livia ocorreram no início do relacionamento. Durante os dez anos de casada, Livia enfatiza que começou a “desgostar” dele. O sentimento ainda se manteve diante das “bebedeiras” e dos casos extraconjugais do marido. A situação tornou-se insuportável quando o marido começou a usar drogas e a demonstrar um ciúme excessivo com relação a ela. Ela era constantemente “esculhambada” de “rapariga” e ameaçada com armas, facas e foices pelo próprio marido. Ao longo de nossa conversa, Livia disse que o sofrimento passou a predominar no decorrer desses dez anos de relacionamento, tanto que ela já não tinha mais amor, somente “respeito” e “consideração” por ele. A esposa argumenta que deixou de brigar com outras mulheres por causa do marido porque não fazia mais sentido bater noutra mulher diante do desgaste do relacionamento conjugal.

No tocante à relação entre ciúme e violência, lembro que perguntei a Lola como o marido dela se sentia diante da surra que ela dava nas mulheres. Ela respondeu: “Ah, ele sorria. Ficava tão empolgado. Dizia que eu tava com ciúme. Lola retrucava: “Mas deixa de ser besta, rapaz? [...] Me respeita o tanto que eu te respeito. Que tu nunca me respeitasse! [...] Aí pronto, começava as brigas. Brigava por causa de besteira”. Por outro ângulo, a concepção do marido de Lola revela que a briga entre mulheres era interpretada pelos maridos⁷² como simbolizando os ciúmes e os sentimentos de amor e de afeto. Através da cultura dos ciúmes (Machado, 1998), a violência é banalizada e naturalizada no universo dos relacionamentos amorosos.

Por outro lado, identifiquei um sistema de categorizações a respeito da violência feminina. Busquei apreender como as mulheres (esposas) que bateram em outras se classificam e como classificam as que apanham. Em nenhum momento, as mulheres utilizaram os termos “violenta” ou “agressiva” para se qualificarem diante das surras que deram em outras mulheres. Nos discursos, sobressai a imagem de uma mulher “braba” e “corajosa”. Ao relatar a cena em que bateu em uma mulher com uma mangueira, Lola afirmou: “eu era ruim”; Livia disse que era uma mulher de “sangue no olho” e que tinha o “pavio curto”; Lorena disse que não deixava “insosso” e se considerava o “cão” na briga com as outras. Paralelamente, as amantes que apanham são classificadas pelas esposas de maneira antagônica como “provocadoras”, “moles” e “sem coragem”. Prevalece a concepção de que se a outra “deu em cima” de um homem casado, ela tem que ter “coragem” para enfrentar a ira das esposas.

⁷² Considero salutar o desenvolvimento posterior de um estudo sobre as representações dos maridos infiéis a respeito das brigas entre mulheres, para uma análise mais ampla e aprofundada sobre o tema.

6.2 Quando as brigas vão parar na delegacia

Durante o segundo casamento, Livia conviveu com uma vizinha chamada Tereza que morava em frente à sua casa e “dava em cima de seu marido”. Ela ressalta que sua sogra, que também era sua vizinha, “começou a jogar a vizinha casada pra cima dele”. Livia contou que deu uma surra em Tereza. Nesse dia, ela estava preparando uma canja para o jantar. Seu marido e seus filhos também estavam em casa. Ela conta que para evitar o contato com a referida vizinha, o marido deixou de “ficar” na rua de sua casa, de ir à casa de sua irmã que era colada à residência de Tereza e até de conversar com seus amigos nas proximidades da rua onde moravam. Como a vizinha não o via mais, ela começou a enviar recados para ele. Ela detalha: “[Ela] teve a cara de pau de chegar lá, de frente a minha porta, chamando um amigo dele”. Livia percebeu que era um recado para seu marido. Na sequência, o amigo chamou o marido de Livia e transmitiu o recado. Depois Livia perguntou o que ela mandou dizer. O marido respondeu: “[...] mandando dizer assim por que eu não tava indo mais lá pra frente. Se eu tava com medo de você”. Livia pensou: “Eu vou matar ela no pau”.

A esposa chama atenção de Tereza publicamente ao falar num tom imperativo: “olha, se você, rapariga safada, não deixar de dar em cima do meu marido, eu vou falar pra o teu marido”! Ao xingá-la no espaço da rua, Livia pretendia atingir sua imagem de esposa “respeitável” diante de toda a vizinhança. Dessa forma, a briga é iniciada. Livia pega-a pelos cabelos, derruba-a no chão e “mete-lhe o cassete”. Começa a bater em seu rosto, deixando-o, por consequência, marcado de arranhões em virtude das unhas grandes e dos movimentos frenéticos e apressados dos murros. Os cabelos arrancados violentamente pela esposa, principalmente quando o marido a segura firmemente para separar as duas mulheres revela como a esposa almejava bater mais em Tereza. Através da surra, a esposa almejava “corrigir” o comportamento de uma mulher que transgrediu duas vezes: ao “dar em cima” de um homem casado e por não ser uma esposa fiel e honrada.

No outro dia, Tereza foi “dar parte” de Livia. Ao receber a intimação, Livia dirigiu-se à delegacia sozinha para prestar esclarecimentos. Perguntei: “Conta como foi essa queixa. Ela falou o que lá”?

Ela chegou lá contando que eu xinguei ela verbalmente. Que eu acusei ela de coisas banais. Aí tinha até o boletim aí.

P: Ela te acusou de quê?

Livia: Ela disse que eu chamei ela de rapariga, de prostituta, que não pode, né. É, de vagabunda, de gorda, de feia, disso, daquilo outro. Desses tipo de coisa. [...] Foi muita coisa que ela falou que eu tinha xingado ela. Onde foram as duas que xingou uma a outra. Mas ela me xingou mais. Me chamou de seca. Que eu tava com ciúme dela com meu marido porque eu era feia, porque eu era veia, porque isso e aquilo outro.

P: Ela falou que você bateu nela?

Lívia: Falou que eu bati nela. [...] Ficou lá aberto, e esse boletim aberto.

P: Ela falou isso e você disse o quê?

Lívia: Eu falei que era mentira, que não totalmente, ela me xingou e eu xinguei ela. Não foi, é, não xinguei ela de rapariga. Ela me xingou e eu xinguei ela, sim. E eu falei que ela tava dando em cima do meu marido. Falei que... e a senhora tem prova? Eu disse: Tenho. Tem a minha sogra, tem as minhas cunhadas. Ela mandava dar doce pro meu marido, quando eu saio ela manda comida, assim, tira-gosto pro meu marido.

P: E, é?

Lívia: Era. [...] Ele veio com a farda e a bota e esqueceu o chinelo lá no trabalho, no armário. Aí ela queria comprar um chinelo pro meu marido. Meu marido disse que não queria. E eu falei isso ao marido dela. Aí o tabacudo disse: Mas o chinelo dela não dá no pé dele. Eu disse: O dela não, mas o seu dá. [...] O número de telefone dela ela passou, mandou pra ele. [...] Mas eles não acreditaram. Até pra não sujar a imagem, né, do marido dela. Pra não ser Cornélio lá na cidade. Ele era bem conhecido. Então...

P: Chamava de Cornélio?

Lívia: Corno, chifrudo, que a mulher tá dando em cima do marido dos outros, então, é o que? Chifrudo.

P: Disse isso tudo ao delegado?

Lívia: Das provas sim. Mas dele ser Cornélio eu não disse não, né.

Lívia já bateu em duas mulheres durante seu primeiro casamento como foi relatado anteriormente. Apenas Tereza denunciou-a na delegacia⁷³ localizada no bairro onde moravam na época, que não era em Nova Guanabara. Chamo atenção para o teor da queixa. Além das agressões físicas, o enfoque da denúncia girava em torno da difamação sofrida durante a briga. A outra declara ter se sentido ofendida ao ser chamada de “rapariga”, “prostituta” e “vagabunda”. No campo da moralidade, as mulheres se veem enredadas numa troca de difamações. Lívia disse que foi mais xingada do que Tereza, porque além de “rapariga” foi chamada também de “seca” e de “velha”. No momento da briga, Tereza diz a Lívia: “Essa rapariga não tem filho dele! [...] Ela é seca! Ela não pode dar um filho pra ele, por isso que é assim”. Verifica-se que o ataque à outra mulher ocorre por meio de ofensas que falam sobre questões que envolvem o casamento, a fertilidade, a maternidade, adiciono também a sexualidade, campos a partir dos quais são constituídas a honra e a identidade feminina (FONSECA, 2004b; PORTO, 2014).

Tendo em vista o jogo relacional que a honra implica (MACHADO, 1985), Lívia não difama apenas Tereza, já que a honra do marido dela também é atingida. Por isso, o delegado perguntou se Lívia tinha provas de que Tereza estava sendo infiel. Lívia enfatiza que não convenceu o delegado. Pois acredita que caso sua acusação fosse aceita “sujaria a imagem” do

⁷³ Saliento que os casos de brigas envolvendo denúncias não foram realizadas em delegacias especializadas da mulher.

marido dela, por ser um detetive bastante conhecido. Ele ficaria simplesmente marcado como “cornélio”.

Outra vez, as duas iniciaram uma “discussão” que envolveu um dos filhos de Livia. O filho pediu dinheiro ao avô de Tereza e, nessa situação, ela ameaçou bater nele. Por consequência, essa “discussão” originou mais uma queixa de Tereza contra Livia. Ao chegar à delegacia, Livia foi informada pelos policiais que o caso ia ser encaminhado ao juiz porque Tereza queria processá-la. Livia me contou que esse caso estava “na mão do juiz” e, portanto, o processo estava em andamento.

Entretanto, a briga entre essas duas mulheres não cessou depois desta última queixa, pelo contrário, intensificou-se ainda mais. Poucos dias após a última discussão, a avó de Tereza chamou Livia, que era sua inquilina, para pedir que ela desocupasse a casa alugada, em virtude da relação conflituosa estabelecida entre as duas. Livia relata que foi surpreendida por Tereza enquanto estava na casa da avó dela e desconfia que as duas combinaram o ocorrido. Ao ver Livia na casa de sua avó, Tereza provoca-a com um xingamento: “O que que essa bicha, essa rapariga tá fazendo aqui”? Para evitar outro confronto, Livia sai imediatamente da casa, mas é surpreendida por Tereza que joga água quente sobre seu corpo. Ao sentir a dor provocada pela água que tinha acabado de ser fervida pela avó de Tereza, ela emite um grito de dor que também expressa o sentimento de “ódio” e a “raiva” pelo ocorrido. A água atingiu partes do corpo como a nuca, o colo e o pescoço. Livia ainda carrega em seu corpo marcas desse conflito e da violência praticada pela outra. Ela pediu que eu olhasse as manchas decorrentes desse episódio. Naquele momento de cólera, ela pensou em pegar a faca que estava sobre a mesa na casa de Dona Carmem para cortá-la. O que impediu essa retaliação violenta por parte de Livia foi a chegada da filha (em estado de resguardo) na porta da casa e a rapidez com que Tereza jogou água quente novamente sobre ela. A tia de Tereza ouviu a gritaria, repreendeu a sobrinha e fechou a porta para separar as duas mulheres. Enquanto isso, a cunhada de Livia tentava acalmá-la e convencê-la a não voltar à casa da avó de Tereza. Livia salienta que ia arrombar a porta e matar Tereza. A cunhada de Livia usou o estado de resguardo da filha para sensibilizá-la a não reagir dessa maneira e que ela pensasse também no seu marido que nem estava a par da situação.

Livia prestou queixa contra Tereza na delegacia do bairro. Ela conta que desde o início das queixas contra ela, percebeu a relação de proximidade do marido de Tereza, que era detetive, com o delegado e os policiais⁷⁴. Por esse motivo, ela teve dificuldades para formalizar

⁷⁴ A delegacia funcionava numa casa, que foi alugada pelo marido de Tereza, enquanto o antigo estabelecimento estava em reforma.

a queixa. O policial argumentou que a delegacia estava encerrando o expediente de trabalho e que por essa razão não registraria a queixa. Livia ameaçou relatar em outra delegacia a recusa de registrar um boletim de ocorrência, caso não realizem o atendimento. Depois desse contratempo, a queixa foi registrada nessa delegacia da seguinte forma: “Ele não botou lá o que eu falei. Só falou que por briga, uma desunião de vizinho, não sei o quê. Só isso. Tirou bem por meio. Falou que eu ia passando por a casa da mulher e ela jogou água quente em mim. Mentira. Eu tava na casa (da avó dela)”. Comparando com a queixa feita por Tereza contra ela, Livia ressaltou que o registro do ocorrido era mais detalhado, diferente desse boletim de ocorrência que foi registrado contra Tereza. Em virtude da falta de qualidade do atendimento, ela ficou desestimulada em fazer o corpo de delito: “[...] Eu peguei e nem queria mais fazer, porque me deu tanto ódio. Ele falou assim: Olhe isso daí nem é uma queimadura! Essa água estava era morna. Mulher criou uma bolha aqui! [...] Ele disse: Isso daí não tá doendo, nada”! Incentivada pelo marido, a esposa fez o corpo de delito.

Perguntei a Livia se o marido dela tinha ficado com Tereza. Ela respondeu que desconfia que os dois ficaram depois que ela mudou de bairro. Sua filha acrescentou automaticamente que ele tinha admitido o envolvimento com Tereza no período que estava morando lá com a esposa. Livia irritou-se com a filha e disse que em momento algum ele admitiu ter traído ela.

A partir do relato de Livia, busquei perceber o comportamento de seu marido diante da briga. Ele atenua a briga entre elas quando aconselha a esposa a não aceitar “provocação” vinda de Tereza, mas instiga a briga ao convencer a esposa a fazer o corpo de delito, da seguinte forma: “Vá fazer corpo de delito. E você vai botar pra fuder nessa mulher. Não é isso que ela quer! Ela não só bota em você. [...] Você vai fazer o corpo de delito e eu vou com você”. Depois de perceber que o conflito entre as duas mulheres não amenizava, nem cessava e tornava-se cada vez mais violento, o marido decidiu mudar de bairro. As duas chegaram a trocar ameaças de morte. Livia foi morar no bairro onde nasceu, depois mudou-se para Nova Guanabara e o marido morava num bairro perto de seu trabalho, mas visitava-a com frequência. O casal acabou se afastando nessa época.

Livia conta que evita ir ao antigo bairro onde morava para não ver Tereza e livrar-se de “confusão”. Acrescentou que ela gosta de “soltar piadinhas” e “provocações” e Livia sabe que essas situações favorecem o desenrolar de outras brigas, principalmente porque ela tem o “sangue quente”.

Livia acrescentou que depois que ela prestou queixa contra Tereza e fez o corpo de delito diante da queimadura provocada pela água quente, o marido dela disse-lhe que sua esposa

também iria fazer o corpo de delito porque Livia também arranhou o rosto dela no contexto da primeira briga.

Observa-se que essa briga entre mulheres rendeu várias queixas na delegacia. O que significa dizer que a briga não cessa ou é atenuada diante das queixas registradas pelas mulheres na delegacia, pelo contrário, o conflito aumenta e é intensificado. Tive a impressão de que as mulheres disputam quem prestava mais queixa contra a outra. Quando o marido de Tereza diz que sua esposa também irá fazer o corpo de delito é possível perceber que esses procedimentos (boletim de ocorrência e o corpo de delito) significam para essas mulheres uma *vantagem* que se tem sobre a outra. Essas queixas de mulheres contra mulheres em delegacias em contextos de disputas conjugais remetem ao estudo realizado por Porto (2014) sobre os conflitos entre mulheres no período gestacional. Esta antropóloga identificou em delegacia de proteção à mulher no município de Lages em Santa Catarina, registros de denúncias de mulheres grávidas contra outras mulheres envolvidas em brigas de vizinhança. Sigo a interpretação de Porto (2014, p. 121) acerca dos papéis das instituições no que se refere às ocorrências registradas envolvendo mulheres: “Suponho que as delegacias especializadas também representem um recurso simbólico para essas mulheres, porém no sentido de competição e não de reorganização familiar, conforme observado por Brandão”. Cabe destacar que no campo das disputas conjugais, as esposas que prestam queixas contra as outras mulheres também almejam reorganizar a ordem familiar (BRANDÃO, 1996 *apud* PORTO, 2014) ao tentarem afastar e, sobretudo, punir a outra quando vão à delegacia. Entretanto, o que predomina nesses confrontos que vão parar na delegacia é a competição (PORTO, 2014) que, no contexto dessa pesquisa, é alimentada pela relação de rivalidade e de disputa entre mulheres. Dessa forma, o antagonismo e a dualidade entre as mulheres são vivificados no ambiente da delegacia. A partir da leitura do trabalho de Porto (2014) e da análise da realidade aqui estudada, compreendo que o caso narrado por Livia leva a crer que a delegacia (mediante as queixas) não é vista pelas mulheres como uma forma de atenuar o conflito entre elas, mas como uma forma de incrementar o próprio conflito e, dessa forma, ganhar a briga contra a outra.

Além disso, a briga entre mulheres no campo conjugal é rotulada como uma “desunião de vizinhos” conforme o boletim de ocorrência registrado contra Tereza na delegacia. Dessa forma, desconsidera-se, nessas instituições, a especificidade desse conflito entre mulheres que ocorre em contexto de rivalidade e de disputas. A conversa entre Livia e o advogado traz mais elementos para pensar o modo como esse conflito é abordado e compreendido no âmbito judicial. Quanto ao processo movido contra Livia, o advogado disse-lhe: “[...] Isso vai demorar.

Porque o juiz [...] tem coisa mais séria pra resolver. [...] Uma briguinha de vizinho, de vizinha, essas coisas assim, isso é besteira. Isso aí o juiz, se ele pegar bem, às vezes nem pega, porque ele arquiva e deixa pra lá mesmo”. Livia reforça que Tereza quer vê-la “pagando”. O advogado tranquilizou-a: “O motivo de você ter batido nela ou você ter batido não quer dizer nada. Pior ela fez, que ela jogou água quente em você, que poderia ter pegado no seu ouvido e ter lhe matado. Isso foi uma tentativa de homicídio”. Na visão do advogado, o ato de jogar água quente em Livia incrimina muito mais Tereza do que sua inquilina. Pois, o fato de Livia ter batido em Tereza resultaria em “nada”, porque essa “briguinha de vizinha” é interpretada como uma “besteira”.

Fica evidente que os conflitos entre mulheres são concebidos e lidos como casos de menor importância nas delegacias. Soares (1999) destaca que a violência praticada pela mulher muitas vezes é lida ou até justificada, de maneira geral, como uma autodefesa. Segundo Soares (1999, p. 179), é necessário perceber que a violência também é praticada pelas mulheres e que há uma “diferença de qualidade entre a violência feminina e a masculina”. Nesse contexto, é possível afirmar que há uma especificidade dessa violência de mulheres contra mulheres no contexto da infidelidade masculina. O que busquei até aqui foi mostrar que compreender a relação entre mulheres no cenário da extraconjugalidade é um caminho frutífero para apreender este tipo de violência feminina que está ligada ao processo de legitimação da infidelidade masculina. Constatei que a violência feminina nesse contexto de disputa e de rivalidade é recorrente, sendo assim não concebo a violência feminina como episódica (SAFFIOTI, 1994).

Registrei mais dois casos de brigas entre mulheres que findaram na delegacia. Os dois casos dizem respeito aos sucessivos relacionamentos conjugais vividos por Lorena. Esta esposa relata que suas três experiências conjugais foram rompidas porque os ex-cônjuges eram “raparigueiros”. Ela “bateu” nas três mulheres que se envolveram com seus maridos, na época dos referidos relacionamentos que duraram no máximo cinco anos. Relato apenas a briga entre ela e a amante do marido do primeiro casamento, que findou no ambiente da delegacia. Este caso possibilita uma análise sobre gravidez e violência entre mulheres em depoimentos na delegacia.

Durante o primeiro casamento, seu marido se envolveu com a amiga de Lorena. Ela conta que começou a desconfiar do marido que se recusava a ter relações sexuais. Ela acrescentou: “Dali eu fiquei na cuca: ele tá com alguma pessoa. E era amiga minha. Minha própria amiga”. As duas frequentavam a casa uma da outra. Lorena declara com insatisfação: “Tá vendo o que que amiga faz? Tá vendo! Por isso que hoje em dia neguinha, que eu não tenho

amiga. Minha amiga é meu dinheiro, minha amiga é meus filhos. [...] Eu aprendi muito na vida, depois que eu fiquei com o pai da minha filha”. Lorena estava com um mês de gravidez quando viu os dois juntos. Ela conta que por causa dessa “raiva” teve um sangramento e perdeu o filho. A esposa “perdoou” o marido e mantiveram o relacionamento conjugal.

Já na segunda gravidez, Lorena flagrou o marido na cama com a amiga. Com relação à amiga, a esposa explica porque não bateu nela: “Pra eu não perder minha filha, que eu não podia ter raiva. Eu fui disse a ela: Se você não sair daqui, eu quebro a sua cara”. A amiga correu. Depois, Lorena discutiu com o marido: “Discuti, assim, normalmente. Não, porque se eu coisasse, eu ia perder minha filha, como eu perdi o primeiro. Aí fui disse a ele: Eu vou deixar você. Não vou ficar mais com você”. Com quase cinco meses de gravidez, Lorena separou-se do marido e foi morar na casa da avó materna. Ela disse que não se arrependeu da separação e hoje sua filha não tem o nome do pai no registro de nascimento, mas atualmente pai e filha mantêm contato.

Depois da separação do casal, Bárbara (ex-amiga) tornou-se a nova esposa. Entretanto, a separação conjugal não diminuiu o conflito entre Lorena e Bárbara, pelo contrário, a rivalidade entre as duas aumentou. Bárbara enviou um recado para Lorena ameaçando de “cortar a cara dela”, caso ela passasse no bairro onde ela ficava. Acompanhe a sucessão dos acontecimentos:

Aí eu grávida, com o buchão. [...] Aí eu falei com o menino de lá do bairro das Flores (nome fictício). Eu disse: Neguinho, tu tem um canivete aí pra me arrumar? Na época, eu usando short curto [...] Como meu bucho era grande, eu só apertava só os dois e um eu não apertava. Eu com a blusa grande... Peguei o canivete e botei aqui. [...] E ela tava com ele (ex-marido) fumando maconha. Essa rapariga, que era a minha própria colega. [...] Eu como não sou de levar recado pra casa, botei o canivete e fui com um colega meu de moto. [...] Aí eu passei pelo bairro das Flores, né. Aí ela tava lá com o pai da minha filha, fumando maconha.

Bárbara (outra): Ei, minha irmã, venha cá!

Lorena: Que é minha irmã, qual é a tua?

Bárbara: Tu vai abortar essa menina, agora! Que essa menina não é filha de Roberto, não!

Lorena: Como é a história! Eu vou abortar! Me amostra. Me tira pra eu abortar! Eu quero que tu seja mulher mais do que eu, se tu for, minha irmã!

Ela não botou fé, não! Aí ela veio dá-le em mim de murro. Quando ela veio dar em mim de murro, não tem aquele zorro! Não tem aquele zorro, zorro que bota o chapéu, que anda com o cavalo, que anda com o...

Pesquisadora: Chicote.

Que anda com o chicote. [...] Mas o meu não foi chicote, o meu já foi um canivete. Aí já vinha ela. Eu, com o bucho passando. Aí ela veio por detrás de mim, me pegou. Quando ela me pegou por detrás de mim, eu me virei...

P: Pegou como?

Lorena: Por detrás. Pela blusa. Minha blusa era grande. Era aqui de manga. Ela me pegou aqui pela beca, pela blusa aqui puxando. Quando eu me virei o

pai da minha filha do outro lado fumando maconha e nem aí. Quando ela me pegou por detrás, eu me virei, quando eu me virei, puxei. Quando eu puxei, eu parecia a zorra. (plan plan, plan). Olha, pela luz divina que se ela metesse a cara, ia ser um R. [...] Ela ia ficar defeituosa, mulher. Ela botou o pulso, ela, que fez um S, não foi um R, não. O pulso cortou de cá pra cá. Que a mão dela caiu, assim. (rum). Ela não tem forças mais nas mãos. Aí sabe o que foi que eu fiz? Quando eu vi o sangue espirrando (fú). [...] Peguei o canivete, botei aqui, peguei um táxi e fui pra casa da minha colega lá no Jardim Vegano (nome fictício), me escondi. Chegou lá. O pai dela chega de táxi com ela. Com a filha dele que eu cortei, essa rapariga do pai da minha filha.

Pai: Você vai pra delegacia.

E minha vó passando mal. Perguntando o que era. Não vó, eu resolvo. Cheguei lá, telefonei pro meu pai. Quando eu telefonei pro meu pai, que meu pai, meu tio é embarcador, telefonei pro meu pai, meu pai telefonou pro meu tio, e minha avó que ganha bem. Cheguei lá, aí fui lá pra delegacia do bairro das Flores (nome fictício). A gente foi. Cheguei lá, tinha um comissário lá.

Comissário: Oxe, dona Lorena, você aqui, o que foi que aconteceu?

Lorena: Não, o seguinte foi esse. Essa vagabunda aí tava com o pai da minha filha. Eu já tinha se separado dele. Tava morando com minha avó. Ela mandava recado e disse que se eu passasse no bairro das Flores (nome fictício) ia quebrar minha cara. Então eu mostrei a ela quem ia quebrar a minha cara. Ela tá pensando... ela pode ter o corpo do caralho, eu não boto pra fuder, não! Eu boto delegado! Sabe por quê? Porque eu sou mulher. Não tô pra comer partido de rapariga nenhuma não, de arrombada nenhuma. [...] É legítima defesa. Botei logo legítima defesa. Quando eu botei, o delegado: Ela tá certa. Ela pensando que eu ia ficar presa. Aí foi meu tio de embarcador, minha vó que pagou a fiança. [...] Depois minha vó começou a ficar doente. Meu pai quase ia perdendo a visão da vista por causa disso, de mim, ficava preocupado. Pensando que eu ia ficar presa.

Acompanhando os relatos é possível perceber que Lorena evitou esse confronto físico diversas vezes por causa da gravidez. De modo geral, os estados de gravidez e de resguardo apareceram nos relatos como atenuantes das brigas entre mulheres. De modo que confrontos corporais foram evitados ou postergados em virtude do estado gestacional ou de resguardo de uma das mulheres. Por outro lado, a gravidez também pode ser usada para intensificar o clima conflitivo entre mulheres (PORTO, 2014). Tanto que com oito meses, Lorena reage com violência depois de ser ameaçada por Bárbara. Quando as duas mulheres se encontraram, iniciaram rapidamente uma “discussão” permeada por acusações e ameaças. Bárbara diz: “Tu vai abortar essa menina, agora! Que essa menina não é filha de Roberto, não”! Dizer que a filha da outra não é do ex-marido é uma ofensa grave que atinge a honra de uma mulher (AQUINO, 2008; FONSECA, 2004a; PORTO, 2014). Em Nova Guanabara, dizer essa frase a uma mulher significa chamá-la de “gaieira”, termo depreciativo responsável pelo estigma que recai sobre as mulheres acusadas de infiéis. Bárbara ainda disse a Lorena: “Tu vai abortar essa menina, agora”! Lorena responde: “Como é a história! Eu vou abortar! Me amostra. Me tira pra eu abortar! Eu quero que tu seja mulher mais do que eu se tu for, minha irmã”! O ataque sobre a

gravidez, como provocar um aborto, é um dos principais elementos desencadeadores de conflitos entre mulheres (PORTO, 2014). Quando o conflito entre mulheres envolve a gravidez e o risco de aborto, prevalecem comentários e provocações para ver *quem é mais mulher do que a outra*. Nesse sentido, Lorena demonstrou sua *valentia* ao não se intimidar com a ameaça da amiga, apesar de gestante. Portava um canivete e cortou o pulso dela de forma premeditada, embora quisesse atingir preferencialmente a parte do rosto. E, por outro lado, a outra também demonstrou sua *valentia* por não ter se intimidado com a gravidez de Lorena. Além de ameaçar, inicia o confronto físico sabendo da possibilidade dela sofrer um aborto. No depoimento de Lorena, é possível identificar como ela enfatizava sua *valentia* a partir de seu estado gestacional: “Aí eu grávida, com o buchão... como meu bucho era grande... eu, com o bucho passando”.

Quando Lorena viu sangue nas mãos de sua amiga, fugiu do local e se escondeu na casa de uma colega. O pai da rival de Lorena encontrou-a na casa de sua avó e avisou que ela teria que ir à delegacia. Lorena conta ao delegado que foi ameaçada pela amiga e diz por que reagiu de forma violenta com a outra mulher: “[...] Eu mostrei a ela quem ia quebrar a minha cara. Ela tá pensando... ela pode ter o corpo do caralho, eu não boto pra fuder, não! Eu boto delegado! Sabe por quê? Porque eu sou mulher. Não tô pra comer partido de rapariga nenhuma não, de arrombada nenhuma. [...] É legítima defesa”. Nesse depoimento dado na delegacia, Lorena fala de sua reação violenta contra a outra como sendo legítima. Ela legitima a violência a partir de três aspectos: primeiro, ela reagiu de tal forma devido à ameaça vinda da amiga; em segundo lugar, ela usa um discurso moralizante fundado nos polos antagônicos mulher honrada versus mulher desonrada para justificar a agressão. Ela se apresenta como sendo a *mulher* e a amiga é representada pelo polo negativo do feminino (DUARTE, 1984), a “vagabunda”, a “rapariga” ou a “arrombada”. Nessa direção, a moralidade sexual e de gênero confere sentido à violência feminina. Em terceiro lugar, Lorena justifica seu comportamento a partir do argumento da “legítima defesa”. E o delegado acata, segundo ela. A legítima defesa está fundamentada não apenas na ameaça sofrida por Lorena, mas, sobretudo, pelo estado gestacional em que se encontrava. O risco do aborto durante a briga torna “compreensível” o ocorrido. Para dirimir o risco, Lorena *reagiu* com violência contra a outra mulher e por legítima defesa. Somado ao fato de que também estava em questão a vida de uma criança. Nesse contexto, a violência é acionada no discurso como sendo uma reação que visava a preservação de duas vidas: da mãe gestante e da criança. O estudo realizado por Porto (2014, p. 176) sobre os conflitos entre mulheres no período gestacional revela que “a gravidez intensifica, motiva e aciona as violências”. Essa antropóloga ouviu escritãs, policiais e analisou boletins de ocorrências sobre denúncias de

mulheres contra mulheres em que o estado gestacional era usado para garantir a defesa, para incrementar ou provocar as brigas e para reforçar a vitimização da mulher grávida.

A avó de Lorena pagou a fiança e ela não chegou a ficar presa pelo ocorrido. Lorena salienta que a outra pensava que ela ia ficar presa. Não ter ficado presa representa a derrota da outra mulher na briga. Como já mencionei, as mulheres não diminuem os conflitos ao irem à delegacia ou quando registram as queixas. Hoje, Lorena repete orgulhosamente sua valentia: “Eu tenho trinta e seis anos, mas eu nunca apanhei de mulher nenhuma”. É contundente quando afirma que a mulher “que come macho dos outros tem que arrotar”. Diante do ocorrido, as duas não voltaram mais a se falar.

Diante dos relatos das mulheres, é importante questionar: as delegacias têm tido um desempenho eficaz no tratamento de casos que envolvem as relações violentas entre mulheres no contexto de disputas pelos parceiros? Dos casos referentes às brigas entre mulheres registrados no trabalho de campo, poucos terminaram em denúncias envolvendo ameaças, difamações ou agressões físicas. Geralmente, as mulheres lidam com esses conflitos através da evitação, do afastamento, da briga, da violência ou da inimizade. E dos casos que chegaram à delegacia, diga-se de passagem não foram delegacias de proteção à mulher, tive a impressão de que nem sempre ocorre a penalização legal dos casos envolvendo agressão simbólica ou física, pelo contrário, a violência entre mulheres é lida como uma “desunião de vizinhas” e tida como um assunto de pouca importância. Sobre a qualidade do serviço ao público que buscam atendimento nas DDMs, Gregori e Debert (2002, p. 13) alertam que:

Boa parte dos estudos sobre as DDMs têm reiterado uma decepção com o desempenho da instituição, especialmente quando notamos a desproporção entre o número elevado de boletins de ocorrência que não se transformaram em denúncias encaminhadas para o Ministério Público e que, quando encaminhadas, representam uma baixa expressão de casos que chegam a um termo.

Consequentemente, os boletins de ocorrência e o corpo de delito, por exemplo, longe de intimidar as mulheres, são usados por elas para alimentar a briga nesse contexto de rivalidade. Configurando-se, assim, num lugar de afirmação da honra feminina. Tanto que o desempenho de papéis como o de esposa (fidelidade) e de amante são acionados nos depoimentos e levados em consideração nos momentos de defesa e de acusação do outro (CORRÊA, 1983) no contexto de denúncia da violência de uma mulher contra a outra.

Para uma análise mais aprofundada sobre os casos de violências entre mulheres no contexto de disputas conjugais que chegam à delegacia, considero relevante o desenvolvimento

de pesquisas nos espaços de delegacias de defesa da mulher que atentem para estas denúncias feitas por mulheres contra outras mulheres no contexto da infidelidade masculina.

Conforme relatado até aqui, este capítulo discutiu como a violência de mulheres contra mulheres é recorrente no contexto da infidelidade masculina. São geralmente as mulheres que apanham. Confrontos, ameaças, intimidação e brigas físicas desenham as relações dicotômicas e hierárquicas entre mulheres. O controle sobre as mulheres pode ser verificado, de um lado, na rede de fofoca na vizinhança e na cumplicidade entre mulheres e, de outro, através das surras públicas praticadas geralmente pelas esposas contra as amantes. Dessa forma, a violência entre mulheres torna-se mais eficaz e legítima através da naturalização e aprovação da vizinhança, bem como da cumplicidade das “amigas”. A violência de uma mulher contra a outra é legitimada por uma moralidade sexual e de gênero que polarizam as mulheres.

Ao mesmo tempo, através do discurso moralizante de família (em nome do ideal monogâmico, da preservação do casamento e pelos filhos), as mulheres unem-se e opõem-se nesse ciclo violento que elas mesmas construíram. As mulheres controlam por meio de agressões físicas os corpos, a sexualidade e manipulam a reputação de outras mulheres que ficaram com seus respectivos cônjuges. Nem os casos que chegaram à delegacia revelam que o clima conflitivo e violento entre elas fora interrompido, pelo contrário, é ainda mais alimentado pelas mulheres no espaço dessa instituição.

No próximo capítulo, o olhar volta-se para os desfechos dos relacionamentos conjugais e entre mulheres relatados durante este trabalho.

7 DESFECHOS DAS RELAÇÕES CONJUGAIS E ENTRE MULHERES

A família é também o lugar social dos afetos radicais – onde as relações são quase simbióticas, as afeições mais doces e os embates entre os sexos/gêneros e as gerações podem ser mais dolorosos. (MOTTA, 1988b, p. 71)

Levando em conta o universo dos conflitos entre casais e entre mulheres apresentados ao longo deste trabalho, este capítulo visa apresentar os desfechos de tais relacionamentos. Com base em Turner (2008), compreendo o desfecho dos casos conjugais como sendo a *quarta fase dos dramas sociais* que surgem em situações de conflitos. A quarta fase é denominada pelo autor como a fase de restauração da paz. Os relacionamentos conjugais aqui estudados tiveram os seguintes desfechos: manutenção da relação conjugal, separação, falecimento de um dos cônjuges e recasamentos. Tais desfechos compõem e mobilizam os ciclos conjugais. Dialogo com a literatura sobre família (FONSECA, 2007; FORTES, 1978) que aponta para a flexibilidade e mutabilidade dos grupos domésticos.

Ao mesmo tempo, reflito sobre os desfechos das relações conjugais no contexto da infidelidade feminina. Observei que a infidelidade feminina provoca mais os rompimentos das relações conjugais do que a infidelidade masculina. Ao me debruçar sobre a narrativa de quatro mulheres infiéis, constatei que a infidelidade se apresenta como uma vingança das mulheres contra os maridos. Nesse sentido, a infidelidade feminina constitui a principal forma de deslegitimação da infidelidade masculina. Por isso, minha interpretação aproxima-se da de Fonseca (2004b) que concebe a infidelidade como uma arma simbólica usada pelas mulheres contra os homens. Por outro lado, dialogo com Hérítier (2007) que considera que as mulheres representam um perigo para os homens quando traem, mas também estão em perigo porque são submetidas ao controle e podem ter suas vidas ameaçadas pelos próprios maridos.

Dessa forma, este capítulo mostra que os momentos de cessação do drama conjugal são extremamente conflituosos porque a cisma continua pautando os relacionamentos entre os casais. No contexto conjugal, é principalmente o aparecimento de um novo parceiro que rompe o ciclo conflitivo entre os antigos casais e, no caso das brigas entre mulheres, são os filhos que rompem o ciclo violento entre elas.

7.1 Os ciclos conjugais

Depois de acompanhar os conflitos conjugais violentos, convém finalizar este trabalho questionando: como ficaram os casais? Interpreto o desenlace dos conflitos vividos pelos casais a partir da quarta fase dos dramas sociais instalados pelos conflitos, chamada por Turner (2008) de *fase de restauração da paz*. A quarta fase refere-se ao “clímax, solução ou resultado temporário” e o observador científico tem, na perspectiva do autor, uma oportunidade para fazer o balanço. Quer dizer, “ele pode analisar o *continuum* sincronicamente, por assim dizer, neste momento de cessação do drama” (TURNER, 2008, p. 37). A última fase “consiste seja na reintegração do grupo social perturbado ou no reconhecimento e na legitimação social do cisma irreparável entre as partes em conflito” (TURNER, 2008, p. 36). Embora Turner (2008) enfatize a “cessação do drama” na fase final, identifiquei que os conflitos entre casais não deixaram de aparecer e, em alguns casos, perduraram. Ou seja, os desfechos são permeados pelo clima conflitivo, como veremos ao longo deste capítulo.

Os relacionamentos conjugais tiveram vários desfechos que considero importante assinalar. Permanências na relação conjugal diante da “mudança” ou não do marido, separações conjugais, falecimentos dos cônjuges, a infidelidade da esposa como um “troco” dado ao esposo e os recasamentos.

Menciono primeiramente dois casos registrados em campo assinalados anteriormente, a respeito de duas esposas que aceitaram a parceria fixa do marido com as respectivas amantes. Essa modalidade de relacionamento é a primeira forma de desfecho dos relacionamentos conjugais que destaco neste capítulo. Acrescento que não conversei com essas esposas, registrei-os em redes de fofocas que falavam sobre infidelidades conjugais. Tais casos são concebidos como “amorais” porque rompem com o modelo conjugal monogâmico, composto pela esposa e o marido acompanhado ou não de seus filhos. No primeiro caso, uma esposa passou a conviver harmoniosamente com a outra e passaram a dividir a mesma casa, formando-se assim um núcleo doméstico composto pelo marido e pelas duas esposas; no segundo, a esposa tem conhecimento que o marido tem outra família e não se separa porque alimenta a esperança de que ele “mudará” e que futuramente sua situação conjugal voltará a ser como antes. Ou seja, o marido “deixará” a amante e voltará a dar a mesma atenção à esposa e ao filho. Por enquanto, o tipo de relacionamento conjugal que predomina neste caso é a circulação do homem entre duas famílias. Independente desses casos serem divergentes do modelo conjugal dominante, prepondera a lógica da monogamia como um valor.

A outra forma de desfecho dos relacionamentos é a *separação de casais*. As mulheres que participaram desta pesquisa passaram pela experiência da separação, com exceção de Luísa que ficou viúva do primeiro marido e recasou com o irmão dele. Ambos os relacionamentos conjugais foram marcados por “idas e vindas”. As demais mulheres passaram pela *separação definitiva*. Nesse sentido, a separação é uma das alternativas relativas à quarta fase (restauração da paz) do drama conjugal, que consiste no “reconhecimento e na legitimação social do cisma irreparável entre as partes em conflito” (TURNER, 2008, p. 36).

Antes de chegar à separação definitiva, os casais geralmente vivenciam a *separação no espaço da casa*. Este período refere-se às crises conjugais crescentes que podem desembocar na separação do casal, quando os conflitos não são atenuados. No decurso de sucessivos conflitos, os casais deixam de se falar ou se evitam no cotidiano conjugal. Lola salienta: “eu passei um ano já, sem falar com ele”. O sexo torna-se escasso e eles passam a dormir separados. No tocante à esfera sexual, escutei algumas declarações: “praticamente eu já tava separada dele. [...] De cama, de tudo”, contou-me Leila; igualmente, Lola sublinha: “de corpos, eu já vivia separada dele há mais de vinte anos”. Ela detalha: “A gente já vivia dentro de casa, como dois irmãos. [...] Eu trancava a minha porta. Eu passei a dormir com a minha filha e ele passou a dormir sozinho no quarto dela. É muito ruim. Quando a gente perde o amor, perde tudo. [...] Bote isso na sua cabeça”. É comum as mulheres passarem a dormir com um dos filhos nesses períodos de “crises crescentes” (TURNER, 2008), que antecedem a *separação conjugal definitiva*. Essa era uma das formas das mulheres também evitarem a relação sexual tida socialmente como “obrigatória” na relação conjugal. Contudo, as esposas passaram a questionar, depois de vários anos de casamento, o sexo como um requisito obrigatório da relação, sobretudo, quando os maridos não deixavam de se relacionar com as outras mulheres. Nesse contexto, a convivência torna-se insuportável para os casais. Leila assegura: “Quando ele chegava de viagem, ele ficava aí. Fazia de conta que não era nada meu dentro de casa”. As esposas costumavam “dar o desprezo dentro de casa”, em situações extremas de conflito, como sintetizou Leila em uma de suas declarações.

No caso de Lola, ela contou oito anos que o marido “saiu” de casa. Os dados apontam que a *separação conjugal não significa, necessariamente, a eliminação de conflitos entre casais*. Essas situações conjugais foram vividas, por exemplo, por Lola, Livia e Letícia. Começando por Lola. Ela permaneceu na casa, ele foi morar em outra. Mas, a esposa garante: “as coisas dele continuavam aqui”. Continuava frequentando a residência e mantinha a ex-esposa sob vigilância. Embora Lola não tivesse a pretensão de se relacionar com outro homem,

o marido perseguia-a e cobrava fidelidade, enquanto ele não deixava de se envolver com outras mulheres. Sem contar que ele também se negava a conceder o divórcio. No início de 2013, ocorre o falecimento do marido.

O caso conjugal referente à Lívia é semelhante ao de Lola. Depois que o primeiro marido de Lívia expulsou-a do “barraco” onde moravam numa favela localizada em São Paulo, ela teve que recomeçar a vida com os três filhos pequenos. Sem ter onde morar, uma vizinha cedeu um “barraco” por um mês para ela conseguir um emprego que desse para sustentar os filhos. Ela lembra que ele vendeu seu “barraco”, dado por sua tia, para comprar drogas. Quando o dinheiro acabou, ele começou a perseguir a ex-esposa, que já tinha comprado outro “barraco” e já tinha um emprego. Queria que a ex-esposa o aceitasse novamente em sua casa, mas ela não pretendia uma reconciliação, muito menos morar com ele novamente.

Paralelamente, a separação não garante à esposa, a princípio, a possibilidade dela se relacionar com outro homem. O primeiro namorado que ela teve após a separação, acabou rompendo o relacionamento devido às ameaças do ex-marido de Lívia. Depois de alguns meses, Lívia começou a se relacionar com outro rapaz. Este enfrentou as ameaças do ex-marido e chegou também a ameaçá-lo, caso ele tentasse interferir no relacionamento e importunasse a vida de Lívia. Com menos de um ano, Lívia recasou com este segundo namorado.

O caso de Letícia também é semelhante ao de Lívia e ao de Lola. Antes da separação definitiva, o marido dormia na sala, e ela no quarto. Não tinham mais contato sexual e o marido ficava pouco tempo em casa. O clima era tenso e caracterizado pela evitação. Depois de um ano convivendo dessa forma, o marido saiu de casa⁷⁵ e foi morar com a amante. Contudo, a formação de outro núcleo conjugal, ao lado do evento da separação conjugal não impediram que o conflito entre Letícia e o ex-marido perdurasse. De vez em quando, o ex-marido entrava inusitadamente na casa de Letícia em estado de embriaguez e, em outros momentos, ele estava sóbrio. Quando estava bêbado, costumava xingar e ameaçar as filhas, a ex-esposa e a família dela que residem no quintal. Algumas vezes, Letícia sabia da notícia no trabalho e ficava com

⁷⁵ Nesse caso específico, o marido saiu da casa porque morava no quintal onde residia a parentela da esposa. Eles moravam na “casa dos fundos” que tinha sido “dada” a Letícia por sua mãe, que também morava nesse local, na “casa da frente”. As casas que fazem parte dos “quintais” e dos “puxadinhos” são denominadas de “casas de herdeiros”. De modo que predomina a concepção de que os consanguíneos e não os afins são os “herdeiros”. Situação equivalente foi vivida por Laura que também foi expulsa de casa, enquanto o marido ficou na casa com os filhos. Laura argumentou que não tinha “direito” à casa porque só dizia respeito aos herdeiros. Mas, ressaltou com alegria que a atual esposa de seu ex-marido também não tinha direito à casa, mas seus filhos tinham. Nos demais casos conjugais que findaram em separação, as casas eram alugadas, ou eram casas que não estavam situadas em quintais, neste último caso, houve consenso no momento da divisão e outras situações a casa também era um foco de disputa conjugal. Não pretendo alongar-me sobre o assunto, por não ser o foco da pesquisa. Porém, convém assinalar que a casa é um espaço de disputa e de conflito entre os casais.

medo de que algo pior acontecesse enquanto estava fora de casa. Este caso desmistifica a ideia do senso comum de que a família é um reduto “sagrado”. Este espaço social caracteriza-se não apenas pelas redes de solidariedades e de afetos, como também carregam em seu âmago assimetrias, desigualdades e poderes (FONSECA, 2007; SCOTT, 2011). Na mesma linha de raciocínio, Motta (1988b, p. 71) destaca que a família é uma instância permeada de conflitos:

A família é também o lugar social dos afetos radicais – onde as relações são quase simbióticas, as afeições mais doces e os embates entre os sexos/gêneros e as gerações podem ser mais dolorosos. Onde se encontram os modelos de sentimentos em estado mais depurado: os amores, as aceitações ilimitadas, as mais fundas solidariedades; ou as rejeições mais chocantes, os conflitos cotidianizados, ressentimentos “inexplicáveis” e ódios. Explícitos ou recalcados.

Certo dia, estava na casa de Letícia ouvindo seu relato conjugal quando fomos surpreendidas com a chegada de seu ex-marido. Inesperadamente, ouvi de Letícia: “vixe maria, é ele!”. Eu senti o receio nessa expressão enunciada por Letícia ao vê-lo aparecer inusitadamente no beco de sua casa. Subitamente, joguei minha bolsa sobre o gravador que estava sobre a mesa, a fim de evitar que o mesmo fosse visto pelo ex-marido de Letícia. Preferi, naquele momento, não ser identificada como uma pesquisadora de assuntos conjugais e, ao mesmo tempo, achei que era uma forma de preservar minha interlocutora, que naquele momento, estava falando dos momentos em que o marido era agressivo no casamento. Ao entrar na residência, o marido dirige-se ao banheiro sem pronunciar uma palavra. Neste momento, estava sentada e segurando no colo a neta recém-nascida de Letícia, acompanhada de sua filha (mãe da criança) e da mãe de Letícia. Enquanto o ex-marido estava no banheiro, aproveitei para continuar paparicando a netinha de Letícia. O ex-marido saiu do banheiro e ficou em pé, perto de sua filha. A mãe de Letícia começou a brincar com a bisneta. Ela tentou pronunciar o nome da criança, que para ela soava estranho, mas acabou dizendo um nome engraçado que provocou risos entre nós, inclusive do ex-marido de Letícia. Depois disso, a ex-esposa chama o marido lá fora e pede que ele saia porque estava com visita em casa. A mãe de Letícia disse que ela tivesse cuidado, no momento em que ela saiu com o ex-marido. Ele perguntou quem eu era. Letícia omitiu minha identidade de pesquisadora e respondeu que eu era uma colega. Depois que ele saiu, Letícia comentou que felizmente ele não estava bêbado, senão tinha provocado algum constrangimento.

Letícia garante que ele não tentou a reconciliação depois do término do relacionamento. Ela acredita que ele gosta realmente da outra. Esse caso revela que o ex-marido buscava, apesar da separação, manter o controle sobre a esposa e as filhas ao frequentar, sem permissão, a antiga residência. O que é o caso também dos ex-maridos de Lola e de Lívia. Inclusive, Letícia já tinha

pedido para ele deixar de frequentar sua casa e que procurasse ver os filhos em outro lugar. Também destacou que pretendia colocar um portão novo no beco que dá acesso à sua casa porque o outro estava quebrado, assim evitaria a entrada inusitada do ex-marido. Essa situação ainda se manteve por alguns anos. Depois de um ano, fiquei sabendo por um conhecido de Letícia que ela tinha se casado outra vez.

Diante desses casos apresentados, dois aspectos aparecem e conseguem cessar os conflitos entre os casais, que já estavam separados, dentre os quais destaco: o falecimento do cônjuge e o recasamento. No caso de Lola, o falecimento do ex-marido, ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa, provocou o “alívio” que ela almejava há anos. Ela estava de luto quando conversei com ela. Em relação à Letícia e à Livia, foi o aparecimento de outros parceiros, que resultou nos recasamentos dessas duas mulheres⁷⁶, que propiciou o afastamento decisivo de seus respectivos ex-maridos e impediu o controle excessivo que eles ainda exerciam sobre elas.

Como vemos, a experiência da separação é bastante complexa quando envolve o desfecho dos dramas conjugais vinculados aos conflitos entre casais no contexto da infidelidade masculina. Identifiquei também que mulheres assumiam a responsabilidade de “cuidar” dos ex-maridos enfermos. Em nome do que já viveram, embora tenham sido momentos de sofrimento, e principalmente pelos “filhos”, as mulheres voltam a receber os ex-maridos em suas casas, geralmente em situações de doenças graves ou em estados terminais. Registrei dois casos. O primeiro caso refere-se à Lola que “cuidou” de seu ex-marido até a sua morte. Ela detalha: “Eu cuidava dele, porque eu dava comida. Ele vinha, minha filha dava de comer. Nunca abandonamos né, ele, né”. O ex-marido de Lola já tinha 60 anos, era diabético, ficou cego e estava com o pulmão comprometido devido ao cigarro.

Além de Lola, Luana também “cuidou” do ex-marido doente durante uns três anos. Nessa época, ele tinha uns setenta e poucos anos e ela uns cinquenta anos. Ao contrário de Lola, o ex-marido de Luana mantinha pouco contato com ela, pois moravam em estados diferentes. Sua filha mais velha pediu à mãe que “cuidasse” de seu pai enfermo. Luana ressaltou que por causa das duas filhas, aceitou novamente o ex-marido em sua casa. Ela ainda reclamou da filha: “obrigada pelo presente de dia das mães”. Notei que em virtude do valor simbólico atribuído ao filho/a (FONSECA, 2002), as ex-esposas voltam a desempenhar o papel de “cuidar” dos ex-maridos. Apesar da separação, os ex-maridos ainda têm um lugar simbólico na vida destas mulheres devido ao status de “pai dos/as filhos/as”. Nesse contexto, os/as filhos/as propiciam a

⁷⁶ O ex-marido do primeiro casamento de Livia faleceu anos depois da separação conjugal.

aproximação dos pais, reforçando os vínculos (paterno e materno) a partir da experiência do cuidado da esposa com o ex-marido.

Ao mesmo tempo, os filhos também propiciam a reaproximação do antigo casal nos âmbitos doméstico e conjugal. Os dois casos examinados aqui revelam que o retorno dos ex-maridos à casa das ex-esposas não promove a reconciliação, nem o reforço do laço conjugal, mas uma experiência entre ex-esposos a partir da convivência (caso de Lola) e da re-coabitação⁷⁷ (caso de Luana). No primeiro caso, o ex-marido frequentava rotineiramente à casa de Lola, com o seu consentimento porque estava doente, mas não voltou a morar com ela, basicamente circulava entre a casa dele e a dela. No segundo caso, o ex-marido voltou a morar com Luana. Sobre esse último aspecto, vale retomar o trabalho de Peixoto e Luz (2007) que estudaram os processos de coabitação e re-coabitação entre as gerações. Estas autoras mostraram como os contextos de desemprego, salários baixos, divórcio e viuvez acarretam mudanças nas organizações familiares e na dinâmica doméstica a partir do retorno dos filhos (casados com ou sem filhos) às casas dos pais, ou o contrário, dos pais às casas dos filhos. Os casos dos ex-maridos que voltaram a conviver ou morar com as ex-esposas ampliam o olhar antropológico sobre as experiências de re-coabitação, já que é mais comum falar sobre o retorno de filhos, pais e outros parentes à casa antiga ou ao núcleo doméstico do qual coabitou durante um período da vida. Sem dúvida, essas mudanças desencadeiam a necessidade de readaptação de seus membros ao núcleo doméstico e à convivência com o outro. Assim, a experiência da re-coabitação não é marcada apenas pela proximidade, mas pelo afastamento, por momentos de evitação e pela convivência tensa entre ex-esposos.

Inevitavelmente, a experiência conjugal não deixa de aparecer entre os antigos casais. A convivência traz à baila a “história conjugal” a partir das “cobranças”, dos ressentimentos e dos conflitos cotidianos. Observei que o controle conjugal é mais exercido pelos homens do que pelas mulheres nesse retorno dos ex-maridos à vida das ex-mulheres. Do outro lado, elas tentavam se esquivar do controle conjugal e das amarguras da convivência com o ex-marido, mas não conseguiam. O ex-marido de Luana voltou a controlar os passos dela, o que gerava desentendimentos. As situações referentes à Lola e à Luana acendem os sucessivos conflitos e o mal-estar entre os casais. O caso de Luana, por exemplo, resultou na infidelidade dela. Essa

⁷⁷ Há duas modalidades de co-residência, a “coabitação permanente” e a “re-coabitação” (ATHIAS-DONFUT, 1995 *apud* PEIXOTO; LUZ, 2007). A “coabitação permanente” pode ser entendida como um núcleo doméstico composto, por exemplo, de pais e filhos (casados ou não) que nunca se separaram. Enquanto a “re-coabitação” refere-se aos fatores de mudanças de moradia e às implicações de ordem econômica e/ou social que acomete o grupo familiar (ATHIAS - DONFUT, 1995 *apud* PEIXOTO; LUZ, 2007).

abordagem sobre a infidelidade feminina como uma vingança aos maridos pode ser consultada no próximo tópico.

Também registrei outra história dessas numa rede de fofoca entre mulheres numa rua que sempre andava durante a pesquisa. O caso é: Violeta tem dois maridos⁷⁸. O primeiro marido é um rapaz que coabita com ela, o outro é um senhor que circula nessa casa e ao mesmo tempo tem outra família em outro bairro. O senhor ficou doente e estava hospitalizado, mas Violeta disse que não iria “cuidar” dele. Nas fofocas, a “esposa legítima” é a que coabita com o senhor e não Violeta, que apareceu depois dela. Foi o fato de Violeta se recusar a “cuidar” dele que gerou comentários depreciativos a seu respeito. Nos comentários pairava a concepção de que, nessas situações envolvendo doenças e outras dificuldades, quem assume a responsabilidade é a esposa e não a amante. Através do cuidado, a esposa distingue-se da amante e confere a última o lugar da aventura extraconjugal em contraposição à esposa que representa simbolicamente o laço matrimonial e a aliança familiar. Dito de outra forma, tais casos revelam que a prática de cuidar do ex-marido é atribuída primordialmente à figura da esposa e diz respeito a uma questão de honra feminina nos domínios da conjugalidade e da família.

Afinal, que cuidado é este? Além dos/as filhos/as que promovem a reaproximação dos ex-esposos, este cuidado feminino está atrelado, de forma mais ampla, à instituição familiar definida como uma “ordem moral” (SARTI, 2007)⁷⁹. Nesse sentido, o cuidado pode ser compreendido, então, como uma “obrigação moral” (SARTI, 2007)⁸⁰ que caracteriza as relações entre ex-esposos. Por outro lado, é válido deixar claro que o cuidado não produz apenas as aproximações, mas distanciamentos e conflitos entre os ex-casais.

Além de separações conjugais, que envolveram ou não este cuidado feminino, os recasamentos constituem as outras formas de desenlace dos relacionamentos conjugais apresentados. Das nove mulheres entrevistadas, três delas não recasaram. O que essas mulheres têm em comum? Primeiro, elas preferiram não mais se casar porque veem o casamento de forma negativa; segundo, a idade é vista, com exceção de Luana, como um impedimento para um

⁷⁸ As mulheres que têm dois maridos são denominadas pelas pessoas de “Dona flor”, numa clara referência à personagem da narrativa literária de Amado (1987). Trata-se de uma relação conjugal entre uma mulher e dois maridos em que ambos sabem da existência um do outro na vida da mulher. Nesse caso específico, os homens mantêm uma relação de hostilidade, mas mantêm o relacionamento conjugal. Para saber mais sobre tais modalidades conjugais existentes no bairro de Nova Guanabara, consultar Aquino (2008).

⁷⁹ Na leitura de Sarti (2007, p. 86), “a família como ordem moral, fundada num dar, receber e retribuir contínuos, torna-se uma referência simbólica fundamental, uma linguagem através da qual os pobres traduzem o mundo social, orientando e atribuindo significado a suas relações dentro e fora da família”.

⁸⁰ As reflexões acerca das trocas mútuas que movem a dinâmica familiar nos ajudam a entender como a solidariedade, o apoio e o cuidado constituem obrigações morais (SARTI, 2007; WOORTMANN, 1987). Nesse sentido, a família pode ser interpretada como um “valor”, mas um “valor moral” (SARTI, 2007) que deve ser partilhado entre gerações.

novo casamento. Estou me referindo à Lola que tem 62 anos, à Leila de 58 anos e à Luana de 59 anos.

Essas três mulheres tiveram relações duradouras com seus respectivos maridos. No início, a relação é pautada por expectativas, pela vontade de “estar junto” que caracteriza os vínculos constituídos pelo casamento (FOUCAULT, 1985), e com o passar dos anos insurgem as “crises” alimentadas por contínuas situações de conflitos. Especificamente, estas três mulheres se separaram dos maridos porque não “aguentaram” mais o “sofrimento” e a convivência que fundamenta, segundo Foucault (1985), a “existência conjugal”.

Por essa razão, elas têm uma visão pessimista sobre o casamento. Lola enfatiza que “se fosse solteira hoje”, não casaria mais. Ela lembra com insatisfação o que renunciou para se casar. Arrepende-se de ter abandonado o trabalho e de ter se afastado de sua família por causa do marido. Na época, sua família foi contra o casamento. Passou anos longe da família, pois o marido não aceitava que seus parentes frequentassem a sua casa e o clima conflituoso existente entre eles não propiciava a aproximação. Com o passar dos anos, ela intensificou o contato com sua mãe e suas irmãs.

Da mesma forma, Luana declara que não se satisfaz com seu casamento. No início, o marido viajava bastante e ela ficava muito tempo só. Durante essas estadias do marido pelos lugares do Brasil, o marido “arrumava” sempre outra mulher. O que gerava discórdia entre o casal. Depois, ele virou “caseiro” de uma família que tinha uma fazenda localizada no interior de Tocantins. O marido contratou uma menina de quinze anos para “cuidar” da casa, enquanto Luana estava de resguardo. Nesse período, o marido envolveu-se com essa jovem. Essa situação gerava discórdias entre o casal e entre as duas mulheres. Por essa razão, decidiu ir embora de Tocantins. Somado ao fato de que lá, sentia-se infeliz e solitária, sobretudo, porque estava longe de sua família e, além disso, o marido não permitia que a esposa mantivesse contato assíduo com a vizinhança.

Igualmente, Leila sente-se “revoltada” com o casamento. Assim como as demais mulheres que não se satisfizeram com suas experiências conjugais, Leila também argumentou que seu ex-marido nunca lhe “deu valor” e que só viveu “aperreios” por causa dele. Também se arrepende de ter se casado. Entretanto, Leila e as demais mulheres concebem os filhos como sendo o “ponto positivo” e a única vantagem conquistada na experiência do casamento.

Em virtude do caráter negativo atribuído ao casamento, Lola, Luana e Leila não veem o recasamento como a possibilidade de uma realização pessoal nos planos afetivo e/ou sexual. Ao invés disso, concebem o fato de não terem se casado novamente como uma experiência de

vida pautada na liberdade. Estas mulheres elencam práticas cotidianas que antes não tinham o prazer de fazer sem serem importunadas pelos maridos. Assim, elas ressaltam que saem sem dar satisfação, para onde querem e sem hora para voltar para casa.

Além da visão pessimista sobre o casamento, a idade aparece como um fator determinante para essas mulheres não terem recasado. Na leitura de Motta (1998a), a família também é o espaço no qual a dinâmica das relações entre gerações é diretamente percebida. A autora também destaca que as famílias se configuram, no âmago da análise, na articulação entre gênero e geração. Para Rocha-Coutinho (2006, p. 98), “pode-se falar em geração como a expressão de valores e padrões de comportamentos relativos a um grupo de idade em determinado período de tempo”. Há uma diferença geracional entre as mulheres pesquisadas. Estas três mulheres são de gerações mais antigas que as demais e representam a fase dos cinquenta e dos sessenta anos. Na segunda geração, encontra-se Lia, Luísa, Letícia e Laura que estão na fase dos quarenta anos e a terceira geração diz respeito à Lorena e Lívia, representando a etapa dos trinta anos. Sendo assim, essas diferenças geracionais nos ajudam a compreender as concepções da mulher acerca do (re)casamento.

Leila, Luana e Lola foram as que estabeleceram relações conjugais mais duradouras, ao passo que as demais entrevistadas tiveram vários relacionamentos conjugais, umas com mais, outras com menos tempo de duração. Depois que os relacionamentos conjugais de Leila, Lola e Luana findaram, elas preferiram não recasar. As concepções de Leila e de Lola em não se envolver mais com outros homens estão relacionadas à reputação. Elas consideram “feio” uma mulher separada se relacionar fortuitamente com outros homens ou até se casar novamente. Já, os ex-maridos delas estabeleceram durante o casamento e depois da separação, outros relacionamentos. Na concepção dos ex-maridos destas interlocutoras, o recasamento não representa um risco à reputação masculina. Em contrapartida, na acepção de Leila: “[...] é feio uma mulher veia, [...] com neto, tá com homem dentro de casa”. Leila e Lola preferem ficar sozinhas zelando pela família e cuidando de filhos e netos. Não se casar novamente significa para elas uma garantia de “respeito” perante a comunidade onde vivem. Lola sintetiza: “Eu já tô velha, minha filha. Não dou nada mais a ninguém. Entendeu? E eu quero é respeito. Um só que eu conheci, tá bom demais. Né, não!” Diferentemente de Lola e de Leila, Luana afirmou que ainda namora, mas não quer mais “homem dentro de sua casa”, pois prefere evitar a convivência conjugal.

De maneira geral, estas três mulheres concebem suas respectivas experiências conjugais como sendo traumáticas e alimentam uma visão negativa sobre os homens. Lola reforça que o

marido foi a “marca” negativa de sua vida. Ela sintetiza o porquê da preferência pelo não recasamento: “Quero nada! A gente que sofre de homem raparigueiro, dessas coisas, a gente fica com trauma. [...] A gente pensa em ter outro e passar o que passou. Passar as mesmas coisas. Entendeu”? Em termos gerais, estas mulheres concebem o não recasamento como um estado de liberdade que reserva momentos de tranquilidade no que se refere às preocupações com o âmbito doméstico e a convivência conjugal.

As duas outras formas de desfechos conjugais foram a manutenção dos relacionamentos e os recasamentos das mulheres. No tocante aos casais que mantiveram a relação, menciono Lia e Luísa. Lia está atualmente no quinto casamento. Ela fala sobre seus antigos relacionamentos como aqueles que “não deram certo”. Dá destaque a terceira relação conjugal caracterizada pela violência do marido. Ela conta, aos prantos, as cenas violentas (experiência traumática) que marcaram não apenas esse relacionamento, como a sua vida⁸¹. Lia conta que essas situações não eram motivadas por ciúmes, geralmente ocorriam quando ele estava drogado. Ela nunca soube de casos extraconjugais deste cônjuge, o que a deixava insatisfeita eram as violências cotidianas, seguidas de ameaças. Ela narra que ele chegou a submetê-la a choques a partir de fios descascados. Essa narrativa era frequentemente interrompida pelas lágrimas dela ao se lembrar da tortura que viveu. Ela só conseguiu sair deste relacionamento porque o mataram na sua frente. Por sorte, ela conta que conseguiu sair com vida dessa história. Depois, o homem que matou seu marido começou a persegui-la e ameaçá-la, caso ela contasse o que viu. Com a ajuda de uma vizinha e amiga, que comprou uma passagem, ela conseguiu sair de São Paulo e voltar para Recife.

Passados alguns anos, conheceu o atual marido. Ela fala dele com alegria e satisfação por ter encontrado um “bom” marido. Um homem “trabalhador”, “honesto” e conhecido na vizinhança como uma “pessoa boa”. Ela destaca que ele não é “violento”. Como Lia viveu situações de violências com o terceiro marido, o fato do atual não agir da mesma forma o torna extremamente “querido” e ela sente-se realizada no plano afetivo-sexual. Seu atual marido já a traiu, como destaquei ao longo do trabalho, mas este aspecto não o torna “ruim”. Na percepção dela, “ruim” era o marido anterior que batia nela praticamente todos os dias.

Isso não significa que neste atual relacionamento não ocorreram “brigas” e discórdias. Lia bebia e o marido também. Geralmente nos espaços dos bares, ocorriam cenas de ciúmes da esposa e também do marido, o que gerava desentendimentos entre o casal. A última briga foi

⁸¹ Percebi que as mulheres que viveram situações de violências no contexto conjugal são vistas pelas demais mulheres e pela comunidade como “sofredoras” e, por essa razão, merecedoras de respeito, admiração e comiseração.

iniciada no bar e desencadeada pelo ciúme do marido e continuou ao chegar à casa. Ela conta que de uma discussão, os dois acabaram com pedaços de paus nas mãos para agredir um ao outro. A família do marido de Lia, que mora no mesmo quintal, interferiu. A sogra de Lia aconselhou-a a parar de beber para que seu filho também o fizesse depois. Caso contrário, essas brigas ainda iriam acabar em “desgraça” e eles iam acabar se separando.

Depois disso, Lia decidiu parar de beber e ela conta que, com muito esforço, ainda suportou as “bebedeiras” do marido. Para as mulheres, as “bebedeiras” do marido implicam na possibilidade de eles se envolverem com outras. Por isso, ia sempre buscá-lo no bar. Posteriormente, ela entrou na igreja universal. Ela atribui à sua fé o fato do marido ter parado de beber. Lia disse que usou o óleo ungido pelo pastor para pedir que o marido parasse de beber. Dessa forma, o marido parou de beber e depois passou a frequentar a mesma igreja da esposa. Por meio do ritual, a magia⁸² é usada para a resolução dos conflitos que ocorriam geralmente porque o marido ficava pouco tempo em casa, gastava o dinheiro de custear a casa com bebidas nas rodas de amigos e também sempre tinha uma mulher por perto, o que gerava desconfianças na esposa e discórdias entre o casal. A história deste casal exemplifica a superação das “crises” que podem aparecer em qualquer casamento. Mas, isso não quer dizer que outras crises não surgirão entre este casal, já que o conflito não deixa de permear o convívio conjugal (SIMMEL, 1983). A “mudança” do marido significa “a reintegração do grupo social perturbado”, um dos desfechos do drama conjugal (TURNER, 2008, p. 36). Quando a esposa consegue fazer com que o marido “mude”, ela passa a ser bem vista pela parentela e, de modo geral, pela comunidade.

Já Luísa mantém também sua segunda relação conjugal. Ao contrário de Lia, não se sente satisfeita com o casamento e geralmente demonstrava a falta de perspectiva ao lado do atual marido. Ela também qualifica o marido como sendo “bom”, por ser “trabalhador” e desempenhar o papel de pai de sua sobrinha⁸³, as mulheres admiram os homens que desempenham a paternidade de maneira efetiva e participativa. Contudo, destaca o ciúme dele

⁸² O caso de Lia lembra a obra “O feiticeiro e sua magia”. Lévi-Strauss (1970) defende que a eficácia da magia reside na crença da própria magia. Isso ocorre em virtude de três aspectos. Em primeiro lugar, há a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; em segundo, a crença do doente na própria atuação do feiticeiro; e em terceiro, há um consensus coletivo no tocante à relação entre feiticeiro e enfeitado. Lévi-Strauss (1970) cita vários casos de morte por conjuro ou enfeitamento relatados por outros observadores, corroborando seu argumento central de que a eficácia das práticas mágicas passa pelo reconhecimento social. Pois, além do indivíduo acreditar que realmente está enfeitado, o que implica na crença dos poderes sobrenaturais do próprio feiticeiro e no próprio sistema de feitiçaria, a pessoa vítima de feitiçaria é objeto de temores, ritos e proibições.

⁸³ Como disse antes, Luísa casou-se depois com o irmão de seu primeiro marido. Teve uma filha com o primeiro marido, que mora com Luísa e seu atual marido. A filha de Luísa, que é biologicamente sobrinha de seu atual cônjuge, teve uma filha que é “criada” por Luísa e por seu atual marido. Ele é biologicamente tio de “segundo grau” dessa criança, mas considera-a sua filha.

como sendo o principal impedimento para continuarem juntos. Preza pela liberdade e vive a angústia relativa aos deveres da conjugalidade (FOUCAULT, 1985), ter que dar satisfação ao marido como dizer para onde vai e ter horas para chegar à casa, além de se incomodar com as “reclamações” do marido pelo fato dela “beber”. O fato de ela beber é o principal motivo de atrito entre o casal. Ela suspirava ao conversar comigo: “eu queria estar solteira”.

Da mesma forma que Luísa, Lorena também manteve o relacionamento com o quarto marido. O desejo de Lorena é morar com ele. Apesar de ela desejar a continuidade da relação, acredita que eles findarão se separando, porque não confia nele, nem ele confia nela. A desconfiança que alimenta as discórdias entre o casal marca esta experiência. Como se pode notar, a continuidade da relação conjugal não significa a ausência de conflitos, pelo contrário, eles fazem parte do cotidiano dos casais.

Será que estes três últimos casais continuarão nessas relações conjugais? Esta pergunta ficará em aberto. Entretanto, sabe-se que permanências, falecimento de cônjuges, separações e recasamentos movimentam os ciclos conjugais. Tais ciclos não são estanques, mas sim mutáveis e dinâmicos. Os estudos sobre famílias apontam justamente para a flexibilidade dos grupos domésticos (FONSECA, 2004b, 2007; FORTES, 1978; SCOTT, 1990; SAMARA, 1986; SEGALIN, 1999). Como nos ensina Fonseca (2007), a família está “em movimento”. Assim, as famílias compõem e recompõem seus ciclos domésticos constantemente.

Separações e recasamentos provocam uma (re)organização da esfera doméstica e das relações familiares. Quando as relações conjugais são rompidas, um tipo de relação ex-familiar é engendrado. Nesse sentido, maridos e esposas tornam-se respectivamente ex-maridos e ex-esposas. Com a separação, os laços conjugais se desfazem e, na medida em que, as mulheres e os respectivos ex-maridos delas recasam, outros laços são construídos⁸⁴.

Este trabalho revela que a infidelidade masculina não provoca, por si só, a separação do casal. A separação se dá, geralmente, em torno de crises desencadeadas por sucessivos e intensos conflitos que ocorrem no contexto da infidelidade e que são, na maioria das vezes, marcadamente violentos. Isso não significa que os grupos domésticos sejam estanques, pelo contrário, eles devem ser entendidos como um “processo” (FONSECA, 2004b; SEGALIN, 1999) e por isso se modificam quando a infidelidade masculina aparece. Os casos apontam que

⁸⁴ Além das mudanças relativas aos laços conjugais, também ocorre uma (re) organização das relações de parentesco a partir do recasamento. Mulheres tornam-se madrastas, homens transformam-se em padrastos e os filhos dos dois parceiros passam a conviver como “irmãos” e pode ainda surgir o “meio-irmão”. Esses novos núcleos familiares constituídos a partir do recasamento têm sido compreendidos por diferentes nomenclaturas que apelam preponderantemente, para palavras com o prefixo re, oriundo do latim, inserindo a ideia de, de novo (FALCKE, 2002). Assim, famílias re-feitas, re-casadas, re-constituídas, re-organizadas, são algumas das formas de nomeá-las (FALCKE, 2002).

é possível observar a dinâmica e as mudanças ao longo do tempo nos grupos domésticos em contexto de infidelidade conjugal, como: o nascimento de filhos/as fora do casamento, a circulação de homens e/ou de mulheres entre uma casa e outra em contextos extraconjugais, a separação ou a manutenção do relacionamento, a guarda de filhos em caso de separação, recasamentos, ocorrem a permanência e a saída de cônjuges da casa, provocando assim a manutenção ou a recomposição dos núcleos domésticos e, conseqüentemente, da própria rede de parentesco.

Até o presente momento, já falei sobre os casais que mantiveram a relação conjugal, os que se separaram e narro agora sobre as mulheres que recasaram e aquelas que no atual momento estavam tentando reatar a relação conjugal. Com exceção de Luana, Leila, Lola e Letícia⁸⁵, as demais mulheres passaram pela experiência do recasamento. Nas uniões sucessivas, outros dramas conjugais são instalados a partir dos conflitos que se desenrolam a partir da infidelidade, como foi narrado no decurso deste trabalho. Notei que o controle feminino (e também o masculino) não diminui com o novo casamento, pelo contrário, aumenta. Se o controle aumenta, como consequência, os conflitos passam a predominar na esfera conjugal. Livia, por exemplo, argumentou que ficou mais ciumenta depois da experiência conjugal com o primeiro marido. A desconfiança das mulheres com relação aos homens (e do homem com relação às mulheres) é, assim, intensificada no recasamento.

Livia e Laura foram as que alimentaram a esperança de reatarem os relacionamentos com seus respectivos ex-cônjuges. Idas e vindas marcaram o relacionamento entre Livia e o ex-marido do segundo casamento. Acompanhei as angústias dela no que se refere ao término do relacionamento e o início do período de reconciliação do casal. Quando a pesquisa foi concluída, eles estavam se encontrando de vez em quando. Já Laura também almejava reatar o relacionamento com o ex-marido, que já estava coabitando com outra mulher. Todavia, ele não quis contato com a ex-mulher depois da (suposta) infidelidade dela. No atual momento, Laura está “namorando” um homem casado há um ano, mas ainda lamenta-se de ter “perdido” sua família, a casa e o contato prolongado com os filhos, depois de ter traído o marido.

Essa posição de amante que Laura ocupa atualmente remete à discussão sobre os papéis no campo conjugal. As identidades de esposa, de marido e de amante são constantemente redefinidas nos cenários da conjugalidade. As separações e os recasamentos provocam uma re(organização) de posições sociais de esposa e de amante. Registrei que a amante do marido

⁸⁵ Letícia recasou com pouco mais de dois anos da ruptura da primeira relação conjugal, mas só soube dessa informação através de um vizinho dela, depois da conclusão desta pesquisa. No decurso do trabalho de campo, ela ainda estava separada.

de Letícia tornou-se a atual esposa; a amante do primeiro marido de Laura tornou-se a esposa; a amante do primeiro marido de Lorena ainda é a esposa dele; e essas mulheres tornaram-se, assim, ex-esposas. Laura que já viveu a condição de esposa em dois relacionamentos conjugais, hoje namora um homem casado; Luana já “namorou” um ano com um homem casado; aliás, quando Luana começou a morar com seu marido, descobriu que ele já estava casado no civil, e posteriormente soube que ele mantinha outros relacionamentos quando viajava a trabalho. Mesmo assim, Luana manteve a relação conjugal.

Das mulheres entrevistadas, quatro já vivenciaram a condição de amantes: Luana, Luísa, Lia e Laura. Luana ficou um ano tendo um caso com um homem casado justamente quando “cuidava” de seu marido enfermo. Luísa também se relacionou com um homem casado depois que seu marido faleceu. Lia tornou-se amante de um homem casado, bem mais velho do que ela, antes de seu atual relacionamento. Ele mantinha-a em uma casa depois que ela teve uma filha dele, enquanto ele coabitava ao mesmo tempo com a esposa. Lia afirma que a relação que tinha com a esposa dele era de evitação. Jamais discutiram ou tiveram algum confronto físico. Depois ele faleceu. E Laura já teve um relacionamento de quatro anos com um homem casado, depois da primeira separação conjugal. Além desta experiência, ela se relacionou também com outros homens casados.

Constatei que o fato dessas mulheres já terem vivido as duas experiências – de esposa e de outra (amante) - mostra que há uma fluidez da identidade de gênero no campo amoroso. Por um lado, ao experimentarem a condição de outras, estas mulheres vivenciam uma conduta sexual divergente da normatividade sexual e monogâmica predominante. Enquanto amantes, estas mulheres repensam os valores ligados à família e ao casamento. Por outro lado, estas posições sociais são bem demarcadas de modo que as vivências delas são caracterizadas pela relação de oposição, de rivalidade e de conflito entre mulheres no campo amoroso. Como destaquei anteriormente, a identidade de esposa é vista como contrastiva a de amante (GOLDENBERG, 1990). A esposa simbolizando a obrigação com a esfera da casa, o cuidado com os filhos e a rotina conjugal, enquanto a amante é vista como atrelada aos prazeres do relacionamento como o sexo, as viagens, o carinho e a atenção (GOLDENBERG, 1990). Sendo assim, embora estas mulheres tenham ampliado o repertório de experiências no campo amoroso, elas sabem que esta dualidade de gênero é preponderante. Lembro que Laura foi a única a enfatizar que as mulheres não são as “erradas” por se envolverem com homens casados, porque nem sempre elas sabem que eles o são. Mas, quando comparei com o depoimento dela sobre a infidelidade do marido do segundo casamento é possível notar que, na condição de esposa, a

outra era vista por ela e pela sogra como “provocadora” de brigas entre o casal. Portanto, percebo que essa relação de oposição continua operando nas distintas experiências das mulheres, seja na condição de amante, ou na condição de esposa.

No próximo tópico, amplio a reflexão sobre os desfechos dos relacionamentos conjugais a partir da prática da infidelidade feminina e os conflitos decorrentes dela.

7.2 O “troco” feminino: a deslegitimação da infidelidade masculina

Depois de me debruçar sobre a infidelidade masculina e os conflitos decorrentes dela, considero relevante uma pausa para falar sobre a infidelidade das mulheres no âmbito conjugal. Analiso como as mulheres narram e vivenciam a infidelidade feminina, a sucessão dos conflitos e os desfechos desses relacionamentos.

Não foram apenas os homens que traíram, das nove mulheres entrevistadas, quatro relataram que foram infiéis aos cônjuges. Estas mulheres não se contentaram com uma história conjugal marcada apenas pelas angústias e pelos conflitos advindos da infidelidade masculina. Elas escreveram outro desfecho com relação às suas experiências conjugais. Assim, a infidelidade é narrada pelas mulheres como uma vingança contra os maridos. A narrativa de infidelidade feminina é acompanhada de expressões que enfatizam a vingança: “ele levou um par de chifres”, “fez comigo eu faço também”, “descontar as gaias” do marido, “você é um corno”, “você vai levar uma gaia que você nunca mais você se esquece de mim”, “dente por dente e olho por olho”, “eu sou boa, boa, boa, mas não pise nos meus calos, não” e “agora é minha vez”. Elas têm convicção de que a principal forma de se vingar dos maridos é sendo infiel, pois dessa forma conseguem atingir a honra e a masculinidade (AQUINO, 2008; FONSECA, 1991, 2004b; PITT-RIVERS, 1968). Nesse sentido, a infidelidade feminina significa o rompimento do pacto conjugal e confere aos homens um status de “corno”, tornando suscetível a manipulação pública de sua imagem (FONSECA, 2004b).

Verifiquei que a infidelidade feminina é tida socialmente como uma transgressão à conduta da mulher casada. Sabemos que a infidelidade pode se configurar como um “troco” quando praticada tanto pelos homens como pelas mulheres. Mas por que esse discurso do “troco” é mais usado pelas mulheres do que pelos homens? Em primeiro lugar, a infidelidade feminina é lida como uma prática transgressora enquanto o comportamento infiel dos homens é naturalizado no meio social. Assim, as mulheres justificam que deram o “troco” porque foram traídas, ao passo que a infidelidade masculina não precisa ser justificada (GOLDENBERG, 1990, 2010; SALEM, 2004). Em segundo lugar, as mulheres retribuem a difamação que

viveram diante da infidelidade masculina, ao provocarem a difamação pública dos homens através da infidelidade feminina. Levando em consideração as diferenças de gênero, a difamação dos homens no contexto da infidelidade é maior do que a feminina, quando traídos.

Apresento os casos de infidelidades relatados por Laura, Lorena, Luísa e Luana. Laura que lidou com as infidelidades dos ex-cônjuges do primeiro e do segundo casamento revela que retribuiu com a mesma moeda. Alertou-os que se fosse traída, daria o “troco”. Para ilustrar o modo como se relaciona, menciona o “ditado” que sua mãe sempre lhe dizia: “Tu é tão ruim que teu cabelo não presta. E nem tu cresceu, de tão boa que tu é! Triste de quem aprontar contigo, porque tu guarda pra cem anos, mas tu desconta”. O primeiro relacionamento conjugal de Laura é elucidativo. Passados alguns anos de casamento, o marido começou a sair sem ela, para bares, festas e começou a “aprontar”, isto é, ficar com outras mulheres. Na concepção do marido, ele podia sair sozinho, enquanto ela não podia sair sem ele. Laura desnaturaliza as desigualdades de gênero que permeiam o âmbito conjugal, ao romper com a concepção arraigada de que a esposa deve ser fiel ao marido “mulherengo” e dedicada exclusivamente à casa, ao marido e aos filhos. Ela questionava a “liberdade” permitida exclusivamente aos homens no casamento e por isso entrava constantemente em conflito com os ex-maridos. Conforme o depoimento abaixo, as práticas de sair sem o marido, para bares, praias e namorar fora do casamento são concebidas e vividas como um ato de *liberdade feminina*, já que socialmente tal comportamento é tido como legítimo apenas para os homens. Acompanhe o depoimento:

Eu fui juntando. Ele começou a sair. [...] Quando chegar a minha vez, eu boto pra quebrar mesmo. Aí foi quando eu comecei a namorar, comecei a sair de casa, comecei a ir pros cantos, sair com as meninas, ia me divertir [...] largava (do trabalho), ia pra praia [...]

Vale assinalar que Laura elabora sua narrativa de infidelidade como sendo decorrente da infidelidade do marido. Ela conta que flagrou duas vezes o marido do primeiro casamento com a amante. Na segunda vez, decidiu se separar dele. Acompanhe abaixo o desenrolar do conflito após o flagrante e que culminou na separação do casal:

Saí pegando as roupas dele todinha, limpa, suja. Peguei e levei tudo pra casa da mãe [dele]. Quando ele chegou, eu tava saindo com as roupas dele.
 Laura: Eu disse a você o quê? Que viesse embora e pegasse suas coisas, pra mim não pegar.
 Marido: Não faça isso não, rapaz! E nossa filha?
 Laura: [...] Você devia ter pensado na sua filha, antes. Antes de fazer as coisas! Que você sabe que eu saio de oito da manhã, chego onze horas, meia noite, mas eu tô trabalhando, eu não tô na farra, não. E você tava largando cedo e indo pra farra. [...]
 M: Me dê um tempo.

Laura: Tem mais tempo, não. [...] Que você se acostumasse com o meu ramo de trabalho. Que eu sei que nenhum homem gosta que a mulher chegue meia-noite, meia-noite e meia. Eu queria que você se acostumasse com tudo isso. Mas você não quis.

P: Quer dizer que você botou a roupa dele lá.

Laura: Levei tudo pra casa da mãe dele.

P: Qual foi a reação dele?

Laura: A reação dele foi querer pegar.

Laura: Não pegue, não! Que eu vou levar de novo. Se você trouxer, eu levo de novo.

M: Não, porque minha filha. Deixe eu dormir hoje com minha filha.

Laura: Você vai dormir com sua filha, comigo não!

Ele ainda ficou dormindo aí em casa, por causa de Melissa. Melissa chorava de noite, aí ele ia toda noite passava lá em casa.

Laura: Agora não adianta, não! Você quer fazer uma coisa que eu queria que você fizesse antes. Não agora, depois da gente separado. Você não tava dando atenção a mim, você não tava dando atenção a sua filha. Dia de domingo, você saía. Você lembra que você me deixou em casa de resguardo? Eu mandei você comprar um remédio pra mim, você foi pro pagode e eu fiquei em casa de resguardo! Me levantei, escondido da minha irmã, fui atrás de você [...] Você saiu pra comprar um remédio, que eu tava me acabando de dor. Você não foi comprar remédio, você foi pela cabeça da sua mãe e foi simhora pro pagode com seus amigos. Não quebrei meu resguardo porque Deus não quis. Era pra mim ter morrido, que eu me levantei com três dias de operada. [...] Tudo isso você fez. Como é que você quer morar comigo de novo? [...] Porque você sabe que você vai ter o troco. [...] Menino, não quero mais você! [...] Vai simhora pra casa da sua mãe de vez. Você todo dia vem vim ver a menina. [...] Agora antes deu chegar (do trabalho), você saía.

Aí eu cheguei umas duas vezes, peguei ele dormindo na minha cama com a menina.

Laura: Moço, na hora de tu se levantar, que agora na hora deu dormir.

M: Não, deixa eu dormir aqui! [...] Não, porque eu não quero lhe deixar.

No contexto do conflito, “arrumar” as roupas do marido para ele ir embora ou simplesmente expulsá-lo de casa são práticas *liminares* que podem desembocar ou não na separação definitiva do casal. Nesse caso, resultou na ruptura da relação conjugal. Ao perceber que a esposa estava realmente decidida a se separar, o marido menciona a filha no auge do conflito para sensibilizá-la e atenuar o clima de tensão que dominava a cena conjugal. A filha simboliza os vínculos conjugal e parental e essa é a forma encontrada pelo marido para tentar uma aproximação com a esposa. No entanto, Laura aproveita para lembrá-lo do descumprimento dos deveres conjugais e descarta a possibilidade de reatar o relacionamento.

É possível perceber que, no auge do conflito, Laura relembra situações que geralmente provocavam tensões e “discussões” entre o casal, como o seu trabalho fora de casa. O intuito dela era reforçar a importância da confiança no relacionamento. Ela fala: “Você sabe que eu saio de oito da manhã, chego onze horas, meia-noite, mas eu tô trabalhando, eu não tô na farra, não. E você tava largando cedo e indo pra farra”. Neste depoimento, enfatiza o que a

incomodava e provocava desavenças entre o casal: a desconfiança do marido. Na concepção do marido, uma esposa não podia trabalhar até tarde da noite. Este tipo de trabalho gerava desconfianças no marido e na mãe dele que acusava sua nora de estar com outro homem, e não trabalhando.

Ela o lembra de um episódio: “Você não tava dando atenção a mim, você não tava dando atenção a sua filha. Dia de domingo, você saía. Você lembra que você me deixou em casa de resguardo? Eu mandei você comprar um remédio pra mim, você foi pro pagode e eu fiquei em casa de resguardo”! Este caso implica considerar alguns pontos no estudo dos conflitos. Em primeiro lugar, situações de conflitos entre casais são reavivadas no auge de outro conflito, a exemplo do trabalho de Laura que geralmente estava em pauta nas “discussões” conjugais. Este aspecto está relacionado ao estado liminar dos conflitos em que os casais dão ênfase aos assuntos que geralmente causavam divergências entre eles. Assim, a desconfiança do marido é relembrada na “discussão”: “Você foi pela cabeça da sua mãe e foi simhora pro pagode com seus amigos”. Ela repete, no auge da discussão, que o marido deixou-a em casa com dores no período de resguardo e foi para o pagode remoendo as suspeitas sobre a fidelidade dela.

Em segundo lugar, quando a esposa salienta que o marido estava deixando de dar atenção à ela e à filha, e que foi para a farra enquanto ela se lastimava de dor, está em questão não apenas os deveres do casamento, mas o “vínculo” conjugal caracterizado por um “estilo de conduta” baseado na “existência comum” (FOUCAULT, 1985, p. 161). Nesta perspectiva, a esposa reclama que o marido não seguiu a conduta de um homem casado que preza pela “vida a dois”.

Em terceiro lugar, os casais costumam fazer um “balanço” da própria relação conjugal e do comportamento do parceiro, principalmente, quando a “crise” conjugal não é superada e culmina para o término do casamento. Nessa linha de raciocínio, acredito que não são apenas os observadores científicos que “fazem um balanço” do drama, como postulou Turner (2008). No contexto dos conflitos, os casais traçam a história conjugal a partir de uma sucessão de acontecimentos conflitivos e analisam se continuam ou não no relacionamento. Por isso, Laura levanta questões que desencadeavam os conflitos entre eles e questiona: “como é que você quer morar comigo de novo”?

Depois dessa “discussão”, o marido foi morar na casa da mãe e tentava a reconciliação conjugal através da filha. Segundo Laura, o objetivo dele era se relacionar com ela e ao mesmo tempo com a amante. Como o marido não aceitava a separação, Laura “ficou” com um rapaz e armou uma cena para que o flagrante ocorresse com a intenção de provocar a ruptura definitiva

do relacionamento. O marido levava a filha para a antiga residência geralmente nos mesmos horários. Minutos antes, Laura aproveita para tomar banho e quando o marido bate na porta com a filha no colo, ela pede para o rapaz abrir a porta e ela sai no exato momento apenas de toalha para recebê-lo. Com esta cena, ela intencionava principalmente dar o “troco” no marido infiel. Perguntei qual foi a reação dele diante do flagrante. Laura informou que ele não reagiu com violência física, mas insinuou que ela “tinha outro homem” antes da separação deles. Mesmo assim, o marido ainda tentou marcar um encontro com ela depois do ocorrido.

Com relação ao marido do segundo casamento, Laura relata também que deu o “troco” nele. Mas, este cônjuge não reagiu da mesma forma que o ex-marido do primeiro casamento. De maneira similar, o marido do segundo casamento⁸⁶ também desconfiava de Laura porque ela trabalhava até tarde da noite, inclusive em alguns domingos. Certo dia, ela demorou chegar à casa. Ele deu um “soco” no olho da esposa, diante das suspeitas da infidelidade dela e em seguida expulsou-a de casa. Passados alguns dias, Laura decidiu prestar queixa da violência na delegacia, mas desistiu no momento de fazer o corpo de delito. Esse é mais um exemplo de casos de mulheres que sofrem violência e acabam desistindo de denunciar o cônjuge.

Além disso, o relato dessa experiência remete à interpretação de Hérítier (2007) sobre “o perigo das mulheres”. Ela relata etnograficamente que as mulheres são consideradas *perigosas* em diversas sociedades. Traz exemplos de como o sangue menstrual e o leite materno são tidos em algumas sociedades como impuros, podendo até reduzir a força masculina. Na leitura de Hérítier (2007), as mulheres são tidas como perigosas e ao mesmo tempo se encontram em perigo. Segundo a autora, é pelo fato de serem vistas primordialmente pelos homens como perigosas que são controladas e ameaçadas. Parafraseando Hérítier (2007), é justamente porque a infidelidade feminina é vista como um perigo para os homens, que elas também incorrem em situações de perigo, como é o caso de Laura que apanha do marido. Mesmo cientes da possibilidade de retaliação masculina, elas não se intimidam e transgridem.

Ao contrário da primeira relação conjugal, Laura tentou reatar várias vezes a relação conjugal, mas foram vãs as tentativas. A separação ocorrida com o marido do segundo casamento foi mais “difícil” para Laura porque ainda existia o vínculo afetivo. Se com relação ao primeiro marido, Laura não teve dúvidas da separação, com o segundo marido ela carrega o sentimento de *culpa* por ter sido infiel. O depoimento concernente à segunda união conjugal

⁸⁶ Laura conta que ficou “revoltada” com o marido porque ele desejava muito ter um filho e a traiu com outra mulher justamente no período gestacional. Segundo os relatos, as infidelidades masculinas ocorrem com frequência nos estados gestacional e de resguardo das esposas.

era acompanhado de choro, descontentamento pelo fim da relação e pela violência sofrida durante o relacionamento.

Laura se “arrependeu” de ter sido infiel ao marido e avalia o “troco” como um “erro”. Ela disse que cometeu “erros” no segundo casamento. Perguntei: “você acha que errou em quê”? Na sequência, ela respondeu a pergunta com a voz embargada pelo choro:

[...] Em termos de se vingativa, de não querer ficar pra trás. Sempre tá querendo fazer o que ele fazia (voz embargada). O que ele fazia, eu queria dar o troco. Se ele sair e não me levasse... [...] aguentei até tá desempregada. Quando eu comecei a arrumar emprego, eu comecei a querer fazer o que ele fazia. Sair só, ficar só, me divertir só, ir pro bar só, só que eu digo assim só eu né, mas com uma turma de amigos. E sair não tem condições, porque homem é homem. A gente quer dar o troco, mas a gente sempre leva desvantagem em alguma coisa. Minha desvantagem foi perder meu casamento. Não saber contornar as coisas. E a mulher sempre sai perdendo [...] Porque ela sai perdendo de todo jeito. Ou ela perde os filhos totalmente pro marido ou o marido perde ela pros filhos, ou então o marido manda matar, pra ela não ter direito a nada, feito você tá vendo a violência tá enorme. Marido mata mulher porque se separou, porque tava com amante, não sei o quê. As vezes, não é nem amante mulher, já se separou há não sei quantos anos atrás. Mas o cara ainda considera dono da mulher. O cara quer ter mulher, mas não quer que a ex-mulher tenha um cara, não. [...]

Laura está ciente que rompe as regras do jogo quando trai o marido. Distancia-se daquele estereótipo aceito socialmente da mulher que deve “aguentar” as traições do marido e mesmo assim ser fiel para resguardar sua honra e a do marido (PITT-RIVERS, 1968). Ela perdoou a traição do marido, mas ele não perdoou a dela. Ela apanhou e foi expulsa de casa. Ele não fala mais com ela, nem tem ressentimento por ter traído ou tê-la agredido. Já Laura chegou a pedir perdão ao marido: “Eu tô querendo te pedir perdão pelo que você acha que eu fiz com você. Pra mim não ter sido a mulher que você sonhou”. O marido respondeu: “não, você foi a mulher que eu sonhei, só que você errou”. Ela continuou falando: “pronto, pelos meus erros, eu tô te pedindo perdão”. Ele retrucou: “eu não sou Deus pra lhe perdoar, só quem pode lhe perdoar é Deus”. É ela quem carrega o sentimento de culpa por ter sido infiel, responsabiliza-se pelo término do relacionamento, por não ter conseguido o “perdão” dele, por não conseguir “contornar” os conflitos decorrentes da infidelidade dela e por não manter o casamento e a coabitação de pais e filhos no mesmo grupo doméstico. E, em parte, ela sente-se culpada pela própria violência que sofreu.

Ela enfatiza que a mulher sempre sai em “desvantagem” ao tentar “fazer o que os homens fazem”. Na concepção dela, por mais que a mulher dê o “troco”, é ela que “sai perdendo”. Ela está se referindo também aos índices elevados de violência contra a mulher no contexto da infidelidade (CORRÊA, 1983) e ao estigma de “gaieira” que é operacionalizado

em redes de fofocas e de vizinhança em Nova Guanabara (AQUINO, 2008). Goldenberg (1990, p. 66) acrescenta que “apesar dos avanços inegáveis das últimas décadas, o homem adúltero é praticamente impune, enquanto a mulher sofre uma série de punições e discriminações”. É possível perceber que Laura questiona o lugar do homem e da mulher na relação conjugal, ao mostrar que não aceita as infidelidades e ao mesmo tempo internaliza a acusação de desvio dirigida a uma esposa infiel. Não vejo essa concepção como contraditória, mas como parte inerente à vida de uma mulher que sabe e experimenta costumeiramente esta desigualdade de gênero no âmbito conjugal.

Além de Laura, Lorena também conta que traiu seu terceiro marido. Depois de flagrá-lo com outra, Lorena dá uma surra nela, agride o parceiro e também é agredida por ele. Não é através de surras dadas nas outras que Lorena e algumas esposas questionam a infidelidade masculina, já que a briga entre mulheres simplesmente legitima o comportamento infiel do marido e, por outro lado, recrimina o comportamento das amantes. Observando a realidade investigada, é possível pontuar que a *deslegitimação da infidelidade masculina* ocorre através da infidelidade feminina. Desse modo, as mulheres substituem a imagem do homem “raparigueiro” disputado por várias mulheres pela figura hilária do “corno” que não conseguiu controlar a mulher. Concomitantemente, as mulheres infiéis também questionam o duplo padrão de moralidade referente às condutas de homens e de mulheres no casamento, a partir do qual os homens aprendem que podem trair e as mulheres não.

É válido destacar que esta deslegitimação através da infidelidade feminina não impede uma retaliação violenta por parte dos homens, como é o caso de Laura que apanha do segundo marido. A violência masculina diante da infidelidade feminina é uma forma de lavar a honra (CORRÊA, 1983) e de manter uma “fantasia de poder” (MOORE, 2000). Em termos gerais, abordar o tema da infidelidade feminina pressupõe considerar, por um lado, o “perigo” da violência masculina⁸⁷ (HÉRITIER, 2007; SAFFIOTI, 1994), da difamação sobre a mulher infiel advindas de estigmas e da prática da “esculhambação”, e, por outro lado, que a vingança feminina através da infidelidade tem o poder de colocar em risco a masculinidade dos homens.

Voltando ao caso de Lorena. Para se vingar do terceiro marido infiel, ela é enfática: “Ele levou um par de chifres. Eu comecei a botar gaia nele. Apreendi com ele”. A infidelidade feminina aparece, no relato, como uma consequência e principalmente sob a forma de revide.

⁸⁷ É importante destacar também que a violência masculina, principalmente a física, nem sempre ocorre no contexto da infidelidade feminina (AQUINO, 2008; FONSECA, 2004b; SOARES, 1999). Mas é importante reter a informação que a “violência masculina” ronda como um “perigo” nessas experiências conjugais. Não é por acaso que as mulheres se preocupavam com este quesito.

Enraivecida com o marido infiel, Lorena ficou com um rapaz para “descontar as gaias”. O marido de Lorena não bateu nela, mas xingou-a de “gaieira safada”. Na ocasião, ela fez questão de lembrá-lo da “gaia” que botou nele: “Ainda não foi gaia que eu botei em tu, em cima da cama da gente. Era bom que eu botasse”. Como vemos, a principal forma de retaliação feminina ocorre através da infidelidade. As mulheres conhecem os temores dos homens com relação à infidelidade feminina e as dúvidas que carregam sobre a paternidade (FONSECA, 2004a; HÉRITIER, 2007), e elas também podem usar esses temores a seu favor e contra os homens.

Luísa também me contou que foi infiel ao seu atual cônjuge. Narra sua infidelidade não apenas como um “troco”, mas como uma prática feminina que ocorre no casamento. Lorena e Luísa conjugaram o verbo *trair* no feminino. Mostram que para a infidelidade feminina acontecer, não precisa ser depois da infidelidade masculina. Luísa, por exemplo, contou algumas “escapulidas” no casamento e enfatiza: “Eu não sou santa! Nunca fui. Sou Maria Luísa, mas não sou Nossa Senhora Luísa”. Da mesma forma, o atual marido de Lorena reclama quando ela bebe porque ela se “transforma”. Ela me disse que quando está alcoolizada “dá em cima dos homens”, mas disfarça na frente do marido para evitar uma briga. Igualmente, Luísa enfatizou que “não dá pra confiar muito em homem” porque não sabe, de fato, como ele reagirá diante da infidelidade.

Escutei também narrativas de mulheres infiéis que visavam realçar a “esperteza” e a “malandragem” das mulheres no campo da infidelidade. A pitada de malandragem feminina que aparece nas narrativas, desconstrói a associação estreita estabelecida entre o homem e a malandragem, como propõe Fonseca (2004b). Nas cenas relatadas, a figura feminina é descrita como sendo astuciosa e os homens saem como os “enganados” da história. É preciso prestar atenção ao modo como algumas mulheres descrevem cenas de infidelidade feminina. Luísa conta que ficou com um rapaz quando tinha trinta e poucos anos de idade. Saiu para ficar com ele porque sabia que o marido do segundo casamento regressaria tarde à casa. Quando o marido chegou, ela já estava de volta. Nessa época, eles moravam com a tia dele. Na ocasião, ela já tinha preparado o café para a tia dele, como de costume. Outra vez, ela deixou o marido dormindo e saiu. Quando ela chegou, o cônjuge perguntou: “tu tava onde”? Ela respondeu: “eu fui atrás de Verônica (filha), menino”! Ela comentou com ar de risos: “o que mulher, eu tava bebendo”! Essas situações de infidelidade ocorriam geralmente quando o marido estava bebendo ou quando ia chegar tarde à casa. Na visão de Luísa, o controle do marido aumenta quando ele não está bebendo, pois fica mais tempo em casa, dificultando as “escapulidas” da

esposa. Nesse sentido, as mulheres também são precavidas, demonstram que “sabem trair” sem provocar suspeitas em face de suas façanhas extraconjugais.

Além disso, a infidelidade também é usada pelas mulheres contra os homens (FONSECA, 2004b), tanto para controlar a infidelidade deles, como para lembrá-los do “fantasma dos cornos” (FONSECA, 2004b). Luísa conta que certa vez avistou seu marido chamando duas mulheres para namorar enquanto tomava banho de mar. Salienta que ele geralmente se comportava dessa forma quando estava embriagado. Ela “esculhambou-o” de “cabra-safado” e ameaçou retribuir a infidelidade ao marido. Essa era uma das estratégias de Luísa para fazer com que o marido voltasse a prestar atenção nela e lembrar o perigo que a transgressão feminina representa para os homens. Fonseca (2004b, p. 158) lembra que “o fato de uma mulher brincar⁸⁸ publicamente com a possibilidade de sua própria transgressão não deixa de ser significativo. Sob proteção desse tom, usa a idéia do adultério para dirigir ameaças veladas a seu marido”. Acompanhe a cena:

Luísa: Tenha vergonha! O primeiro homem que eu ver, vou chamar pra sair. Tá ouvindo?

A mulher olhou assim. A mulher pensou: o homem vai dar na mulher.

Marido: Por isso Márcio (ex-marido) dava em tu, porque você é muito desaforada!

Luísa: Por que? Vai dar em mim? Mesmo assim. Tu vai dar em mim? Dá em mim! Dá! Que nada, rapaz!

Ele todo errado, quer tá certo!

Marido: Me dê a chave!

Luísa: Não dou. Tá em casa. Tá aqui, comigo não. Depois, quando sair dessa rua aqui, o primeiro macho que eu encontrar eu vou sair com ele.

[No outro dia]

Luísa: Tu acha bonito isso! Chamar as mulheres pra sair. Deixe de ser ridículo, menino!

Marido: Tu não dissesse que ia arrumar um cara?

Luísa: Infelizmente aquele cara tinha namorada. E era colega meu. Senão, você ia ver.

Como vemos, a (possibilidade) de infidelidade feminina reacende o conflito entre os casais. Luísa e o marido continuam casados e convivem com as suspeitas de infidelidade de um e de outro, o que alimenta cotidianamente situações de conflitos.

Tais situações também eram comuns entre Luana e o ex-marido enfermo que voltou a morar com ela. Durante esse período, o ex-marido buscava manter a ex-esposa sob controle. Suspeitava dela que demorava a chegar do restaurante onde trabalhava. Certo dia, a esposa levou a dona do restaurante à sua casa para provar ao marido que trabalhava até tarde da noite.

⁸⁸ Essa cena referente a Luísa e seu marido não possui um caráter de comicidade, mas trata-se também de uma forma de usar a transgressão feminina para amedrontar os homens.

Ele não acreditou. Ela conta que ele guardava uma foice debaixo da cama, enquanto dormiam. Com medo, a ex-esposa passou a dormir na “casa da frente” de sua mãe, situada no mesmo quintal. Nessa época, o casal não mantinha contato sexual, não dormia na mesma cama e Luana pedia para sua irmã cuidar do ex-marido enfermo enquanto ela trabalhava. Ela evitava contato com ele.

No período que o ex-marido enfermo estava em sua residência, Luana não deixou de sair e envolveu-se com um homem casado durante um ano. Ela chegava tarde à casa, o que gerava desconfianças no ex-marido. Luana me disse que estava, nessa época, com cinquenta e um anos. Decidiu retribuir a infidelidade do marido com a mesma moeda depois que soube através de sua irmã que seu ex-marido teve um filho com a empregada, na época em que moravam em Tocantins. Ela sabia do envolvimento dele com a empregada, mas não da existência de um filho. Ao saber dessa informação, Luana tramou uma cena engraçada para revelar ao marido que ele era um “corno”. Observe o desenrolar do conflito abaixo:

Luana: Eu não digo que você é um filha da puta mesmo. Você é um corno! Você pensa que nesses tempos todinho que você tava lá, eu fiquei rezando pai nosso, ave maria, foi? Fiquei uma ova que eu fiquei. Porque eu sabia que você botava gaia em mim. E botei. Passei gostando de um homem um ano, depois deixei pra lá, não quis, não.

Aí eu disse na cara de pau.

Marido: Como é a história?

Luana: Aqui eu não durmo mais, eu durmo ali. Eu só venho de dia aqui, porque todo mundo tá me vendo, pra fazer comer... Agora eu tenho medo de dormir com você e você me matar de noite. Isso eu sei que você tem coragem. Aí você pensava que eu ia de novo, era! Me engana que eu gosto. É com você e qualquer um pra fazer deu besta.

Marido: Você é uma bandida! Uma filha da puta!

Luana: Respeitei até quando eu pude. Até quando tava com você lá. Mas depois que eu saí de lá... tava na cara que você comia a empregada.

Marido: Quem disse a você?

Luana: O quê? Pelos pantim que você andava com ela de moto, levava pro colégio, ia buscar, andar de bicicleta, tirou o dinheiro de banco pra comprar um relógio pra ela. Ou você acha que eu não tava sabendo? Só não tava na cama porque a cama era deu dormir. [...] Eu não saía pra canto nenhum. Agora se eu tivesse canto pra ir, fosse pra show, restaurante, quando eu chegasse você tava comendo ela na minha cama. Você é um puto safado!

Marido: Você tá chamando deu puto?

Luana: Puto safado! Você vai levar uma gaia que nunca mais você se esquece de mim. Vou botar-lhe uma gaia. Não me arrependo. [...]

[...] Vou comprar verdura, vou comprar galinha, [...] com o dinheiro que o cara me deu, vou preparar essa galinha. Quando ele comer essa galinha... Aí ele comeu, quando ele comeu...

Marido: Eu agora eu enchi minha barriga, dona Aline (sogra).

Luana: Foi?

Mamãe morrendo de rir.

Luana: Essa galinha que tu comesse, de manhã, no almoço, agora de noite, agora de cinco horas, foi com o dinheiro do urso (amante).

Ele ficou assim ó (boquiaberto). Menino, ele ficou parado!

Luana: Sabe por quê? Sabe por que eu fiz com você? Porque você mereceu. Porque você não disse a mim que tinha um filho com a minha empregada. Você disse a Maria (irmã) e não me disse. Eu podia botar uma gaia em você, enquanto você não tivesse aqui, mas eu lhe respeitei, tá aí meu pai, minha mãe e tudo. E não botei homem aqui dentro pra morar comigo, não. Pois mereceu a galinha, viu! Durma com essa! Agora durma aqui, não! Vá dormir em outro canto.

Aí foi quando ele deixou as portas tudinho aberta aqui, danou-se e foi simhora. Foi com a televisão, guarda-roupa, só não foi com a cama. Foi embora pra casa de Raquel (filha). Raquel pegou botou ele pra Cariri (nome fictício). Foi quando ele adoeceu pra lá.

Filha: A mamãe, ele morreu de desgosto.

Luana: Foi de mim? Qual foi o desgosto que eu fiz com ele? (Risos). Nenhum. Nenhum minha filha. Ele comeu o que aprontou.

Filha: Mamãe, a senhora ficou doida!

Chama atenção o modo irreverente que Luana comunica ao ex-marido que ele tinha sido traído. Através do humor, a esposa conta como “botou cornos” no ex-marido. Ela não faz esta revelação de qualquer forma, mas através de uma cena tramada. A história da galinha comprada para o marido comer com o dinheiro de seu amante transforma-se numa piada sobre seu marido “corno”. Ela diz ao marido: “Você é um corno! Você pensa que nesses tempos todinho que você tava lá (Tocantins), eu fiquei rezando pai nosso, ave maria, foi”? Chamar de “corno” é uma das ofensas mais graves dirigidas a um homem (AQUINO, 2008; FONSECA, 1992; PITT-RIVERS, 1968). O objetivo da esposa era se vingar do ex-marido e atingi-lo moralmente. Ela foi enfática: “você vai levar uma gaia, que você nunca mais se esquece de mim”. Em Nova Guanabara, brinca-se com a masculinidade e com a honra do homem traído através de piadas, brincadeiras e fofocas (AQUINO, 2008). Culturalmente é considerado engraçado o homem ser traído pela mulher. O “corno” é considerado uma figura cômica por não ter conseguido proteger sua honra, por isso torna-se objeto de ridículo e de desrespeito (PITT-RIVERS, 1968). Nesse sentido, perde prestígio social perante as pessoas e transforma-se em alvo predileto de estigmas e gozações porque sua masculinidade é atingida (AQUINO, 2008). Desse modo, a infidelidade das esposas torna suscetível a manipulação pública da honra dos homens.

A revelação da infidelidade por parte da esposa é marcada pelo conflito do casal. Ele xinga-a de “bandida”, ela chama-o de “corno”. Ele não chegou a agredi-la fisicamente, o conflito entre eles baseou-se mais na “esculhambação”. Nesta perspectiva, a infidelidade feminina não aparece como forma de remediar o conflito, pelo contrário, acaba motivando-o e intensificando-o. As mulheres quando pensam em dar o “troco” não intencionam dirimir a crise conjugal, nem restaurar a “paz” na relação, elas redigem outro final para o drama conjugal, vingar-se de seus cônjuges infiéis.

Essas mulheres transgressoras da moralidade conjugal sabem que estão também submetidas à difamação pública, mas não pretendem ficar “para trás” porque sabem que a infidelidade também é uma arma simbólica das mulheres contra os homens (FONSECA, 2004b). É através dessa arma que as mulheres rompem normas e põem em xeque o poder que os homens têm no campo da infidelidade. Nesse contexto, a vulnerabilidade masculina é realçada e não sua virilidade.

Dos casos de infidelidade apresentados, apenas Luísa manteve o relacionamento, enquanto Laura, Luana e Lorena se separaram dos cônjuges. A infidelidade feminina provoca mais rapidamente a ruptura das relações do que a masculina. É válido assinalar que não registrei brigas entre os homens no contexto da infidelidade feminina. Certamente, a rivalidade entre os homens também ocorre, nesse caso é preciso que o pesquisador atente para as diferenças de gênero e para a masculinidade no contexto de disputa pelas parceiras. Mas, esta discussão será bem-vinda em próximos trabalhos. Por ora, vale assinalar como ficaram os relacionamentos entre as mulheres e mostrar o que cessa o clima tenso e conflitivo entre elas.

7.3 Filhos: alianças e formação de rede entre mulheres

Crianças dão um sentido à existência diária.

(FONSECA, 2004a, p. 41)

Acompanhamos nos capítulos precedentes que a rivalidade e as disputas pelos parceiros caracterizam as relações entre mulheres. Tensões, difamações, conflitos e/ou brigas físicas ocorrem constantemente entre esposas e amantes. Amigas tornaram-se inimigas, conhecidas se afastaram, mulheres que nem se conheciam mas que estavam inseridas numa relação de disputa mantiveram-se distantes. Os registros de campo apontam que as mulheres em situações de disputa não se aliam e geralmente essas relações tendem ao rompimento ou ao afastamento. Neste tópico, volto o olhar para as relações de inimizade entre mulheres que se transformaram em amizades.

Ao longo das narrativas, identifiquei momentos em que as mulheres tornaram-se aliadas. Insurgiu uma questão: Diante de diversos relatos de surras e da peculiar rivalidade que caracteriza a relação entre mulheres no campo amoroso, o que provoca a aliança e a formação de rede entre elas? Os dois casos relatados abaixo revelam que a maternidade e o filho vinculam e unem mulheres, que antes nem se falavam.

No início, Laura tinha uma relação conflituosa com a amante do marido do primeiro casamento. O marido já chegou a passar quatro dias fora de casa, no período de carnaval, com a amante. Ela já flagrou os dois juntos e não a agrediu fisicamente. Aliás, Laura não relatou nenhum caso de violência contra outra mulher. Como Laura já foi a outra, ela disse que aprendeu o “outro lado” da história.

Com a separação conjugal, o marido casou com a amante e Laura recasou quatro anos depois e levou a filha do primeiro casamento para a nova casa. Em virtude do conflito da filha com o segundo marido, a mãe pediu ao pai para “cuidar” dela. Nesse contexto, mãe e filha passaram a se ver preferencialmente nos fins de semana. Com o passar do tempo, Laura tornou-se amiga da atual mulher, antiga amante do ex-marido do primeiro casamento, porque ela “cuida” e “trata bem” sua filha que mora na “casa do pai”. Ela conta como se relaciona com a atual mulher de seu ex-marido:

Hoje em dia a gente vive bem [...] me dou com ela. Porque é assim gostou dos meus filhos, tem aquele ditado: quem beija a boca dos meus filhos, a minha adoça. [...] Todo começo, mulher nenhuma aceita, aí sempre tem aqueles atritos. Mas hoje em dia, eu vou pra casa dela, eu como lá, eu perturbo. Chego, ligo pra ela, tô indo pra aí, tem o que pra mim comer? Oh Renato (ex-marido) tô indo pra aí. Ele não gostava. Por que como é que uma mulher que vive com teu marido, com teu ex-marido aceita tu? Eu digo, porque cada cabeça é seu mundo. Ela toma conta da minha filha, a gente tem mais é que se dar bem. No começo foi ruim, mas depois a gente foi se acostumando. Eu conheço a família da madrasta dela todinha. Porque ela disse que não é madrasta, é bomdrasta. Eu não sou má não, eu sou boadrasta, viu! [...] Eu conheço a família dela todinha. Ela me levou pra conhecer. Chegou lá, essa é a ex-mulher de Renato, a mãe de Melissa. A família dela todinha gosta de mim. Teve uma vez que eu fui, as meninas: vocês nem parece que são, que tu é ex-mulher de Renato. Parece até que vocês nunca tiveram nada! Porque assim, tem coisas que eu olho assim, não deu, não deu certo, deu certo com outra. Parabéns!

“Todo começo, mulher nenhuma aceita”, enfatizou Laura. A relação entre mulheres no contexto da disputa conjugal é permeada por sucessivos “atritos”. O recasamento do marido, transformou a amante em esposa e ao mesmo tempo em madrasta da filha, oriunda da relação anterior. Ocupando o papel de madrasta, a atual esposa desconstrói o mito de que as madrastas são más (FALCKE; WAGNER, 2000) e faz questão de sublinhar que é uma “boadrasta”. É válido salientar que embora haja uma distinção entre mãe biológica e madrasta, desta última é esperado também o desempenho do papel materno (FALCKE, 2002). Por isso, Laura tem muito apreço pela atual esposa do ex-marido. Em virtude dela “tomar conta” e “gostar” da filha de Laura, as duas atualmente se “dão bem”. É via a maternidade que Laura constrói um vínculo de amizade com a madrasta da filha, que deixou de ser a outra.

A amizade entre elas gerava admiração no ex-marido de Laura e nas parentas da madrastra. Causava espanto no ex-marido o fato da atual mulher “aceitar” Laura na sua casa e no seu círculo social. As parentas comentaram que Laura “nem parecia” que era ex-mulher de Renato. Quer dizer, provocava espanto a amizade e a proximidade do casal e também das duas mulheres que, ocupam no momento, a posição de ex-mulher e de atual esposa. Se as duas mulheres não se falassem e tivessem uma relação marcada pela discórdia não produziria estranhamento. As pessoas estranham a ausência de conflito. Os dados apontam que o conflito é normalizado e até legitimado (SIMMEL, 1983), tanto na relação entre casais quanto na relação entre mulheres.

Provoca espanto também a relação estabelecida entre Lola e a antiga amante de seu falecido marido. Durante quatorze anos, o marido de Lola “conviveu” com uma vizinha. Essa esposa destaca que o marido era “raparigueiro” e além dessa vizinha “arrumava” outras mulheres. Tanto Lola como sua filha tiveram uma relação conflituosa com essa vizinha. Lola considerava-a uma “inimiga” e evitava o contato. Ela enfatiza que não bateu nessa vizinha porque já tinha agredido outras mulheres e não tinha “dado jeito” (mudado) no marido. Contudo, sua filha chegou a dar uma surra nessa vizinha em virtude do envolvimento com seu pai.

A difamação e as agressões dirigidas contra essa amante cedem lugar para os elogios e o afeto de uma mulher pela outra. Antes a mulher, no caso, a outra, era representada como um ser perigoso e ameaçador, agora pela maternidade ocorre uma valorização da condição feminina. Acompanhe os detalhes da história de Lola:

Lola: [...] Tem uma até hoje que eu quase que sustento.

P: Como assim?

Lola: Meu Deus, minha vida é um problema (ar de risos). Olhe, essa mulher morava lá nos quartos de aluguel que eu tenho. [...] Ela cria o meu neto menor. [...] Minha filha teve esse menino, eu tava no hospital. E ele (o marido) já convivia com ela, né. Aí ela foi trabalhar no bar de minha filha. Minha filha pariu e ela que ficou tomando conta do menino, até hoje. Aí eu tive pena de tirar o bichinho dela. Porque ele chama ela, mãe Denise.

P: Ele se relaciona com sua filha e se relaciona com essa outra mãe?

Lola: Nunca a gente deixou de dar nada não, eu não cuido dele? Eu dou tudo a ele. [...] Ela cria ele, desde os seis meses. [...] Ela deixou de ser garçonete da minha filha e foi criar ele. [...] Ele, pelo menino, aí pagava o quarto dela. Mas não era pelo menino não, era porque tinha alguma coisa com ela, né? [...] Mas eu não sou otária. Aí eu sempre dizia, vai timbora pra casa de Denise, rapaz! Lá, ela cuida de tu direito, tudinho. Porque eu sou uma pessoa passiva. Quando não dá, não dá, acabou, e eu sou assim. Aí minha filha, eu só sei que quando ela precisava, ela chegava aqui. E mandava um bilhete: Miguel tá precisando disso, daquilo e daquilo. Miguel tinha uns dois anos de idade, não comia feijão. [...] Eu mesmo fazia a nota das compras, dava o cartão e ela ia e comprava. [...] E o pai dele também ajudava nas despesas. [...] E ficou assim.

João (marido) pagava o quarto. Eu dava as despesas assim de vez em quando, não era toda vez. E ele (o pai) ajudava em alguma coisa.

Devido ao sofrimento conjugal, Lola ressalta que deixou de gostar do marido. Ela desejava que ele fosse morar definitivamente com a vizinha, mas ele se recusava. Com o passar dos anos, o marido deixou de coabitar com Lola e morava em outra casa. Com relação à vizinha, Lola esclarece: “Ele só tinha ela de visita. [...] Ele ia e voltava. Aí voltava pra casa dele pra dormir”. Depois de quatorze anos de relacionamento, a vizinha separou-se do amante. Lola conta que ele batia muito nela, tanto que ela é “deformada” e “tem os dois olhos estourados de pau”. Outra vizinha de Lola comentou que o rosto dela ficou muito “feio”. Este é mais um caso de violência contra a mulher registrado neste trabalho.

Quando Lola fez a cirurgia de redução de estômago e passou mais de um ano no hospital, sua filha teve um filho que passou a ser “cuidado” pela vizinha que tinha um caso com seu marido. Até hoje a vizinha “cria” o neto mais novo de Lola. Assim, “somam-se mães”, responsabilidades e cuidados com as crianças em circulação (FONSECA, 2002; MOTTA-MAUÉS, 2004). É possível notar que o filho aproximou essas mulheres. Mais do que isso, construiu um vínculo de Lola e de sua filha com a referida vizinha. É na condição de mãe e, do outro lado, de avó que essas mulheres cessam os conflitos. O maior desejo de Lola hoje é construir uma casa acima da sua para Denise morar com seu neto mais novo. O ditado mencionado por Laura sintetiza bem o significado do filho: “Quem beija a boca do meu filho, a minha adoça”. Por intermédio dos filhos, as mulheres que antes se odiavam, fizeram as pazes e se declaram “amigas”. Lola realça: “Hoje ela vem na minha porta. É minha amiga hoje”.

Para refletir sobre a importância de um filho retomo o estudo de Fonseca (2002) sobre a circulação de crianças⁸⁹. Na apresentação do livro “Caminhos da adoção”, Mariza Corrêa (2002, p. 7) sintetiza a tese da autora: “[...] não é porque não são queridas que as crianças circulam – é justamente porque são muito queridas, e representam, corporificam, a idéia de família como um valor”. Os dois casos apresentados aqui são exemplos da circulação de crianças que transitam em diferentes lares e redes de parentesco. Fonseca (2002) também mostra que o filho também é fonte de conflitos entre as mães, isto é, entre as genitoras e as mães adotivas. Neste trabalho que mostra uma relação conflituosa, de rivalidade e extremamente violenta entre mulheres no campo das relações amorosas, o filho é capaz de produzir vínculos de amizades e de formar uma rede entre elas. Parafraseando Corrêa e Fonseca (2002), é

⁸⁹ A circulação de crianças é segundo Fonseca (2002, p. 9), “uma prática familiar, velha de muitas gerações, em que crianças transitam entre as casas de avós, madrinhas, vizinhas, e ‘pais verdadeiros’. Dessa forma, as crianças podem ter diversas ‘mães’ sem nunca passar por um tribunal”.

justamente porque “os filhos são queridos” que as mulheres deixaram de brigar, voltaram a se falar e se tornaram amigas. Fonseca (2002, p. 26) lembra este aspecto ao dizer que além dos adultos brigarem por causa das crianças, as mães podem até deixar de se falarem, mas também “é por meio das crianças que se faz amizade, que as pessoas se ligam à vida do bairro”. Nesse sentido, o filho rompe com aquele ciclo de rivalidade e de disputas que existia entre elas e que parecia ininterrupto.

Neste espaço, busquei mostrar que as cenas de violência entre mulheres no contexto da infidelidade masculina são interrompidas pelas mulheres quando o campo da maternidade entra em cena. É na condição de mães que elas rompem o ciclo violento e voltam a tecer, a partir da figura do filho, relações de afeto, solidariedade e aliança.

Este capítulo mostrou, em linhas gerais, que no momento dos desfechos conjugais, separações, manutenção do relacionamento, falecimento, recasamentos e a decisão de não recasar movimentam o ciclo conjugal, revelando assim a continuidade ou a finalização do drama para alguns casais e, para outros, o início de novas histórias conjugais. Seguindo a perspectiva de Turner (2008, p. 37) de fazer o “balanço” dos dramas instalados pelo conflito, identifiquei que “oposições tornaram-se alianças” e “proximidades” transformaram-se em “distâncias” entre os casais. Nesse sentido, as relações entre as partes são continuamente modificadas durante e após as rupturas dos relacionamentos.

Ao mesmo tempo, identifiquei que a infidelidade feminina aparece como uma forma de “troco” das mulheres contra seus maridos infiéis. Quando ela aparece, os conflitos são intensificados e os relacionamentos tendem mais ao rompimento se comparada à infidelidade masculina. Isso acontece porque as mulheres infiéis não transgridem apenas os valores conjugais e familiares, mas deslegitimam um discurso dominante de gênero (MOORE, 2000) que confere mais poder aos homens no campo da infidelidade. Não é por acaso que conflitos e violências surgem e difamações recaem sobre as mulheres que transgridem esta lógica dominante de gênero. Sendo assim, os ciclos conjugais não se fecham, são continuamente alimentados por outros dramas conflitivos quando a infidelidade conjugal surge.

8 CONCLUSÃO

Os conflitos conjugais desencadeados no contexto da infidelidade masculina são analisados nesta etnografia a partir das experiências relatadas pelas mulheres (esposas) traídas. Observei que em Nova Guanabara falar de infidelidade era falar de cisma e da mesma forma os conflitos apareciam sob a mesma rubrica. Desenvolver uma interpretação sobre esta categoria possibilitou uma compreensão ampliada de infidelidade conjugal, bem como entender as experiências das mulheres traídas, o cotidiano conjugal, as infidelidades masculina e feminina, o exercício do controle, as relações de gênero estabelecidas pelos casais e pelas mulheres e a eclosão de conflitos e violências.

A prática da cisma constitui uma característica predominante dos relacionamentos conjugais e das relações entre mulheres. A cisma refere-se ao estado de permanente suspeição com relação ao comportamento do marido e também de outras mulheres no intuito de manter-se a par do que ocorre no casamento. Trata-se de uma prática inscrita culturalmente a fim de manter o par conjugal e de sustentar o ideal monogâmico.

Mostrei ao longo deste trabalho que as cismas masculina e feminina são diferenciadas pelo gênero. Homens e mulheres aprenderam a lidar de maneiras distintas com a infidelidade. A partir de um discurso de gênero e de sexualidade dominante (MOORE, 2000), ambos aprendem que a infidelidade masculina é legítima e a feminina não o é. A suspeição masculina fala do medo da infidelidade feminina e revela constantes tentativas de resguardar a honra e a imagem da masculinidade como sendo ativa e viril. Nesse sentido, o controle exercido pelos homens é marcado principalmente pela difamação no intuito de lembrar as mulheres que a infidelidade feminina resultará na desmoralização pública delas. Nessa linha, ao analisar a cisma masculina é possível notar que os homens aprenderam a não aceitar a infidelidade feminina e que buscam constantemente reforçar seu estatuto de ilegitimidade no meio social.

Por outro lado, a cisma feminina fala da crença compartilhada de que os homens são, por natureza, “sexuais”, de modo que este “instinto” os levaria inexoravelmente à infidelidade. As mulheres carregam a “certeza” cultural de que os homens são, por excelência, infiéis e compreendem que tal experiência é inevitável em suas vidas. Ainda que as mulheres desejem que o pacto monogâmico seja mantido, elas duvidam que os homens cumpram com o acordo. Por isso, independente da infidelidade acontecer ou não, estratégias de controle são empreendidas pelas mulheres para diagnosticar infidelidades.

Como demonstrei, a cisma também refere-se a uma agência feminina no campo da infidelidade. Autoras como Fonseca (2004) e Davis (1994) já sinalizaram para a importância de perceber as imagens e os comportamentos femininos como sendo “polivalentes”. Nesse sentido, identifiquei que a figura da mulher traída representada enquanto “cismada” e “danada” rompe com o estereótipo do feminino como sendo passivo. A prática de suspeição aparece como sinônimo de esperteza das mulheres com relação à infidelidade masculina. Pensando essa agência feminina com relação ao sistema de gênero que favorece os homens no campo da infidelidade, é possível afirmar que a cisma manifesta, sobretudo, uma indignação, uma ação e uma revolta em relação a um tipo de infidelidade masculina pública, que põe em questionamento a honra feminina.

Por outro lado, convém considerar também que a cisma fala de uma revolta feminina, mas não se trata de uma prática que promova a deslegitimação da infidelidade masculina. Os ecos que podemos ouvir do burburinho da prática de “falar mal” dos homens e do alarido feminino que soam dos escândalos não estremece as bases sólidas desse discurso de duplo padrão moral sobre infidelidade e desse modelo conjugal em que a infidelidade masculina é tida como a prática legítima quando comparada à feminina.

Além de mostrar esse diálogo entre gênero, cisma e conjugalidade, este trabalho mostrou que a cisma, enquanto dispositivo cultural, mobiliza constantemente a eclosão de conflitos. Esta prática produz infidelidades e ataca estratégias de controle, conflitos e violências no cenário da conjugalidade e nas relações entre mulheres. Reforço que a cisma feminina é acionada no âmbito da conjugalidade, independente da quebra do pacto conjugal por parte do marido. Por isso, os conflitos aparecem e tornam-se inevitáveis entre os parceiros. Ao mesmo tempo, a descoberta da infidelidade não elimina a cisma no âmbito conjugal, pelo contrário, ela torna-se mais intensa. Nesse contexto, a cisma alimenta a infidelidade, e as práticas de infidelidade impulsionam cismas.

As estratégias de controlar o marido revelam que a cisma cria de modo incessante conflitos. A constante fiscalização de roupas, celulares, frequência a locais, horários de rotina produzem e reproduzem cismas. Quando as suspeitas de infidelidade vão se ampliando, as mulheres recorrem a buscas e emboscadas que visam manter o controle da casa. A figura da mulher traída também é, nesse sentido, representada como sendo atenta, ativa, observadora e vigilante do universo doméstico. Esse comportamento vigilante das esposas é interpretado, em algumas situações, pelos maridos como uma forma de impedir sua “liberdade” de sair e de se relacionar com outras mulheres fora do casamento, tendo em vista que tal “liberdade” está

respaldada pela dupla moralidade no que se refere à infidelidade. Essas situações são marcadas por pequenos atritos e intensos conflitos porque o controle feminino pode e até põe em suspenso o poder dos homens de ter várias mulheres e de desfrutar dos prazeres sexuais. Os conflitos violentos, nesse contexto da cisma, expressam uma disputa para saber afinal quem tem o poder de controlar quem no âmbito da conjugalidade.

Quando a cisma é de algum modo confirmada, as mulheres respondem ao conflito em dois eixos: cobrando a fidelidade do marido e enfrentando as outras. Se as esposas flagram seus maridos com outras, a cobrança da fidelidade ocorre de forma pública através dos escândalos. A partir da “esculhambação” pública, as mulheres “reclamam” e cobram direta ou indiretamente dos cônjuges o cumprimento de seus “deveres” maritais nas esferas sexual e doméstica, neste último caso elas buscam reforçar que eles estão deixando de sustentar devidamente a casa e os filhos.

Através do flagrante, a comunidade é chamada a intervir por meio do envergonhamento público. As mulheres visam promover por meio do escândalo a desaprovação pública dos maridos infiéis e das amantes e, sobretudo, reforçar a conjugalidade a partir de valores como reciprocidade, fidelidade e respeito. Dessa forma, o alarido feminino e as reclamações cotidianas que seguem no convívio marital possuem um caráter restaurativo na medida em que visam reparar a relação do homem com o domínio doméstico, com a conjugalidade e com o âmbito familiar. Assim, os conflitos violentos entre esposos aparecem atrelado ao reordenamento do mundo da casa.

No tocante à relação entre mulheres, a cisma também aparece alimentando o conflito entre elas. No contexto da infidelidade masculina, é a mulher (no caso, a outra) e não o homem que é concebida como uma ameaça à manutenção do laço matrimonial. Esta cisma feminina fala da representação da mulher como perigosa e do medo que ela suscita à esposa. Autores como Balandier (1976), Hérítier (2007) e Melhus (1990) já apontaram que o feminino é tido como perigoso por causa de sua ambiguidade. Em Nova Guanabara, as mulheres estabelecem uma relação marcada ao mesmo tempo pela proximidade/cumplicidade/amizade e pelo afastamento/oposição. A suscetibilidade dos relacionamentos, une e opõe as mulheres. É o fato das mulheres verem as outras como “sexuais” que as tornam “ambíguas”, isto é, perigosas. Assim, o sexo aparece como uma fonte de contaminação e ao mesmo tempo dotado de poder por suscitar o perigo e o medo (DOUGLAS, 2010). As mulheres são, assim, temidas porque são dotadas de poder sexual, provocando assim o medo e a desconfiança nas demais mulheres.

Nesse interim, a prática de suspeição de mulheres sobre mulheres move o antagonismo, a rivalidade e as disputas.

No que tange às disputas, as mulheres rivalizam não apenas pelos parceiros, mas por honra, prestígio e posição social. No contexto de tais disputas, os homens aparecem alimentando a cisma das mulheres ao circularem entre várias parceiras e reforçando sua masculinidade como sendo sinônima de potência sexual. Paralelamente, as mulheres aparecem reforçando e naturalizando, nas disputas, a percepção generalizada de que todo homem é infiel.

De maneira geral, as cismas das mulheres com relação aos homens e também com relação às outras mulheres legitimam a infidelidade masculina da seguinte forma: ao naturalizarem o comportamento sexual dos homens fora do casamento; e ao difamarem e controlarem as mulheres no campo sexual, responsabilizando-as pelos prejuízos do casamento e pelo surgimento da própria infidelidade do marido.

Goldenberg (1990, p. 17) contribuiu com o campo de estudo sobre infidelidade e gênero ao desvendar a identidade da amante do homem casado já que ela “permanece oculta”, por “não possuir a identidade principal da mulher da nossa sociedade – esposa/mãe-, esconde-se atrás de outros papéis”. Neste trabalho, as experiências relatadas pelas mulheres traídas trazem à baila uma relação de cumplicidade e ao mesmo tempo de rivalidade baseada num sistema de controle exercido por mulheres sobre mulheres tanto nas redes de vizinhança e de parentesco, através das fofocas, como em confrontos físicos. As “brigas” com as outras, do início ao final das cismas, são constantemente incentivadas e apoiadas por outras mulheres (parentes, amigas ou mesmo mulheres da família do marido). As mulheres ajudam a fiscalizar os maridos das amigas e parentes, bem como ajudam a pensar e executar estratégias de reparação. As cumplicidades estabelecidas pelas mulheres alimentam o ciclo violento em que se situam esposas e amantes de homens casados.

É importante enfatizar que há diferentes formas de reações das mulheres (geralmente esposas) em relação às outras mulheres (geralmente amantes), como: evitação, distanciamento, conflitos e/ou violências. Nesse sentido, direcionei o olhar antropológico mais para as relações violentas entre mulheres. Assim, verifiquei que num sistema de gênero em que se imagina mais homens agredindo mulheres para se manter no poder (SAFFIOTI, 1994) no campo da infidelidade, a legitimidade da infidelidade masculina é garantida, pelo menos de forma mais decisiva, pelas mulheres que controlam os corpos e a sexualidade de outras mulheres e também manipulam suas reputações através da “esculhambação” pública através de redes de fofocas ou de escândalos.

Assim, mostrei ao longo deste trabalho que são geralmente mulheres (esposas) punindo outras mulheres (amantes). Destaquei que as surras públicas que marcam a desorna feminina no corpo da outra mulher ganham legitimidade no bairro através de dois discursos: em primeiro lugar, através da moralidade sexual que polariza as mulheres e desprestigia as amantes e não as esposas; em segundo lugar, o discurso de família (monogâmica e constituída pelo casal e pelos filhos) é operacionalizado para conferir sentido à violência de uma mulher (esposa) contra a outra e ao mesmo tempo para reforçar o dualismo sexual e de gênero existente entre elas.

É válido fazer uma diferenciação entre violência praticada por homens e por mulheres em contexto de infidelidade e honra. A violência de uma mulher contra outra não está respaldada na tese da “legítima defesa de honra” e no discurso de “lavar a honra com sangue”. Ao invés disso, esse controle violento ocorrido entre mulheres está inscrito numa hierarquia sexual e de gênero e numa luta pautada na moralidade sexual em que está em jogo a reputação.

É importante destacar que não apenas a relação de oposição, como também a de aliança/amizade entre mulheres é pautada a partir da cisma. De um lado, a cisma entre mulheres é acionada (*cisma em ação*) quando as outras representam um perigo para a ordem doméstica, conjugal e familiar. Do outro, tal ciclo de rivalidade e de conflito é interrompido ou amenizado quando a *cisma* é posta em estado de *suspensão*, isto é, quando as mulheres não suscitam uma fonte de ameaça ao núcleo familiar e aos ideais de conjugalidade: seja porque a relação com o parceiro foi rompida ou quando o filho possibilita a construção do vínculo de amizade entre duas mulheres que antes estabeleciam uma relação de antagonismo. A aliança feminina é assim estabelecida quando há a valorização da família, através do campo da maternidade, especialmente a partir do valor simbólico auferido aos filhos. O que mostra que a cisma está inextricavelmente ligada ao sistema de controle que visa manter os ideais de conjugalidade monogâmica e de família, podendo ser acionada ou colocada em estado de suspensão quando tais valores estão ou não em questão no cotidiano das relações.

Depois de apresentar as experiências de mulheres com a infidelidade dos cônjuges, descrevi os diferentes desfechos das relações conjugais. Entre separações, manutenção do relacionamento e recasamentos, o clima conflitivo não deixa de aparecer entre os casais. Pois, no momento de cessação do drama conjugal não há um retorno a uma suposta ordem de um arranjo conjugal sem conflitos. Porque a cisma continua a alimentar a desconfiança entre os casais e o pensamento fixo de infidelidade continua rondando o cotidiano conjugal.

Algumas mulheres também relataram que foram infiéis aos maridos. Entre estas, umas não publicam o acontecido, e outras que publicam o acontecido desonram os maridos, mas, por

consequente, perdem a reputação de mulheres “direitas”. Pois, no contexto da moralidade predominante, a infidelidade masculina não afeta a reputação dos homens como a feminina afeta. Tais casos apontam que o surgimento da infidelidade feminina culmina em mais conflitos e violências, tendo em vista que as transgressões dos valores monogâmicos e dos ideais de família por parte das mulheres deslegitimam o discurso dominante de gênero e de sexualidade (MOORE, 2000) fundado no duplo padrão de moralidade que tange à infidelidade (GOLDENBERG, 1990; SALEM, 1994). Argumentei que a infidelidade feminina constitui uma forma de vingança a partir da concepção de Fonseca (2004) de que esta é uma arma das mulheres contra os homens, sem deixar de considerar ao mesmo tempo que as mulheres não apenas são tidas como perigosas no contexto da infidelidade (HÉRITIER, 2007) por colocar em xeque a reputação masculina (FONSECA, 2004), como também elas incorrem em certos perigos como ameaças, estigmas, violências e mortes (CORRÊA, 1993; HÉRITIER, 2007).

Sem a pretensa intenção de esgotar o tema, acrescento que compreender a infidelidade sob a ótica dos conflitos é mais revelador não partir dessa prática em si, mas de algo que remete a ela: a cisma. É dela que os pensamentos reiterados de infidelidade são constituídos, os mecanismos de controle, os conflitos, as disputas, os antagonismos e as violências são engendrados entre casais e entre mulheres (esposas e outras). Ao mesmo tempo, reforço que esse permanente estado de alerta (cisma em ação) das mulheres traídas com relação aos parceiros e às outras mulheres segue alimentando e reiterando a infidelidade masculina como sendo uma prática legítima na conjugalidade e no meio social. Desnaturalizar esse intrincado jogo relacional em que os casais e as mulheres (esposas e outras) estão envolvidos é mais um passo dado para compreender e desvelar as desigualdades de gênero que envolvem o campo da infidelidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário Antropológico/95**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 161-189.

_____. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Ed. Fim do Século Margens, 1995.

AMADO, Jorge. **Dona flor e seus dois maridos**: história moral e de amor. 52 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

AQUINO, Francisca Luciana de. **Homens “cornos” e mulheres “gaieiras”**: infidelidade conjugal, honra, humor e fofoca num bairro popular de Recife - PE. Recife, 2008. 160 folhas: Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2008.

ARILHA, Margareth. Homens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito (orgs). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: Ecos/Ed. 34, 1998, p. 51-77.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

BALANDIER, Georges. Homens e mulheres ou a metade perigosa. In: **Antropológicas**. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1976, p. 19-66.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BOZON, Michel. A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas. In: HEILBORN, Maria Luiza (org). **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 119-153.

CONNELL, Robert. W. La organización social de la masculinidad. In: VALDÉS, Teresa; OLAVARRÍA, José (eds.) **Masculinidad/es**. Poder y crisis. Chile: Ediciones de las mujeres, n. 24, 1997, p. 31-48.

CORRÊA, Mariza. **Os crimes da paixão**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. **Morte em família**: representações jurídicas de papéis sexuais. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

DA MATTA, Roberto. Casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil. In: **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 29-64.

DAVIS, Natalie Zemon. As mulheres por cima. In: **Cultura do povo**: sociedade e cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990, p. 107-127.

DEBERT, Guita; GREGORI, Maria Filomena. As delegacias especiais de polícia e o projeto gênero e cidadania. In: CORRÊA, Mariza [et al.]. **Gênero e cidadania**. Campinas, SP, PAGU/Núcleo de Estudos de Gênero – UNICAMP, 2002, p. 9-19.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DRIESSEN, Henk. Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia. In: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (Org). **Uma história cultural do humor**. Tradução de Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2000, p. 251-276.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Pouca vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas. **Anais do IV Encontro de Estudos populacionais**. Águas de São Pedro, 1984, v. 1, p. 607-642. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1984/T84V01A26.pdf>. Acessado em: 01 nov 2015.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FALCKE, Denise. Mães e madrastas: quem são estas personagens? In: WAGNER, Adriana (org). **Família em cena**: tramas, dramas e transformações. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 77-92.

FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. Mães e madrastas: mitos sociais e autoconceito. In: **Estudos Psicológicos** (Natal), 2000, vol. 5, no 2, p. 421-441.

FONSECA, Claudia. A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA. **Revista Estudos Feministas**, 2004a, vol. 12, n. 2, p. 13-34.

_____. Apresentação - de família, reprodução e parentesco: algumas considerações. **Cadernos Pagu**, 2007, n.29, p. 9-35.

_____. Cavalo amarrado também pasta: honra e humor em um grupo popular brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. 1991, v.6, n.15, p. 27-39.

_____. **Caminhos da adoção**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Família, fofoca e honra**: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares. 2 ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004b.

_____. Honra, humor e relações de gênero: um estudo de caso. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Orgs). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, p. 310-333.

FORTES, Meyer. Introduction. In: GOODY, Jack. **The developmental cycle in domestic groups**. Cambridge University Press, 1978, p. 1-14.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GOLDENBERG, Mirian. **A outra**: um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem casado. Rio de Janeiro: Revan, 1990.

_____. **Intimidade**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GREGORI, Filomena. **Cenas e queixas**: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: ANPOCS, 1993.

GROSSI, Miriam. “Rimando amor e dor”. In: GROSSI, Miriam; PEDRO, Joana (orgs.). **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998, p. 293-313.

GUEDES, Simone de Lahud. Redes de parentesco entre trabalhadores urbanos: tecendo relações a partir de quintais. **Cadernos CRH**, 1998, n. 29, p. 189-208.

GUEDES, Simoni Lahud; LIMA, Michele da Silva. Casa, família nuclear e redes sociais em bairros de trabalhadores. In: BARROS, Myriam Lins de (org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 131-163.

HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 40-59.

_____. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HÉRITIER, Françoise. Del perigo de las mujeres. In: **Masculino/feminino II: dissolver la jerarquía**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007, p. 45-65.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. In: **Antropologia Estrutural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970, p. 193-213.

MACHADO, Lia Zanotta. Honra, família e individualismo. **Anuário Antropológico/85**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985, p. 138-151.

_____. Sexo, estupro e purificação. **Série Antropologia 240**. Brasília, DF: UnB, 2000, p. 1-38.

MACHADO, Lia Zanotta; MAGALHÃES, Maria Tereza Bossi de. Violência conjugal: os espelhos e as marcas. **Série Antropologia 240**. Brasília, DF: UnB, 1998, p. 1-43.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

MARCELIN, Louis Herns. A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo Baiano. **Mana**, 1999, vol.5, n.2, p. 31-60.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos: rituais orais funerários australianos (1921). In: **Ensaio de Sociologia**. 2ed. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 325-335.

_____. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003a, p. 401-408.

_____. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003b, p. 185-314.

MELHUS, Marit, Una verguenza para el honor, una vergenza para el sufrimiento. In: Palma, Milagros (org). **Simbólica de la feminilidade**: La mujer en el imaginário mítico-religioso de las sociedades índias y mestizas. Quito: Ediciones Abya-Yala, 1990, p. 39-72.

MOORE, Henrietta L. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. **Cadernos Pagu**, 2000, n. 14, p. 13-44.

MOTTA, Alda Britto da. Introdução: Gênero, família e fases do ciclo de vida. **Caderno CRH (UFBA)**, Salvador, n. 29, p. 13-20, jul/dez. 1998a.

_____. Reinventando fases: a família do idoso. **Cadernos CRH (UFBA)**, Salvador, n. 29, p. 69-87, jul/dez. 1998b.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. Na “casa da mãe”/na “casa do pai”: anotações (de uma antropóloga e avó) em torno da “circulação” de crianças. **Revista de Antropologia da USP**. 2004, vol.47, n.2, p. 427-452.

NEVES, Delma pessanha. Nesse terreiro galo não canta. Estudo do caráter matrifocal de unidades familiares de baixa renda. **Anuário Antropológico/1983**. Rio de Janeiro/Fortaleza: Tempo Brasileiro/UFC, 1985, p. 199-221.

PEIXOTO, Ehlers Clarice; LUZ, Gleice Mattos. De uma morada à outra: processos de re-coabitação entre as gerações. **Cadernos Pagu**, 2007, n. 29, p. 171-191.

PERISTIANY, J. G. Honor y verguenza en una aldeã chipriota de montaña. In: **El concepto del honor en la sociedad mediterránea**. Trad. J. M. García de la Mora. Barcelona: Editorial Labor, S.A., 1968, p. 157-173.

PIMENTEL, Silvia; PANDJIARJIAN, Valéria; BELLOQUE, Juliana. “Legítima defesa de honra”. Ilegítima impunidade de assassinos: um estudo crítico da legislação e jurisprudência da América Latina. In: CORRÊA, Mariza; SOUZA, Érica R. (Orgs). **Vida em família**: uma perspectiva comparativa sobre “crimes de honra”. Campinas-SP: Pagu - Núcleo de estudos de gênero – Unicamp, 2006, p. 65-208 (Coleção Encontros).

PINA-CABRAL, João; PEDROSO DE LIMA, Antónia. Como fazer uma história de família: um exercício de contextualização social. **Etnográfica**, 2005, vol. IX, n. 2, p. 355-388.

PITT-RIVERS, Julian. Honor y categoría social. In: PERISTIANY, J. G. **El concepto del honor en la sociedad mediterrânea**. Trad. J. M. García de la Mora. Barcelona: Editorial Labor, S.A., 1968, p. 21-75.

PITT-RIVERS, Julian. Los Sexos: 1. Noviazgo: Los valores del hombre. In: **Un pueblo de la Sierra**. Grazalema: Alianza, 1989, p. 113-124.

PORTO, Rozeli Maria. **Gravidez e relações violentas**: representações da violência doméstica no município de Lages – SC. Natal/RN: EDUFRN, 2014.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. Apontamentos sobre a relação de brincadeira. In: **Estrutura e função nas sociedades primitivas**. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 133-154.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Transmissão geracional e família na contemporaneidade. In: BARROS, Myriam Lins de (org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 91-106.

RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole (org.). **Placer y peligro**: explorando la sexualidad femenina. Madrid: Revolución Madrid, 1989, p. 113-190.

SAFFIOTI, Heleieth. Violência de gênero no Brasil atual. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, n.º especial, 1994, p.443-461.

SALEM, Tania. “Homem... já viu, né?”: representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular. In: HEILBORN, Maria Luiza (org). **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 15-61.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SARTI, Cinthia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, 1995, v.2, n. 20, p. 71-99.

SCOTT, Parry. Introdução. In: **Famílias Brasileiras**: poderes, desigualdades e solidariedades. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011, p. 08-17.

_____. O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. **Cadernos de Pesquisa**. 1990, n. 73, p. 38-47.

SEGALEN, Martine. **Sociologia da família**. Lisboa: Terramar, 1999.

SIMMEL, George. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-134.

SOARES, Bárbara Musumeci. **Enfrentando a violência contra a mulher**: orientações práticas para profissionais e voluntários (as). Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

_____. **Mulheres invisíveis**: violência conjugal e novas políticas de segurança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

TAUSSIG, Michael. A inveja e o conhecimento social implícito. In: **Xamanismo, colonialismo e homem selvagem**: um estudo sobre o terror e a cura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 369-388.

THOMPSON, John B. Que és un escándalo? In: **El escándalo político**: poder y visibilidad en la era de los medios de la comunicación. Barcelona: Paidós, 2001, p. 29-53.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas**: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

WOORTMANN, Klass. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1987. (Coleção Biblioteca Tempo Universitário nº. 82).

ANEXO A - INTERLOCUTORAS: DADOS GERAIS

Nome	Idade	Instrução	Profissão	Religião
Laura	48	Ensino médio completo	Auxiliar de produção e diarista	Evangélica
Leila	58	Fundamental incompleto	Do lar; aposentada por invalidez	Católica
Letícia	45	Fundamental incompleto	Auxiliar de serviços gerais	Católica
Lia	58	Fundamental incompleto	Diarista	Evangélica
Lívia	36	Fundamental incompleto	Do lar; pensão do falecido marido	Católica
Lola	62	Superior	Aposentada; mãe-de-santo	Candomblé
Lorena	36	Fundamental incompleto	Vendedora ambulante	Evangélica
Luana	59	Fundamental incompleto	Do lar; pensionista	Católica
Luísa	47	Ensino médio incompleto	Pensionista	Católica

ANEXO B - INTERLOCUTORAS: EXPERIÊNCIAS CONJUGAIS

Nome	Número de casamentos	Status civil	Tipos de uniões	Experiências (extra) conjugais	No. de filhos	Tempo do (último) relacionamento
Laura	Dois	Separada oficialmente	Primeira civil; segunda consensual	Esposa e outra	Três	12 anos
Leila	Um	Separada	Civil	Apenas esposa	Três	27 anos
Letícia	Um	Separada	Consensual	Apenas esposa	Quatro	22 anos
Lia	Cinco	Casada	Consensuais	Esposa e amante	Três	15 anos
Lívia	Dois	Separada	Consensuais	Apenas esposa	Dois	5 anos
Lola	Um	Viúva	Civil	Apenas esposa	Um	40 anos
Lorena	Quatro	Casada (Sem coabitação)	Consensuais	Esposa	Três	3 anos
Luana	Um	Viúva	Consensual	Esposa e amante	Dois	17 anos
Luísa	Dois	Casada	Consensuais	Esposa e amante	Um	9 anos